



Joia da minha
REDENÇÃO

TRILOGIA AMORES INESPERADOS - LIVRO 2

da mesma autora do livro Best seller da amazon O Tutor
JOANE SILVA



doença da minha
REDEENÇÃO

TRILOGIA AMORES INESPERADOS - LIVRO 2

JOANE SILVA



Sinopse



Amanda Amorim é uma jovem romântica e inocente. Obediente e cautelosa, ela nunca fez nada de errado, é o orgulho da família e sonha em ter um casamento tão harmonioso quanto a relação dos seus pais.

Mas uma noite muda tudo e Amanda acaba entregando a sua inocência e o seu coração a um cafajeste sedutor que não se importa com seus sentimentos.

Saulo Moraes está decidido a não se apaixonar outra vez, mas essa convicção muda quando conhece Amanda. A garota o enlouquece com sua beleza angelical e o intriga com seu comportamento arreadio, testando todos os seus limites.

O ar crepita quando eles estão juntos — seja de ódio ou de tesão — e o clima só piora quando Saulo descobre que a mulher que povoa seus sonhos agora é sua aluna e o que antes era apenas complicado se torna proibido.

Mesmo com o tabu, Saulo a quer e fará tudo para tê-la, enquanto Amanda tenta desprezá-lo, mas não consegue resistir ao desejo. Vivendo como cão e gato, eles vão descobrir que entre o amor e ódio existe uma linha muito tênue.

Revisão gramatical: Artemia Souza

Capa: E.S Design

Diagramação: Joane Silva

1ª Edição

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera consciência.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedicatória



Para você que não desiste dos seus sonhos, que acredita que o raiar de um novo dia trará novos sonhos e novas oportunidades.

Para aqueles que acreditam na força do amor e em segundas chances.

Este livro é para vocês.

Sumário



Prólogo 

Primeiras
experiências 

Do céu ao
inferno 

Distância 

Humilhação 

Apresentações 

Cartasco 

Professor
Bitevausti 

Razão e emoção 

Confusão de
sentimentos 

Atração 

Interesse 

Rejeição 

Estacionamento 

Outra vez 

Entregues 

Marcas 

Memórias 

Decisão 

Reunião 

Conversa
fearca 

Amor? 

Uma chance 

Benefícios 

Biblioteca 

Duas versões 

Lobo mau e
Chapuzinho 

Bonus - Laura 

Como uma
pintura 

Doses de você 

Pertencimento 

Flores e
chocolate 

Assunto sério 

Namorada 

Símbolo do amor 

Perigo 

Fantasia 

Rotina feliz 

Encontro indesejado 

Ameaças 

Término 

Perdido 

A dor da saudade 

Doente de amor 

Em busca da felicidade 

Amizade 

Confronto 

De volta ao amor 

Depois da tempestade 

Agridoce 

Susto 

Presente especial 

Sem pudor 

Paraíso do amor 

Epilogo 

Leia também 

Próximos lançamentos 

Contatos da autora 

Prólogo



Saulo

O último gole desce queimando na minha garganta como se labaredas de fogo estivessem me consumindo. Sensação nada boa, mas que para mim serve como uma distração, para tirar a minha atenção dela, a Loirinha que não parou de sorrir por um minuto desde o momento que a vi aqui na casa dos nossos amigos, comemorando o que eu chamo de casamento, porque é isso que os dois estão fazendo ao se juntarem em uma mesma casa e de quebra adotarem um gato.

A menina que vi poucas vezes e nenhuma delas foi agradável, agora está em uma roda de amigas, todas com a mesma faixa de idade, sempre com um sorriso no rosto, quer dizer, nem sempre, existe uma razão para fazê-la esconder os dentes dentro da boca e esse motivo sou eu.

Amanda, por mais alegre que esteja — e eu imagino que seja muito, por ver a Clara tão feliz — consegue mudar de expressão num piscar de olhos. Basicamente, todas as vezes em que se depara comigo lhe observando. Não precisa de mais nada, é só me ver que a mudança brusca acontece.

Não sei se estou bêbado demais ou se meus 32 anos já me classificam como velho o suficiente para já ter algum problema com a visão, mas a verdade é que além de o sorriso morrer, vejo outras reações, respostas do seu corpo que me deixam curioso — mais do que deveria — a seu respeito.

Parece até piada estar tão impressionado por essa garota, logo eu, o cara que passou anos cultivado sentimentos por uma mulher que nunca deu sinais de querer alguma coisa que não seja me usar. O ponto alto de toda essa história doentia foi descobrir na cama de um quarto de hotel, depois de foder a

boceta dos meus sonhos até a exaustão, que a mulher sempre esteve apaixonada por Henry, o cara que a tem como melhor amiga, mas que para ela é mais que isso, é um amor antigo, uma paixão incurável de adolescência.

A mim coube o papel de ser o estepe quando ela percebeu que ficar tantos anos calada a respeito de uma paixão platônica não lhe serviu de nada e que o homem por quem é apaixonada por todos esses anos está se casando com outra, a garota simples, mas que mostrou-se ser tudo o que Henry procurava, ou melhor, não procurava e mesmo assim acabou encontrando.

O bom da vida é que até *pra* ser feito de idiota o ser humano tem um limite e o meu felizmente chegou. Laura para mim é página virada e sem volta. Como sempre fiz, vou continuar batendo quantas bocetas tiver vontade, assim como faço desde a saída da adolescência, o diferencial é que eu comi a que sempre desejei. Acabou mal, mas ainda assim, eu comi.

A página virou e tudo o que eu não quero é desenvolver uma obsessão por outra mulher, mulher não, menina. Essa Loirinha é a coisa mais linda que meus olhos foram capazes de enxergar nos últimos dias, mas, ainda muito nova para a minha perversão.

O mais próximo que chegarei dela e do seu corpo serão pelas lembranças de um sonho. Um sonho bom que em minha mente aparecem como flashes. Nele eu tenho seu corpo quente em minhas mãos, e entre os beijos calorosos as roupas vão sumindo e no fim estou fazendo amor, não trepando com força, como gosto de fazer, me vejo fazendo amor com a garota mais linda, tão linda e tão menina com o rosto todo salpicado de pequenas sardas. No meu sonho, vi vários deles espalhados pelo corpo, inclusive na...

Caralho!

Não posso ficar duro no meio de uma confraternização familiar e tudo isso por causa de um sonho, um sonho que acabou mal, pois depois que nos dois terminamos de gozar, o rosto de Laura — sempre ela — substituiu o da Loirinha e foi nessa hora que o sonho virou pesadelo e eu acordei assustado em um quarto do hotel, onde entre os lençóis pude sentir resquícios de um perfume feminino.

Bom, no fim eu acabei dormindo com uma puta, imaginando ter sido com a gostosinha de cabelos loiros. O que mais me chamou atenção em toda essa confusão foi o fato de ter tido o sonho quente com a garota, antes mesmo de tê-la conhecido.

Nunca a tinha visto, pelo menos não que eu me recorde.

Meus olhos não conseguem se desviar dela, com os cabelos presos em um coque frouxo no alto da cabeça, deixando à mostra o pescoço branquinho e delgado que eu sinto vontade de chupar até que ali fique a minha marca.

Também não resisto em beber a beleza do seu corpo magro e deliciosamente preenchido nos lugares certos. O vestido curto e de alças que usa só a deixa mais gostosa e olha que vê-la usando jeans apertado já não a deixa pouco gostosa.

Henry tem razão de desconfiar que eu esteja interessado na Loirinha, porque eu estou, porra!

Ela me intriga e se não fosse pela beleza e personalidade aparentemente tímida, seria pelo desafio de descobrir os motivos que a fazem me odiar tanto.

Se eu pudesse ter pelo menos uma única noite com ela...

É muito nova para o meu gosto? É sim.

Não é o tipo de mulher com quem eu me envolveria e mesmo assim, estou aqui, pouco me fodendo por ter jogado uma revelação no colo do Henry. Tudo para ficar como um adolescente, paquerando e não sendo paquerado de volta, pelo contrário, ela acaba de, mais uma vez, me flagrar encarando-a como um maníaco e depois de mais uma vez me virar o rosto, fala com as amigas e foge para a varanda da cobertura.

— Não acha que bebeu o suficiente? — Miguel — que não tem moral nenhuma — aparece para encher o meu saco.

— Não acho! — Tomo o copo da sua mão, bebo toda a bebida e devolvo. — Vai atrás da sua puta, cadê ela, já foi ver se não está dando em cima de um cara mais rico que você? — digo e saio para a varanda.

Você não vai fugir de mim, Loirinha!

Pouco iluminado e por não fazer parte da área separada para os convidados ocuparem, foi preciso que eu abrisse a porta para ter acesso ao local. No canto esquerdo, quase escondida entre uma árvore florida que não estava aqui antes da mudança da Clara, vejo Amanda de costas, e o fato de estar com o corpo apoiado na grade enquanto aprecia a vista da cidade, quase deixa a sua bunda à mostra. Uma bunda muito, muito deliciosa, por sinal.

— Por um acaso você está fugindo de mim, Loirinha? — *Meposto* ao seu lado e como ela, apoio os braços na grade, curioso para ver o que tanto chama a sua atenção.

— E você? Por um acaso está me seguindo? — Irrita-se, saindo de relaxada para tensa assim que se afasta da grade e vira o corpo na minha direção.

Bom, consegui o que queria. Agora Amanda e eu estamos frente a frente e ela vai ter que me falar qual o seu problema comigo.

— Algum problema se eu estiver? — devolvo, amando esse jogo de palavras. Posso até ter bebido umas taças, mas ainda assim, sei o que faço.

— Tem sim, eu não quero você perto de mim — avisa, na defensiva e na hora que vai tentar fugir, me coloco na sua frente, impedindo assim a sua

passagem. — Sai da minha frente, Saulo.

— Ou o quê? Você vai gritar? — Começo a me aproximar e a cada passo que dou na sua direção ela dá dois para trás e assim vamos até que eu a tenha presa entre mim e a parede que mal ilumina o canto esquerda do lugar.

— O que você ainda quer de mim, cara, já não tomou o suficiente? — indaga, e não sei do que ela está falando, o que não passou despercebido foi a tristeza que rapidamente passou pelos seus olhos.

— Não sei do que você está falando, o que te fiz para me detestar tanto?

— Não fez nada, Saulo. — Não consegue olhar nos meus olhos ao dizer isso e decido arriscar.

— Então por que age dessa forma? Por que não deixa eu me aproximar de você, conhecer você melhor? — peço, sabendo que estou fazendo papel de idiota e mesmo assim não consigo agir de outra forma.

Se longe o interesse e a curiosidade é grande, ter o seu corpo assim, tão próximo do meu, a torna ainda mais irresistível aos meus olhos.

— Já se aproximou, Saulo... — Agora os olhos tímidos estão marejados e me vejo sem saber o que fazer. — Você não lembra?

— Amanda, por favor, fala comigo. — Fico com o corpo muito próximo ao seu, olhando dentro dos seus olhos, os olhos mais belos, que assim tão de perto, me hipnotizam, me chamam para mergulhar nas suas profundezas.

— Foi tão bom, tudo o que sonhei e no fim... — Agora chora copiosamente, tão frágil quanto aparenta ser.

— No fim?

— Foi um erro — fala e não consigo entender quem fez isso com ela e nem qual a minha relação com o fato.

— Não chora, bonequinha. — Com as duas mãos, seco o seu rosto e quando Amanda o ergue, me encara com a intensidade que me tira o fôlego.

— Desculpa por isso, mas eu preciso te provar. — Mal termino de falar e antes que tenha tempo de protestar, enlaço-a com firmeza e com o outra mão, seguro a parte de trás da sua cabeça, firmando-a para que tenha maior acesso a sua boca.

Eu começo experimentando e aguardando resposta, quando obtenho, intensifico a investida da minha língua dentro da sua boca e com o igual entusiasmo, ela faz o mesmo com a minha. Claramente trata-se de um beijo sem experiência, mas o que falta em experiência, sobra em vontade e entusiasmo, o que torna tudo mais intenso e gostoso.

— Vamos sair daqui, Loirinha — convido, esquecendo-me de todas as coisas estranhas que ela me disse e ainda sem resposta. — Tenho que ficar

sozinho com você — digo.

Ela tem os olhos fechados enquanto recebe os meus beijos no seu pescoço, atrás da sua orelha e por todas as partes do rosto.

— Não sei se... — Ao abrir os olhos e antes de terminar de dar a resposta, sua atenção é roubada para algo atrás de nós e ao me virar para ver o que é, sinto vontade de matar alguém.

— Laura?

O que essa mulher está fazendo aqui?

— Preciso falar com você — diz, mas não me importo, a minha atenção está na Loirinha que está muda e pálida como uma folha de papel ao olhar de mim para Laura.

— Amanda... — Não tenho tempo de dizer mais nada, pois ela já não está mais aqui para me ouvir.

Dela só restou o rastro do perfume e o gosto do beijo nos meus lábios.

O mesmo perfume que me persegue nos sonhos, o mesmo beijo...

Não! Deve ter algum engano.

Mas por que ela se parece tanto com a musa dos meus sonhos eróticos?

A sua raiva e palavras invadem a minha mente como um caminhão sem freio e só então a compreensão me abate.

Caralho! O que foi que eu fiz?



Amanda

— Uma gin tônica. — O barman coloca a bebida pedida em cima do balcão, eu a pego e me direciono para onde as minhas amigas estão.

Hoje é o meu primeiro final de semana depois que completei a maioridade e como presente, decidi curtir a noite, não ser a Amanda certinha e tímida que costumo ser. A frágil e delicada que os caras do colégio não tinham coragem de se aproximar, talvez com medo de que eu os amarrasse em uma corda e saísse os puxando para o altar.

É bizarro, eu sei que é. Mas por algum motivo é assim que os garotos da minha idade me veem. Talvez passe a impressão de que não posso agir como as outras meninas, de que comigo ou é namoro sério ou nada.

Tudo bem que tenho sim o ideal de um amor sincero e duradouro como o dos meus pais, mas para que isso aconteça, eu não posso ser vista como a virgem intocável, certinha demais para fazer o que todas as outras meninas fazem. Todas, inclusive a minha melhor amiga, Clara, que está namorando um bonitão bem mais velho que ela e está nitidamente apaixonado.

— Presta atenção por onde anda, garota! — Assusto-me com a voz, o esbarrão e também pela bebida que respinga tanto na minha quanto na roupa do desconhecido, que ao contrário de mim, no seu colo não caiu uma gota da bebida.

— De-desculpa — gaguejo, nervosa quando o jogo de luz de maneira inesperada ilumina o rosto dele.

Meus Deus! O homem é muito bonito. Sexy, com a pele morena e a

barba por fazer. O porte físico é de alguém que se cuida com afinco e as roupas de quem não precisa se preocupar com o salário. Resumindo, em poucos segundos fui capaz de fazer uma análise completa do desconhecido que assim como fiz, não teve cerimônia ao inspecionar de cima a baixo o meu corpo e pela sua expressão, posso ter a ilusão de que o homem mais velho gostou muito do que viu.

— Aceito, gata, mas com uma condição. — O sorriso que abre é malicioso e me faz questionar se devia estar tão deslumbrada com isso.

É só um cara — muito gato — lançando um sorriso para uma garota tímida e inexperiente em quase tudo que se refere ao sexo oposto.

— Condição? — indago, entrando no jogo que não sei onde vai me levar.

— Que me deixe te pagar uma bebida — pede, olhando para a minha mão que segura o copo vazio, já que o líquido está na minha roupa.

— Só uma bebida? — pergunto, quando um resquício de sanidade e da Amanda certinha tenta se apresentar. — Estou com meus amigos, está vendo aquela turma ali? — aponto. — Se eu sumir por muito tempo, eles sentirão a minha falta e virão atrás — digo, deixando subtendido o meu aviso.

— Eu não vou fazer nada que você não queira e como eu disse, é só uma bebida — explica. O problema fica na parte "nada que você não queria", porque eu simplesmente não sei o que quero. — A propósito, eu me chamo Saulo Moraes. — Pega a minha mão, depositando o beijo sobre a palma.

— Amanda Amorim — devolvo. — E eu aceito o seu convite — digo por fim, acompanhando-o, seja para onde ele estiver indo.

Levando ao pé da letra a decisão de ser uma mulher diferente só por uma noite, acompanho o desconhecido até chegarmos na parte superior da casa de show mais badalada da cidade e chegando lá, sou guiada para um canto discreto e pouco iluminado, onde o conjunto de sofás de couro escuro trazem a intimidade que os casais possam querer.

Ao nos sentarmos, lado a lado e com o corpos próximos demais, o moreno pede bebidas para o garçom que acaba de passar e quando vira na minha direção, chega o momento em que me pergunto o que estou fazendo aqui, com esse belo homem, onde tudo nele cheira a encrespação. É bonito demais, sexy demais e certamente tem experiência de fazer o que está fazendo agora comigo. Na sua cabeça, certamente estou classificada como a conquista da noite.

— Então, Amanda, sei que é clichê, mas eu preciso saber: Você vem sempre aqui?

A sua pergunta — cantada — nos arranca sorrisos, o primeiro de muitos.

Durante vários minutos, Saulo e eu conversamos como duas pessoas que já se conheciam, falando tudo e nada ao mesmo tempo. Entre o papo descontraído em que ele não deixa de descaradamente se insinuar e sutilmente me tocar, taças de bebidas foram sendo esvaziadas, quase todas por ele.

— Você não acha que está bebendo demais? — pergunto, mais curiosa do que preocupada, pois, apesar da quantidade ingerida, ele não me parece com uma pessoa que esteja bêbada.

É bem verdade que está mais alegre e ousado, mas nada que já não estivesse desde a hora em que esbarramos.

— Por que será que o mundo inteiro decidiu me fazer essa pergunta nos últimos meses? — fala, divertido, aparentemente longe de se importar com a preocupação das pessoas. — E respondendo à sua pergunta, eu não estou bêbado, gata. Não faria isso tendo uma mulher como você ao meu lado — afirma e como sou mais fraca para a bebida que ele, não me esquivo quando desce o rosto e deixa um beijo demorado no meu ombro.

— Uma mulher como eu? — pergunto, claramente atrás de elogios de um homem que depois de hoje, provavelmente não voltarei a encontrar.

— Linda, inteligente e muito sexy com esse seu jeitinho tímido. — Ao falar, coloca o copo vazio no chão, dando para si a possibilidade de estar mais perto. — *Mefala*, Amanda, o que eu faço com essa vontade incontrolável de te beijar? — Próximo, o moreno desenha meus lábios com a ponta do dedo. Atraída como nunca, sinto um prazer indescritível com o simples toque.

— Não controla... — Sim, eu disse mesmo isso.

A Amanda toda certinha está dando condição para um estranho.

— Não? — Quer a confirmação e quando com um aceno dou a resposta que deseja ouvir, ele enlaça a minha cintura e me beija.

Quando acontece, só posso torcer para que ele não perceba o quão inexperiente sou. Talvez eu tenha tentado uns beijos por aí, mas não foram lá grandes experiências.

O que tenho aqui é um macho alfa em toda a sua glória tomando a minha boca quando não tenho certeza de estar fazendo a coisa certa. A resposta, essa eu tenho quando, interrompendo o beijo com um sorriso preguiço nos lábios úmidos, ele diz:

— É assim que se faz, Loirinha. — Recomeça, agora mais calmo, degustando os meus lábios, para sem seguida aprofundar e aos poucos tomar a minha língua, dando-me liberdade para me acostumar e acompanhar os seus movimentos.

Como imaginei, ele demonstra ter experiência e quanto mais o beijo se aprofunda, mais gostoso fica e mais dele eu desejo.

— Você é uma tentação, Amanda. — Abre os olhos, olhando-me de perto, com os lábios colados aos meus. — Quero passar a noite inteira aqui, te beijando...

Não passamos a noite inteira nos beijando, foi bem mais que isso.

Entre conversas ao pé do ouvido, beijos mais quentes, mãos bobas e mais alguns copos de vinho ingeridos por ele, a nossa interação não poderia terminar de outra forma que não fosse com o não surpreendente convite:

— Vem comigo, Amanda. — Com o rosto muito próximo ao meu, vejo os olhos muitos escuros e anuviados de uma forma que não sei discernir o motivo.

Meu lado de garota iludida e muito atraída quer fantasiar que sou eu a razão e o mais racional se pergunta se ele já não bebeu mais que o suficiente para uma noite, perdendo inclusive a capacidade de entender o que está fazendo.

— Não sei se devo — falo, ou melhor, gemo, enquanto sua boca está obcecada pelos meus lábios, pescoço, ombro e todas as partes que pode alcançar e não ultrapassem o limite do decente para um lugar público. — Não conheço você...

— Conhece o suficiente — rebate e a mão está cravada na minha coxa desnudada por ele mesmo.

— Você não sabe o que está fazendo, Saulo. — Lembro-me de falar, quando mais uma vez, ele interrompe os carinhos para tomar mais um gole da bebida que já nem sei qual é.

— Se você está insinuando que estou bêbado, não poderia estar mais errada, Loirinha — afirma. — Eu me pareço com alguém bêbado ao ponto de não saber o que está fazendo?

— Não parece — não demoro em afirmar, porque realmente não me parece com um homem bêbado, apesar da grande quantidade de álcool ingerida. Além do mais, o que eu sei sobre bebidas alcoólicas para saber julgar se está ou não passando do ponto?

Para todos os efeitos e talvez para satisfazer o meu ego, Saulo me parece apenas um homem muito bonito, irreverente e de sorriso fácil.

Numa situação onde jamais sonhei em ter um cara como ele tão interessado em mim, sinto-me muito inclinada a aceitar o que oferece.

— Você tem ideia do quão bom será? — *Memantém* grudada no seu peito e a boca, essa está falando ao meu ouvido enquanto mordisca o lóbulo da minha orelha. Eu estou trêmula da cabeça aos pés, fantasiando o quão bom será. — Nós somos fogo puro, Loirinha gostosa, imagina só quando estivermos livres de todas essas roupas.

— Você joga baixo. — As batidas do meu coração estão erráticas e

no íntimo sei que não posso mais resistir.

— Sempre quando quero muito algo e hoje eu quero você. Seja minha, Amanda Amorim. — O tom é quase de súplica e minhas pernas chegam a estar dormentes pelo tanto que eu já esfreguei uma na outra. — Vamos sair daqui?

— Eu vou — decido, dessa vez sem titubear. — *Meleva* com você, Saulo. Esta noite eu quero ser tua.

Assim como ele, refiro-me à somente essa noite, até porque, está na cara que apesar de termos nos dado tão bem e da química que exala eletricidade, ele obviamente não está aqui em busca de uma namorada. No máximo uma noite de sexo.

— Você não vai se arrepender, loira — Saulo fala, encarando-me com intensidade e escolho acreditar. De alguma forma, tenho convicção de que essa noite será inesquecível.

Quando fomos nos despedir dos meus amigos, Saulo tinha um braço no meu ombro e na outra mão carregava um litro de vodka, comprada especialmente para deixar a nossa transa ainda mais quente.

Foi essa a justificativa que usou quando estranhando o seu comportamento, questioneei a necessidade de mais bebida se já tínhamos tomando o suficiente.

Dentro do carro, o homem não tirou a mão da minha perna enquanto instruía o taxista para dirigir mais depressa. Vez ou outra ele me lançava olhares muito famintos, como se estivesse arrancando peça por peça da minha roupa e se fosse possível, deixou-me mais excitada do que estive na casa de shows.

— Porra, o caminho nunca me pareceu tão longo — reclama, imediatamente após fechar a porta do quarto de hotel às nossas costas e prender meu corpo contra ela. — Enfim, sós, minha Loirinha gostosa.

Enfim, sós!

As duas palavras bastam e então estou plenamente ciente da realidade das minhas decisões. Eu, a garota tímida e virgem, estou prestes a transar com um homem que há pouco tempo era completamente desconhecido. A nossa conversa permitiu-me descobrir algumas coisas a seu respeito, inclusive o fato de ser impossível que em outra situação, um fotógrafo renomado como ele pelo menos me lançasse um segundo olhar.

O nosso encontro, a atração e outros sentimentos que Saulo despertou em mim foram obras do acaso e agora só quero viver, ter a experiência da primeira vez. Uma noite para ficar guardada na memória.

Do céu ao inferno



Amanda

— Cheirosa *pra* caralho. — Ainda com o corpo colado ao meu de cima a baixo, Saulo tem uma mão emaranhada nos meus cabelos e a boca só sai da minha para passear por todas as partes do meu rosto, pescoço e colo, até onde o decote do meu vestido impede. — Esse cheiro vai me perseguir por onde quer que eu vá. Disso eu não tenho dúvidas.

— Não estou aguentando esperar, Saulo — aviso, chegando à conclusão de que todos os beijos e toques foram demais para mim, eles me deixaram muito acessa e ansiosa para as descobertas do sexo.

O temor pela dor da primeira vez? Confesso que prefiro não pensar muito a respeito. Sei que será inevitável, mas, também sei que depois virá o prazer e vício de querer repetir outras vezes. Pelo menos foi o que Clara confidenciou da sua primeira vez. Tem também a Amanda idealista, a que em nenhuma das fantasias sobre a perda da virgindade, imaginou ela como nada menos do que prazerosa. O fato de eu ter bebido um pouco é só a cereja do bolo para deixar-me ainda mais corajosa e ansiosa.

— Você tem que esperar, garota gostosa. — As mãos já estão subindo o meu vestido até a cintura, o que faz os nossos sexos ficarem um pouco mais próximos, pelo menos é o que tento fazer ao me equilibrar na ponta dos pés e esfregar-me no homem como uma doida. — Antes de te foder, vou explorar todas as curvas do teu corpo e só então estaremos da forma como nós dois desejamos.

Muito intenso, Saulo faz exatamente como descreveu e muito mais. Sem nunca deixar o copo de vodka de lado e até mesmo convencendo-me a

tomar alguns goles que me deixaram mais desinibida do que já estava, ele adorou cada parte do meu corpo — como prometido — e quando a brincadeira terminou, nós já estávamos completamente despidos e na minha frente, agora eu tenho um pênis muito bonito. Não que eu tenha visto algum para fins de comparação, mas, sendo parte dele que é muito bonito, aposto que se existisse um concurso de beleza para pênis, o dele seria finalista. O tamanho é uma coisa que prefiro não dar muita atenção. É isso ou ver cair por terratodas as ilusões de uma primeira transa pelo menos satisfatória.

— Isso que vejo no seu rosto bonito é medo ou admiração? — Com um sorriso bobo que estranhamente não sai do seu rosto e a voz mais arrastada do queno momento em que nos esbarramos, o homem excitado mede o meu corpo de cima a baixo e não tenho certeza de que o meu corpo não esteja pegando fogo de vergonha.

Tudo bem que me sinto especialmente diferente hoje, mas, ainda assim, não a ponto de receber com naturalidade e costume a aberta admiração carnal e o sorriso que faz promessas de uma noite muito quente.

— Um misto dos dois — confesso, tentando ser o mais sincera possível, mais sincera do que fui na casa de show, pois, se desde lá ele soubesse da minha condição, talvez não estaríamos aqui.

A virgem e o cara que busca uma noite de sexo fácil. É quase uma piada pronta.

— Relaxa, Loirinha gostosa. — Saulo coloca uma mecha fina de cabelo atrás da minha orelha e depois se aproxima e diz: — Você vai dar conta do recado. — Arrepio ao ponto de as minhas pernas fraquejarem. — A noite inteira.

— Eu sou virgem... — jogo a bomba à queima roupa, sem antes preparar o terreno. Mas também, do jeito que estou aqui, ou transamos de uma vez ou ele escorraça a mim e a minha frustração.

— Virgem, estou prestes a transar com uma virgem. — Ele só dá uma passo para trás, mas como estava praticamente em cima de mim, ainda assim, continua muito próximo do meu corpo que ainda está grudado à porta. Aliás, ela aguentou tanto das nossas safadezas que já teria protestado, caso fosse capaz de falar.

Como tem feito sempre que tem oportunidade, Saulo mais uma vez age de uma forma totalmente contrária ao esperado.

Cadê o cara que no mínimo ia se sentir desconfortável e na pior das hipóteses, me colocaria para correr o mais rápido que pudesse?

Ele simplesmente mantém o sorriso, só que agora acrescido de um brilho diferente no olhar e se eu não estivesse tão entorpecida pelo desejo, suas

atitudes no mínimo inesperadas, mereceriam alguns minutos da minha atenção.

— Isso mesmo que você ouviu — confirmo, para o caso de ter parecido uma brincadeira, vide o sorriso irritantemente convencido que não deixa o rosto perfeito.

— Você não vai me assustar com isso, menina, e posso te garantir que vou fazer valer a pena. — puxa bruscamente meu corpo para junto do seu. — Vou fazer valer a pena. Você vai sentir tanto prazer que vai querer repetir por várias e várias vezes.

— Em uma única noite? — Não sei se pareço um robô para o Saulo ou se a bebida subiu à cabeça o suficiente para deixá-lo desatento ao que digo. Imagino que ser virgem não combina muito com transar mais de uma vez na primeira noite.

— Quem falou de uma única noite?

Agora sim ele conseguiu me surpreender, o que faz meu coração disparar dentro do peito só por pensar que talvez esse não seja o nosso último encontro.

— Nós não vamos acabar até que esse desejo tenha sido completamente satisfeito, Loirinha.

— Não? — Faço-me de boba, mas por dentro, estou batendo palmas e dando pulos de alegria, uma alegria que confronta a certeza de que esse homem não é para mim.

— Não vai, você é minha e assim será até quando eu quiser. — a sua forma de falar sem considerar o meu querer em toda essa história me irrita demais e quando vou protestar, o cara já está devorando a minha boca com a sua, o momento passa, minhas pernas ficam bambas com a pegada firme e o que resta é o homem sem quaisquer defeitos que primeiro me foi apresentado.

— Segura firme, minha gata. — O aviso não serve de nada, pois mal tenho tempo de focar no seu pedido e já estou sendo carregada para a cama espaçosa do quarto pago por ele.

Quando chegamos, a urgência era tanta que nem me dei ao trabalho de analisar com mais calma onde estamos. Agora, continuo não muito interessada, no máximo reparo que só uma pessoa cheia da grana estaria em um quarto como esse, no caso, essa pessoa não sou eu.

— Para que seja bom para nós dois, eu preciso que seja sincera e converse comigo, tudo bem.

Em resposta, apenas balanço a cabeça e Saulo já vem com o corpão moreno e forte para cima de mim que mantenho as pernas amplamente abertas, enquanto deitada de costas sobre a cama, meu rosto está pegando fogo de constrangimento.

— Eu te falei que essas sardas salpicando o seu rosto te deixam mais deliciosa do que já é? Dão um charme a mais e me trazem dois desejos, sendo que os dois, se depender de mim, serão satisfeitos. Quer saber? — A pergunta provocativa é feita enquanto o observo vestir o preservativo que a pouco ele havia tirado do bolso da calça jeans e jogando em cima da cama.

— Conta... — Acomodo-o entre as minhas pernas e o cheiro da vodka não me incomoda, já que eu mesma tomei uns goles da sua taça.

Para ser sincera e de uma forma muito estranha, o aroma me deixa inebriada e mais excitada.

— Tenho vontade de te fotografar completamente nua, dando foco para essas delicadas pintinhas e depois emoldurar a sua imagem e colocar na parede do meu quarto para que mais ninguém além de mim possa ter a chance de te ver como eu vejo. — O jeito que ele fala e o fato de estar pincelando a ereção no meu sexo está a ponto de me deixar louca. — Depois, vem o desejo mais básico, o de explorar todo o seu corpo com a boca até ser capaz de contar uma a uma, cada uma das pequenas sardas que o enfeitam.

Enquanto fala, aos poucos faz exatamente o que fala e vai descendo beijos por todo o meu corpo. Primeiro ele dá atenção aos meus seios, com chupadas e elogios que não imaginei ouvir dedicados a eles.

— Tão lindos, pequenos e alvos. Os mamilos rosados suscita-me o insano desejo de brincar com eles, até que estejam muito vermelhos e carregando a marca da minha posse. — Saulo diz coisas tão quentes e ainda assim, bonitas aos meus ouvidos que me imagino jamais conseguindo esquecer desses momentos ao seu lado.

— Saulo, por favor, você precisa...

Ignorando-me, ele continua com os beijos que vão da minha costela para a barriga. Saulo deixa beijos pelo meu abdômen e na barriga, distribui diversos beijos e brinca com o meu umbigo em uma agonizante tortura até chegar na parte que mais necessita da sua atenção.

— É tão difícil me segurar quando vejo você assim, tão molhada — fala, passando a ponta de um único dedo por cima da minha vagina. — Sabendo que está assim por mim. — O dedo é substituído pela boca e quando a língua dá uma única e longa lambida, sinto como se minha alma se desprendesse do corpo. No momento em que abocanha meu sexo e passa para chupadas vigorosas, começo a tremer de maneira descontrolada, com se algo grandioso estivesse prestes a acontecer.

— Você quer gozar — ele fala para a minha boceta. — Vem para mim, minha Loirinha. — Volta ao que fazia, só que agora com a presença de um dedo que me penetra até a barreira da virgindade.

Quando de repente o prazer parece transbordar, um alívio toma conta do meu corpo e alma e aos meus olhos, vem lágrimas que não posso explicar as suas razões.

— Você é tão perfeita, Amanda, tão fodidamente perfeita. Não posso mais segurar, preciso entrar em você — confessa ao beijar meus lábios com sofreguidão e mais abaixo, a cabeça robusta do seu pau começa a invadir o meu sexo virgem.

— Tudo bem? — indaga e aceno positivamente. — Você precisa falar comigo, não quero te ferir — afirma, beijando-me por cima dos olhos brilhantes pelas lágrimas não derramadas.

Quando ele penetra até a barreira da virgindade por alguns instantes e só depois — quando já me tem gemendo em seus braços — vai até o fim, uma dor e incômodo tem o poder de tirar todo o prazer do ato e de trazer novamente lágrimas aos meus olhos, a diferença é que dessa vez não estou chorando de prazer.

— Calma, minha linda. Eu não vou mexer até que esteja acostumada a minha invasão e a dor aliviada.

Depois disso, ele me beija de forma carinhosa, enquanto com a ponta dos dedos acaricia meu clitóris. Aos poucos, a dor vai sendo substituída pelo prazer e com o sinal do meu próprio corpo, ele começa e se mexer, em movimentos vagarosos de entrar e sair.

Não muito tempo depois e em meio a murmúros e gemidos de prazer, vindos tanto de mim quanto dele, chego novamente ao orgasmo, só que dessa vez, muito mais intenso. Seguido de mim, Saulo estoca mais algumas vezes até encher o preservativo com a prova do seu próprio alívio.

— Você é muito, muito gostosa. — Joga-se de costas sobre a cama. — Eu não vou me cansar de você tão cedo, Loirinha. Só me diz se foi bom para você também e então, não teremos problemas.

— Não poderia ter sido melhor, Saulo. Obrigada por isso, por ter feito desse momento melhor do que eu imaginei que seria.

— O prazer foi literalmente meu, Amanda. E antes de continuarmos, preciso te alimentar. — Ele se lembra de que só bebemos e não comemos nada desde a casa de shows.

— Não vou dispensar, preciso mesmo comer alguma coisa. Você acabou com as minhas energias.

— Isso é só o começo, minha gostosa — promete. — Quando eu acabar com você, não será capaz de formular frases. — Sua segunda promessa tem o poder de secar a minha garganta.

Voltando ao seu estado habitual, pelo menos foi assim que o

conheci, Saulo foi atenciosamente e insuportavelmente sedutor durante o jantar, entregue na porta e sem que tenha conseguido resistir, entrei na sua onda e continuei a beber junto com ele. Não a mesma quantidade é claro, pois, enquanto ele conseguiu esvaziar o litro inteiro, eu não bebi mais do que duas taças.

Mais desinibido e ainda mais boca suja, Saulo começa a segunda rodada cheio de fogo, o mesmo fogo que me incendeia.

Já é meio da madrugada, ele ainda não saiu de cima de mim e mesmo mantendo a palavra de que não haverá uma terceira por não querer abusar da recente perda da virgindade, o mesmo não se pode dizer dos carinhos e provocações.

Em poucas horas, ele parece um viciado que não pode manter a boca longe do meu corpo. Seja no sexo oral, beijando-me no pescoço ou nos seios, como faz agora. Para o Saulo o importante é estar me tocando.

— Eu não posso mais segurar... — estou implorando e me oferecendo.

— Nós não vamos mais transar hoje, Loirinha. Contenta-se com as minhas mãos e boca, é com elas que você vai gozar. — Tira a boca do meu seio apenas tempo suficiente para dar o aviso.

Quando volta a me torturar, a boca chupa o seio esquerdo, uma mão amassa e belisca o outro e o pau pincela o meu sexo, hora vigorosa, hora calmamente.

— Vem, gostosa, sei que você precisa de alívio e adivinha? Eu também preciso.

Ataca-me com mais fome e quando a cabeça robusta ameaça penetrar meu sexo, a boca morde dolorosamente meu mamilo e seguido de uma chupada que traz alívio, gozo pelo terceira vez e os espasmos do meu corpo também o atingem quando com os olhos mais escuros que uma noite de tormenta, ele despeja o líquido viscoso sobre a minha barriga.

Quando finalmente me acalmo, abro os olhos e o vejo ainda sobre mim, sustentando o peso do corpo pelos braços dobrados, próximo a minha cabeça.

No rosto, Saulo traz um olhar intenso, quase apaixonado, olhando-me com adoração.

— Saulo... — início sem, contudo, ter nada para falar. Eu só preciso que ele diga alguma coisa, pois sua expressão está me permitindo instantes de ilusões.

— Não imaginei que seria assim — começa, e meu coração dispara, transbordando de felicidade. — Você é tudo o que sonhei e muito mais, a mulher dos meus sonhos, Laura.

Laura?

Somente duas palavras são necessárias para garantir a minha certeza de que enquanto eu viver, jamais esquecerei dele, da noite em que perdi a minha virgindade e todas as ilusões a respeito do sexo masculino e até mesmo do amor.

Distância



Saulo

— Olhar contemplativo para a esquerda — instruo em mais um ensaio com Clara, a mulher de um dos meus amigos mais próximos e também o cara com quem trabalho há mais tempo.

Não diria que Henry é o meu chefe porque não tenho vínculo de exclusividade com a revista, mas ainda assim, a Mundo em Foco acabou tornando-se minha prioridade, pelo menos no ramo da fotografia. A confiança depositada e os anos de trabalho foram responsáveis por tornar-me o chefe da equipe de fotografia do complexo editorial de maior rendimento não só do Estado como também do país. Eu me sinto satisfeito com a conquista e o retorno financeiro que o cargo traz. E sim, a palavra correta é: satisfeito.

Apesar de amar a arte da fotografia, de sentir prazer quando tenho o resultado que deixa tanto a mim quanto os clientes satisfeitos, admito que não é a minha maior paixão. O trabalho como fotógrafo divide o meu tempo com outra profissão e essa sim, é o lugar onde me encontro. Onde me sinto bem por estar exercendo. Não que isso não aconteça quando estou com uma câmera na mão, só é diferente. Algo que nem mesmo consigo entender com clareza.

Tenho vontade de te fotografar completamente nua, dando foco para essas delicadas pintinhas e depois, emoldurar a sua imagem e colocar na parede do meu quarto para que mais ninguém além de mim possa ter a chance de ter ver como eu vejo.

A lembrança invade-me a mente, como tem ocorrido com bastante frequência no último mês. Mais especificamente, desde o dia em que, como num passe de mágica, todas as lembranças voltaram e então entendi o porquê de a

Loirinha me detestar tanto. Amanda quer ver o capeta na sua frente, mas não quer que eu me aproxime dela. Assim sempre foi ou pelo menos até a parte que a minha mente afetada pelo álcool na fatídica noite consegue lembrar.

Amanda não permite nenhum tipo de aproximação e não posso culpá-la por isso. Eu acabei com qualquer chance que poderia ter no momento em que falei o nome de outra mulher estando em cima dela. Um erro gravíssimo para se ter com qualquer mulher e o fato de ela ser virgem foi o só a cereja do bolo para piorar o que já estava ruim.

Fiz a pior cagada de minha vida com uma garota totalmente inocente. Um erro para o qual não existe conserto e não sei se quero consertar.

A quem estou tentando enganar? Eu quero consertar. Quero muito tentar, mesmo que receba o seu desprezo como resposta a cada tentativa. Sinto-me culpado pela forma como tudo aconteceu. É somente culpa, assim prefiro pensar.

— Algum problema? — Uma mão toca-me o ombro, eu olho para Henry e percebo que ele e todos os presentes encaram-me com curiosidade e certa preocupação. — A Clara congelou na pose e é você quem olha contemplativo para o além. — Agora o homem começa a sorrir de uma piada que só ele entendeu e só ele achou graça. Se tivesse ouvido, Clara também teria achado graça, pois eles são idiotas na mesma proporção e por isso se amam tanto.

— Vamos continuar. — Ignoro Henry e dou prosseguimento ao ensaio da mulher dele, a jovem que tem a carreira como modelo fotográfica em ascensão e rapidamente tornou-se a queridinha das grandes marcas. O namorado, marido; seja lá o que os dois são para o outro, não perde a oportunidade de interferir até que consiga me arrastar para fotografar a Clara.

Bondade e desejo de ajudar o amigo? Eu diria que não. Está mais para o homem ciumento que não quer a namorada perto de qualquer um. Não posso julgá-lo por agir como age, pois assim como ele, sei que nesse meio nem sempre se age com profissionalismo e não é difícil ouvir sobre casos de assédio entre fotógrafos e modelos virem à tona.

Como Clara parece ter o dom natural — apesar da pouca experiência —, o ensaio segue o seu curso e menos de uma hora depois do início já estamos nos encaminhando para a parte final dele, o que é motivo de alegria. Mais um pouco e não sei se restaria sangue nas minhas veias para as muriçocas tentarem chupar.

De quem foi a ideia genial de fazer esse ensaio ao ar livre, no meio de um parque rodeado de árvores por todos os lados? Será que a pessoa não tem um amigo para dar um toque?

— É para a câmera, Aguirre — brinco quando de sorriso aberto, a garota olha para o seu lado esquerdo. Faço e mesmo e lá está ela, Amanda.

A Loirinha gostosa. A garota que parece estar sempre nos mesmos lugares que eu. Não que eu acredite que seja proposital, longe disso. Ela apenas é muito leal a Clara e não faz questão nenhuma de evitar os nossos encontros. O que me leva a acreditar que ela já não se importa comigo ou com o que aconteceu entre a gente.

Depois do nosso beijo na festa do Henry e da Clara, vi a Loirinha algumas vezes e algo parece ter mudado. Ela fingi não me conhecer e se não me aproximo dela, o olhar furioso de antes e a óbvia insatisfação já não é mais vista no seu rosto.

Eu deveria ficar feliz por isso, mas não estou. Pior é o olhar de indiferença do que o de raiva. Prefiro que xingue, que coloque tudo para fora, nem que seja uma única vez, do que fingir que eu não fui o homem que tirou a sua virgindade. A experiência que deveria ter sido especial, de alguma forma terminou de maneira desastrosa.

Lembro-me até o momento em que chamei pelo nome de outra mulher e mais nada. Creio que devo ter dormido e acordar sozinho na cama e com o cheiro feminino nos travesseiros, fez com que eu chegasse à conclusão de que peguei uma mulher aleatória na casa de shows.

Amanda começou a aparecer nos meus sonhos e em todos eles estávamos transando loucamente e quando não era o sexo propriamente dito, estávamos nos explorando. Eu realmente acreditei que estava tendo constantes sonhos eróticos com uma desconhecida, a musa perfeita criada pela minha fértil imaginação.

Lembro-me de os sonhos terem começado antes mesmo de eu ter sido apresentado oficialmente para a garota e quando aconteceu, preferi pensar que talvez a tivesse visto em algum lugar e o meu inconsciente tivesse guardado a imagem da mulher perfeita aos meus olhos.

— Eu estou aqui, senhor fotógrafo — Clara chama a minha atenção, visivelmente incomodada com o fato de eu estar encarando a Loirinha. Não sei se ela sabe do nosso envolvimento e se sabe, não deu nenhum indício.

— Perdão, só mais cinco minutos e você estará liberada. — Sem que a presença da Amanda seja esquecida por mim, dou prosseguimento ao ensaio e quando enfim acaba, divido a minha atenção entre juntar o equipamento e esperar pela oportunidade de me aproximar da Amanda.

No momento ela está conversando com Clara e mal posso esperar pelo momento em que esteja sozinha. Não tenho ideia do que vou falar ou se deveria tentar chegar perto dela depois de lembrar-me o porquê de ela ter toda

razão em me odiar.

A dúvida some imediatamente após Clara deixar a Loirinha sozinha e antes que ela vire as costas para provavelmente ir embora, a interpelo.

— Sai do meu caminho, Saulo. — Amanda para de caminhar e fala olhando para os pés.

— Não saio e olha para mim quando falo com você. — Sei que não estou na posição de falar dessa forma com ela ou de exigir alguma coisa, mas por algum motivo, ela tem o poder de me irritar como ninguém nunca fez.

Petulante, Amanda levanta a cabeça e o rosto está vermelho de raiva. Ela me tritura com os olhos e assim prefiro que seja. Quero que grite, que coloque para fora o que está sentindo.

— Eu não quero que você fale comigo. Será que deu para entender? — diz, fria, apesar de estar muito irritada com a minha proximidade.

— Eu vou falar e você vai me ouvir, Loirinha gostosa — afirmo e quando o apelido pelo qual a chamei no dia em que ficamos juntos sai da minha boca, de vermelha ela passa para branca. Fica mais pálida do que já é e o sangue foge dos seus lábios.

— Você está bem? — Aproximo-me, tocando os seus braços e quando o faço, Amanda os afasta bruscamente.

— Não me toca. Nunca mais! — exige.

— Não foi o que você pediu na noite em que decidiu entregar a sua virgindade para um bêbado desconhecido. — A sua mão voa no meu rosto e o tapa estalado é exatamente o que mereci por ter sido tão cruel.

— Eu quero que você suma da minha vida — fala e está chorando.

Put. que. pariu!!

— *Meperdoa*, não queria ter falado dessa forma. — Levanto a mão, mas logo a abaixo quando ela afasta o rosto. — Acho que perdi o controle. — É a melhor desculpa que posso dar para o fato de estar piorando a nossa situação quando deveria lutar pelo seu perdão.

— Pensei que poderia levar isso numa boa. Encontrar você nos mesmos lugares sem fazer disso uma cena como essa. Sem lembrar do porquê me arrependo do dia em que te conheci, mas a verdade é que não posso continuar. Estar perto de você me faz mal. O seu toque e a sua voz me fazem mal. — Joga na minha cara sem pena. — Tenta ficar longe de mim e eu me encarregarei de fazer com que encontros como esses não voltem a acontecer.

— O que quer dizer com isso? — Agarro novamente o seu braço quando tenta dar-me as costas. Amanda volta a fuzilar a minha mão e de imediato a solto.

— Apenas volte a fingir como fez por todos esses meses. Esqueça-

se daquela noite, pois eu farei o mesmo.

— Não posso.

— Então eu sinto muito, porque nesse corpo você nunca mais colocará as mãos.

A garota vai embora, deixando o cheiro do seu perfume e do desafio lançado.

Eu tentei agir como um bom menino ao imaginar que poderia desculpar-me pelo erro e então seguir em frente com a consciência limpa, mas já que ela não quis, será um enorme prazer mostrar que tocarei o seu corpo quantas vezes eu quiser. Vai voltar a ser minha e não me importo por cima de quem precise passar para que elimine de uma vez por todas as lembranças da nossa noite da minha cabeça e a faça entender que não pode dizer-me não, seguir a vida e deixar-me com a culpa, as lembranças e desejo.

Humilhação



Amanda

— Desgraçado. — Furiosa, esbravejo para ninguém enquanto piso duro, depois de mais um encontro exasperante com o babaca do Saulo.

Como ele ainda tem coragem de falar comigo? Já não basta ter que conviver com a lembrança de tudo o que ele fez na noite em que parecia ser perfeita e transformou-se na maior humilhação da minha vida?

— Ei, o que está acontecendo com você, amiga? — Clara vem ao meu encontro, sentando-se ao meu lado no banquinho do parque, assim que eu termino de fazê-lo. — Vi você e o Saulo...

A minha melhor amiga que me conhece como ninguém, olha-me com desconfiança, fazendo com que eu me sinta mal por estar há tantos meses escondendo dela a identidade da pessoa com quem perdi a virgindade, chamou-me pelo nome de outra mulher, mal saiu de cima de mim e caiu desmaiado sobre a cama. Pela primeira vez tenho vergonha de compartilhar algo com ela e nem mesmo sei se estou sendo justa.

Em minha defesa conta o fato de que é difícil demais falar sobre o assunto. Uma humilhação que eu poderia passar a vida inteira guardando apenas para mim mesma. Fingindo que não aconteceu, tentando seguir em frente sem dedicar um único pensamento para a noite e ao homem que, infelizmente, está gravado na minha pele como uma mácula que não pode ser apagada.

— Não foi nada, querida. — Mais uma vez minto e, além de tudo, ainda convivo com o remorso de não contar para ela que o primeiro e único homem na minha vida foi Saulo Moraes, melhor amigo do seu namorado e de

alguma forma, alguém de quem ela aprendeu a gostar com a convivência próxima que passaram a ter depois que ele, além de tudo, tornou-se o seu fotógrafo oficial.

Simplemente não seria justo criar uma situação desconfortável entre pessoas tão próximas, que convivem bem tanto pelo lado pessoal quanto pelo profissional. Há meses eu tento esquecer o que aconteceu e fora as noites em que sonho com as mãos experientes passeando por todo o meu corpo, eu poderia considerar que estava me saindo muito bem.

Segui a vida sem usar os óculos cor de rosa, sem mais acreditar em sonhos românticos e em almas gêmeas, como acreditava ao idealizar o relacionamento harmonioso dos meus pais há tantos anos casados. Tudo ia bem até o Saulo — sempre ele — decidir acabar com a minha paz e de forma inesperada, mudar de atitude.

Ele aparentemente cansou de fingir que não me conhecia, que a noite entre nós não existiu e achou por bem voltar a atormentar-me com a atenção que não sou capaz de suportar.

Foram meses de silêncio. A cada encontro desagradável, eu olhava para ele e esperava pelo momento em que, pelo menos, tentaria se desculpar pela forma como tudo terminou, depois do que para mim teria sido a primeira experiência perfeita. Ele foi tão carinhoso e paciente...

Esquece isso, Amanda!

Esquece essa maldita noite!

— Não negue que vocês estavam discutindo, eu não sou burra e vi claramente que estavam alterados. — É difícil enganar uma pessoa tão esperta como é a minha amiga. E eu não estaria passando por isso se o cara continuasse ignorando a minha existência.

Merda!

— Você sabe como esse cara é, o conhece melhor do que eu...

— Amanda! Não me diga que o Saulo está interessado em você. — Clara não me deixa terminar de falar e empolgada, logo tira as suas próprias conclusões, românticas, diga-se de passagem. O fato de estar apaixonada faz com que ela dê uma de cupido para cima de quem se aproxima por tempo o suficiente para que pergunte o status de relacionamento da pessoa.

— Ele só está sendo idiota, Clarinha, assim como foi no nosso primeiro encontro e em todos os outros depois dele — afirmo e não posso deixar de recordar do dia em que nos esbarramos na entrada do bar onde eu iria encontrar com Clara e o namorado.

O susto do reencontro foi grande para mim, mas não para ele que ficou o tempo todo flertando e agindo como se estivesse me vendo pela primeira vez.

Não pude disfarçar a decepção e muito menos o desgosto de tê-lo reencontrado. Já estava sendo difícil demais esquecer quando não tinha ideia de onde poderia encontrá-lo ou se um dia isso aconteceria.

Descobrir que ele é tão próximo do namorado da minha melhor amiga e ter que, vez ou outra, estar no mesmo recinto que ele, tornou-se um tormento. É como ter jogada na minha cara a humilhação sofrida, o erro cometido ao entregar-me a um homem que não passa de um babaca.

— Tudo bem, Loirinha, vamos parar de falar do Saulo. — Solto um enorme suspiro por ter conseguido afastar qualquer desconfiança que ela possa ter acerca da minha relação com o Saulo — ou a falta dela. — Quer sair para fazer alguma coisa? Hoje é sábado e o Henry terá uma reunião com a equipe editorial da revista. Estou livre para você.

Pisca e eu imagino que se a situação fosse outra, eu estaria muito enciumada com o fato de ela passar tanto tempo com o namorado mais velho, muito rico e lindo além da conta. Todavia, Henry apareceu na sua vida e tornou a dor da perda mais suportável, deu o apoio e o amor que ela estava precisando. Um apoio que, por mais que eu estivesse disposta a dar, talvez não fosse o suficiente ou o que ela precisava naquele momento.

— Só porque ele não estará livre, não é mesmo, sua falsa? — brinco.
— Abandonou a sua amiga por causa de um pau.

— Não um pau qualquer, e sim o pau mais...

— Informação demais. — Coloco as duas mãos nas orelhas e ela sorri como uma boba apaixonada. A mesma reação que eu mesma teria, caso tivesse um homem tão louco por mim como o Henry é por ela. — Não quero falar sobre o pau do seu namorado — afirmo quando os meus olhos ficam em um ponto mais à frente.

Ao avistar Saulo conversando com Henry, sou pega no flagra, pois isso acontece quando ele também está olhando para mim. Rapidamente desvio o olhar. Olho para a grama verdinha e no íntimo, xingo a mim mesma por ter dado um vacilo como esse.

Só quero que esse homem me deixe em paz e siga a vida como fazia antes, fingindo que nada entre nós aconteceu. Não que imagine que pode mais uma vez brincar com os meus sentimentos e usar-me para esquecer a mulher por quem realmente é apaixonado.

Laura...

Esse nome traz um sabor amargo a minha boca. Ver a dita cuja frente a frente serviu somente para dar um rosto para a rival que eu criei na minha mente. Na minha imaginação ela não era tão bonita como é na realidade, não tinha a idade próxima a dele e esteticamente, não formava um casal tão bonito com o

Saulo.

— E aí?

— Desculpa, amiga, mas eu tenho que passar na faculdade para efetivar a minha matrícula — justifico-me.

— Eu estou tão orgulhosa de você, meu amor. — Os olhos da Clara brilham, como se quisessem corroborar com as suas palavras. — Sempre soube da sua capacidade, a aluna exemplar, a primeira da turma não poderia terminar o colegial de outra forma que não fosse conseguindo uma vaga em uma universidade federal.

— No curso que eu mesma escolhi — digo, não conseguindo esconder o orgulho pela conquista.

Sei que não é e nunca será tão fácil conseguir uma bolsa integral em uma Universidade Federal. Ter conseguido tal feito para o disputado curso de Letras foi como receber a recompensa pelas horas de estudos, pela ansiedade e nervosismo sentidos antes de prestar vestibular.

Ver meu nome na lista trouxe lágrimas de alívio e felicidade aos meus olhos, pois assim como a dedicação para a prova teve o poder de distrair a minha mente de pensamentos que não fazem bem, creio que mergulhar no curso que eu sempre quis fazer ocupará parte do meu tempo, até que do passado e do Saulo não reste mais do que uma vaga lembrança.

— Você merece, Loirinha. — Abraça-me com carinho e entusiasmo. — Estou tão empolgada com isso! Se não for muita intromissão da minha parte, eu gostaria de ir até a universidade com você e de lá vamos ao shopping. Precisa se preparar, senhorita universitária.

— Clara...

Tento contê-la, porque quando Clara se empolga com alguma coisa, não tem quem a segure. Ela é cheia de energia e isso contagia o mais triste dos homens.

— Por favor, amiga, vamos. Você tem que estar preparada e eu estou no tédio aqui. Salva essa pobre alma. — Dramática, Clara une as mãos em sinal de prece, meu sorriso se abre, pois simplesmente não tem como resistir a essa garota.

Horas depois, já resolvi tudo o que precisava na universidade e ainda estamos passeando pelo shopping. Nas mãos carregamos muitas sacolas, já que Clara usou em mim o seu recente senso de moda, adquirido depois que se tornou modelo. De tudo que ela convenceu-me a experimentar, não tenho certeza de que não acha que sou uma boneca que pode brincar de trocar de roupas. No fim, a nossa saída foi muito proveitosa quando depois das compras, nos sentamos para conversarmos na praça de alimentação.

Como sempre foi entre nós duas, conversamos de tudo — excluindo o tema Saulo — e quando começou a anoitecer, a levei em casa e fiquei com a sensação de que ela pensa que não estou bem e por isso tenta a todo o momento fazer com que eu me abra.

Para Clara, o que aconteceu foi grave demais para que eu aja com a naturalidade que tento demonstrar para ela, a única pessoa que sabe da história de como perdi a minha virgindade com um homem mais velho, mais experiente e que, depois de proporcionar uma noite intensa e prazerosa, terminou chamando pelo nome de outra.

Para não ficar dúvidas do quão babaca um homem pode ser quando quer, ele mal terminou de gozar, jogou-se de costas ao meu lado da cama e não passou 1 minuto inteiro até cair no sono e virar-me as costas.

A tentativa da minha amiga de me fazer falar não incomoda, não quando entendo os motivos da sua preocupação com a minha tendência a não querer falar sobre o assunto. Para mim, de alguma forma, não falar sobre o assunto traz a sensação de que não aconteceu, de que a dor de ver minhas ilusões caírem por terra será menor.

Quando chego em casa exausta de tanto bater perna, fico até tarde arrumando no guarda-roupas as compras e checando os últimos detalhes das aulas que começam na próxima segunda-feira. Uma nova fase que certamente tomará parte do meu tempo. Isso significa não pensar mais nele, o homem que apareceu como um sonho e terminou como um pesadelo.

Saulo Moraes, uma página virada na minha vida. É nisso que eu acredito. Eu preciso acreditar!

Apresentações



Amanda

— Estou atrasada, mamãe. — Com a bolsa de couro preta pendurada no ombro, desço as escadas correndo.

Que maravilha! Chegar atrasada no primeiro dia de aula.

Você está começando bem, Amanda. Parabéns!

— Senta e toma o seu café — exige. É, já vi que isso vai ser difícil. — Não tem problema nenhum em chegar alguns minutos atrasada, querida, hoje é só o primeiro dia de aula. Acha mesmo que os professores sairão passando conteúdo no primeiro dia?

— Sua mãe tem razão, filha. — Como não poderia ser diferente, os dois chegam a mesma conclusão e o toque de mãos sobre a mesa e o olhar cúmplice de um para o outro evidencia o amor e companheirismo que por anos os une.

— Há quantos anos vocês deixaram de frequentar uma sala de aula? — indago.

— Essa é uma pergunta indelicada de se fazer, filha. Para responder eu teria que relembrar a nossa idade e logo cedo não é um bom momento. — Minha mãe brinca.

Esse é o clima que reina durante as nossas refeições. Um família que não é perfeita, mas que faz de tudo para ver o outro bem. Talvez essa seja — ou era — a minha maior fraqueza, acreditar que encontraria em alguém o mesmo amor que vejo tão de perto, dentro da minha casa. Esperar que o amor batesse à

porta logo de primeira.

— Sua irmã ainda está dormindo? — meu pai questiona ao verificar as horas no seu relógio de pulso.

— Deixa-a, Otávio, está muito cedo e Lana só tem aula depois das 13h. — Cheia de pressa e engolindo sem mastigar, acabo sentado para observar de perto o divertido embate entre eles.

Os dois discordam de poucas coisas e uma delas é o modo de criação das filhas. Se por um lado meu velho é mais rígido e metódico, a Dona Eva é mais flexível e quem equilibra a ânsia por controle do marido. Uma característica herdada por mim que não suporto não ter tudo minimamente planejado e organizado. Meio passo fora da curva e eu já estou arrancando os cabelos.

Teve uma única ocasião em que decidi relaxar e seguir os meus instintos. Bom, o fim mostrou que não há nada de errado em ser a garota certinha e tediosa que acusam-me de ser.

— Ela precisa aprender a acordar cedo já que no próximo ano estudará pela manhã — meu pai insiste.

— Ainda falta um ano para que isso aconteça, meu bem — assevera ao se aproximar e dar um beijo no rosto do meu pai. Na hora vejo sua expressão suavizar e é assim que dona Eva consegue tudo o que quer.

— Lana tem apenas 12 anos, com o tempo ela vai aprender, assim como aconteceu com a Amanda. — Pisca para mim e eu devolvo. Ela não perde a oportunidade de colocar as filhas sob as suas asas.

— Não está mais aqui quem falou — diz meu pai ao se levantar, beijar a testa da minha mãe e pegar a sua bolsa que estava presa no encosto da cadeira. — Agora sou eu quem está atrasado. — Olha mais uma vez para o relógio no pulso.

— O senhor é o dono — relembro.

— Por isso mesmo. Tenho que dar o exemplo. — Três vozes falam em uníssono a clássica e já conhecida frase.

Meus pais são donos de uma rede de cosméticos e diferente de quando começaram, há quinze anos, e antes mesmo de se casarem, hoje a *Beleza Revelada* é uma rede reconhecida no mercado e, além da matriz, ainda conta com 5 filiais espalhadas pelo estado de São Paulo.

Seu Otávio trabalha muito para manter o bom funcionamento dos negócios e a minha mãe cabe cuidar de assuntos administrativos, trabalho que ela prefere fazer de casa, assim, segundo ela, tem tempo tanto para o trabalho quanto para as filhas.

— Boa sorte, minha filha — deseja ao beijar a minha testa. — Estou

muito orgulhoso de você e não tenho dúvida de que se sairá muito bem, da mesma forma como se sai em tudo que se propõe a fazer.

— Tenha um bom dia, pai. — Quando ele sai, minha mãe tem um sorriso enorme no rosto e já sei o que ela vai dizer.

— Ele não para de falar para cada pessoa que se aproxima sobre o quanto a filha é inteligente por ter conseguido uma vaga em uma Universidade Federal.

— Papai é um bobo — digo, tendo certa dificuldade em receber elogios, principalmente quando não os mereço. Sei que poderia ter ido para uma universidade particular e que eles tem condições de pagar as mensalidades, todavia, preferi não trazer uma despesa desnecessária quando poderia conseguir uma vaga na universidade dos meus sonhos.

A melhor quando o assunto é a qualidade do ensino.

— Estou realmente atrasada, mãe — afirmo, levantando-me e ajeitando a alça da bolsa sobre o meu ombro. — Até mais tarde – despeço-me, mas não saio sem antes pegar mais um pedaço do bolo de chocolate, o meu preferido.

Enquanto dirijo para o *campus*, começa sentir um friozinho na barriga e as mãos estão levemente geladas. Suponho que isso se deva ao fato de o ambiente ser novo e totalmente desconhecido para mim. Encontrarei pessoas diferentes e dessa vez não terei uma Clara na minha vida, a garota espreitada que desde o primeiro dia de aula no colegial livrou-me de ser a excluída da turma. A sua vivacidade e irreverência contrastou com a minha timidez e falta de tato para a convivência social.

Tudo resultado das horas trancadas dentro do quarto ou em bibliotecas, cercada de pilhas e mais pilhas de livros, as minhas maiores paixões desde muito pequena, talvez, a partir do dia em que aprendi a ler.

Através dos livros viajei por diversos lugares, vivi e idealizei grandes histórias de amor. Sonhei com os milhares de mocinhos românticos a até pouco tempo, sonhei com a chegada de um deles em minha vida. Agora, meu único desejo é manter-me longe de problemas, continuar com os meus romances fictícios e por que não, passar despercebida em um ambiente novo e até então assustador para mim?

Ao estacionar em frente a majestosa construção, noto o fluxo intenso de pessoas circundando pelo pátio do *campus*. Carros não param de ocupar vagas na garagem e para onde se olhe é possível diferenciar os veteranos dos calouros.

O primeiro grupo geralmente está em dupla ou em bando, conversando e rindo abertamente, como se fossem — e talvez sejam — os donos

do pedaço. O segundo grupo são pessoas aleatórias que caminham de um lado para o outro, olhando para os próprios pés e certamente se perguntando:

O que estou fazendo aqui? Serei devorado vivo!

No meu caso, torço para que o livro aberto nas minhas mãos consiga disfarçar o fato de estar apavorada no meio de tanta gente — literalmente — estranha.

— Ei! Não olha por onde anda? — É, talvez não tenha sido uma boa ideia ler enquanto caminho, ainda mais se o pátio estiver tão movimentado quanto está agora. Mas, como esperar uma atitude sensata da pessoa que nem mesmo percebeu o momento em que saiu do carro e começou a andar enquanto lia o mais novo romance da Julia Quinn?

— Desculpa, eu estava distraída — falo sem levantar a cabeça. Os meus pés parecem bem interessantes, para ser sincera.

Mas o que você está fazendo, garota? Quer passar por doida já no primeiro minuto?

— Estou vendo que estava mesmo, raio de sol. — Quando levanto a cabeça, me deparo com um garoto muito bonito e aparentemente com a idade próxima a minha. Ele olha do meu rosto para o cabelo naturalmente loiro.

— Sabe como é, né? Livro muito interessante, não consigo parar de ler — justifico com uma meia-verdade.

— Seu primeiro dia? — indaga e sem que eu tenha me dado conta, percebo que passamos a caminhar lado a lado.

— É sim, e por isso estou um pouco perdida — confesso ao tirar a folha com a grade horária de dentro do meu livro. Ao olhar pela quinta vez chego à conclusão de que talvez eu esteja muito perdida.

— Posso? — pede, entrego a folha, ele dá uma rápida olhada e me devolve o papel dobrado.

— O reitor vai fazer o tedioso discurso de boas-vindas no auditório que fica no subsolo. Talvez você tenha tempo de tirar um cochilo ou até mesmo terminar de ler o seu livro. — Dessa vez não consigo conter a risada e ele me acompanha.

— Prazer, Joaquim — apresenta-se.

— Amanda Amorim. — Aperto a sua mão, percebendo que por sorte acabei conhecendo uma pessoa legal logo na primeira tentativa de parecer uma garota normal e não uma rata de biblioteca.

— Você vem, Joaquim? — Uma morena que usa roupa pouco apropriada para o lugar e horário passa por nós e não dedica um olhar para mim. Ela está acompanhada por mais duas meninas tão discretas quanto ela.

— Estou indo — diz e volta-se novamente para mim. — Tenho que

ir, raio de sol. Nos vemos por aí. — Antes de sair correndo, Joaquim beija meu rosto e eu, presenciando o momento em que ele abraça a morena pelo pescoço e beija a sua boca, também me pergunto qual o número da placa do caminhão que acabou de me atropelar.



— Vejo que o discurso foi motivador para a senhorita. — Assustada, abro os olhos e na minha frente está o reitor, o homem que fala mais que a boca. — Estava dormindo?

— Estava pensando — minto. A verdade é que ele falou tanto, mas tanto que deu tempo de ler alguns capítulos do meu livro e tirar uma soneca.

De modo geral, não tinha ninguém prestando atenção no homem. Uns cochichavam, outros mexiam no celular e eu dormia.

— Modo interessante de pensar. Pena que você pensou demais e já está 20 minutos atrasada para a sua primeira aula, senhorita.

— Obrigada por avisar, senhor. — Mal termino de falar e já estou como uma louca, correndo pelos corredores vazios.

Dez minutos, esse é o tempo que eu levo para finalmente encontrar a minha sala de aula. A porta está fechada e coragem para entrar eu não tenho.

— Se eu fosse você não entraria aí. — Uma garota para do meu lado falando baixinho e a sua aparência não deixa de chamar a minha atenção. O cabelo dela é cheio de mechas que variam do rosa ao azul, possui diversas tatuagens nos braços e alguns piercings. Ela é diferente, um diferente muito bonito, diga-se de passagem.

— Eu tenho que entrar — explico e nem sei o motivo para estar fazendo isso.

— Se você não quer ter a sua vida transformada em um inferno até o seu último dia aqui, é melhor que não entre na sala. Você já perdeu essa aula.

O jeito de ela falar me assusta e com isso fica a incerteza sobre o que devo fazer a seguir.

Por que não posso entrar na sala?



Amanda

— Ele não pode ser tão mal assim. — No refeitório, torcendo para ter tomado a decisão correta ao aceitar o conselho da Srta. mechinhas. — É só um cara.

— Você não conhece a fama do Senhor Bitencourt, garota. Ele é o terror dos alunos e essa fama o precede — diz e eu a olho com desconfiança.

— Eu conheço esse seu olhar aí, foi o mesmo que o meu quando no ano passado caí de paraquedas neste lugar. Logo de cara tive que suportar o Bitencourt.

— Devo me preocupar? — indago, considerando o fato de sempre ter sido a aluna preferida da maioria dos professores que tive ao longo da vida acadêmica. Alguns acusavam-me de ser puxa-saco, mas eu prefiro acreditar que fui uma boa aluna.

— Se você for uma aluna certinha não tem com que se preocupar. E nunca, ouça bem, nunca dê em cima dele. — Seu último aviso surpreende-me, pois não vejo a menor possibilidade de fazer tal coisa.

O cara deve ser muito mais velho que a maioria das pessoas que aqui estudam. Não que a idade tenha sido um empecilho quando perdi a virgindade para um que não tem menos que 30 anos de pura saúde, condicionamento físico e um belo, por que não dizer, magnífico rosto...

— Que sorriso é esse criatura? — Aparentemente fui pega com o sorriso de quem não consegue esquecer os atributos físicos da pessoa que não é

nada mais que um rosto e um corpo muito, muito bonito e tem a profundidade de um pedaço de madeira. — Você não parece o tipo de garota que se joga nos caras, mas talvez eu esteja enganada com essa cara de tarada que fez agora.

— Não! — nego com veemência. Eu não serei esse tipo de pessoa. O cara nem deve ser tão bonito assim, quer dizer, ela nem ao menos chegou a dizer que o tal professor Bitencourt é bonito, deu apenas o aviso para não tentar me insinuar para o cara. — Isso está fora de cogitação. Prefiro conquistar boas notas de outra maneira.

— Mas não é só por... — Ela analisa meu rosto com cuidado antes de continuar: — Vou deixar que veja por você mesma.

— Na verdade, estou dividida entre temerosa e curiosa a respeito do professor — revelo.

— Qual a sua próxima aula com ele? — Antes que eu tenha tempo de verificar, a garota puxa a folha de dentro do livro.

— Aula dupla — revela o que acredito não ser uma boa notícia, pois imagino que não terei tempo para me preparar, se é que ele é tão ruim como ela está dizendo. — Depois do intervalo terá aula de Literatura 1.

— Bom, isso significa que não terei problema com ele, não é mesmo? Dessa vez não haverá atrasos — garanto.

— Letras?

— Sim e você? — pergunto já imaginando que não teremos as mesmas aulas. Eu não teria tanta sorte.

— Artes cênicas, mas, como você pôde perceber, nem assim tive como fugir do carrasco. Ano passado peguei matéria com ele e, felizmente, estou livre este semestre.

— Faz tempo que ele dá aula aqui? — questiono, cada vez mais interessada na história do professor.

Já imagino um homem sisudo, de meia-idade e que cria cinco gatos para suprir a falta de uma esposa. Em casa deve ter uma biblioteca repleta de livros e um ar-condicionado para se aquecer nos dias frios. Pensando bem, eu sou o professor Bitencourt no futuro e se as minhas suposições estiverem corretas, acabarei me afeiçoando ao homem.

— Ano passando Bitencourt entrou como professor substituto e nunca mais saiu. Ele, apesar de ser um carrasco, é um excelente professor e não posso negar que sabe passar o conteúdo como ninguém — revela e as suas palavras me empolgam.

Por motivos óbvios, Literatura tende a ser a minha matéria preferida e ter um bom professor é primordial se quero me aprofundar no tema. O homem ser amargo é algo que terei de lidar ou não.

— Você não me disse seu nome.

— Prazer, Camila e quem é você, garota de cabelos dourados? —
Faz referência ao meu cabelo, como todo mundo tem tendência a fazer.

O fato de ele ser muito liso, muito comprido e muito loiro chama a atenção das pessoas, o que é no mínimo perturbador, já que estamos falando de cabelo, nada de extraordinário.

— Amanda Amorim. — Estendo a mão e basta ela apertar para que um sinal discreto ressoe pelo refeitório.

— Nos vemos por aí, Loirinha. — Como em um passe de mágica, Camila pega seus cadernos e livro de cima da mesa e sai correndo, como se estivesse pronta para tirar o pai da força.

Olho de um lado para o outro, percebo que o lugar está vazio e como nada me deixa mais contente do que o silêncio, aproveito o momento para terminar de comer o meu misto que está esfriando sobre mesa e ler mais um pouco do livro que tem sido o meu mais recente vício.

Leio uns três capítulos até que chega na parte quente e a cada palavra que leio, as batidas do meu coração erram o compasso, sinto o meu rosto ficando quente e até sou capaz de apostar que ele está vermelho. Se tivesse alguém perto o suficiente, essa pessoa certamente saberia que estou lendo alguma sacanagem.

Disfarçadamente, levanto um pouco as mãos, deixo o livro menos aberto e pronto! Posso ler em paz a cena em que Kate e Antony estão se pegando na privacidade de um jardim e correndo o risco de serem pegos em uma situação muito comprometedor. Naquela época, ser flagrada aos beijos era o que de pior poderia acontecer entre um casal, isso se eles não tivessem com a intenção de se casarem na próxima semana.

— Moça, não queria ser indelicada, mas o intervalo acabou há uns 5 min...

Presto atenção só até a parte em que ela diz que o intervalo terminou.

Merda!

Atrasada outra vez! Eu não posso mais trazer o livro, senão acabarei não assistindo nenhuma aula, já que o refeitório deveria estar lotado de gente, de conversas paralelas e eu nem mesmo me dei conta. Estava tão compenetrada no romance que acabei esquecendo do professor carrasco, de o porquê não deveria chegar atrasada.

Não posso me dar ao luxo de perder a segunda aula da mesma matéria, é o pensamento que traz a coragem de sair correndo feito uma doida para o elevador que parece não subir rápido o suficiente.

Na frente da sala que está com a porta fechada, tento contar até dez para conter a respiração, não funciona. Tento secar o suor da testa e ajeitar o cabelo, também não funciona.

— Desculpa pelo atraso... — Escancaro a porta, em um segundo meus olhos vão do professor que está de costas, escrevendo algo no quadro branco para a turma que está em completo silêncio, uns escrevendo e outros digitando em seus tablets e notebooks, seja lá o que o homem esteja passando no quadro. — Tive um imprevisto e...

— Silêncio, moça! — Sou cortada antes que tenha a chance de inventar um motivo plausível. — Está atrapalhando os outros alunos. — Ele vira de frente para mim e nesse momento eu sinto minhas pernas ficaram bambas e a sensação de que estou prestes a desmaiar.

Isso só pode ser uma piada de péssimo gosto.

— Saulo? — falo baixinho, tendo que apoiar-me na porta para assegurar algum tipo de equilíbrio sobre as pernas.

Ele parece tão surpreso quanto eu. Nossos olhos estão presos por um tempo que não sei determinar quanto e, quando um burburinho se inicia na sala, Saulo volta a ser o professor Bitencourt. Como se estivesse me vendo pela primeira vez, diz:

— Aproxime-se, por favor — chama, usando a voz que não sai da minha lembrança. Memórias que, por mais que eu tente, não consigo esquecer.

Tendo a turma de cerca de 45 alunos em silêncio e nos observando, caminho para perto de onde ele está, a última pessoa que desejaria ver e que agora serei obrigada a suportar. A expressão do Saulo está neutra e nem deveria surpreender-me o fato de ele não parecer nem um pouco abalado com esse encontro.

Eu, apesar de saber que não signifiquei nada além de um engano, ainda sinto uma pontada de dor a cada vez que a constatação é jogada na minha cara.

— Qual é o seu nome? Diga para turma — pede, voltando-se brevemente para eles que continuam esperando pelo desenrolar da cena que será no mínimo constrangedora para mim, é claro.

— Amanda Amorim. — Sinto meu rosto pegar fogo e mais uma vez meus pés parecem interessantes aqui de cima.

— Para de olhar para os pés, moça — pede em tom de ordem, aproximando perigosamente de mim.

Ele está louco? O que os outros alunos vão pensar vendo isso?

Bom, talvez a louca aqui seja eu. Para quem não sabe que nós dois transamos algumas vezes em uma única noite, o fato de estar alguns centímetros

distância não tem nada demais. Incomoda só a mim mesma que serei obrigada a ter como professor o homem que tirou a minha virgindade.

— Como deu para notar, Amanda Amorim, você chegou atrasada e portanto, vai ficar com falta nesta aula e também ficou na primeira, já que não compareceu. Se tivesse eu teria notado.

Por um segundo o seu olhar muda e não tenho certeza de que esteja falando como professor ou como o homem que tive tanta intimidade, do tipo que deixaria qualquer um nessa sala escandalizado.

— No entanto, recomendo que sente na sua cadeira e assista a aula. O conteúdo já está sendo passado e eu não quero ninguém no próximo semestre refazendo a mesma matéria, principalmente você que parece não ter a capacidade de chegar no horário certo.

— Está bem, professor Saulo. — Petulante, chamo-o pelo primeiro nome e dou-lhe as costas sob o olhar estarecido de metade dos meus colegas.

— Eu ainda não terminei de falar, moça. — Ok, isso vai ser mais difícil do que parece. Interrompo o caminhar no meio do corredor e sem olhar para trás ouço. — Permaneça na sala quando a aula terminar, tenho algumas coisas para te falar.

Não respondo, apenas sigo o meu caminho até a cadeira que fica o mais longe possível dele e no caminho um garoto que aparenta ter a minha idade afirma:

— Você está muito ferrada, menina. Vai se arrepender de ter chegado atrasada e ainda por cima ter respondido ele com sarcasmo perante toda a turma. Boa sorte, você vai precisar — sussurra ele quando me sento ao seu lado, mas não baixo o suficiente para os ouvidos do senhor dono do universo.

— Existe algo que queira compartilhar com os outros colegas, Sanches?

— Não — responde, deixando-me ver o respeito — talvez medo — que tem pelo professor. — Estava dando boas-vindas a colega.

— O momento para isso já passou e ela não estava aqui. — Começo a entender o aviso da Camila quando percebo que o homem é arrogante e extremamente irritante.

Não lembra em nada o Saulo que conheci, é quase como se fosse outra pessoa.

Enquanto a aula prossegue, fico dividida entre prestar atenção em tudo que o Saulo diz, a admiração de ver o quanto ele é bom no que faz e o nervosismo pelo que falará comigo ao final da aula. Não sei se na minha frente estará o Saulo com quem tive um breve envolvimento ou o professor Moraes Bitencourt.

Dá minha parte, prefiro que seja apenas o professor carrasco e louco para dar uma lição de moral por eu ter chegado atrasada.

Professor Bitencourt



Saulo

Pela primeira vez o silêncio em sala de aula me incomoda, pois com ele sinto como se o barulho dos meus pensamentos fossem alto demais para que eu possa suportar.

Ela está aqui, é a minha aluna. Dentre todas as garotas da cidade, ela tinha que estar justo na minha turma. A garota que eu já transei e pretendia transar novamente, por pura ironia do destino acaba de tornar-se a minha aluna.

Parece até uma piada de mal gosto que eu esteja passando por uma situação como essa. A decisão já estava tomada, eu faria de tudo para tentar amenizar a sua raiva e quando isso acontecesse, tentaria mais uma vez levá-la para a minha cama. Agora tudo o que me resta é vê-la mais vezes do que desejo e em nenhuma delas será da forma como eu gostaria que fosse.

Deparar-me com ela na minha frente, com uma bolsa no ombro e um livro na mão foi como um soco no estômago. Foi duro ter que mascarar as minhas reações e por um momento tive a sensação de que todos os outros 45 alunos estavam cientes de que existe — ou existiu — algo entre a atrasada e eu.

Pude também vislumbrar o tamanho da nossa diferença de idade e, mesmo que ela seja maior, não é nada confortável vê-la entre pessoas da sua faixa etária e perceber que é somente uma garota que praticamente acabou de sair da adolescência. Uma transição nada fácil quando teve a inocência roubada por um homem que não soube valorizar o presente ou ao menos lembrar-se dele.

— Cinco minutos, pessoal — aviso e o único som que ouço é o de folhas sendo manejadas.

É o primeiro dia de aula e eu estou aplicando um teste para que assim possa aferir os pontos fortes e falhas dos alunos no geral. Eles esperavam uma aula mais leve por serem calouros e por hoje ser o primeiro dia deles na universidade.

Não é à toa que sou chamado de carrasco pelos corredores, e para mim não importa que os meus alunos façam esse tipo de comentário, desde que seja respeitado por quem sou, exercendo a profissão que sempre sonhei exercer e que tardiamente tive coragem de realizar.

Não sei se por influência dos meus avós maternos que sempre foram donos de uma biblioteca, mas meu amor pelos livros vem desde muito jovem e certamente foi a maior influência pela minha paixão pela docência e talvez tenha despertado o desejo de transferir para outras pessoas o amor pela literatura.

Para que isso aconteça, preciso ser um bom professor e se para ser bom tenha que cultivar a fama de rígido demais, eu o faço com gosto, pois só assim estarei bem com a minha consciência, tendo a certeza de que estou dando orgulho para os meus avós.

— Aqui está, Saulo. — Uma das alunas surpreendentemente coloca a prova sobre a minha mesa, dois minutos antes de o tempo acabar, coisa que quase nunca acontece.

— Para você, Sofia Brites — leio o nome no topo da folha —, é professor Moraes Bitencourt. O primeiro nome é apenas para os amigos mais próximos e não somos próximos e nem amigos. — Levanto a cabeça e deparo-me com o decote da moça quase na minha cara.

— Está dispensada — falo com irritação pelo que acaba de acontecer.

Enquanto observo a garota sair, imagino quantas vezes mais coisas como essa acontecerá. Garotas insinuando-se para ver se conseguem passagem mais rápida para o segundo semestre e eu tendo que pisar em ovos para não agir de um modo que as faça imaginar que de alguma forma estou dando condições para que tentem aproximações que não sejam o que se espera entre alunas e professor.

— O tempo acabou, pessoal — digo quando o relógio de parede ao fundo da sala marca 11h da manhã.

De repente, cadeiras começam a serem arrastadas, conversas passam a serem ouvidas e folhas e mais folhas começam a serem depositadas sobre a minha mesa. Entre sorrisos nervosos e confiantes, vejo rapidamente a sala esvaziando e quando, sem olhar nos meus olhos, Amanda tenta fugir da conversa que eu disse que precisaremos ter, sou mais rápido do que ela e impeço a sua fuga.

— Você fica, Amanda — digo e ela para de caminhar. O restante dos alunos saem, mas Amanda continua de costas na frente da porta, como se não tivesse coragem de olhar para mim. — Falei que temos algo para conversar e faremos isso.

Sem pensar no risco que pode causar tanto para a sua quanto para a minha reputação, levanto-me, vou até a porta e a tranco. Para o que preciso conversar com Amanda ter privacidade é essencial, considerando que aqui somos Saulo e Amanda e não professor e aluna.

Não agora, pelo menos por alguns poucos minutos tentarei ter uma última e definitiva conversa com ela, depois disso seguiremos como aluna e professor, embora eu saiba que não será tão fácil quanto eu gostaria, não quando estive ciente da sua presença durante cada segundo da interminável aula, quando o meu corpo tem reações simplesmente por ter visto ela a todo tempo morder a tampa da caneta, enquanto respondia o teste.

A musa dos meus sonhos eróticos materializou-se bem na minha frente, sem que eu estivesse esperando. Em seguida descobri que o sonho não era sonho, que tudo aconteceu de verdade e agora isso, a primeira garota a fazer o meu sangue ferver depois de Laura, é também a minha aluna.

Uma doce tentação que em pouco mais de uma hora me fez ter desejos e pensamentos que nunca me permiti ter dentro da sala de aula e muito menos com uma aluna.

De portas fechadas, caminho vagarosamente na sua direção e, quando estou quase de frente para ela, dou mais um pequeno passo até que, esbarrando a parte lateral dos nossos corpos, posto-me às suas costas, poucos centímetros de ter o meu peito junto ao seu corpo.

— Eu não esperava encontrar você aqui, Amanda. — Não resisto a aproximar-me e falar sussurrado ao seu ouvido. No processo, aproveito para sentir o cheiro do seu perfume, o mesmo que usou na noite em que fizemos sexo e o mesmo que foi o gatilho para que eu lembrasse da noite em que ficamos juntos.

As lembranças vieram com riquezas de detalhes e por alguns momentos desejei que não fossem tão nítidas assim. Seria mais fácil convencer-me de que não posso e nem quero ter nada com ela.

Eu que sempre deixei claro a minha preferência pelas mulheres mais velhas e conseqüentemente mais experientes, estou atraído — muito — por uma garota que tem praticamente a mesma idade que a namorada do meu melhor amigo e por sinal é também a melhor amiga da própria, o que complica ainda mais a minha vida, pois a sala de aula não é o único lugar onde posso encontrá-la.

O trabalho de nos manter afastados obviamente será responsabilidade dela que — com razão — me odeia e não verá problema em continuar ignorando a minha existência.

— Eu esperava nunca mais te ver, Saulo — ela rebate, mordaz como sempre.

— Desse jeito você maltrata o meu coração, Loirinha — chamo pelo apelido carinhoso que usei muitas vezes quando não pensávamos em nada que não fosse satisfazer o desejo mútuo que sentíamos um pelo outro.

A menção faz o seu corpo ficar tenso bem diante dos meus olhos e de alguma maneira sei que ainda a afeto, nem que seja só pelo sentimento de raiva.

— E você tem coração? — Vejo que a garota está afiada e contra todas as decisões, suspeito que esteja gostando mais do que deveria de toda a situação que nos envolve.

— Nós precisamos esclarecer algumas coisas. — Mudo o foco para o que interessa, pois sei que esse jogo de palavras e provocações não nos levará a lugar nenhum, pelo contrário, fará com que o desejo de tê-la mais uma vez fique cada vez mais forte e eu decida — como já havia o feito antes de descobrir a nossa atual situação — reconquistar a sua afeição e a disposição para quem sabe relembrarmos o porquê de termos feito sexo mais de uma vez.

Quando tive um lapso de consciência e entendi que tinha perdido a virgindade, encontramos outra forma de namorarmos.

Tudo ia bem, até que tive a infeliz ideia de chamá-la pelo nome da mulher que por tempo demais tem sido um tipo de obsessão para mim e agora que enfim pareço estar me libertando, não consigo lembrar os motivos que me levaram a tamanha fixação por uma pessoa que só queria brincar comigo.

Começo a entender que talvez tenha acontecido justamente por Laura jamais ter retribuído a atenção que eu lhe dispensava e quando acontecia, era apenas para tentar provocar Henry, o seu melhor amigo e ex-namorado ou para manter-me sob o seu domínio toda vez que percebia a ameaça de um novo interesse amoroso da minha parte.

Refiro-me ao passado, pois estou disposto a encerrar de vez esse capítulo amargo da minha vida e não permitir que algo tão tóxico machuque pessoas inocentes, como aconteceu com a bela loira que não tem coragem nem de olhar na minha cara.

— Não sei se tem algo para esclarecer, professor. — Amanda fez questão de dar ênfase na última palavra. — Da última vez em que nos falamos, creio ter deixando bem claro o que penso e espero do senhor.

— Dá para olhar para mim quando falo com você? — Ao segurá-la

pelo braço, viro-a de frente e creio que talvez não estivesse preparado para o impacto que a sua beleza causa.

A garota é muito linda e a percepção disso vem junto com as lembranças do seu corpo completamente despido, entregando-se ao meu e das minhas mãos passeando por cada curva alva e bem-feita.

— Pode falar, mas antes me diga quem está na minha frente: o Saulo, o homem pelo qual não tenho o menor respeito e admiração ou o professor carrasco que tentou me constranger na frente dos outros alunos?

No auge da sua irritação, Amanda, sem saber, faz a pergunta certa, considerando o que tinha em mente quando a chamei para conversarmos e o rumo que os meus pensamentos me levaram.

No fim, sei que não tenho escolha, para ela não posso ser os dois e nem sei se ela permitiria que eu fosse algo além do seu professor e para a sua pergunta só existe uma resposta possível.

Razão e emoção



Saulo

— O professor, somente o professor — digo finalmente, decidido que é o momento de fazer a coisa certa.

Normalmente sou o babaca que ela acusa-me de ser, mas não quando isso diz respeito ao meu cargo como professor. Aqui cabe somente ser o que se espera de mim e o que se espera certamente não é ter a — quase incontrolável — vontade de beijar uma aluna —, coisa que em situações normais jamais aconteceria. É estar ciente da sua presença e até mesmo poder diferenciar o seu cheiro dentre todos os outros.

Para a questão não existe outra resposta, pelo menos não quando estivermos aqui dentro.

— Tudo bem, tem outra coisa para falar além do que já disse na frente de toda a turma? — Amanda está toda armada, enfrentando-me como se estivesse pronta para uma guerra.

Eu até poderia acreditar que ela é essa pessoa se não soubesse que é tímida e por vezes age como um bichinho assustado. Estar assim tem relação com a mágoa que tem por mim e não sei se é bom ou ruim tirar dela esse tipo de reação.

— Saiba que eu não tolero atrasos ou qualquer tipo de proximidade que ultrapassa a relação aceitável entre professor e alunos — aviso e nem ao menos sei a razão para isso.

Amanda deixou claro o que pensa de mim e nem a culpo por isso, ela não me quer por perto e talvez eu seja o único afetado com a forçada convivência. Acredito piamente que para a Loirinha não haverá nenhum

problema nos próximos 6 meses, o máximo que pode acontecer é ela passar a ter a mesma opinião que os outros alunos têm ao meu respeito.

— Saiba que não sou do tipo que chega atrasada em aulas. — Será que ela tem noção do quão próximos um do outro estamos? — E quanto a proximidade, não sou eu quem está tentando, não é mesmo?

— Acabou, não precisa mais se preocupar com as minhas tentativas de te levar novamente para a minha cama, não voltará a acontecer, eu garanto.

— Como? — Ela está surpresa e não sei dizer o que vejo no seu rosto. Se é surpresa ou frustração.

Acredito que esteja vendo coisas onde não tem, Amanda prefere ver o diabo na frente a ter que ficar mais de 10 minutos na minha presença, pelo menos era assim antes de hoje.

A Loirinha, desde o primeiro encontro pós-sexo — que eu não lembrava de termos feito — trata-me com aberta hostilidade, o que para mim era no mínimo estranho, já que a minha mente enfraquecida pelo álcool me fazia crer que nunca antes tínhamos nos visto. Ela mal suportava olhar minha cara e, quando finalmente lembrei, percebi que a sua reação é bem pacífica perto do que mereci e ainda mereço depois da forma como a tratei.

Desde a noite em que a beijei no apartamento dos nossos amigos, o pensamento de fazer diferente não sai da minha cabeça. Até hoje, eu realmente acreditava que mais dia ou menos dia acabaria lhe convencendo a dar-me uma chance para pelo menos tentar amenizar a merda feita ao reviver novamente tudo o que aconteceu naquele quarto de hotel, excluindo apenas a bebida e a parte em que estraguei tudo.

Só agora que não posso mais colocar em prática o plano de reconquista, percebo o quão intensamente desejava isso. Agora que as minhas mãos estão atadas, agradeço por ela detestar-me tanto e preferir estar o mais longe possível de mim, pois isso certamente tornará a minha vida mais fácil.

— A partir de hoje não precisará se preocupar com a minha atenção indesejada ou tentativas de falar sobre a noite em que estivemos juntos. A nossa relação será apenas a que precisaremos ter aqui dentro da sala de aula — assevero. — Farei o possível para evitar que nos encontremos fora daqui, e quando isso não for possível, considerando os nossos amigos em comum, tentarei manter-me o mais longe possível de você, do jeito que sempre quis — finalizo sem, no entanto, conseguir decifrar as emoções que vejo passarem pelo seu rosto.

— Você é mesmo um babaca — xinga e sem dizer mais nada, corre para a porta que está trancada à chave.

— Abre essa merda, Saulo. — Agora ela me chama pelo nome e

sem que eu tenha planejado, as coisas começam a fugir do controle e nem mesmo sei como voltar atrás para recuperá-lo novamente. — Não tem medo do que isso pode implicar para você? — Sim, a garota está preocupada comigo e não com ela mesma.

Percebendo o erro que foi nos trancar dentro da sala, aproximo-me dela, até que, sem ter para onde fugir, acaba encostada na porta pela qual deseja sair.

— A chave — pede com o mão estendida.

— Não, deixa que eu mesmo abro. — Fico de frente para a Loirinha e agora os nossos corpos estão a um palmo de distância de estarem se tocando.

Curvando-me levemente sobre o seu corpo muito cheiroso e gostoso com a calça jeans marcando as suas curvas já conhecidas por mim e a jaqueta de couro azul royal sobre a regata branca, estendo o braço e destranco a porta.

Permanecemos os dois no mesmo lugar, em silêncio e somente nos olhando. Eu poderia agir como lucidamente planejei, dar dois passos para trás e deixar que finalmente saia, indo embora com tudo esclarecido entre nós e com a certeza de que a página está virada.

O problema é que não existe sensatez quando a musa dos seus sonhos eróticos e noites solitárias está bem na sua frente e nesse momento, o fato de sermos quem somos fica em segundo plano.

— Por que disse que sou babaca, mesmo depois de eu ter feito a coisa certa? — Não posso resistir a curiosidade. — *Me odeia* tanto assim?

— Talvez eu não queira que você faça o que é certo — surpreendentemente a Loirinha revela, deixando-me confuso e sem entender qual é a dela.

— Eu não estou te entendendo, Amanda. Achei que estivesse tudo resolvido aqui, você sabe que não pode ser de outra forma, você não quer que seja de outra forma, lembra?

— No momento eu não sei o quequero, você mexe com a minha cabeça e não sei o que fazer com isso. — Seus olhos de repente encontram os meus e isso foi a pior coisa que poderia ter acontecido. Sinto como se ela fosse capaz de desnudar a minha alma com o olhar e ver o que prefiro que ninguém veja.

— Eu te entendo, Amanda, você é muito jovem e talvez não estivesse, quer dizer, você não estava preparada para a experiência que teve, pelo menos não comigo.

— Não vá por esse lado, Saulo. Não vem falar a respeito de idade, não quando ela não importou quando você me levou para um quarto de hotel.

— Desculpa — peço e olhar no seu rosto é saber que acabei de falar

a coisa errada. Na verdade, eu sempre falo a coisa errada para ela. Tenho atitudes de um garoto ao invés de um homem de 32 anos.

— Você tem razão, cara, eu estou complicando tudo aqui. Vamos deixar as coisas como estão, da forma como você sugeriu. Vamos esquecer que nos conhecemos antes de hoje e seguir a partir daqui.

Enquanto Amanda fala, percebo a mágoa e o rancor na sua voz, o que chega a ser quase insuportável para mim, pois, por mais que eu tenha tomado a decisão correta e o mais racional possível, considerando a situação em que nos encontramos agora, algo dentro de mim sabe que não haverá paz.

Ficará sempre a frustração de não ter pelo menos tentado amenizar o meu erro. E para piorar, sei que o que sinto não é só culpa, no fundo existe mais e eu não posso e nem quero pensar a respeito.

— Não dá para esquecer algo como o que a gente viveu, Amanda, você sabe e não pode negar isso — afirmo, o que é uma grande hipocrisia da minha parte, já que por vários meses eu nem ao menos lembrava dela.

— Eu tento todos os dias colocar isso para o fundo da minha mente, simplesmente não é justo ter que ficar perto de você quando tudo o que quero é esquecer que um dia suas mãos tocaram o meu corpo. — Seus olhos estão marejados e mesmo sendo a pior pessoa indicada para fazer isso, aproximo-me e a abraço.

— Desculpa — peço pela primeira vez, olhando dentro dos seus olhos. — Não foi a minha intenção te magoar.

— Por que fingiu por tanto tempo que não me conhecia? Isso foi o que mais doeu, aqui. — Afastando os meus braços do seu corpo, a Loirinha aponta para o próprio coração.

— Eu não fingi, Amanda — confesso, sabendo de antemão que isso piorará a situação e também que aqui não é o lugar para termos essa conversa. — Eu não lembrava de você e da noite que passamos juntos.

— Como assim não lembrava?

— Estava bêbado. — Seu rosto se reveste de puro horror e quando erroneamente tento acariciar o seu rosto na intenção de tirar a dor que vejo nos seus olhos, ela impede com um simples encolher.

Amanda não quer o meu toque e mais uma vez a entendo. E essa é a pior parte, não poder questionar por entender que tem razão para ter raiva, mágoa ou qualquer outro sentimento ruim por mim. Sou idiota, mas não a ponto de não saber que errei feio com essa Loirinha.

— Nada foi real, nada! Desde o bar...

— Não diga isso. Eu quis estar com você naquele bar, eu quis levar você para o quarto de hotel. O meu erro foi ter bebido além da conta e ter feito a

pior coisa que um homem poderia fazer com uma mulher, ainda mais na primeira vez. Sim, também lembrei que você era virgem.

— Eu não acredito em você. Por favor, não quero mais falar nesse assunto. Se pudesse voltaria atrás e aquela noite não teria acontecido.

— Fora a bebida e a forma como terminou, eu não mudaria nada. Ter você nos meus braços foi umas das melhores sensações que tive nos últimos tempos.

— Você não lembrava!

— Eu sonho todas as noites com você, Loirinha. Sonho com nós dois nos amando de todas as formas, mas achava que era apenas isso, um sonho com a garota que desde o suposto primeiro encontro impressionou-me pela beleza, apesar da aberta hostilidade.

— Eu tenho que ir — diz, desconcertada. — Não se preocupe, entendi o seu recado a respeito do horário e quanto ao resto, está tudo resolvido. Não falaremos mais sobre o que aconteceu entre nós dois. É passado, e mesmo se você não fosse o meu professor de Literatura, as coisas não seriam diferentes, pois a verdade é uma só: Você chamou pelo nome de outra mulher enquanto estava em cima de mim, em seguida virou as costas e dormiu. Como se já não fosse difícil o suficiente, descubro que estava bêbado. O tempo todo esteve bêbado.

— Não o tempo todo. — Sinto a necessidade de mudar a sua opinião ao meu respeito.

— Eu não acredito em você, professor! — diz e parece decidida. — Adeus. — Amanda sai, deixando para trás o seu perfume e minha mente mais perturbada do que nunca.

Na minha cabeça existe uma batalha entre o que é o correto a se fazer e o que eu desejo. Se a princípio escolhi o que é certo, não sei quanto tempo conseguirei resistir sem fazer como estava planejando antes de hoje. Torço para que a minha capacidade de resistência seja grande, pois não sei a extensão dos danos que só a suspeita de um envolvimento meu com uma aluna poderia causar.

Confusão de sentimentos



Amanda

— E aí? Como foi a sua primeira aula com o carrasco? — Camila intercepta o meu caminho quando já estou no estacionamento abrindo a porta do meu carro e sem nenhuma vontade de permanecer mais um segundo que seja nesse ambiente.

— Você tinha razão, ele é intragável — revelo e ela logo abre um sorriso vitorioso, sabendo que estava certa em tudo o que falou. — Consegui chegar atrasada para a segunda aula, mesmo depois de você ter me avisado.

— Não tem como te defender nesse caso, colega — brinca. — Imagino que levou o sermão sobre como não deve chegar atrasada e levou falta, mas teve que ficar para não correr o risco de reprovar na matéria.

— Exatamente isso!

— Não tentou dar em cima dele, não é mesmo? Isso sim deixa o homem irritado. — A garota parece estar se divertindo com a situação. Imagino que deve ser divertido mesmo para quem já passou pelo mesmo ou pelo menos já está acostumada com a personalidade irritante do professor Bitencourt.

Também acho estranho o fato de ela chamá-lo pelo sobrenome, agora que sei de quem se trata. Para mim ele é só o Saulo, o meu Saulo.

Pensamento errado, garota! Ele não é nada seu e você o odeia, lembra?

— Não dei, apesar de entender o que você quis dizer mais cedo, o homem é um deus grego. — Não resisto e coloco para fora o meu fascínio, porque o homem pode ser tudo, menos feio. — As garotas tentam seduzi-lo? —

indago com curiosidade, indo por um caminho que não gostaria de seguir, mas que no fim, acaba sendo irresistível.

— Agora menos do que antes. Elas meio que perceberam que é perda de tempo. O professor parece nem gostar de mulher — diz, fazendo-me rir internamente, pois se tenho certeza de algo é de que o Saulo gosta de mulher. E como gosta!

— Tenho que ir, Camila, e da próxima vez, tomarei cuidado para não chegar atrasada na aula do carrasco. Ele me fez passar vergonha na frente de toda a turma. — Rio, sem jeito. Se ela pelo menos sonhasse com o que aconteceu depois...

— Até amanhã, Amanda. — Novamente sai correndo, apressada, fazendo-me imaginar que ela é uma atleta ou tem uma mania muito estranha.

Dirigindo de volta para casa, enfim posso respirar com tranquilidade depois de um primeiro dia que eu considero no mínimo intenso. É só ao que posso atribuir no momento em que não posso distrair-me da direção do carro, sem que cause um acidente.

Tudo o que preciso agora é chegar em casa, estar na segurança do meu quarto e só então tentar entender tudo o que se passou ao fim da aula.



— Filha! O almoço já está na mesa! — Ouço a minha mãe gritar lá da cozinha, o que acaba me distraindo da fofoca que estava fazendo pelo celular com a Clara. A pauta — como sempre — está relacionada ao seu namoro com o Henry ou suas aventuras como modelo.

Se por um lado eu adoro saber sobre a vida dela e um relacionamento que desde o início acompanhei, por outro sinto certo incômodo por não conseguir falar sobre mim mesma com ela, sobre como um dos melhores amigos do seu namorado é um bêbado idiota e também um professor babaca.

— Estou descendo, mãe — grito mais alto do que ela, sem no entanto mover um músculo sequer do meu corpo. Ao contrário do que digo, continuo deitada de costas na cama com o celular em cima da barriga, enquanto minha amiga digita o seu textão de 10 mil palavras.

Olho fixamente para o teto, faço força para não levar os meus pensamentos para onde eles não devem ir e, ao fazer isso, lembro de como fui

boba ao pensar em como me iludi ao pensar que o início das aulas na faculdade distrairia a minha mente do homem que odeio na mesma medida que não consigo parar de pensar.

É uma batalha interna entre a mágoa que aumentou mais um pouco com a sua revelação de que estava bêbado e a insensatez de sentir que no fundo, Saulo me marcou de uma forma que mesmo querendo, jamais conseguirei esquecer.

Não só por ter sido feito, mas também por ter sido bonito.

Não só pela forma como terminou, mas principalmente, pela forma como começou e permaneceu até o quase desfecho perfeito, antes de ele estragar tudo.

Não só por ter sido ele, mas também por ser quem é, Saulo, o meu professor.

— Bêbado!

Em voz alta, repito apalavra, enquanto olho para a sua foto estampada bem na tela do meu celular. Sim, eu procurei umas das suas redes sociais enquanto troco mensagens com Clara. O sorriso estampado é demais para a saúde de qualquer mulher e talvez eu seja uma tola romântica.

Nutri ilusões românticas até conhecer e me envolver por uma única noite com um homem mais velho e muito mais experiente, quebrei a cara, odiei o cara quando estava a uma distância segura e agora, só porque ele parece estar a cada esquina, meu coração começa a querer me enganar novamente.

Mas que o coração, já que esse está muito machucado de tanto apanhar, o meu corpo parece ter se esquecido dos motivos pelas quais não posso mais ser aquela garota.

Na sala de aula as minhas pernas ficaram bambas, o coração disparou e as mãos passaram a suar frio. Se no início foi pelo choque, no final — quando ele nos trancou sozinhos — foi por razões completamente diferentes.

Senti o seu corpo e o meu reagiu.

Eu senti a sua respiração próxima a minha e me ouvi ofegar.

O ouvi falar de como nos tocamos e desejei ser tocada novamente por ele.

Ouvi ele confessar que estava bêbado e senti mais uma vez o baque de entender quem é Saulo Moraes.

O meu professor é o meu amante de uma única noite. A pessoa a quem eu não posso desejar e o homem a quem não consigo parar de querer, mesmo o odiando por tudo o que fez e também pelo que deixou de fazer.

Eu estou confusa e preciso desabafar com alguém ou então sou capaz de enlouquecer!

É a mensagem que mando para Clara, interrompendo o textão que até agora estava escrevendo. No momento em que a minha mensagem foi enviada e visualizada, ela rapidamente respondeu.

Estou em casa. Vem que eu estou te esperando, Loirinha universitária.

Clara está tão feliz por mim que nem imagino o que vai pensar quando descobrir quem é um dos meus professores e a identidade de quem foi o primeiro e único homem da minha vida.

Em uma hora chego, vou só almoçar.

Aviso ao som da voz da minha mãe, mais uma vez me chamando para almoçar. Finalmente decido sair do meu estado mortificado, pensando que o meu mal talvez seja fome.

Tenho certeza de que, quando almoçar, a comida maravilhosa da minha mãe trará um pouco de sensatez aos meus pensamentos, não estarei mais tão confusa com relação ao babaca carrasco e não imaginarei que falar sobre o assunto com Clara seja uma boa ideia.

Comida! É disso que preciso. Basta um prato quentinho e serei a Amanda de antes.



— Eu não posso acreditar, Amanda! — Clara salta para fora do sofá, olhando-me como se eu tivesse uma segunda cabeça sendo sustentada pelo pescoço e sua reação evidencia que um prato de comida não era o remédio que eu precisava.

— Tudo bem, Clarinha, continue não acreditando. — Inutilmente tento voltar atrás e fingir demência. — *Me fala* como foi o ensaio de ontem? — indago, sem realmente saber se houve um ensaio.

— Saulo e você? O cara que tirou a sua virgindade e depois desapareceu? — Tão rápido quanto se levantou, Clara volta a se jogar sobre o sofá do apartamento em que mora com o namorado.

— O próprio.

— E estava bêbado quando te chamou pelo nome da cobra?

— Sim! — Sigo apenas respondendo as suas perguntas cheias de surpresas e com a finalidade de confirmar tudo o que acabei de falar.

— Eu estou com vontade de matar aquele macho escroto, Amanda — revela quando a ficha começa a cair. Ela olha fixamente para o meu rosto, como quem o analisa em busca de indícios do que estou sentindo e não foi falado em voz alta. — O que você sente por ele?

Óbvio que a pergunta não escaparia, Clara é a minha melhor amiga e me conhece bem demais para entender que, se estou contando só agora o nome dele, é porque algo tem me incomodado ao ponto de querer voltar para uma história que nunca tive vontade de falar ou lembrar.

— Nos últimos meses, tudo o que senti foi raiva, mágoa por vê-lo fingir que não me conhecia. Pelo menos era isso que pensava, que ele estava fingindo. Era algo que me magoava, trazia sentimentos ruins que nunca tinha sentido, mas pelo menos me sentia segura.

— Não se sente mais?

— Não depois que ele me beijou ali na varanda — aponto. — Não depois que começou a notar a minha presença e querer falar sobre o que aconteceu na noite em que nos conhecemos.

— Talvez esteja querendo consertar as coisas entre vocês.

— Está defendendo-o, Clara? — pergunto, irritada por está falando o que já tinha passado pela minha cabeça, hipótese que rapidamente tratei de descartar, já que sou tola o suficiente para criar algo onde não existe.

— No momento estou me segurando para não ir à revista e estapear a cara do Saulo.

— Eu não quero que ele conserte nada — nego, vendo o olhar de incredulidade no seu rosto. — E mesmo se quisesse, não teria como.

— Imagino que não. O que o Saulo fez foi de uma babaquice sem tamanho e o fato de estar bêbado não muda nada — diz e concordo com a cabeça.

— Então por que estamos tendo esta conversa? — Clara me surpreende e não é a primeira vez que isso acontece. — Entenda que estou contente e aliviada de finalmente você está se abrindo, mas eu te conheço e sei que tem algo a mais e que não teve coragem de verbalizar ainda.

— É evidente? — brinco, estando tensa e com medo de dizer o que reluto em admitir até para mim mesma.

— Apenas te conheço, Loirinha. *Me fala*: mesmo com tudo o que me revelou, você ainda quer ficar com ele, é isso?

Atração



Amanda

— Está pensando demais, Amanda. — Volto meu foco para o rosto da minha amiga e então digo:

— Eu odeio esse homem, minha amiga, mas ao mesmo tempo...

— Ao mesmo tempo? — Ela me pressiona a falar.

— Sinto vontade de estar mais uma vez com ele, desejo de reviver todas as partes boas daquela noite. *Me esforço* e não consigo esquecer as mãos, o peso do corpo em cima do meu, a voz rouca...

— O caso é sério! — É só o que Clara tem a dizer enquanto despejo tudo o que venho sentindo.

— Sou uma boba, pois nesses momentos preciso me esforçar para lembrar os motivos para odiar ele e não querer nunca mais vê-lo na minha frente. Seria tão mais fácil se Saulo... — Olho para o rosto cheio de expectativa da minha amiga, imaginando qual será a sua reação com a próxima bomba.

— Se...

— Ele não fosse o meu professor de Literatura — digo como se fosse algo qualquer e Clara recebe a notícia como se tivesse pagando fogo no sofá e se tivesse um lustre, com certeza teria se pendurado em cima dele de tão surpresa que ficou com mais uma bomba sendo estourada bem diante dos seus olhos.

— Como é? Saulo, seu professor na faculdade? — Diferente da outra vez, a garota não volta para o sofá e permanece a minha frente em pé e

andando de um lado para o outro. — Se eu soubesse que passaria a acompanhar o enredo de uma novela mexicana, teria preparado um balde de pipoca — diz, olhando bem séria para o meu rosto e custo a acreditar que Clara esteja mesmo brincando quando estou tão séria contando as desmazelas da minha vida.

— Está fazendo piada? — Pego uma almofada, jogo na sua direção, mas minha amiga que, talvez por já ter sofrido tanto, não leva nada muito a sério e toca a vida com leveza e humor invejável.

— Desculpa, Loirinha. Eu estou rindo, mas eu juro que estou preocupada. — Rapidamente ela para com a risadinha e se atenta para a seriedade do que acabei de falar.

— Estou na merda ou não estou?

— Está sim, ainda mais se você estava pensando em dar para ele novamente — fala com tranquilidade.

— Dar? Boca suja! — digo ao mesmo tempo que sinto as minhas bochechas quentes por lembrar o quão boca suja eu mesma fui entre quatro paredes com o gato do Saulo.

Naquela noite eu queria ser outra pessoa e consegui muito mais do que estava procurando, foi a noite mais louca da minha vida quem me trouxe até aqui. Para uma situação tão inusitada quanto constrangedora.

Se eu não tivesse conhecido o Saulo e dormido com ele, não estaria tendo essa conversa com a minha melhor amiga, vendo no seu rosto a expressão de quem sabe que eu transei com o meu professor e também um dos melhores amigos do seu namorado.

— Desculpa, senhorita certinha, eu não estava lembrando que a senhorita nasceu no século passado, deixe-me consertar esse erro. — Ela é debochada de uma forma que lhe é característica e já sei que vem alguma pérola pela frente. — Será deveras difícil, já que a senhorita estava pensando em fornicar com ele novamente.

— Não estava, mas ele meio que admitiu que tentaria. Agora não mais, já que se descobriu meu professor.

— Vocês dois devem estar numa situação complicada, imagina a tensão que viverão esse semestre, o tesão reprimido...

— Clara! — repreendo-a, pois, além de estar falando sem parar, ouvi o som vindo da porta sendo destrancada e aposto que é o Henry quem está chegando.

— Sairá tanta faísca que os outros colegas de sala sentirão no ar. — Clara me ignora e os meus olhos crescem de tamanho pela surpresa de ver quem está ao lado do Henry. Clara é tão louca quando se empolga que não ouviu a porta sendo aberta e muito menos percebeu os dois homens parados as suas

costas.

Meu coração erra a batida e agora está acelerado somente por ver Saulo na minha frente. Um sorriso sacana enfeita o seu rosto e, definitivamente, não parece o meu professor. A expressão é diferente, está relaxado e olhando diretamente para mim, como se me encontrar aqui não fosse nenhuma surpresa para ele.

— Clara... — chamo-a mais uma vez, olhando por cima da sua cabeça. Henry, tão perturbado quanto a namorada, coloca o dedo indicador sobre os lábios, instruindo para que eu ainda não denuncie as suas presenças. Obviamente não vou fazer o que ele quer, não quando minha amiga danou a falar sobre coisas que podem me constranger e comprometer muito.

— Sabe aquelas fantasias de aluna e professor, onde o cara pega a garota e eles trepam dentro da sala de aula e sobre uma das mesas...

— Amiga... — Sinto meu rosto pegando fogo, não tenho coragem de olhar para onde os homens estão e estou a ponto de estrangular a linguaruda e pervertida da minha melhor amiga.

— Não uma mesa qualquer, a mesa dele. Você e o Saulo não demora e estarão nessa situação. Isso eu vi em um vídeo pornô, quando o Henry sugeriu que nós dois...

— Clara, porra!

Dessa vez falo mais alto e com mais convicção. Clara enfim cala a matraca e o corpo logo fica duro como um pedaço de madeira.

— O que foi, estou falando demais? — Balanço a cabeça, olhando por cima do seu ombro para ver se ela se liga.

Percebo ter cometido um erro quando me deparo com Saulo me encarando sem piscar, quer dizer, piscando para mim, como se eu fosse cair no seu charme barato. Aliás, ele não deveria estar jogando charme, não depois da conversa definitiva que tivemos mais cedo.

E aquele papo de evitar o máximo possível encontros fora da sala de aula? Passaram-se poucas horas e aqui estamos nós, em um ambiente que não seja uma sala de aula.

Vai ser difícil, Amanda. Muito difícil!

— Engraçado, Loirinha, seu rosto está vermelho como um pimentão. Eu sei que é tímida e tudo mais, mas não é para tanto. Óbvio que você e o Saulo jamais transariam na sala de aula, aliás, não sei nem se vocês voltarão a fazer isso. Do jeito que você é orgulhosa e ele burro como uma porta. Sim, porque só sendo muito burro para não perceber que você deixa aquela nojenta no chinelo.

NÃO É POSSÍVEL! Estou a ponto de chorar de vergonha e

frustração, até os lábios já estou mordendo para tentar segurar a vontade de gritar, chorar e depois sair correndo. Quando olho para os idiotas, eles estão quase cagando pelo esforço que fazem para não sorrir e não entregar as suas presenças.

No íntimo torço para que Clara dê um castigo para Henry, só para ele parar de ser bobo e se divertir à sua custa. À nossas custa.

— Poxa, por que você está fazendo força para não chorar? Eu só estou falando demais, como sempre! Pior seria se eu falasse isso na frente dele e... — Pela primeira vez, Clara está realmente prestando atenção em mim e então a sua ficha cai. Ela não olha, mas aponta para trás. — Não me diga que eles estão atrás de mim e ouviram tudo que falei? — Sem coragem nem mesmo para falar, apenas confirmo com a cabeça.

Quando ela se vira, Henry está gargalhando e o outro já não acha tão engraçado assim, não agora que se deu conta de que para mim não tem a menor graça. Estávamos em um papo de amigas que contam suas coisas uma para outra e certamente não era algo para ser ouvido por eles, principalmente por Saulo.

— Por que não avisou que tinha chegado? — Clara se levanta e, como se fôssemos ligadas por um ímã, levanto-me também, mas nem de longe está tão tensa quanto eu estou.

— Vocês estavam tendo uma conversa tão interessante que eu não queria interromper — justifica-se na maior cara dura, fazendo-se de inocente quando está longe de ser. Fico na torcida para que Clara não caia no seu papo e cara de falsa inocência e dê o castigo merecido por ser tão babaca quanto o amigo.

— Você, juntamente com o Saulo, estava ouvindo uma conversa íntima entre duas garotas. Conversa essa que não diz respeito a nenhum de vocês.

— Menininha, acho que você está exagerando. — Tenta agarrá-la, mas a minha amiga se esquivava.

— Por ser tão infantil, você terá essa noite para pensar.

— Como? — indaga, nitidamente irritado com a decisão.

Nada com que deva me preocupar, pois a minha amiga o tem aos seus pés e se alguém ama e venera Clara, essa pessoa é o seu namorado. Não me preocupo em causar, de certa forma, um desentendimento entre eles, pois, além do Henry merecer, sei que ao fim do dia já estarão atracados um no outro novamente.

— Você entendeu. Mãos e outras partes da sua anatomia longe! — determina. — Desculpa, Loirinha — pede antes de sair da sala e como o esperado, Henry sai atrás dela.

Uma enorme pulga fica atrás da minha orelha quando me vejo sozinha com um Saulo, cuja expressão já não posso decifrar no momento. Clara foi para o quarto sabendo que Henry iria atrás dela para tentar fazer as pazes e que iria deixar Saulo e eu sozinhos.

Eu vou matar essa garota!

O clima não está nada natural entre nós dois, eu tento não olhar para o homem, mas fica difícil quando ele está à minha frente, apenas alguns passos de distância. Ouso ter coragem, olho para ele e pasmo quando flagro os seus olhos fixos em cima do meu decote que o *bore* cinza, vestido por baixo do short jeans, desfiado e curto, deixa à mostra. Uma pequena porção de pele, mas que, dá forma como ele olha, sinto como se estivesse com os seios ao vento.

Ao perceber que foi flagrado quase me comendo, Saulo age diferente do que pensei que fosse agir e, ao invés de mudar a atitude para uma condizente com a conversa que tivemos poucas horas atrás, ele vai aos poucos — com o dente entre os lábios — descendo o olhar lentamente pela minha barriga, para, por um momento, na junção entre as minhas coxas, fica mais tempo ainda olhando para as minhas coxas desnudas e termina nos meus pés.

Eu já estou arrepiada, trêmula e doida para esfregar uma perna contra a outra quando ele volta o olhar faminto para o meu rosto. Já decidi que não dá mais para suportar a tensão quando o som da campainha sendo tocada ressoa.

E agora, quem falta aparecer?

Interesse



Saulo

Ainda que o som da campainha esteja tocando sem parar, parece impossível desviar a atenção da beleza loira que está parada à minha frente e no seu modo tímido de ser, não que tenha sido a sua principal característica quando estávamos transando como se o mundo fosse acabar.

Depois que a venda foi tirada dos meus olhos, as lembranças vêm cada vez mais nítidas, simplesmente pelo fato de eu saber que nada era um sonho. Agora posso lembrar do caminho para o hotel, até chegarmos ao fim equivocando da nossa noite.

Não consigo esquecer. Eu imaginei que fosse acontecer isso quando, mesmo antes de lembrar, o que eu imaginava que fossem *flashes* de sonhos eróticos, me perseguiram durante as noites e me faziam acordar com o corpo tenso e clamando pela dona dos sonhos quentes.

Não conseguindo esquecer, é o que está acontecendo em detrimento a tudo o que foi dito na sala de aula. O que saiu da boca não foi concordado pelo corpo e muito menos pela minha mente. O que sinto por essa garota passa longe de ser paixão, amor ou alguma bobagem como essas, um tipo de sentimento que faz o homem fraco, pelo menos é o que acontece quando ele é entregue para alguém que não o quer.

O amor é um sentimento que desconhece limites e alguns desses limites jamais devem ser ultrapassados. Não os limites da falta de amor próprio, não a ponto de implorar por alguém que não quer receber o que o outro está disposto a dar.

Laura.

Ela me fez ultrapassar limites. Por um tempo me vi sendo alguém que não me orgulho de ter sido. Em nome do amor, ou o que eu acredito ser amor, vi a pior versão de mim mesmo e hoje não sei se acredito ser capaz de entregar ou tentar entregar tudo de mim como fiz com Laura.

Por Amanda, sinto...

— Estão surdos, porra?

A voz de Henry interrompe o fluxo rápido dos meus pensamentos, tudo acontecendo em alta velocidade, enquanto descaradamente e cansado de ter que fingir, admiro a beleza e desejo o corpo dessa garota que já foi minha. Muito minha e tenho certeza que de mais ninguém, pelo menos é assim que eu preciso pensar para não enlouquecer.

Sei que não se trata de sentimentos que vão além de atração física, desejo cru e tesão reprimido, como bem disse a Clara. Jamais desejei machucar deliberadamente ninguém e muito menos uma menina tão doce quanto a Loirinha gostosa. Mas, por outro lado, não posso me enganar — assim como fiz com a Laura — e atribuir o que sinto por ela mais do que realmente é.

Sei que existe a culpa, o desejo latente e vontade de fazer tudo de novo até que ela saia da minha corrente sanguínea. A segunda pior coisa que aconteceu foi ter me tornando professor da garota, a primeira sem dúvida acabou de adentrar a sala e, por vários motivos, sei que essa tarde não vai ser nada fácil.

Henry e eu estamos em uma rotina louca por conta do lançamento da próxima edição da *Mundo em Foco* e como na empresa a loucura parece ter se instaurado entre a equipe na fase atual de pré-lançamento, ele acabou sugerindo que fizéssemos a reunião aqui no apartamento. Certamente sabia que a mulher estaria em casa, mas eu não esperava encontrar a minha tentação loira por aqui.

— Saulo, meu caro! — Expansivo e jogando charme até para as paredes — como é o seu modo habitual de agir —, o idiota pisca para mim e é só o que tenho. Não sei se passou um segundo completo e os seus olhos já estão na Amanda.

Miguel já a viu antes, mas o interesse com que a olha equivale a minha própria reação quando a vi pela primeira vez. Lembro-me de ter ficado duro instantaneamente e de ter tentado jogar charme, mal sabendo que ela já me odiava.

— O que você está fazendo aqui, Miguel? — Olho dele para Henry que só agora percebi estar sem camisa, já que a tem nas mãos ao invés de estar no corpo. — Não trabalha? — Mal posso disfarçar o meu descontentamento por vê-lo agora.

Assim como acontece com Henry, Miguel é um amigo próximo, mas isso não significa que não reconheça os seus defeitos ou feche os olhos para os seus erros.

— E você? Posso fazer a mesma pergunta? — fala comigo, mas os olhos estão na Loirinha. Ela em contrapartida, tem o rosto vermelho como uma pimenta, o que faz com que eu sinta vontade de socar algo.

— Não vou me dar ao trabalho de te responder, Miguel.

— Algum problema, amor? — Vindo do quarto, Clara pergunta, enquanto termina de ajeitar a blusa.

Me chama a atenção a rapidez com que eles fizeram as pazes, o que não deveria ser novidade, já que os dois e os meus avós são os mais próximos do amor em sua forma pura que já estive.

— Miguel e Saulo estão se estranhando — Henry afirma, agarrando a namorada no processo.

Estamos todos na sala, um de frente para o outro. O circo está armado e estou pronto para começar.

— Eu não sabia que ela estaria aqui, Henry. Se soubesse teria vindo mais cedo. — Miguel está medindo a minha loira da cabeça aos pés e sem que tenha como controlar, sinto que os meus punhos estão fechados e o sangue correndo quente nas minhas veias.

— Cala a boca, Miguel! — Clara repreende e eu não poderia amar mais ela como amo nesse momento.

Assim como eu, Clara sabe exatamente quem é Miguel, pois, apesar de ser o nosso amigo, não dá para negar que o cara tem o caráter no mínimo duvidoso. Henry que o tem quase como um irmão, às vezes tem certa dificuldade em aceitar que Miguel leva uma vida em que não prejudica só a ele mesmo e sim a vida de muitas inocentes. Pelo menos é assim que a maioria era, antes de conhecê-lo.

Pensar em Amanda perto do Miguel me deixa doente e para isso existe uma explicação que não tem relação com o ciúme de ver o nítido interesse dele pela loira. Tudo tem a ver com preocupação e cuidado, ainda mais agora que, de certa forma, existe uma responsabilidade da minha parte para com ela. Antes de tudo, a gost... Amanda é a minha aluna e jamais fecharia os olhos para o desastre que seria deixar Miguel perto dela.

Dentre todas as pessoas que poderiam se interessar pela minha garota, ele seria a pior alternativa.

Minha garota! É sério isso, Saulo?

— Se me derem licença... — É a primeira vez que Amanda fala alguma coisa, desde a chegada do Miguel. A voz sai estranhamente diferente

quando ela pega o celular dentro da bolsa e sai com ele no ouvido. Vejo Amanda indo para a varanda e o Miguel a acompanha com o olhar.

Por algum motivo ele dá dois passos, mas eu entro na sua frente e o impeço de fazer o que tem em mente.

— Nem pense nisso, Miguel. — O encaro de perto e ele não faz questão de esconder o odioso sorriso que deixa evidente as suas intenções.

— Qual o problema dele, Henry? Está comendo a Loirinha gostosa ali? — Miguel se dirige ao amigo que está mais interessado em beijar o ombro da mulher.

— Miguel, a Amanda é terreno proibido. Fica longe dela, por favor? — Henry, aparentemente mais ligado do que eu pensava, faz o pedido.

— Eu seria obrigada a te matar! — Agora é Clara quem dá o recado. O seu rosto está tão sério que ninguém seria capaz de duvidar do quão sério ela fala.

— Vem cá! Ela não pode falar por si mesma? Eu nem cheguei perto da menina e vocês já estão todos em estados de alerta. Não é como se eu fosse matá-la, só queria um pouco de diversão — debocha. — Vendo melhor o quanto ela é gostosa, imagino que seria um tempo muito bem gasto.

— Ela não é como as suas vagabundas, meu caro. Então sugiro que vá atrás de diversão em outro lugar.

— Vejo que estamos possessivos aqui — fala com os braços estendidos para cima, dando dois passos para trás. — É isso, ou... — Faz uma pausa dramática, olhando para Clara, Henry, enfim para mim e então conclui: — Você está querendo a garota. Se for o caso, era só ter me avisado. Eu com certeza não te julgaria, pois essa garota é gostosa e linda além da conta.

— Não tenho nada a ver com ela, Miguel. — Escondo o fator professor e aluna, já que não o quero fazendo piada com algo que para mim não tem a menor graça.

Se eu acreditasse em avisos do destino e todas as bobagens do tipo, nesse momento poderia jurar que o meu caso com Amanda está enquadrado em um, pois não é possível tamanho azar quando desejo tanto estar outra vez com a garota e não posso.

São motivos que não há como fazer concessões, são escolhas feitas por mim e jamais teria paz com a minha consciência, caso tomasse a decisão que não fosse contrária aos meus desejos.

Na universidade não existe uma lei ou norma que proíba o envolvimento entre alunos e professores e ainda assim, todos agem como se existisse uma regra e ela estivesse escrita na parede ao fundo da sala, tudo para não correr o risco de esquecermos. Não é um assunto que alguma vez tenha sido

tema de conversa entre mim e os meus colegas, pois simplesmente não é algo que sequer tenha sido cogitado por alguém com mais fervor, disso eu não tenho a menor dúvida.

Ter uma relação mais próxima com alunos envolve toda uma questão de ética profissional, de estar bem consigo mesmo e sabendo que está ali para fazer apenas um trabalho e não para se envolver física e emocionalmente com alguém.

O foda é saber que não tive escolha. Saber que eu e ela estivemos juntos antes, saber que não procuramos essa situação e mesmo assim estamos nela. Se o primeiro dia foi difícil, não quero pensar em como será daqui a uma semana ou um mês.

— Que bom, então eu posso... — Miguel volta a indicar sua intenção de ir para a varanda e mais uma vez entro na sua frente.

— Longe dela. Eu não vou avisar de novo.

— Você está muito a fim da loira, não negue, Saulo — diz, olhando para Henry, como se estivesse em busca de confirmação. Meu amigo e sua namorada tem sorrisos bestas estampados na cara e isso é tudo que Miguel precisava para terminar de tirar as próprias conclusões.

— Bom, pelo menos não é da minha irmã que estamos falando. — Sua menção a Laura faz com que todos fiquem tensos e sinto até um pouco de culpa por esconder dele o que houve entre mim e Laura.

— Espero que ela não caia na sua lábia. Todos aqui sabem que você não leva mulheres a sério e isso eu sei porque nós dois somos muito parecidos nesses aspectos — assevera, dando tapas no meu ombro.

Nem ferrando que nós dois somos parecidos, meu caro. É o que penso e não ousa falar.

Aposto que se ele soubesse da minha história com a sua irmã não estaria me chamando de amigo.

— Já deu desse assunto — corto. — Viemos trabalhar ou não, Henry? — pergunto sem paciência, tanto por não ter tempo a perder quando ainda tenho aulas para preparar quanto por estar incomodado com a presença de Amanda e Miguel no mesmo ambiente.

Se fosse só por ela estaria um pouco mais fácil, pois eu estaria apenas desejando rasgar sua roupa e comê-la na primeira oportunidade. Já com o Miguel por perto, tenho ainda de me preocupar com ele dando em cima da loira. Conheço Miguel há tempo demais para acreditar que ele vai simplesmente se afastar agora que chegou à conclusão de que estou interessado na garota.

Prefiro e preciso acreditar que a minha preocupação seja apenas cuidado.

— Trabalho é o que não falta. — Henry finalmente se recompõe, veste a camisa e desgruda da mulher dele.

— Foi bom te ver, Miguel. — Bato no seu ombro e espero que entenda que eu estou lhe expulsando do apartamento que não é meu.

— Vim me juntar a vocês no trabalho. O Henry não falou? — diz com um sorriso vitorioso no rosto.

— Não falou o quê? — questiono, confuso, a atenção do Miguel, da Clara e até mesmo do Henry desviam para Amanda e nos seus rostos tem indícios de algo que aparentemente só eu não sei, quer dizer, eu e a loira de pernas perfeitas.

— O que acha, amor? — Henry fala com Clara sem no entanto me responder.

— Ela é perfeita! — diz Clara.

Perfeita para quê, porra!

Rejeição



Amanda

Volto de um telefonema com a minha irmã que nem bem saiu da adolescência e já está atormentando a minha vida com pedido de conselhos amorosos. Se ela soubesse que eu não sei o que fazer com a minha própria confusão amorosa não estaria me pedindo ajuda.

Além da vergonha que Clara me fez passar, ainda tive que lidar com o óbvio interesse do Miguel, um homem que é bonito além da conta, nada diferente dos outros dois amigos. Como pobre mortal, acho que deveria ser proibido alguém ser tão bonito como eles são e ainda mais andar em bando.

O olhar do Miguel deixou-me com as pernas bambas, o rosto queimando de timidez, mas nada tão intenso quanto as sensações que a simples presença do Saulo causa em mim.

— Eu não quero atrapalhar, pessoal. — Desconcertada e pegando somente a última frase que a Clara falou, vou até o sofá, pego a minha bolsa e a coloco no ombro.

Tudo o que quero no momento é fugir desse apartamento, para longe do olhar intenso do Miguel, uma expressão eterna de sedutor, é o que desconfio, considerando que é assim que o encontro todas as vezes em que o vejo.

Quero fugir para o mais longe possível do Saulo, o homem que antes de ser o professor Bitencourt, é também quem faz o meu coração acelerar, me deixa sem rumo.

— Não atrapalha em nada, loira. — Miguel toma a frente de todos os outros, e no rosto do Saulo vejo uma expressão estranha, como se tivesse

chupado um limão inteiro, com casca e tudo.

— Você não pode falar em nome do Henry, o dono da porra toda, quando nem sabe do que está falando. A revista está um caos hoje e se estamos aqui, é para termos um pouco de sossego para tomarmos algumas decisões que já deveriam ter sido tomadas — diz, e nessa hora Saulo poderia muito bem passar por um homem de 50 anos. Ele é tão sério quando o assunto é seu trabalho — os dois — que chega a ser irritante.

Em suma, ele está querendo dizer que sim, eu vou atrapalhar o trabalho dele se ficar. Como não quero ser um peso além do que serei na sala de aula, prefiro me poupar do constrangimento e ir embora.

— Eu realmente tenho que ir agora. — Na verdade não tenho, mas terei que fingir, pelo bem do meu orgulho e da amizade entre Saulo e Miguel, que por alguma razão que foge à minha compreensão, estão se estranhando.

— Se você puder ficar eu agradeço, Loirinha. É o Saulo quem não sabe do que está falando e imagino que esteja estressado por causa da jornada dupla e da surpresa que teve hoje pela manhã — Henry fala com malícia, olha para Clara que o fuzila com o olhar e já sei que no espaço de 3 minutos, enquanto Saulo e eu ficamos sozinhos e Miguel tocou a campainha, minha amiga conseguiu tirar a camisa do namorado e contar a fofoca ao mesmo tempo.

Henry sabe o que Saulo foi no passado e o que ele é no presente para mim e não tenho dúvidas de que foi Clara quem contou, considerando que acho meio difícil Saulo ter feito isso, não quando está óbvio que prefere não mencionar aquela noite.

— Eu não estou estressado, caralho! — Sua atitude demonstra o contrário e no rosto de todos está estampada a incredulidade no que ele acabou de afirmar. — E não fala sobre o que você não sabe, Henry. — Agora ele olha para mim, censurando-me com o olhar, como se eu tivesse culpa por faltar um filtro entre o cérebro e a boca da minha amiga e por ele ter ouvido o que não deveria. Tenho menos culpa ainda por ela gostar de falar o que não deve enquanto deveria estar com a boca ocupada com outras coisas.

— Não discutam, por favor! — peço, bastante incomodada por estar sendo o motivo de desentendimento entre os três. Logo eu que não suporto estar no centro das atenções. — Depois a gente se fala, amiga. — Vou até Clara, beijo o seu rosto, mas ela não parece concordar com a minha decisão.

— Não vá agora, o Henry tem uma proposta para te fazer, não é, amor? — Clara o cutuca com o cotovelo e antes que prossiga, Saulo questiona:

— Proposta? Por que eu não estou sabendo disso? — O homem está completamente perdido, só não mais do que eu.

— Você sabe que não estamos podendo contar com o Luigi este mês

e que está sendo praticamente impossível fazer com que a nova edição da Mundo em Foco saia como o planejado.

— Precisamos procurar mais — Saulo afirma.

— Você sabe muito bem que não estamos com tempo para sair à procura de nada. Já era para estar tudo pronto, se não fosse Luigi ter nos deixado na mão...

— O que Miguel e Amanda têm a ver com esse assunto? — Conforme vai falando, a voz dele começa a morrer. É quase como se soubesse exatamente o que o amigo tem a dizer e estivesse com medo de perguntar.

— Você sabe que Miguel é artista plástico, além do diploma de jornalista que ele usa como enfeite na parede. Sabe também que o foco da revista neste mês é o mundo dos negócios focado em arte...

— Nem pense nisso! — Saulo nega com veemência, olhando de mim para Miguel.

— Ela é perfeita, caralho! Será que está tão cego de ciúme que não percebe isso? — A última frase é falada um tom mais alto do que o recomendado para uma conversa entre amigos e a dona dela não poderia ser de outra pessoa além da Clara.

De repente todos se calam, o silêncio é incômodo e a sensação é de que tem um elefante ocupando espaço bem no meio da sala. Clara acabou de dizer com todas as letras que o Saulo está com ciúme de mim.

Ela acha que o homem que chamou pelo nome de outra mulher enquanto transava comigo e também o meu novo professor de Literatura está com ciúme de mim?

Mas por que diabos Saulo sentiria ciúme de mim?

— Você está louca? — A forma como ele nega me magoa quando eu não deveria sentir nada mais. Mas, pensando bem, Saulo ter certas atitudes é até bom para mim, pois, a cada uma delas, o buraco no meu peito tem a ferida cada vez mais profunda e será ela a me lembrar os motivos pelas quais jamais devo fraquejar quando o assunto é esse homem.

A cada encontro e a cada oportunidade que tem de abrir a boca do meu lado, Saulo mostra o quão masoquista sou por nutrir quaisquer sentimentos bons por ele. Proposital ou não, faz questão de negar qualquer ligação entre nós, da forma como acabou de fazer.

— Pega leve, Saulo... — Henry sai em defesa da mulher.

— Eu não tenho razões para ter ciúme da Amanda. Não temos nada e nunca teremos — ele fala olhando para mim e eu engulo em seco. Os meus olhos ardem e eu tenho que fazer um esforço enorme para não desmoronar na frente de todos.

— Eu realmente tenho que ir — Passando por todos, saio do apartamento, pouco me importando com o fato de ter deixado para trás um pandemônio de vozes e discussões paralelas.

Felizmente o elevador está no andar e eu não olho para trás antes de adentrar nele e apertar o botão que fecha às portas. Antes que aconteça, ainda posso ouvir o clique da porta do apartamento sendo aberta. Não tenho certeza se era do apartamento dos meus amigos, mas torço fervorosamente para que não tenha sido. Tudo o que eu quero no momento é ficar sozinha e pensar.

Pensar no porquê de ele estar agindo dessa forma. Não que não tenha sido cruel comigo desde sempre, mas, como a tola romântica que fui toda vida, estava aos poucos e sem me dar conta, começando a novamente me iludir. Não posso negar isso.

Enraizado dentro de mim existia um resquício de sentimento e sei que vem acontecendo desde o dia em que ele me abordou no parque e então decidiu relembrar a noite que passamos juntos. A vida como é uma mãe e não madrasta, tratou de colocar um empecilho no meu caminho ao colocar-nos como aluna e professor e como se isso não fosse o suficiente, o próprio Saulo fez questão de deixar tudo esclarecido minutos atrás.

Não que antes já não estivesse claro o suficiente, eu que sou tola e romântica demais a ponto de não enxergar os sinais. Felizmente ou infelizmente — isso vai depender muito da situação —, sou orgulhosa demais para o meu próprio bem e isso quer dizer que geralmente não dou uma segunda chance para as pessoas.

Não posso negar o que estava sentindo e até mesmo fantasiando, coisas do tipo que a Clara fez questão de externar, mas, a vergonha que o babaca me fez passar acabou com tudo. Para minha sorte aconteceu agora, antes que eu caísse em um poço muito mais fundo e sentisse o impacto da queda.

— Espera um pouco, Loirinha, parece que vai tirar o pai da força. — Quando estou chegando perto de onde o meu carro está estacionado, ouço a voz masculina, olho para trás e vejo Miguel correndo em minha direção.

Paro encostada na lataria do carro, apreciando a bela visão e curiosa para saber o que um homem como o Miguel ainda quer comigo, pois, apesar de não ser saber muito a seu respeito, o pouco que sei não deixa dúvidas de que ele é um homem que eu tenho de manter distância. Ele tem a palavra problema escrita bem no meio da testa e isso ultimamente estou tendo de sobra.

— Algum problema? — indago quando ele chega, nem um pouco ofegante e sem um fio de cabelo fora do lugar. Nem parece que estava correndo pelo estacionamento.

— Problema nenhum — diz. — Está tudo bem? Saiu sem ouvir o

que Henry tinha para te dizer — ele fala o que eu já tinha percebido sem a sua ajuda. — Eu estava louco para ouvir a sua resposta, loira. — Miguel chega um pouco mais perto e está claramente dando em cima de mim.

Realmente não sei o que há com os homens hoje, mas esse aqui, lindo e problemático como o diabo, está cheio de atenções, quando o outro dispensou a possibilidade com tamanha veemência que cheguei a me perguntar se existe algum problema comigo.

Talvez uma doença contagiosa? Falta de banho?

— Eu não faço ideia...

— Amanda! — Agora é a vez de Saulo gritar pelo estacionamento e no rosto a expressão não está nada boa. Olho para Miguel novamente e ele não parece finalmente ter escondido o sorriso que ainda não tinha saído do seu rosto.

Esse dia parece ter virado uma piada de mal gosto e aqui estou, no meio de um estacionamento, sendo alvo de estranhamento entre esses dois e sem fazer ideia dos motivos, considerando que um me olha como se fosse arrancar a minha roupa com os olhos. O que tem o poder de deixar as minhas pernas bambas — infelizmente — também tem o mesmo olhar, para em seguida agir como se nenhuma distância entre nós fosse longe o bastante.

Qual é o problema desses dois?

Qual é o meu problema que não posso simplesmente entrar dentro desse carro, ir embora e deixar eles falando sozinhos ou brigando entre si?

Estacionamento



Saulo

Depois que Amanda sai, Miguel, Clara e eu começamos a falar ao mesmo tempo, como um bando de adolescentes em conflito. Tudo aqui parece absurdo demais e de forma nenhuma concordarei com o que Henry está planejando. Ele pode até seguir em frente com a ideia — já que é o dono e não precisa da minha permissão para nada — mas eu não serei o fotógrafo. Ele que contrate outro.

— A discussão está boa, pessoal, mas a Loirinha acabou de fugir e a culpa é do Saulo que claramente tem algum problema com ela.

— Se tenho, creio que não é algo que te diga respeito.

— Tudo bem, não vai se importar de eu ir falar com ela, não é mesmo? Se a resposta for sim, só lamento por você, pois eu vou falar da mesma forma. — Antes que eu tenha a chance de protestar, Miguel simplesmente vira as costas e deixa o apartamento, indo atrás da garota.

— Saulo, vou falar só uma vez, presta bastante atenção — Clara começa e sei que não será algo que eu esteja querendo ouvir e ainda assim não terei escolha. — Pensa muito bem no que você está fazendo. Não meta os pés pelas mãos quando está nítido que não sabe o que sente ou o que quer. Lembre-se que estamos falando de uma pessoa e não de um animal. Existe um limite suportável até onde você pode magoar alguém. Não ultrapasse esse limite, principalmente com a Amanda, pois um dia você pode querer voltar atrás e será tarde demais.

— Eu... — Atordoado com tudo o que acabei de ouvir, rumo na direção da porta. Não sei os motivos para isso, tudo o que sei é que preciso

descer, não deixar Miguel muito perto dela. — Depois eu te ligo, Henry.

O elevador pareceu ter demorado uma eternidade para chegar e desceu ainda mais lento para o estacionamento. Chegando lá, logo vi Amanda e Miguel. Ela encostada no carro e o idiota mais perto do que deveria do seu corpo.

Muito mais perto do que deveria!

Caminho — corro — até eles e os meus pés não parecem velozes o suficiente. Antes mesmo de chegar, chamo pelo nome da Loirinha quando na verdade não sei o que dizer e muito menos explicar o impulso que me fez vir até aqui.

Faz poucos minutos que tentei convencer a mim mesmo de que não é ciúme o que sinto quando percebo o aberto interesse de Miguel por ela e sim cuidado. Neste momento, percebendo o exagero mas minhas reações com tudo que diz respeito a essa menina, já não posso negar o que qualquer um pode ver. Eu não posso esconder a onda de possessividade, de não poder sequer imaginar Amanda com outro, mesmo que não seja o Miguel.

Eu não posso ter Amanda na minha vida, não como eu gostaria, mas também não quero que ela fique com mais ninguém. É errado, eu sei. É até mesmo doentio e problemático tais pensamentos, mas não posso controlar. Eu tentei negar e controlar, mas a minha atual situação mostra que falhei miseravelmente.

— Tem alguma coisa para me falar? Aliás, algum de vocês dois têm? — Estamos Miguel e eu na sua frente, como dois filhotes de cachorro em busca de atenção quando ela demonstra não está com a menor paciência para nós dois.

— Eu preciso falar com você, a sós. — Viro-me para Miguel e ele nem se mexe. Está mesmo a fim de se meter no meu caminho e foder com a minha vida. Nada diferente da irmã.

— Eu também preciso falar com ela já que você a expulsou antes do Henry ter tido a chance de abrir a boca sobre o que tem planejado para a edição.

— Eu posso falar com ela sobre isso — digo, resolutamente, decidido a não deixar que ele vença essa parada. Não pode chegar já querendo ocupar um espaço onde não lhe cabe.

Miguel, apesar de ter se formado junto com Henry, nunca se interessou pelos assuntos da revista e preferiu seguir o seu próprio e tortuoso caminho. Bem diferente da irmã que sempre se dedicou a empresa e inclusive, tornou-se o braço direito de Henry.

Além da questão com o trabalho, também não pode querer ocupar espaço — nenhum — na vida da Amanda. Não que isso se trate de uma disputa,

mas eu cheguei antes e, além de professor — queria poder esquecer —, eu também sou o seu primeiro e único amante. Isso tem que contar alguma coisa para ela, pois para mim vale muito. Algo que eu guardo com muito orgulho, não posso negar.

Saber que essa garota linda e com corpo tentador se entregou somente para mim, é como receber um prêmio sem merecer. Não fiz jus a ele, mas se pudesse, dedicaria com prazer minhas noites a relembrá-la o quão bom fomos juntos e agradecer o presente. Parece algo retrógrado dar tamanha importância a algo como a virgindade de uma mulher, ao fato de ser o primeiro dela e ainda assim, não posso sentir diferente disso.

Para ser sincero comigo mesmo, não existe nada relacionado a essa menina-mulher que eu tenha total controle. Sei que o sexo foi espetacular, mas tem de existir outra razão para tantos sentimentos e reações que ela exerce sobre mim.

Falta pouco para ter outra Laura na minha vida e isso é tudo o que eu não queria. Não permitirei que mulher nenhuma faça o que ela fez. Aprendi a lição da primeira vez e certamente não repetirei o mesmo erro.

— Como você vai falar se nem mesmo sabe o que Henry está planejando?

— Eu posso imaginar só de saber que você está envolvido, portanto, deixa que eu falo com ela.

— Se me derem licença... — Amanda vira-nos as costas e destrava a porta do carro. Eu sou mais rápido e volto a batê-la antes que entre.

— Eu tenho um assunto para tratar com você. — Sem que esteja me importando com o fato de Miguel está do nosso lado, aproximo meu corpo do seu, perigosamente perto e sem a menor culpa uso a atração que ela sente por mim — mesmo que não queira — em meu próprio benefício. — Por favor — digo, olhando nos seus olhos que agora estão perdidos nos meus, a boca está levemente aberta e quando fala, vejo que Miguel enfim entendeu o recado.

Não importa que eu tenha negado agora a pouco, a verdade do que existe entre mim e ela está sendo demonstrado agora e não será meia dúzia de palavras mais claro do que isso. Miguel é esperto e entendeu. Espero que de uma vez por todas e não se atreva a tentar nada com ela na porra dessa campanha.

— Vou deixar o casal a sós.

— Não... — Rapidamente Amanda desvia o olhar para Miguel, mas eu seguro o seu pulso. Mesmo assim, ela ainda tenta: — O que você queria falar?

— Deixa que o Saulo te explica. Ele parece bem ansioso para isso. — O homem já voltou ao seu modo habitual, joga uma piscadinha para Amanda

e a infeliz ousa corar. Na minha frente, tendo o corpo praticamente colocado ao meu, a porra da mulher cora pelo galanteio do Don Juan de araque.

Ainda ficamos os dois olhando Miguel sumir pelo estacionamento e depois sair com a sua moto. Por ser meio de tarde e meio de semana, o estacionamento do residencial está tranquilo e, fora Amanda e eu, não tem mais ninguém pelo local.

— Eu estou ficando cansada de você e dessa situação — diz e eu fico surpreso, pois não esperava ouvi-la falar dessa forma. Sei que mereço, mas não esperava. — Sua boca fala uma coisa e acaba fazendo outra. Você quer o quê? Acabar com a minha vida? *Me deixar* louca? — As mãos alvas e de unhas perfeitamente pintadas de vermelho vão para o meu peito. Ela tenta me empurrar para longe, mas não tem sucesso, considerando que eu levo as minhas mãos aos seus pulsos e os seguro, com a finalidade de mantê-las sobre mim. Tocando-me, mesmo que seja da maneira mais platônica possível.

Não suportando o impasse e nem o fato de estarmos andando em círculo, não tenho alternativa que não seja falar, abrir mais uma vez os meus sentimentos e desejos, assim como fiz mais cedo na sala de aula, mas parece ter sido há dias.

— Eu estou confuso — confesso.

— E eu estou cansada — volta a repetir. — Queria ter mais experiência para controlar as vontades do meu corpo, assim como pareço ter mais facilidade em controlar a minha mente que sabe de todos os motivos pelas quais devo odiar e me manter afastada de você.

— Seu corpo provavelmente deve sofrer do mesmo mal que o meu. Ele sofre a ausência, a saudade da vez em que foi plenamente satisfeito. Depois de você nada parece me satisfazer. É como se meu corpo tivesse encontrado o seu e decidido que ele é nosso dono.

— Eu te odeio por ficar falando essas coisas quando nós dois sabemos que não pode fazer nada a respeito e mesmo que pudesse, não faria porque eu não permitiria.

— Não fala assim... — peço, sem saber de onde o pedido veio.

Estou mesmo confuso com tudo que envolve Amanda Amorim e, em um único dia tudo que veio lentamente se arrastando desde as lembranças que pareciam sonho terminou de vir à tona, como um furacão que não pode ser contido.

— Te odeio por ter manchado o que tinha de ser bonito. Por me fazer querer quando não devia. — Seus olhos estão alagados, não escondendo o quão mexida está com tudo, — Principalmente, te odeio por me tratar da forma como fez agora a pouco e depois vir correndo para marcar território como se

fosse o meu dono.

— Princesa, a gente não pode... — digo ao soltar as suas mãos, levá-la até o seu rosto e com a ponta dos dedos, desenhar os seus lábios que morro por beijar.

Quando a ouço ofegar, me aproximo mais ainda, até que não exista a possibilidade nem do vento passar entre os nossos corpos, os nossos olhares se buscam e estou certo de que estou prestes a cometer um erro. Mas um erro na minha extensa lista com ela.



Saulo

Vista de perto — e de longe também —, a boca parece uma fruta fresca e succulenta. Vermelha, ainda contendo vestígios do batom que deve ter passado mais cedo. Para que eu consiga resistir a essa menina, creio que nós dois deveríamos estar em cidades, estados e quiçá, países diferentes. Esse é o nível do meu tesão pela loira gostosa.

Tão linda que na primeira vez em que a vi, me veio à mente o pensamento de nunca ter visto mulher mais linda do que ela. Mesmo que por causa da profissão tenha visto as mais belas mulheres do mundo, dos mais variados tipos, nenhuma me pareceu tão bonita quanto essa daqui que me olha com receio e desejo. Perto do meu, sinto as carnes do seu corpo trêmulas, assim como o meu está sedento pelo seu.

Tendo um mundo de impedimentos que nos afastam para longe um do outro, agora que a tenho mais uma vez ao alcance das minhas mãos, todos os motivos parecem ser bobagens — ainda que não seja — e só penso em como tirar a sua roupa do meio do caminho o mais rápido possível.

— Eu sei que não podemos. Eu também não quero....

— Diga mais, peça para que eu me afaste de você, por favor! Peça e entre nesse carro. — Por um fio, ainda uso o pouco bom senso para dar-lhe a chance de escolha.

— Eu não posso fazer isso. — Por fazer isso, ela se refere a não poder entrar no carro e se afastar, concluo, já que não move um músculo sequer para longe do perigo que é estarmos tão juntos, sedentos de vontade, como se fôssemos imãs que se atraem. — Eu não... — A loira não consegue terminar a

frase, a respiração está acelerada e as minhas mãos não resistem a enlaçar a sua cintura fina, passar pelas costas que se arqueiam contra a minha mão e esmagando o seus seios médios e deliciosos — pelo que me lembro — contra o meu peito.

— Você sabe que é um erro, não sabe? Que não podemos... — Antes que eu possa terminar, ela me silencia ao tocar de leve os lábios contra os meus. Permanecemos os dois de olhos abertos, medindo um a reação um do outro e como nenhum parece disposto a agir com a cabeça, ela faz a jogada final:

— Sei que não podemos ter nada e nem é isso que eu quero. Não de você — diz com firmeza e sua afirmativa mexe com algo dentro de mim, nada que seja parecido com o alívio que deveria, mas não sinto. — Muitas coisas aconteceram e não podemos mudar os fatos e nem quem somos...

— Somente hoje — falo sem muito pensar, guiado pelo medo do resto da sua frase. Nem que seja para tirá-la da minha pele, eu preciso ter essa mulher mais uma vez nos meus braços. Não posso mais pensar em todos os contras, não hoje. — Se você quiser. Se não quiser, vá embora e esqueça que te propus isso. Ainda teremos que nos ver na sala de aula e algumas vezes por causa do trabalho na revista, se você aceitar é claro.

— Eu preciso conversar com o Henry, porque não estou entendendo nada.

— Isso é culpa minha que não deixei eles falarem. Estava irritado demais para isso — confesso, estando o mais próximo possível de um pedido de desculpas.

— Pela minha presença? — indaga, deixando evidente sua natureza tímida e certa insegurança com a pergunta.

— Principalmente por causa do Miguel. *Me incomodou* a forma como ele olhava para você. — Outra vez falo mais do que deveria.

— Eu quero ficar com você hoje. — Sua resposta não deixa de me surpreender, apesar de estar esperando por ela e também é curioso o fato de a Amanda ter preferido não comentar a minha confissão de que estava com ciúme dela, mesmo tendo negado quando Miguel acusou. — Talvez dessa forma a gente consiga seguir em frente, depois de repetir a performance e ver que nem foi tão bom como as lembranças sugerem. — Enquanto fala, as mãos dela passam para as minhas costas e quando as unhas vermelhas ficam no altura dos ombros, chego a sentir uma tontura pelo súbito aumento do meu desejo.

A garota olha de forma disfarçada para baixo e quando volta a levantar a cabeça, a pele do pescoço e rosto, antes brancas, estão mais vermelhas ainda, o que me deixa excitado além da razão. Vê-la assim me faz fantasiar com o momento em que estiver por cima dela, investindo contra o seu sexo, para

descobrir se toda essa timidez aparecerá quando ao seu ouvido eu falar todas as sacanagens que penso fazer entre quatro paredes com ela.

— Talvez a gente descubra que não foi tão bom quanto a minha mente prega. Para mim, ela diz que foi o melhor sexo da minha vida. A mulher mais gostosa que já tive na minha cama. Será que foi tudo isso mesmo, Loirinha? — provoco ao assoprar o seu pescoço, fingindo que com isso quero amenizar a vermelhidão na sua pele quando na verdade desejo tê-la arrepiada, como vejo agora: molhada e toda molinha nos meus braços.

— Não fale daquela noite — pede, deixando claro que dei um passo mal calculado. Ela tem toda razão em não querer mencionar o dia em que me entregou a sua virgindade, considerando que, por mais que tenha sido bom, no final estraguei tudo ao falar a pior coisa que uma mulher poderia ouvir.

Esse é um erro que por mais que tente, jamais conseguirei remediar por completo. O que posso é fazê-la entender que é com ela que estarei a todo o momento, que é o seu corpo que estarei tocando e que é o seu rosto que estarei vendo quando outra vez, nem que seja pela última vez, for minha.

Mesmo que não haja mais espaço para falar sobre o assunto, sei que sempre foi ela, desde a primeira vez, antes do álcool embaçar a minha mente no final. Foi o seu rosto e o seu corpo a aparecerem nos meus sonhos. Foi o seu corpo que eu desejei quando estive com outras, sóbrio o suficiente para não cometer um mesmo erro.

— Perdão — peço e prometo. — Você é tudo o que eu desejo em alguém, agora estou dizendo e hoje quero provar que é em você que os meus pensamentos estarão, a todo o momento, pois não poderia ser diferente, não quando você não sai na minha cabeça, menina. — A última parte é dita baixinho ao seu ouvido e na sua cintura, os meus braços a abraçam com mais vontade, já que ela parece estar sem forças nas pernas.

Amanda ainda é muito inexperiente e o fato de não conseguir disfarçar as reações do seu corpo me torna ainda mais excitado.

Quando as minhas mãos continuam a viagem até a sua bunda mal coberta pelo short curto, Amanda levanta a perna esquerda e passa o tornozelo pela minha panturrilha. Vendo que ela está ousando mais, aproveito para testar os seus limites e levo a mão até a sua coxa. Puxo a sua perna um pouco mais para cima, e assim estamos como eu queria e como ela também queria, mesmo que sua cabeça tenho tentado negar.

Meu erro — grave — pode ter arruinado as minhas chances com ela, mesmo que não fosse o atual impedimento, mas, ele certamente não conseguiu apagar a lembrança que os nossos corpos têm e nem do fato de eles se buscarem sempre que estão perto.

— Eu estou tão excitado que sou capaz de gozar só por estar sentindo o seu cheiro, a pele encostada na minha — revelo, minha boca beijando o canto da sua, em seguida passando a ponta da língua por entre os seus lábios que se afastam minimamente para senti-la.

Para que consiga mantê-la equilibrada, considerando a sua perna enrolada quase na altura do meu quadril, resolvo a questão ao unir o necessário ao prazeroso e acabo pedindo:

— Segure firme. — Sem questionar, ela leva as mãos para os meus ombros e os agarra com firmeza.

Pressionando as suas costas contra o veículo pequeno, trago a sua outra perna para cima e agora tenho as suas enroladas na minha cintura. Sim, estou com ela onde desejei que estivesse e não posso negar isso. Em posição tão íntima, Amanda e eu não conseguimos fugir por muito tempo do inevitável.

Nos seus olhos vejo que além do desejo, existe algo a mais escondido, assim como no meu deve existir. Sabemos que amanhã ela se arrependerá por transar mais uma vez comigo, assim como eu mesmo relembrei os motivos pelas quais não deveríamos estar juntos e a um passo de complicar o que já não parece nada fácil.

Vai acontecer. Eu quero que aconteça e pelo seu olhar e o esfregar do sexo contra o meu pau, sei que também quer — e muito — esse desfecho.

O impacto dos seus olhos verdes como pedras de esmeraldas e que de mim nada podem esconder, fazem com que o meu rosto se aproxime o máximo possível do seu e minha boca toque a sua.

— Eu quero muito você — digo, sentindo-a amolecer dos meus braços, mas da sua boca nada sai. — Muito mesmo. *Me desculpa* pelas coisas que disse na frente dos nossos amigos. A minha intenção não é magoar você mais do que já fiz. Eu só não estou sabendo lidar muito bem com a nossa situação. Sei que isso não justifica, mas eu vou tentar não te magoar mais e se acontecer, sinta-se à vontade para chutar a minha bunda — peço com sinceridade, lembrando-me da alerta que Clara deu.

Eu tenho que dar um basta nas minhas reações exageradas com tudo que diz respeito a ela e a possessividade fora de propósito, pois, apesar de tudo, não sou um babaca completo e não quero ultrapassar limites com ela, não a ponto de afastá-la de mim mais magoada do que já esteve quando nos conhecemos.

Amanda apenas ouviu o que falei e apesar de sua alma ser transparente pelo olhar, não tenho certeza do que o seu lado racional espera de verdade e isso incomoda o meu lado que quer ter tudo sob controle no passo que estamos prestes a dar. Amanda simplesmente inicia o beijo que tem o poder de

me nocautear.

Em plena tarde e dia de semana, Amanda e eu nos encontramos no meio de um estacionamento. Depois de tudo o que foi dito, pensando e até mesmo decido na minha cabeça e tenho certeza de que na dela também, aqui estamos nós: ela escorada no próprio carro e eu na sua frente, o corpo tão junto, em uma sensação tão boa que é impossível não pensar no quanto seria bom ter muito disso por dias a fio, sem tempo para acabar.

Ainda que não queira pensar ou envolver sentimentos na equação, estou muito consciente da química explosiva que existe entre mim e a loira. Se não fossem os empecilhos interpostos no meio do caminho, eu faria tudo que estivesse ao meu alcance para que ela aceitasse ficar comigo, para que me desse a chance de amenizar o meu erro com ela. Amanda tem tudo o que me atrai em uma mulher, é uma pena as coisas serem como são.

Após a superficialidade onde os lábios se degustam sem malícia, aumento o contato ao usar a língua para aprofundar o toque das nossas bocas, assim como gostaria de estar com os nossos corpos. Mesmo sabendo que ela não tem experiência nem mesmo quando o assunto são beijos, sinto-me envaidecido por perceber o seu entusiasmo e o quão rápido ela aprendeu.

Quando o assunto é sexo, a Loirinha parece deixar de lado a timidez e isso é muito excitante para o homem que aprecia a sua timidez, mas que também tem lembranças do quanto é desinibida e entregue na hora do sexo.

Amanda corresponde ao meu beijo com a mesma perícia de quem tem vasta experiência e isso me deixa fodido a níveis estratosféricos, pois o risco de viciar nessa menina é tão grande que nem sei como frear esse trem desgovernado vindo na minha direção.

— Você beija bem para caralho, garota. — Enquanto falo, tento chegar mais perto do seu corpo, o que não é possível, pois se eu lhe apertar ainda mais contra o carro, é capaz de ela atravessá-lo. As pernas desnudas e macias estão apertadas na minha cintura e os braços enlaçando o meu pescoço. — Onde aprendeu? — provoco, trêmulo e torcendo para não gozar na calça quando as unhas afiadas passam pela minha nuca.

A garota é uma feiticeira e não posso pensar em mais nada que não seja no quanto estou fodido com esse tesão que ela desperta em mim.

— Tive um ótimo professor, não sei se você o conhece — devolve, voltando a se esfregar e eu faço o mesmo, achando praticamente impossível me segurar até chegar a um lugar mais reservado e certamente mais confortável do que estar em pé em um estacionamento, onde alguém possa nos ver.

— Professor é? *Me fale dele.* — Decido ir além, pois se o fato me incomoda em situações normais, estou percebendo que na hora do sexo ser o seu

professor será apenas um bônus a tornar tudo ainda mais excitante.

Não sei que tipo de doente sou, mas já imagino ela me provocando com isso quando estivermos no auge do prazer, na iminência de gozar como loucos.

— Professor Bitencourt. O carrasco da galera — a menina fala bem baixinho, perto do meu ouvido e quando termina com uma mordida no lóbulo da minha orelha, seguro o seu rosto com as duas mãos e nele não existe nem a sombra da sua timidez. Nem mesmo corada ela está.

— Você é muito safada, não é? — digo e aí sim, Amanda cora, de uma maneira que me deixa louco por ela.

Difícil mesmo é decidir algo nela que não me deixa fascinado. Da mesma forma com aconteceu com...

Não, porra! Agora, não!

— Só depois que te conheci — diz.

— Deveria me sentir culpado?

— *Me diz você...* — a gostosa devolve e espero que ela saiba que eu não mascaro a verdade e lide com as repostas que tenho para as suas perguntas.

— O que sinto é tesão, loira. Fico duro só de saber que fui o responsável por você ter se tornado essa garota safada que até pouco tempo era virgem e agora está louca para transar em um estacionamento, onde a qualquer momento alguém pode passar e nos ver.

— Achei que o professor carrasco fosse mais sério, cheguei a temer ele. — Enquanto Amanda fala, os bicos duros dos seus seios estão apertados contra mim e no momento, a minha boca está salivando por chupá-los, brincar com os mamilos que pelas minhas lembranças e dezenas de sonhos eróticos, são clarinhos, assim como toda ela.

A pele é salpicada por algumas sardas e elas existem em lugares estratégicos que somente um amante poderá apreciar. Amanda é uma deusa da beleza e parece não se dar conta disso.

— Você saberá, linda. Quando eu estiver metendo forte na sua boceta apertada e chupando os seus seios deliciosos, verá o quanto posso ser carrasco.

— Quero que faça isso agora, nos meus seios. — Aponta e é difícil acreditar na sua ousadia.

— Vamos para um hotel ou então para a minha casa — proponho, a parte da casa foi involuntária, considerando que sempre parei na parte do hotel e nunca fui de chamar mulheres para o meu quarto, nem mesmo quando achei que estava apaixonado.

Meu quarto é como meu santuário e por um momento não me

importei de apresentá-lo para Amanda, a Loirinha tímida e também safada nas horas vagas.

— Aqui, Saulo, não aguento mais isso...

Eu até poderia ser o cara responsável, algo que se espera de um homem com mais de 30 anos, mas fica impossível quando ela está fazendo um biquinho sexy com os lábios vermelhos pelo beijo duro de agora a pouco.

Sem responder, tomo a sua boca em mais um beijo ganancioso que ela corresponde à altura. Enquanto fodemos com os lábios, minhas mãos vão até a barra da sua blusa e a sobe até que o sutiã esteja descoberto. Quando com muito custo solto a boca macia, meus olhos fazem o caminho para a perdição onde sou premiado com seios perfeitos. O tecido fino da peça íntima de cor clara deixa os bicos duros em evidência e não posso resistir a liberar as duas belezas para as minhas mãos e boca.

Sob o seu olhar escurecido de tão dilatadas que as suas pupilas estão, abaixo a minha cabeça à altura dos seus seios e esfomeado, tomo entre os lábios o seu seio esquerdo. Com a boca, brinco com o mamilo entre chupadas e mordidas, com a mão direita dou atenção ao outro, enquanto a esquerda aperta a bunda deliciosa contra a minha ereção.

Faço movimentos circulares, estamos fodendo a seco e posso sentir qual é a sensação de estar no paraíso. Ou será que seria no inferno? O inferno talvez, considerando a onda de calor que estamos produzindo.

— *Me fala as razões que tornam a minha vontade de te comer aqui e agora uma péssima ideia* — peço com a voz abafada, sem conseguir tirar a cara do meio dos seus seios perfumados.

Será que ela joga perfume neles?

— Por isso... — Quando fala, está um pouco tensa, as pernas já não estão mais tão apertadas na minha cintura e então uma voz faz com que eu levante a cabeça e abandone meu paraíso particular.

— Boa tarde — cumprimenta-nos.

Entregues



Amanda

Meus seios estão de fora, a minha barriga a mostra e estou trepada em cima de um homem enquanto tenho o corpo apoiado na lateral do meu carro. Imagino que os meus lábios estão vermelhos tanto quanto os sinto latejar pela maneira dura como Saulo os beijou. É essa cena deprimente e até pornográfica que o casal de idosos presencia no momento.

A timidez e o pudor que não tive até ser pega enfim de apresenta e a minha vontade é de cavar um buraco com as próprias mãos e enfiar a minha cabeça dentro dele.

Pobres idosos! Eu aposto que nunca tiveram de passar por uma situação como essa, de chegar em casa e encontrar um casal quase fazendo sexo no estacionamento. Não quero nem imaginar o trauma que posso estar causando em criaturas tão fofas.

Enquanto mortificada penso no ocorrido, dou-me conta de que Saulo está — de maneira desajeitada — colocando os meus seios novamente dentro do sutiã e apesar de tudo, o atrito da carne sensível contra o tecido causa arrepios e um aperto em parte específica da minha anatomia. Depois ele abaixa a minha blusa e quando volto a olhar dos idosos para o seu rosto, Saulo parece tão sem jeito quanto eu.

Quando ele joga uma piscadela que — não deveria — acho supersexy, entendo o seu recado. Desenrolo as pernas da cintura e também com o seu auxílio, lentamente volto a firmar os pés no chão. No processo, sinto a dureza da sua ereção e fica difícil conter o gemido de tesão. Desejo que me deixa culpada por estar constrangendo dois velhinhos que só queriam terminar de

chegar em paz na sua casa, imagino.

— Boa tarde — Ele e eu respondemos juntos, fingindo normalidade, quando na verdade ele está tão excitado que eu tive que me postar a sua frente, enquanto seus braços circulam a minha cintura. Tudo para que eles não vejam o seu pau esticando o jeans. Isso sim os assustaria.

— Eu pensei ter visto de tudo com aquele garoto da cobertura e a namorada que adoram ficar aos beijos pelos corredores do prédio, mas quase chegando às vias de fato em plena luz do dia, é a primeira vez. Eles estão em um estacionamento, meu velho. — Ouvindo outra pessoa falar, percebo o absurdo da situação em que estava prestes a nos meter, pautados pelo desejo do momento.

Quanto a isso, Saulo nem tem responsabilidade, já que fui eu a pedir para que ele subisse a minha blusa e tocasse os meus seios. Não pensei que fosse ter coragem de pedir, mas quando senti os meus seios pesados e bem mais acessíveis do que ter de tirar o short, não pude resistir.

Não resisti e aqui estamos, traumatizando o casal fofo de idosos que não escondem o amor pelo outro e nem os anos de vida juntos. Suas mãos estão dadas, um apoiando o peso do corpo já fraco pelos anos no outro.

— É, dessa vez eles passaram dos limites. Sempre achei que você implica com os beijoqueiros da cobertura, mas esses dois estão passando vergonha.

— Desculpem, senhores. Nós acabamos de nos casar e a minha esposa está um pouco animada para a noite de núpcias, apesar de ainda ser dia. — Involuntariamente, meu cotovelo vai direto para as costelas do imbecil que aproveita para apertar o agarre na minha cintura e roçar a ereção ainda muito desperta na minha bunda.

Enquanto estou mortificada, ele está se divertindo. Está porque não é ele quem frequenta esse prédio com certa assiduidade e correrá o risco de esbarrar com o casal vez ou outra.

— Vão procurar um quarto, meus jovens — a mulher diz. — Vem, meu velho, deixa esses desavergonhados aí. — Ela não espera por resposta, vira as costas e vai embora de mãos dadas com o seu marido.

Assim que eles somem das nossas vistas, desvencilho-me dos braços do Saulo e o olho estarecida. Ele ainda está se divertindo e eu só penso na estranheza que foi ser pega por esses dois. Eles não deveriam estar passeando pelo estacionamento. Deveriam?

Bom, Saulo e eu também não deveríamos estar a ponto de transar no estacionamento, então, acho que estamos quites.

— Você está mais vermelha do que um tomate maduro, menina. — Ele me agarra novamente pela cintura, puxa meu corpo para o seu e assopra o

meu pescoço e depois o rosto.

— E você é muito cara de pau por não ter se envergonhado nem por um segundo. Eles me pegaram com os seios de fora, sendo chupados — relembro. — Deus! Que vergonha.

— Belos seios, Loirinha. — Ele realmente não está levando a situação a sério. — Deliciosos seios! — A boca vai para o meu pescoço e eu já começo a perder novamente o controle e o rumo dos meus pensamentos. — Pensa que tem gente que passa mais vergonha do que nós dois e com certeza, com muito mais frequência.

— Do que está falando?

— Não percebeu que eles estavam falando da Clara e do Henry? — Eu realmente não tinha pensado na possibilidade, mas agora que ele mencionou, não consigo imaginar sendo outras pessoas além do casal indecente. Não tanto quanto eu e o professor safado, já que ela certamente não foi pega com os seios sendo devorados.

— Poxa! *Me sinto* até melhor!

— Eu me sinto cheio de tesão. Vamos embora daqui, loira. Se você não tiver mudado de ideia, eu quero ir para um lugar mais reservado, onde poderei dar vazão a esse desejo que me persegue.

— Vamos — chamo, tomando a decisão que na verdade já estava tomada.

— Para a minha casa? — propõe e me causa surpresa.

— Não, prefiro ir para um hotel — digo e agora é ele quem não esconde a surpresa, apesar de não deixar transparecer o que passa pela sua cabeça.

A verdade é que Saulo e eu estamos no meio de uma confusão, onde se quer o que não se deve e, embora saiba que não poderei resistir a essa atração irrefreável, sei também que isso jamais daria certo. Hoje, assim como ele, só quero reviver o momento e tirá-lo pelo menos um pouco da minha pele. Tentar tirar essa fixação e almejar o dia em que o encontrei e não mais sentirei as minhas pernas bambas, o coração acelerado e a imensa vontade de tê-lo para mim.

Tentar apagar de minha mente a doentia vontade de vê-lo dedicar a mim o mesmo sentimento que imagino que nutre pela tal Laura, a mulher que, de uma forma ou de outra, está sempre por perto, já que trabalha junto com ele. Não foi muito difícil chegar à conclusão de que a amiga antipática do Henry que Clara tanto se queixava, é a mesma Laura do Saulo. Além de tudo, é também irmã do Miguel, uma mulher que de longe vi somente uma vez, mas lembro de achá-la muito bonita. Não é de se admirar alguém ser fascinado por ela, como

penso que ele é ou foi.

— Tudo o que você quiser, linda. Vamos? — Por um momento ficamos nos olhando, olhares que falam mais do que palavras. É como se eles soubessem que não temos como voltar atrás, os nossos corpos escolheram por nós.

Quando Saulo desfaz o seu abraço, ele estende a sua mão na direção da minha e sem pestanejar, entrelaça os nossos dedos.

Sem que tenha sido preciso discutir, ele me leva para o outro lado do estacionamento onde está o seu carro. O caminho até o hotel mais próximo é feito em silêncio, não nos atrevemos abrir a boca ou olhar para os lados. Na recepção do 5 estrelas, é Saulo quem cuida de tudo e é constrangedor olhar para a cara da recepcionista quando ela sabe exatamente o que estamos vindo fazer no meio da tarde. Não a julgo, pois pensaria o mesmo, caso trabalhasse em um hotel e aparecesse um casal sem bagagem e pedindo um quarto.

Ela tem cara de quem está pensando que ele é um homem casado e eu sou a amante mais jovem que tirou um tempinho para satisfazer o amante rico.

Assim que a porta é aberta e o moreno de barba por fazer passa a chave e nos tranca do lado de dentro, mal tenho tempo de olhar para o lugar quando ele me empurra contra a porta, esmaga o corpo bem mais alto e forte contra o meu e depois de tirar a própria camisa e enrolar as minhas pernas na sua cintura, diz:

— Finalmente, minha Loirinha! — Meu coração acelera a batida, um arrepio toma todo o meu corpo e então entendo que conseguirei o que vinha querendo por muito tempo.

Era raiva e mágoa misturada com desejo. O querer repelir com a vontade de estar tão perto quanto possível. Então me vejo tendo exatamente o que busquei e sem pensar nas consequências. No momento nada importa, apenas pertencer a ele e fantasiar que ele me pertence.

Meu!

Saulo

Mais uma vez a tenho nos meus braços e estando aqui, a fome é tanta que não sei por onde começar. Estou inebriado de tesão pelo cheiro do seu perfume, do seu desejo e se não me acalmar, corro o risco de colocar o carro na

frente dos bois e terminar rápido demais.

Eu não quero que termine rápido demais, pois, se temos apenas o momento, quero vivê-lo intensamente com ela, exigir respostas do seu corpo para o meu por horas e horas, até que o fôlego esteja nos faltando e não consigamos andar com firmeza.

— Você tem certeza? — pergunto e nem sei por quê, pois se não for com palavras, as suas pernas em volta da minha cintura dão a resposta por ela.

— Você pensa demais — fala e ataca a minha boca com a sua deliciosa e macia.

Enquanto nos devoramos com ganância, a nossa respiração é ouvida pelo ambiente, assim como o som de salivas sendo trocadas com avidez. Não posso controlar as minhas vontades e levo as mãos até a sua bunda, afasto-a da porta e volto a esfregar sua boceta contra o meu pau. Amanda está tão excitada que o calor do seu sexo é transmitido através do short curto e só penso em livrá-la das roupas que fazem barreiras entre os nossos corpos e fodê-la com força.

Essa garota está no meu sangue. Por baixo da minha pele e não existe outra forma de amenizar essa frustração do que tê-la tantas vezes quantas forem necessárias. Creio que se ela estiver com pelo menos metade da vontade que tenho, esse dia parecerá curto demais.

—Loira... — Com bastante dificuldade, solto os seus lábios e o faço apenas porque preciso frear a rapidez com que as coisas estão acontecendo entre nós. — Não faz assim... — peço, quando na verdade nada faço para pará-la, pelo contrário, se em cima do meu colo ela se esfrega como pode, eu também estou agarrado a sua bunda, ajudando-a no processo de foder a seco. — Eu quero que você tire a roupa para mim. Eu quero te ver por inteiro — peço, ela afasta a cabeça para me olhar melhor e então, a timidez aparece.

— Eu não vou fazer isso. — É a sua primeira reação, além do rosto cor tomate maduro.

— Tudo bem, vai transar de roupa? — brinco, na tentativa de descontraí-la. — Poderíamos fazer com as luzes apagadas, bem à moda antiga, mas eu acho que ainda está longe de escurecer e não estou disposto a esperar anoitecer para te comer, Chapeuzinho. — Vou além e então ela sorri, numa mistura de excitação e acanhamento, o que me deixa fascinado por cada uma das suas nuances.

— Não sabia que você era tão engraçadinho, professor. — É petulante e eu me felicito por ter conseguido quando ela pede: — *Me coloca* no chão.

Não digo nada, apenas faço o que me pede e a solto. Ela me vira as costas, dá alguns passos para longe de mim e, quando se volta, a loira gostosa

parece ter se transformado em outra mulher. A postura é diferente e até o seu olhar mudou.

— Tira você primeiro — pede, contrapondo o meu pedido.

Entendo que nesse momento, Amanda quer e tem necessidade de estar no controle e eu, como não vejo nenhum problema com isso e sei que ela tem as suas razões, encaro a questão sem nenhum problema. Sem deixar de olhar nos seus olhos, abro os dois botões da minha camisa e em seguida, lentamente, como fazem os gogoboy, termino de tirá-la pelos braços e pescoço.

Como sou um homem que gosta de se cuidar, faço minhas corridas matinais e apesar do tempo corrido, sei que estou em ótima forma. Amanda não pode disfarçar o quanto está apreciando olhar e admirar o meu abdômen. Eu que — diferente dela — nunca fui tímido, adoro a forma como ela me fita. Quero que não esqueça jamais do homem que foi o seu primeiro. Quem lhe ensinará tudo sobre o prazer em sua forma mais crua.

— Gosta do que vê? — provoco, fazendo com que saia do transe em que estava metida.

— Você é uma pintura e sabe disso, grande fotógrafo. Agora quero que tire a calça e os sapatos — instrui. Com mais presa do que tive com a camisa, arranco calça e sapatos de qualquer jeito e os jogo longe.

Quando estou a ponto de me livrar da cueca boxer sou interrompido pela gostosa, que pede:

— Não a tira, por favor. — Lentamente e aos meus olhos, com passos de tartaruga, vejo-a como um presente — que não mereço — vindo para perto de mim. Próxima, ela abaixa a cabeça e beija na altura do meu peito esquerdo e depois dá uma leve mordida no mamilo do lado direito do meu peito.

O seu gesto sedutor só não me deixa mais excitado do que já estou porque não tem como isso ser possível.

— É a sua vez, Loirinha. Eu estou morrendo aqui... — praticamente implorando, sinto a ponta dos seus dedos sondarem o cóis da minha boxer e como quem não quer nada, a mão macia resvala no meu cumprimento, mas faz questão de não o tocar da forma como eu quero.

Agora não quero provocações e sutilezas, necessito que o acaricie com força, que o leve para dentro da sua boca. O coitado está carente de atenção aqui, do tipo que só ela pode dar e parece não querer fazer. Não por enquanto.

— Você merecia nunca mais colocar as mãos ou qualquer outra parte sua sobre o meu corpo. — Ao falar, Amanda, deliciosa, fica na ponta dos pés, puxa minha cabeça para baixo, até eu ficar com a orelha na altura da sua boca e diz: — Tocaré porque eu sou uma tola que sentia falta das suas mãos, boca e disso aqui. — Agora sim ela pega onde eu queria e as mãos passeiam da

base até a ponta do meu membro coberto pela cueca. — Não se sinta especial, pois na minha mente, além da parte boa daquela noite, ainda está mais nítido ainda o momento em que você me machucou além do que eu poderia lidar naquela ocasião.

— Loira, por favor... — Ainda tento segurá-la, mas ao invés de querer falar sobre o meu erro, ela simplesmente se afasta e começa a tirar a própria roupa.

Na hora que a vejo descer a parte de cima da vestimenta pelos e depois o sutiã, liberando os seus belos seios para a minha visão, qualquer outro assunto foge da minha mente. Não ficou nada que não seja o querer tocá-la de todas as formas imagináveis.

Também não tenho tempo de admirar os gêmeos pontudos, pois Amanda logo abre o botão e o zíper do jeans, em seguida o descendo pelas pernas. Quando ela o chuta para longe, chego a estar trêmulo com a visão da pequena calcinha que tem o tecido tão fino quanto o do sutiã com quem faz par. O tom rosa claro deixa em evidência o quanto está úmida por mim e tenho que fazer força para partir para cima dela como um animal louco para devorar a sua presa.

Na minha frente tenho a mulher perfeita. Nada está demais ou fora o lugar. Os longos e macios cabelos loiros convidam os meus dedos a tocá-los. No rosto tem enormes e expressivos olhos verdes e uma boca quase em formato de coração que, fazendo conjunto com o resto, torna seu rosto quase angelical, nada diferente da personalidade tímida na maioria das ocasiões. Diferente só é quando está fazendo sexo comigo. Nessa hora ela se torna uma mulher desinibida e sem pudores, diria que feita para mim.

— Gosta do que vê? — devolve com a mesma pergunta que havia lhe feito.

— Gostosa do caralho! — falo entredentes, mal conseguindo respirar e sentindo que o mesmo acontece com ela.

Nada mais precisa ser dito e, depois de alguns segundos nos encarando, nos jogamos nos braços um do outro e voltamos a nos beijar, só que dessa vez com o triplo da paixão e desespero de antes.

Não custa nada e eu a pego nos meus braços e a levo para a cama, uma espaçosa e muito parecida com a lembrança que tenho da nossa primeira transa.

— Desculpa — peço, imaginando que não a joguei com o devido cuidado sobre o colchão.

— Cala a boca, eu não sou de porcelana — reclama, mas não deixa de me agarrar com braços e pernas.

— Você só é muito boa. A melhor! — Beijo seu pescoço e todas as partes do seu rosto, terminando na sua boca.

Estando nós dois atracados sobre a cama, ela de costas e eu em cima, tomando cuidado para não colocar tanto peso em seu corpo bem menor, o beijo se prolonga por muito tempo, até que ela o interrompe, apenas para pedir:

— Eu preciso de você, agora, Saulo... — fala e é tudo o que precisava ouvir, pois não aguento mais um segundo sem estar inteiro dentro dela.

— Eu tenho que comer você, minha loira. Neste momento — digo ao puxar a calcinha por entre as suas pernas e fechar o tecido entre os meus dedos. — Só precisamos de preservativo. — Amanda apenas balança a cabeça quando salto da cama e migro para o banheiro, rezando para ter abastecimento de preservativo ou então acabarei com a nossa festa.

Eu certamente não fui para a revista com a intenção de fazer sexo com alguém e por isso não tenho nenhum comigo no momento. Para minha sorte e alegria do meu pau, em uma das gavetas existe uma caixa já aberta e de lá eu pego uma tira que contém 5 camisinhas. Abro um com o dente e antes de voltar para a gostosa, tiro a cueca, o coloco no meu membro e não saio sem antes pegar os outros 4.

No quarto a encontro na mesma posição, olhando para o teto e meus olhos vão direto para o sexo que está lisinho e molhado para mim.

Subo sobre a cama, puxo-a para cima de mim, dizendo com isso que se quiser, ainda está no controle.

— Faça do seu jeito. *Me toma* da maneira que você quiser... — Com agilidade, volto a inverter as nossas posições e novamente estou em cima dela e ela embaixo de mim. Amanda é uma perfeita submissa na hora do sexo, o que a torna ainda mais parecida com a mulher que eu poderia amar, se ainda soubesse como fazer isso. Se pudesse fazer e se não existisse um mundo de coisas para nos afastar. — Só preciso...

— É disso que você precisa, linda? — Primeiro pincelo a cabeça do meu pau no seu sexo, testando se está pronta para me receber. Depois, entro vagarosamente e a cada centímetro que ela recebe, mas fundo as suas unhas fincam nas minhas costas. — Isso... Eu preciso que você não se mova por enquanto. — instruo, pois sei que sou grande para ela que está há meses sem transar e quando o fez, ainda era virgem.

— Mais, eu quero mais! — Seu pedido me incita a ir mais fundo e a cada estocada, mais fundo entro. Faço até estar por inteiro dentro dela. Com os cotovelos sustentado o peso dos meus membros superiores, peço: — Olhe para mim, Amanda. Não os feche nunca. — A garota faz como peço e então eu a penetro, sem nunca desviar os nossos olhares.

O vai e vem é cadenciado, as suas unhas deixam marcas nas minhas costas e a ardência somente aumenta o nível da minha excitação. O rosto dela é todo prazer, os olhos lutam para manter o foco nos meus e só posso pensar que ela é o melhor sexo que já tive.

Enquanto continuo investindo contra ela, em um ritmo mais acelerado e que requer uma gama maior de fôlego e disposição, sinto que tudo aqui envolve muito mais do que corpos se batendo, tem também algo emocional e então sei que temos uma ligação que não me permite analisar no momento e talvez nunca permita.

— Eu desejei tanto fazer isso novamente... — Meto com mais força e o seu corpo solavanca. — Não feche os olhos, loira! — peço e entre arremetidas e ofegar, continuo: — Meses e meses achando que estava tendo apenas sonhos eróticos e acordando frustrado. Depois de você, tudo pareceu sem graça, pois parece controlar os desejos do meu corpo, sua feiticeira.

— O seu castigo por ser babaca — diz, toda suada e corada.

— Você é muito gostosa e eu quero passar o dia te comendo. — Com algo em mente, desacelero os meus movimentos e ela protesta.

— Mais rápido, carrasco. Eu preciso gozar. — Seu protesto vem acompanhado de um arranhar de fora a fora nas minhas costas, e se agora estou para urrar de prazer, sei que amanhã elas estarão ardendo e em carne viva.

— Você sabia que eu posso ficar mais algumas horas aqui? — Para deixá-la ainda mais louca, enrolo as pernas macias no meu quadril, o que torna as penetrações mais profundas e ainda mais lentas.

— Faça de uma vez. — Agressiva, ela segura na parte de trás do meu cabelo e o puxa fortemente na sua direção, deixando os nossos rostos bem próximos. — Eu quero gozar. — Tenta levar a mão até o clitóris para tocá-lo, mas eu sou mais rápido e seguro as suas mãos na altura da cabeça.

— Faça você gozar em um minuto se você prometer que passará o resto da tarde comigo e a noite também. — Essa é a minha ideia: coagir a mulher a ficar comigo por mais um tempinho. Tudo porque quero prolongar o inevitável.

— Eu não vou dormir com você! — *Se nega*, mas não para de tentar me puxar para dentro da sua boceta.

— Também não vai gozar. — Estou saindo aos poucos do seu calor quando ela faz o que esperava.

— Estábom, desgraçado, eu durmo com você. Agora faz a porra do seu serviço. — A alegria é tanta que — sem cuidado — me afundo de uma vez por inteiro e o grito que ela soltou certamente será ouvido do outro lado continente.

— ASSIM! Mais forte, Saulo. — Arremeto com força e rapidez, já suando e com o corpo trêmulo.

— É assim que você quer, Loirinha gostosa? Então toma, pega tudo para você. — Solto as suas duas mãos, levo a minha até o seu clitóris e o manipulo em conjunto com mais uma, duas, três... estocadas.

Quando a Loirinha alcança o seu clímax, ele é tão intenso que não preciso de mais nada, além de ver todas as emoções passarem pelo seu rosto, para também gozar. Enquanto o faço, a intensidade faz com que o meu corpo desabe sobre o seu e bem perto da sua orelha, com a respiração aos trancos, clamo:

— Amanda, porra! — Esporro no preservativo e parece que nunca vai acabar.

— Saulo... — Mais uma vez o chamado é acompanhado por arranhões e eu os aceito, pois agora estou disposto a querer tudo que venha dela, a garota dos meus sonhos eróticos, a que desde então tornou tudo pálido e sem graça.

Depois dela, mesmo quando ainda parecia sonho e agora, depois de reviver o melhor sexo da minha vida, vai ser difícil seguir adiante sem passar um dia sequer sem desejar estar com ela. Eu quis me enganar ao achar que somente mais uma prova ajudaria a tirá-la da minha mente e do meu sangue. Uma única transa e já estou viciado.

Contra todas as possibilidades e tudo que nos repele, não posso mais negar para mim mesmo que essa menina mexe comigo. Não sei classificar sentimentos e nem quero. A única certeza que tenho é a de que estou de quatro por Amanda Loirinha Gostosa Amorim.

— Foi muito bom... — diz contra o meu pescoço

O calor da respiração causa um novo arrepio de excitação.

— Amanda... — Mais uma vez chamo pelo seu nome, dessa vez sóbrio o suficiente para saber com quem estou. Sabendo a sorte que tenho de ter tido a oportunidade de tocar novamente o corpo da mulher dos meus sonhos — literalmente.

Marcas



Amanda

Amanda...

Nunca ouvir o meu próprio nome saindo da boca de outra pessoa foi tão importante. No meu ouvido, com o corpo forte e pesado sobre o meu, ele age da mesma forma como agiu na primeira vez em que ficamos juntos. A diferença está no fato de dessa vez ele ter chamado pelo nome certo, de ele saber que sou eu quem está na sua cama.

Dessa vez não está bêbado — não que eu soubesse do seu estado quando tirou a minha virgindade — e ainda assim, a diferença não foi tão diferente de antes, não quanto ao toque e a sua forma intensa de fazer sexo. Saulo prova mais uma vez ser um homem experiente que sabe exatamente como tocar e dar prazer para a parceira. É do tipo que se preocupa com dar e não só em receber prazer.

Pela quantidade de vezes em que estivemos juntos e tendo um flashback agora, está nítido que o homem nasceu para ser professor, não só de Literatura, mas também de sexo, caso ele tivesse precisando muito de dinheiro. Uma profissão digna, acredito, e que faria bem para muitas mulheres. Isso tudo funcionaria muito bem na teoria e enquanto meus pensamentos estão sendo guiados pela racionalidade. Se eu for pensar com a vagina — como sou acostumada a fazer quando esse moreno está por perto, nesse a minha mente grita:

Ferrada! Você está muito ferrada, Amanda Amorim!

— Amanda, está tudo bem com você?

Depois de terminar e levantar para descartar o preservativo no lixo

do banheiro, Saulo voltou para se deitar ao meu lado e está aparentemente a vontade com a sua nudez. O mesmo não acontece comigo que depois de toda a safadeza de agora a pouco, acredito não ter sido rápida o suficiente em pegar o lençol fino e cobrir o meu corpo.

Agora estamos os dois deitados de costas sobre a cama que caberia tranquilamente mais umas 4 pessoas. Faz alguns minutos que estamos em silêncio, cada um com os seus pensamentos. Essa é umas das — poucas — coisas que admiro no Saulo, ele sabe que nada entre nós é tão simples e, quando percebe que eu preciso de um tempo para pensar, ele simplesmente fica em silêncio e respeita. Não fica me pressionando para dizer o que ele quer ouvir.

Às vezes só preciso de espaço e tempo para pensar e colocar os meus pensamentos em ordem e com ele posso fazer isso, mesmo sendo a razão de eu ter essa necessidade de parar um pouco para pensar.

No momento penso que preciso ter muito cuidado, pois se antes estava vulnerável a Saulo, não sei como classificar o meu estado depois de ter reavivada na minha mente a lembrança do seu toque. Por outro lado, não se trata apenas de sexo, tudo a seu respeito — mesmo que eu não goste de suas atitudes no geral — me fascina. Amo que seja fotógrafo e que seja professor de Literatura.

Sim! Ele tinha que ser professor de Literatura, tudo o que eu mais amo na vida. Aos meus olhos isso é tão impressionante que se fosse outra a situação, poderia nos imaginar conversando sobre livros e os nossos autores favoritos. Se fôssemos namorados, o nosso lugar preferido certamente seria uma biblioteca.

Um casal de humanas como certeza seríamos.

Ah, Amanda! Por que você faz isso com você mesma? Sou obrigada a me perguntar assim que o pensamento me ocorre.

— Você não fala mais, Loirinha? — *Me assusto* quando sinto Saulo vindo para junto de mim e abraçando a minha cintura. — Cadê a sua voz? Foi o sexo que a fez ir embora?

— Estava pensando — revelo.

— Pelo que vejo no seu rosto, posso até imaginar que tipo de pagamentos eram. Você é insaciável?

— Não estava pensando em sacanagem — afirmo. Até estava, mas era do tipo que o faria correr e não se aconchegar no meu corpo.

— Eu não quero que pense, não aqui. Não hoje, gatinha. — O seu pedido me faz enxergar que realmente não é o momento.

Eu sei como isso termina e não sei como estarei quando acontecer, mas enquanto não acontece, tenho de aproveitar o momento. O depois deixarei

para pensar apenas quando chegar.

— Você malha? — Mudo completamente de assunto quando ele — ainda me abraçando — muda de posição deitando-se de lado, da mesma forma que eu estou. Ficamos de frente um para o outro e de pertinho, fico ainda mais tonta com a sua beleza.

— Não tenho tempo, apenas corro todos os dias bem cedo antes de ir para a universidade. Também faço alguns exercícios físicos enquanto ouço música ou algum *audiobook*. — A informação sobre o *audiobook* me faz ter vontade de esticar o assunto, mas eu prefiro me segurar, pois não quero mais munção contra mim quando amanhã cedo tudo acabar.

— Você é muito bonito, como devem ser os fotógrafos de sucesso e com certeza, como não são a maioria dos professores de Literatura — afirmo, pois mesmo a minha mente tendo decidido diferente, a minha língua foi mais rápida.

— E você com certeza não faz o tipo de quem faz curso de Letras e frequenta aulas de Literatura. Como fotógrafo, diria que pertence as passarelas. É tão linda e uma deusa na cama. — Enquanto ele fala, o meu corpo reage ao elogio e o coração... prefiro nem pensar. — Graças a mim que sou um bom professor. — Gaba-se e eu não posso resistir a fala quando o vejo tão irritantemente convencido.

— Você e depois todos os outros que vierem nos últimos 8 meses. — Assim que termino, entendo que não devia ter feito tal brincadeira.

Como um touro bravo e sem calcular os movimentos, vejo e sinto o momento em que o homem arranca o lençol que me cobria e cobre o meu corpo com o seu. Ágil, ele prende as minhas duas mãos na altura da minha cabeça e então, vejo uma versão sua inédita para mim. Ele está completamente perturbado e não posso crer que seja somente por ter ouvido que transei com outros depois dele.

É óbvio que estou mentindo, mas não seria nem razoável da parte dele querer ou esperar que eu tenha estado todo esse tempo sem alguém. Saulo não tem esse direito.

— Você está mentindo, Amanda! — afirma, mas na verdade quer que eu confirme. Ele não tem certeza e está morrendo por isso.

Eu? No momento estou me divertindo. *Me sinto* pelo menos um pouco vingada depois de ele ter chamado por outra enquanto estava comigo.

— Não tem como você saber. — Tento desvencilhar-me, mas ele não permite que eu me afaste.

— Não brinque comigo, menina. Fala que está mentindo — pede, estando irritando e também excitado, considerando que propositalmente, está

passando a ponta da sua ereção no meu sexo que se aperta de desejo. — Fala, porra!

— Eu não vou falar. Achou o quê? Que eu ficaria todos esses meses lembrando do dia em que perdi a minha virgindade para um cara que nem sabia com quem estava transando? — Pela reação que está tendo, está evidente a resposta.

— Não me provoca, Amanda, sabe que eu posso fazer você falar — diz contra a minha boca e mais abaixo começa a me penetrar. Ele coloca apenas a ponta e depois tira, tudo para me fazer falar.

— Não vou mentir só porque o seu ego quer ouvir... — Está difícil resistir quando o homem desce a boca até os meus seios e a boca gulosa em conjunto com a barba tocando a minha pele, torna a minha vida muito difícil.

— Não irá mentir. Dirá a verdade, porra! — Quando seu rosto sai do meio dos meus seios, sua expressão está séria e ao invés de sair, ele se enterra todo dentro de mim. O meu gemido é alto, mas não sei se estou em condição de pedir para que se mova. — Quero saber quantos e os nomes. — Agora que parece convencido de que não foi o único, comemoro a minha pequena vingança e abalo no seu ego. — Diz, porra!

— Qual o seu problema? — Irrito-me, mas não deixo de me remexer embaixo dele, pois apesar de estarmos brigando, também estamos transando.

— Você é o meu problema, menina. — A forma como Saulo me chama de menina é profundamente irritante e faz com que eu realmente me sinta uma garotinha boba perto de um homem vivido.

— Está sendo machista por ter esperado que eu não...

— Por favor, não complete essa frase. Já entendi que dormiu com outros. Eu quero esquecer isso — diz e assim a conversa acaba.

Parecendo querer me punir, Saulo começa a entrar e sair com força e rapidez, fazendo com que as nossas peles se batam e o som ressoe pelo quarto. Ele segura as minhas mãos e está em uma posição que não me permite tocar o seu corpo de nenhuma forma. Está ensandecido e por mais que tente, não consigo entender a sua reação e o que verdadeiramente está sentindo.

Quando eu gozo e ele vem depois de mais algumas arremetidas, não passa em branco o fato de ele ter mantido a cabeça enterrada no meu pescoço, tudo para não olhar para o meu rosto e nem a constatação de que não usamos proteção.

— Esqueci — diz, estando ainda despejando o seu sêmen. — Nunca aconteceu, foi um momento de loucura e pura falta de controle da minha parte.

— Não se preocupe com uma gravidez indesejada. Eu tomo

anticoncepcional — revelo e então seu rosto não esconde o desgosto quando deveria estar aliviado.

Certamente está pensando que me previno para dormir com outros caras e então, sinto que devo acabar com a brincadeira. Não que o assunto diga respeito a ele, mas a necessidade de falar é real. Espero que se recupere do orgasmo e quando sai, se afasta para ver o seu sêmen escorrer por entre as minhas pernas. Saulo leva a mão até o meu sexo e o acaricia superficialmente, antes de se jogar de costas na cama.

Estamos ofegantes e suados. Eu atordoada pelo que acabou de acontecer. Fizemos sexo enquanto discutimos e nem mesmo sabia que era possível fazer os dois ao mesmo tempo.

— Desculpa pelo descuido e pelo surto. Você tem o direito de...

— Eu estava mentindo para você, não houve outro.

Saulo

De repente me vi tendo um surto de possessividade. No alto da minha prepotência nem sequer cogitei a possibilidade de ela ter saído com outras pessoas, o que não era de se estranhar, considerando a experiência que teve comigo. Ouvi-la falar com todas as letras que não fui o único a tocá-la foi como receber um soco no estômago e agora, saber que não existiu ninguém traz uma onda de alívio que me faz respirar calmo e profundamente.

Não sei por que estou possessivo com relação a esse assunto, mas a minha reação certamente diz que sou muito possessivo quando ela está envolvida.

— Por que você fez isso? — indago, levemente ressentido com o frieza e tranquilidade que ela fez a brincadeira de mau gosto, mesmo quando estava nítida a minha perturbação com a revelação.

— Talvez porque você mereça? — diz sem olhar para mim.

Apesar de atração e desejo que sente, Amanda não esconde a mágoa e a vontade de me machucar do mesmo jeito que fiz com ela. Vejo que mesmo se não fôssemos professor e aluna, ainda assim seria impossível ficarmos juntos, se essa fosse a nossa vontade. A loira foi profundamente machucada e não sei se um dia a ferida fechará por completo.

Com as suas atitudes, tidas ou não de maneira involuntária, ela demonstra que jamais conseguiria ficar ao meu lado, não quando tem a necessidade de ficar lembrando dos meus erros a todo instante. Da minha parte

eu não a culpo, pois, apesar de imaginar, não estou na sua pele para saber o que sentiu e o que ainda sente.

Amanda é uma garota linda e ainda muito jovem, creio que amanhã, quando nos afastarmos em definitivo, pelo menos no que diz ao aspecto físico da relação, ela terá ainda uma vida para superar a mim e o que tivemos. No fim, nós dois pareceremos uma lembrança pálida e distante.

É o certo a fazer. É disso que ela precisa: distanciamento.

— Eu preciso de um banho. — É a minha resposta para ela.

Levanto-me e vou na direção do banheiro, precisando respirar um pouco longe dela. Ligo a ducha fria e de costas para a porta, deixo que o jato de água forte caia sobre as minhas costas. Depois de 2 rodadas de sexo da melhor qualidade, meu corpo está satisfeito e relaxado. Se não fosse o clima estranho que ficou entre nós dois ainda a pouco, eu gostaria de tê-la aqui, embaixo do chuveiro e tendo o prazer de lavar cada pedacinho do seu corpo.

— Tem espaço para mais uma? — A loira não demora a aparecer e, apesar de ouvir a sua voz, não me volto para olhar para ela. Prefiro esperar para ver qual será o seu próximo passo. — Se quiser que eu vá embora é só dizer que pego as minhas coisas e te deixo sozinho. — Apesar da sugestão, não tenho tempo de me alarmar, pois ela logo demonstra não estar falando sério ao chegar por trás e me abraçar.

— A situação não está nada boa aqui. — Seus dedos passeiam pelas minhas costas e imagino que não está mesmo. Amanda é uma gata feroz na cama e minhas costas aguentaram as consequências. Ela certamente está vendo diversos vergões avermelhados e que amanhã estará bem mais dolorido, começando a cicatrizar.

— Foi uma gata selvagem quem me unhou enquanto estava sendo comida pelo macho cheio de fome dela.

— Muito agressiva ela. — Deixando do lado de fora qualquer estresse, Amanda e eu já estamos novamente no clima para o sexo e isso é bom, pois, aparentemente, é a única área em que nos entendemos perfeitamente bem. — Tomara que não sinta tanta dor. Se tiver algo que eu possa fazer. — Sendo carinhosa, Amanda distribui beijos por onde imagino estar vermelho, mas as mãos, essas encontraram outra utilidade e já estão agarradas ao meu pau que fica alegre pela especial atenção.

— Não cansa? Não sente fome? — brinco com ela, apenas para disfarçar, quando na verdade já estou pronto novamente. Com ela sou capaz de foder até a exaustão e ainda acreditar que não foi o suficiente.

— Estava na seca há oito meses — diz e pelo braço a puxo para a minha frente e então a tenho com as costas apoiadas contra a cerâmica do box.

— Acho que hoje você tem de recuperar o tempo perdido e matar a sua sede — afirmo. — Vem aqui, segure firme nos meus ombros. — Agarro as suas coxas, as enrolo no meu quadril e de repente, a tenho na minha posição favorita: ela nos meus braços, toda em mim.

— Já percebeu a quantidade de vezes em que estivemos dessa forma hoje?

É óbvio que ela também percebeu.

— Não tanto quanto eu gostaria, gostosa — afirmo, vendo a água cair sobre os seus seios um pouco vermelhos da minha barba roçando neles. — Espero que se satisfaça com a minha boca lambendo cada pedacinho do seu corpo, cada sinal, inclusive o que fica bem pertinho da sua virilha.

— Como você... — Ela nem chega a concluir, não quando é impedida com os meus dentes mordiscando o seu lábio inferior.

— A imagem aparece com frequência nos meus sonhos eróticos, bem nítida, por sinal. Se pudesse, eternizaria.

— Você não vai fotografar a minha...

— Não tinha pensado nisso, mas a sua mente suja me deu uma ótima ideia — provoco.

— Então continue sonhando, professor. Nos seus sonhos com certeza permitirei que tire foto da minha vagina.

— Tudo bem, loira. Eu não posso fotografar, mas posso olhar e admirar. Posso tocar e também chupar, a noite inteira e até o dia amanhecer. Agora só quero te dar um banho e cuidar de você, gata. Você precisa de disposição para o que tenho em mente para o resto da nossa noite.

Depois do banho que logo foi transferido para a banheira de água morna, Amanda e eu ainda ficamos um bom tempo apenas nos beijando e nos acariciando. Depois do banho e de nos darmos conta de que já estava escurecendo, pedimos o serviço de quarto e um jantar muito bem feito foi preparado para nós dois.

Começamos na cama e com os pratos nas nossas pernas, falamos sobre temas amenos e que não colocasse em risco a harmonia em que estamos. Depois de satisfeitos, dormimos um pouco, mas, não mais do que uma hora de sono. Agimos como se soubéssemos que nosso tempo estava contado e não tínhamos tempo a perder.

Despertei antes da gata loira e não quis passar vontade. Fiz o que desejava ao tirar o cobertor e desnudei o seu corpo nu. Depois de admirar a sua beleza por um tempo, comecei a minha missão de despertá-la ao começar pelos seus seios. Chupei e brinquei com cada um deles, contei as pequenas e charmosas sardas e então, percebendo que ela já estava semidesperta e adorando

o meu toque, partir para a zona sul, a mais viciante do seu corpo.

Para tê-la gemendo e totalmente lúcida, tive que fazer um sexo oral, um esforço que não me importaria de fazer todos os dias, pelo resto da minha vida. Seu cheiro é inebriante, seu sabor é viciante e nada se compara a sua expressão de satisfação quando na minha boca gozou.

Depois de todos os toques e de ter assegurado que ela não estava sensível demais, ainda transamos mais 2 vezes e foi só quando o dia estava quase amanhecendo que caímos no sono. Estávamos cansados demais e foi deitado as suas costas, com o braço possessivamente em volta da sua cintura que eu dei por terminado o dia mais intenso que já vivi em 32 anos de vida.

Intenso e prazeroso com a garota perfeita.

O amanhecer mostrou-se amargo quando despertei e encontrei a cama vazia. O seu lado estava frio e eu entendi que ela já havia partido há um tempo. Preferiu partir sem dizer nada, nem uma última conversa. Simplesmente seguiu o seu caminho da forma que tínhamos combinado.

Sobre os meus sentimentos? Não faço ideia de como será daqui para frente. Talvez seja fácil, ou seja, extremamente difícil. Sei que, independente do que acontecer, nada do que aconteceu hoje sairá tão facilmente da minha cabeça, assim como não saiu dos meus sonhos em meses.

Acredito que talvez esse seja o meu castigo, desejar a mulher que nunca poderei ter, não da forma que começo a desejar.

Memórias



Amanda

Com cuidado abro a porta e na ponta dos pés caminho pela sala da minha casa, fazendo o mínimo de barulho possível, tudo para não chamar a atenção dos meus pais para o fato de estar chegando agora. Mesmo tendo mandando um SMS para a minha mãe, mentindo que dormiria na casa da Clara, eles no mínimo estranhariam o fato de eu estar chegando tão cedo, antes das 7h da manhã.

— Pega! — Do alto da escada a pirralha da minha irmã diz e eu tive de segurar no corrimão amadeirado para não cair desmaiada, tamanho o susto que tomei.

— O que você está fazendo acordada uma hora dessa, sua pirralha? Quase me mata de um susto, sabia? — Dramática, levo a mão ao coração que está acelerado.

— Por que você está chegando tão cedo? Não foi dormir na casa da Clara? — minha irmã começa o seu interrogatório e me irrita o fato de ela ser uma adolescente esperta e intrometida demais para o meu gosto.

Não se deixa enganar com facilidade e se eu fosse do tipo que esconde coisas da família estaria muito fodida por causa dessa menina. Bom, depois do Saulo eu não posso dizer que sou um livro totalmente aberto, mas creio que não tenha muito para contar.

Perdi a minha virgindade há alguns meses e hoje transei com o mesmo cara, nada que mereça a preocupação da minha mãe que, apesar de ter ficado sabendo quando aconteceu, jamais soube quem foi o carinha e nem

desconfia ser um homem mais velho e bem-sucedido. Ela não precisa saber como terminou e nem que o dito cujo é o meu professor. Até prefiro que continue sem saber, pois se nem eu sei lidar com a situação, imagina se a dona Eva saberia.

— Eu dormi na casa da Clara — digo enquanto subo as escadas, louca para tomar um banho e dormir.

Isso obviamente não acontecerá, considerando que tenho de ir para a faculdade. A verdade é que, se eu pudesse, não colocaria os meus pés para fora de casa hoje. Estou com o meu corpo ao frangalhos, mas pelo menos foi bem usado.

— Aposto que dormiu na casa de um namorado — fala com um sorriso muito debochado para alguém que tem apenas 12 anos de idade.

— Eu não tenho namorado e você sabe disso, pirralha. — Se ela soubesse o que a irmã passou a noite fazendo com o professor de Literatura... — Agora vá para o seu quarto que eu preciso tomar banho e me aprontar para a aula. — Viro-lhe as costas e enfim me tranco no meu próprio quarto.

De uma maneira um pouco estranha, apenas jogo minha bolsa sobre a cama e começo a tirar toda a minha roupa — menos o sutiã, já que eu não consegui encontrá-lo quando fugi — e vou parar na frente do espelho do meu guarda-roupas.

Ele reflete todo o meu corpo e nele tem todas as evidências de alguém que passou a noite em claro, entretida com outras atividades que não fosse dormir. Refletido vejo que o meu pescoço tem alguns pontos avermelhados onde a sua barba roçou e o mesmo acontece com os meus seios. Onde Saulo mais tocou tem um coloração diferente e os bicos estão supersensíveis ao meu toque, depois do homem ter se dedicado com afinco. Eles, se tivessem mãos, no momento estariam batendo palmas em agradecimento, pois nunca sentiram tamanho prazer e duvido muito que voltem a sentir novamente.

O meu sexo, esse certamente ainda sente o toque e a presença do amante experiente entre as minhas pernas. Depois da tarde e de uma noite inteira, uma dorzinha me incomoda, mas ao mesmo tempo é prazerosa. É prazerosa porque sei, tenho as lembranças e as marcas de como adquiri. Estar com Saulo novamente foi melhor do que a primeira vez.

Sinto como se o meu corpo reconhecesse o seu, como se o pertencesse. A tarde e noite que passamos juntos não serviu para amenizar a fixação, pelo contrário, apesar de não conseguir esquecer da sua voz chamando pelo nome de outra, também não consigo ficar só com essa parte das recordações. Com elas vêm tudo de bom que aconteceu antes de ele fazer merda. Não pude apagar em meses o seu toque e, ainda que não admitisse nem para

mim mesma, sempre fiquei dividida entre a raiva e o desejo de sentir novamente as suas fortes e experientes mãos em mim.

Olhando para o meu corpo que foi bem amado e até mesmo, cuidadosamente tocado, vejo nele e no meu rosto o reflexo do que o coração não pode esconder. Se antes Saulo estava marcado na minha pele e no meu coração, seja de maneira boa ou ruim, agora está mais ainda. Levarei comigo um sentimento que sequer tenho coragem de realizar na minha mente.

Sentimentos enraizados desde o primeiro olhar, onde uma menina cheia de ilusões se jogou sem pensar em consequências. Estarei na sua presença por mais vezes do que gostaria e sabendo que no íntimo carrego segredos de desejos que não podem ser satisfeitos. Por minhas próprias razões e também pelas dele, Saulo e eu não podemos ficar juntos. Chegar mais uma vez a essa conclusão causa um aperto no meu peito, mas ainda assim eu estou bem. Sinto-me bem por ter tido essa despedida.

Ele é como uma página sendo virada, um livro sendo concluído, eu só não sabia que seria o tipo de livro que me deixaria com uma baita ressaca e sem condições para ler outro tão breve.

— *Saulo! Saulo! Esquece esse homem, sua boba* — digo a mim mesma, indo para o banheiro. — Amanhã ele já estará com a próxima conquista e nem lembrará da noite passada. — É disso que tento convencer-me, crendo que assim será mais fácil superar.

Não deve ser difícil superar aquele cheiro divino de perfume e de homem bem cuidado...

Não deve ser difícil superar aquela boca que sabe beijar divinamente, não só a boca como também tantas outras partes do corpo feminino...

Não deve ser difícil superar as mãos morenas que tocam com possessividade, que apertam sem machucar...

— Porra, Amanda! Chega! — Furiosa comigo mesma, ligo o jato de água sobre a minha cabeça. Como não regulei antes de ligar, ela cai gelada na minha cabeça e nem reclamo, talvez seja disso que eu esteja precisando para abaixar o fogo.



A ida a universidade foi um tormento. Tive vontade de ficar em casa, porém, o meu lado responsável falou mais alto e quando saí para pedir um táxi, Vi o meu carro estacionado no calçada, o que me fez crer que Saulo trouxe ou pediu para alguém buscar no estacionamento do prédio dos nossos amigos e trazer até aqui. Ele fez isso tudo sem fazer nenhuma tentativa de contato comigo. Não que eu estivesse esperando...

— Quanto tempo pretende ficar aí dentro desse carro olhando para o tempo, garota? — Mais uma vez sou abordada pela Camila e suas charmosas mechas coloridas e espalhadas pelo seu cabelo avermelhado. Está bem claro que ela quer ser a minha amiga e isso não é algo que me incomode, pois parece ser bem legal, apesar de meio maluquinha. Chuto que é mais doida do que a minha melhor amiga.

— Dormi mal. — Não digo nenhuma mentira, devo ter dormido por uma hora antes de ter sido acordada pela minha consciência. Apesar de ter ido embora sem me despedir, em nenhum momento passou pela minha cabeça vingar-me por algo, apenas achei necessário sair antes da constrangedora despedida.

— Pois deixa de preguiça, vamos tomar um café que logo esse sono passa. — Espaçosa, ela abre a porta do meu carro e me puxa pelo braço. Não tenho alternativa a não ser segui-la pelo pátio.

Quando estamos na fila para o café, o garoto que quase atropelai ontem acena de longe e sem jeito por vê-lo no meio de uma galera, apenas aceno de volta e dou-lhe as costas.

— Joaquim.

— O quê? — pergunto, estranhando a sua fala.

— Aquele é o Joaquim, o pegador do campus e está de olho em você.

— Não está, ontem ele beijou uma garota na minha frente.

— Hoje já deve ser ex. Ele troca diariamente de namorada. — Camila exagera, pelo menos é o que eu espero. — Ele agora está olhando para a sua bunda.

— Ele que encontre outra bunda para olhar, não estou aqui para isso e nem sei se é o lugar para namoros — afirmo e ela está olhando por cima do meu ombro. No rosto tem um sorriso de lado, do tipo que a Clara faz quando vai falar alguma besteira que em nada mudará a minha vida.

— Bom! Não é o que pensa o nosso corpo docente.

— Corpo docente? — questiono, Camila então me cutuca com o cotovelo fino e eu viro de frente para ver o mesmo que ela.

Lá está ele. O professor Bitencourt, vestido a caráter e com outra

mulher do lado, isso tudo horas depois de eu ter o deixado dormindo, após uma madrugada de sexo.

Saulo é todo sorriso e gentilezas para com a mulher muito bonita, vestida formalmente. Quando as suas mãos tocam as costas dela na tentativa de protegê-la do fluxo de alunos que povoam o grande refeitório da federal, sinto um leve embrulho no estômago e sentimentos que eu não gostaria de estar sentindo. Não por ele. Com copos nas mãos eles se sentam na mesa com mais dois casais e imagino que também sejam professores. Como Camila, os observo mais um pouco e aparentemente eles agem como se só existisse os dois na mesa.

Aparentemente se dão muito bem e nessa hora eu quero sumir desse lugar para nunca mais voltar. Sem qualquer direito estou morrendo de ciúme, assim como uma adolescente que pega o seu interesse amoroso conversando com outra pessoa.

— É sério isso? Não existe uma norma onde diz que os professores não podem se relacionar? — Ao perguntar, a minha voz chega a estar estranha e temo não estar conseguindo disfarçar o meu despeito.

— Você está bem?

— Por que não estaria? — Volto-me para ela, tentando fingir que ele não está no recinto. Que ele não está cheio de intimidade com outra mulher. Não hoje.

— Parece muito irritada.

— Impressão sua — digo.

— Se você diz — fala e dá de ombro. — Respondendo à sua pergunta...

Por favor! Não responda. Não quero saber.

— Se a regra existe eu não sei, mas que eles estão se querendo, eu tenho certeza de que estão. O que você acha?

— Eu não acho nada — digo, mais grossa do que deveria. — Obrigada. — agradeço ao atendente ao pegar os nossos cafés e entregar o copo nas mãos dela. — Vamos procurar algum lugar para nos sentarmos?

— Claro, olha lá aquela mesa vazia. — De maneira nada discreta, Camila aponta e de onde está sentado, chama a atenção do professor de Literatura. Saulo olha para mim e no mesmo instante desvio o olhar.

Agi como uma covarde, mas é preferível ser covarde do que deixar que ele veja o ciúme estampado no meu rosto. Ele saberia, de uma forma ou de outra, Saulo saberia o que estou sentindo, pois parece ter o dom de ler todas as minhas emoções.

— Não! Vamos ali para o outro lado. Parece que corre mais vento e estou me sentindo um pouco sufocada aqui dentro. — A desculpa do ar foi a pior

de todas. Só torço para que seja verdade, porque realmente estou me sentindo sufocada.

Assim que nos sentamos, eu de costas para o que não quero ver, Camila começou a tagarelar e acabei agradecida por isso. Só ela mesma para distrair a minha mente de algo que não merece um segundo do meu pensamento. Felizmente não tenho aula com ele hoje e nem amanhã, isso significa que não terei de olhar para a sua cara de cafajeste por muito tempo.

Eu preciso de um tempo para respirar sem encontrar Saulo por todas as partes. Não que ontem eu tenha reclamado por passar a noite inteira olhando para o seu rosto e tocando o seu corpo, mas ainda bem que hoje é outro dia e as pessoas sempre podem recuperar a lucidez.

Depois de tomarmos café, Camila se despediu de mim e foi para a sua aula. Eu fiz o mesmo e as horas de estudo foram bem proveitosas. Consegui varrer outros pensamentos para o fundo da minha mente e me concentrar no que realmente interessa. Quando a aula terminou, já próximo ao meio-dia, decidi aventurar-me pela biblioteca, pois ainda não a conheço e acredito ser preferível ocupar a minha mente com meus queridos livros do que com bobagens que não resultará em nada além de frustração.

O lugar é muito bem cuidado em se tratando da biblioteca de uma universidade pública. Só de olhar por alto, em alguns minutos percebo que tem um bom acervo e já sei que gastarei algumas horas dos meus dias por aqui. Nunca deixará de me impressionar perceber como somente o cheiro dos livros faz com que eu me sinta bem.

Não importa a situação pela qual eu esteja passando, quando mergulho em um livro todo o resto fica para trás. Deixo de ser apenas eu e viajo, me torno a mocinha de cada romance que leio e acabo me apaixonando por cada novo herói que conheço.

Me apaixono para em seguida apaixonar-me pelo mocinho da próxima leitura. Os romances alimentam a minha alma até mesmo costumava acreditar que um dia viveria o mesmo amor que vivencio dia após dia através deles. Hoje, depois de ver como é de fato a realidade sem lentes cor de rosa, começo a entender que fora dos livros, o amor como o dos meus pais e até mesmo da minha melhor amiga não é encontrado em qualquer esquina.

Sorte tem quem passa pela vida e tem a chance de vivenciá-lo em toda a sua plenitude.

— Serão só esses? — a atendente pergunta quando depois de vários minutos, talvez horas, apareço no balcão com vários livros nos braços. Vários clássicos já lidos, mas que estou com vontade de reler.

Por já ter passado muito do horário de saída, a biblioteca está

praticamente vazia e assim também deve estar todo o campus, algo que me deixa bastante aliviada, já que não estou a fim de ver mais ninguém hoje. Só quero chegar em casa, trancar-me no meu quarto, colocar os meus fones de ouvido e ler um bom livro.

— Somente porque não consigo carregar mais — digo tentando ser simpática e falho miseravelmente, a fome está grande demais para que eu soe minimamente espontânea. Ela também não parece nem um pouco bem-humorada e imagino que deva estar querendo me matar por atrapalhar o seu horário de almoço.

— Tem ficha?

— Não.

— Terá que esperar uns 5 minutos até que eu cadastre o seu nome no sistema.

Foram os minutos mais longos da minha vida e quando enfim saí com os braços ocupados, não tive problemas em chegar até o pátio, considerando que todos tinham ido embora. O problema será atravessar o pátio e chegar até o estacionamento sem que os livros derretam nas minhas mãos. Agora estou na parte telhada do pátio, tentado proteger eles mais que a mim mesma. Passaram-se apenas 15 minutos e eu já estou olhando para o meu carro ao longe, cheia de saudade.

— Deixa que eu te ajudo com isso. — Essa voz...

Só posso estar sonhando! Tenho certeza de que abrirei os olhos, olharei para o lado e ele não estará aqui.

Isso é uma alucinação, Amanda. É uma alucinação!

Olho para o lado e não! Não é alucinação causada pela fome. O Saulo realmente está aqui ao meu lado e com um guarda-chuva enorme na mão. Ele tem um sorriso ridículo no rosto e é quando tenho ganas de esbofetear a sua cara bonita.

Um belo homem com um guarda-chuva. Não era para esse tipo de cena acontecer apenas nos livros e filmes?

Por que a minha vida de repente se parece com uma comédia romântica barata? Saulo nem mesmo tem cara de mocinho.

Na comédia romântica da minha vida ele certamente seria o vilão. O tipo de vilão bem gostoso e sedutor, mas ainda assim, vilão.

— Não preciso de ajuda.

— Para de ser teimosa, menina — reclama e sem pedir, tira os livros das minhas mãos. — *Me deixa* te acompanhar até o carro. — Com a mão livre, o moreno me abraça pelo ombro e então não vejo alternativa que não seja segui-lo.

— Está me seguindo? — Dentre tudo o que poderia dizer, faço a

pergunta mais idiota de todas.

— Eu trabalho aqui.

— É claro! — É somente o que digo, preferindo ficar de boca fechada para não falar mais bobagem. Creio que se ficar muda, mais rápido me livrarei dele.

Hoje é um dia que não tenho mais condições de lidar com esse homem. O tempo parece não concordar comigo e a cada passo dado, mais forte fica o temporal. O dia claro deu lugar a escuridão e trovões assustadores. Gentil, tentando proteger-me, ele para atrás de mim e eu estico o braço para abrir a porta que já havia destravado. Depois que eu entro e sou recebida pelo calor aconchegante, fico morrendo de pena ao vê-lo do lado de fora.

Usando como desculpa o fato de ter esquecido os livros com ele, abro a porta do carona e não se demora em entrar e batê-la. Vejo-o jogar os livros no banco de trás e então volta a sua atenção para o meu rosto.

Dentro de um carro pequeno demais para nós dois, sinto como se fosse impossível fugir da presença de Saulo Moraes Bitencourt. Para onde eu olhe, ele sempre estará por perto. Nunca longe o bastante e também, não perto o suficiente.

Sob o som da forte chuva e os vidros embaçados, ficamos em silêncio por um tempo, apenas nos fitando como se uma enxurrada de pensamentos estivesse passando pelas nossas cabeças no momento. O clima é palpável, a eletricidade que passa entre os nossos corpos é capaz de causar choque e de repente, sinto que esse dia está longe de terminar.

— O que faremos agora? — pergunta ele.

Decisão



Saulo

O seu olhar diz que ela não tem certeza do que dizer para uma simples pergunta que nem mesmo sei por que a fiz.

Como assim o que faremos agora? É uma pergunta tão genérica que eu poderia pensar em meia dúzia de sugestões, onde algumas delas não seriam nada inocentes ou propícias. Sim, eu estou novamente unindo Amanda e sexo em um único pensamento, quando esse era para ser um assunto superado entre nós.

Deveria estar superado a partir do momento em que acordei de manhã cedo e encontrei o seu lado da cama vazio, a partir do momento em que percebi que ela preferiu ir sem se despedir e assim evitar um clima estranho. Obviamente não é o que está acontecendo, pois do momento em que fui para a minha casa até agora, não consegui tirar essa Loirinha dos meus pensamentos.

No caminho até aqui, durante as aulas que lecionei hoje e até durante a reunião dos professores, que terminou agora a pouco, tudo o que consegui pensar foi nas vezes em que estivemos juntos. No quanto foi bom e no quanto gostaria de fazer novamente, sentindo cada momento como se fosse a primeira vez.

Não tem para onde fugir, para onde quer que eu olhe, lá estará a garota. Se não for fisicamente, será nos meus sonhos e pensamentos. Há meses estou assim e lembrar que os sonhos eram na verdade lembranças foi a pior e a melhor coisa que poderia ter acontecido. Foi a pior por tê-la machucado, foi a melhor por saber que foi real, que tinha vivido tudo aquilo.

Foi e ainda é real. Depois de passar horas da manhã de hoje pensando, cheguei à conclusão de que tudo o que senti por Laura, a paixão com loucura e o acreditar que era amor, tudo não foi nada perto do que venho nutrindo por Amanda.

É complicado em todos os níveis possíveis e imagináveis.

É proibido e até mesmo antiético pensar em um professor com uma caloura.

Principalmente, é doentio acreditar que ela um dia estará disposta a dar-me além do seu corpo, acreditar que um dia ela olhará para mim e não mais enxergará o homem que a humilhou quando deveria estar tendo uma experiência única e especial. Sei que era o que a Loirinha esperava, considerando que atualmente não é tão fácil encontrar uma virgem aos 18 anos.

Deliberadamente e ainda com a mente pouco entorpecida pela bebida, hoje tenho clara as lembranças de como usei de armamento pesado para seduzi-la. A sua beleza e o jeitinho tímido me impressionaram e eu não me importei em usar da sua inocência. Ela não era acostumada a beber, isso também ficou claro, assim como também não tinha visto bêbados o suficiente para perceber que estava na presença de um que, mesmo sabendo disfarçar muito bem, já tinha bebido além da conta.

No hotel bebi ainda mais, a convenci a beber algumas taças e o fim da noite foi o seu castigo por ter caído tão facilmente nas mãos de um babaca que não merecia a entrega tão especial. Foi o meu castigo por ter em um único segundo acabado com qualquer chance que poderia ter com ela. Ainda é o meu castigo pelo simples fato de desejar o que não posso ter. Não da forma como gostaria.

— Está chovendo muito. — Desvia o olhar, como se o fato de olhar para mim lhe custasse caro.

— Acha perigoso dirigir agora? — A loira apenas acena e ao invés de ficar somente no seu rosto, cometi o erro de deixar meus olhos descerem para os seus seios cobertos com uma blusa de malha e mangas cumpridas e depois para as pernas, onde a minissaia jeans deixa parte das suas coxas à mostra.

Pergunto-me se no seu guarda-roupas só existem as minissaias e mini shorts, já que são eles que ela costuma estar usando sempre que a encontro. Não que isso me incomode, pelo contrário, suas coxas à mostra e a sua bunda ficam maravilhosas com as peças, o problema é que a visão não é só para os meus olhos, é também para os tarados juvenis aqui da universidade e pensar nisso me deixa particularmente irritado.

— Você foi embora sem antes falar comigo. — Me vejo cobrando enunca imaginei que seria o tipo de homem que cobra explicações, sempre estive

do outro lado.

— Acho que não tínhamos nada a dizer, não mais do que já havíamos dito e decidido. — Amanda está estranha e fria de uma forma que nunca a vi. Algo diferente deve ter acontecido para deixá-la dessa forma e eu gostaria de saber o que foi.

— Por que está agindo dessa forma?

— Não sei do que você está falando — afirma, em nenhum momento olhando nos meus olhos.

— Pode pelo menos olhar dentro dos meus olhos enquanto falo com você? — Orgulhosa, ela não foge do confronto e faz o que peço. Quando analiso seu rosto, tenho a impressão de que está esgotada e que esse cansaço está longe de ser o físico pelo que passamos a noite de ontem fazendo. É algo emocional e não posso ficar bem sem antes assegurar que não sou a causa. — Aconteceu alguma coisa?

— Quem é ela? — indaga.

— Ela? Do que você está falando? — pergunto e nesse momento já estamos virados na direção do outro, enquanto do lado de fora a chuva cai sem parar.

— Estava com uma mulher na lanchonete mais cedo. Achei que você seria rápido, mas confesso que me surpreendeu. — Amanda parece não acreditar no que está falando, pois enquanto fala não consegue manter a cabeça levantada e prefere olhar para as próprias unhas ainda pintadas de vermelho. As razões de eu mal conseguir encostar em algo.

— Aquela é a Jane, provavelmente a sua professora de Gramática e minha amiga de muitos anos — digo, sentindo a necessidade de me explicar para ela.

— Amiga?

— Apenas amiga, nunca passou disso — afirmo, pois apesar de ter tido meus casos e namoros, Jane sempre esteve fora dos limites. A nossa amizade de 3 anos é resultado de gostos semelhantes, o que faz com que a afinidade entre nós dois seja grande.

— Não é o que a galera pensa.

— Acho que a galera fala demais e você não deveria se chatear com boatos sem fundamentos.

— Eu não fiquei chateada — nega e nem ela acredita no que diz.

— Tem ideia do quão bizarra é essa situação? Você se achando no direito de me cobrar alguma coisa e eu sentindo que devo me explicar. Não por obrigação, apenas sinto que devo fazer isso.

— Isso está completamente errado. Realmente não sei o que estou

fazendo — admite e eu a admiro por ser tão transparente e falar sobre o que a incomoda. — Não queria sentir ciúme e senti.

— Não posso esquecer você e nada do que vivemos ontem. Enquanto estamos conversando, não consigo parar de olhar para a sua boca e nem de sentir vontade de beijá-la novamente.

— Por que não faz isso?

— Amanda, não me tenta, Loirinha. Olha bem onde nós estamos... — aviso, mas a minha mão já está subindo por sua coxa e as pontas dos dedos estão tocando na barra da sua saia, sedentos para subir mais um pouco e encontrar o paraíso.

— Se você não quer...

— Tudo o que mais quero é te ter neste momento — digo e sem pensar em mais nada, levo as mãos até a sua boca, impedindo que continue e então a beijo.

O beijo não é calmo e nem gentil, ele é exigente e ganancioso, espera transmitir o que não tive oportunidade de dizer, não quando a saudade é maior, não quando as palavras podem ser mais perigosas do que as ações.

Deixo que a minha mão vá para a sua nuca e depois de acariciar o lugar que sei lhe causar arrepios, afasto o véu de fios loiros do seu pescoço e, em busca de mais contato quanto já está difícil de respirar dentro da sua boca, levo meus braços para o seu pescoço cheiroso e macio.

Para dar-me mais liberdade, a Loirinha joga a cabeça para trás e estãobeijo a lateral do seu pescoço e depois a garganta. Os beijos são intercalados com lambidas e chupadas. Sob as minhas mãos sinto a sua pele arrepiada, mostrando que não estou sozinho na agonia do desejo e da necessidade.

Quando estamos juntos o certo e o errado deixa de existir. Resta somente nós dois, Saulo e Amanda, unidos pelo que não se pode controlar.

— Porra! Como você é cheirosa, loira!

— Saulo... — O meu nome sai da sua boca quase como um gemido.

— Vamos para a minha casa. — Mais uma vez faço o convite.

— Nós combinamos que ontem seria a última vez — diz e a voz sai abafada, pois a sua boca já está novamente sendo ocupada pela minha.

— Sim, nós combinamos... — digo depois de algum tempo. Afasto os nossos rostos, miro os seus olhos e neles vejo a luxúria. Não resisto e passo o dedo nos seus lábios avermelhados pelo beijo e o roçar da minha barba.

— Só mais uma vez? — sugiro.

— Só mais uma vez e acabamos com isso — diz, voltando a se jogar nos meus braços.

Pelo tempo que a chuva não deu trégua, Amanda e eu ficamos aos amassos e entre beijos e toques nada inocentes, só paramos quando o toque do meu celular nos atrapalhou. Pensei em deixar de atender, mas a pessoa foi insistente. Peguei e no visor vi o nome do Henry estampado.

— É o Henry — aviso. — Ele mandou uma mensagem pedindo para que eu vá agora mesmo para a revista. — Além de ser meu amigo, Henry também é o dono da revista para qual faço trabalhos como fotógrafo e onde sou o chefe da equipe editorial.

Se a minha primeira vontade é mandá-lo se foder e ficar com a minha gata, o meu lado sensato não permite que eu deixe o meu amigo na mão quando ele está para arrancar os cabelos por causa da correria com o próximo lançamento.

Sei que alguns prazos estão estourados e não quero ser mais um problema. Abomino completamente a ideia que eles estão tendo e que envolve a Amanda, mas prefiro eu mesmo fotografar e garantir que o Miguel sequer ouse olhar por mais tempo que o necessário para ela.

— Eu queria ficar com você — admito.

— Quem sabe outro dia? — Amanda já voltou ao seu estado normal e o momento de fraqueza parece ser sido uma fantasia criada por mim. — Na verdade acabei de lembrar que estou morrendo de fome e preciso almoçar — diz ao dar de ombros e as suas atitudes só servem para deixar-me mais próximo de tomar uma decisão.

Decisão que consiste em jogar tudo para o alto e lutar para conquistá-la. Estou por uma fio e no momento em que ultrapassar essa barreira, essa Loirinha não terá a menor chance contra mim.

— Se quiser te levo para almoçar antes de ir para a empresa.

— Não se incomode, almoço em casa. — A forma como fala nem parece ser a mesma pessoa que há pouco estava pegando fogo nos meus braços.

— Amanda... — Sou interrompido e dessa vez é pelo seu celular que começa a vibrar. Amanda o tira do bolso e seu rosto não está nada satisfeito com o que vê nele.

— Algum problema?

— Henry está pedindo para que eu vá até a empresa. Disse que é urgente — revela.

Eu posso até imaginar o tamanho dessa urgência. Só não sei se fico contente ou preocupado com essa visita. Laura certamente estará por lá e eu não quero que chegue perto da minha Loirinha. Pode tentar fazer os seus jogos comigo, mas não com Amanda. Não permitirei.

— Posso ir com você? — aproveito-me da situação para ter mais

tempo em sua companhia.

— Claro — diz, não muito certa.

Com a chuva tendo dado uma maneirada enquanto nos pegávamos, Amanda logo colocou o carro em movimento. Se durante o caminho ela preferiu colocar uma música para não falar comigo, não sei o que esperar quando ela se ver em um lugar como a Mundo em Foco. Sei que ficarei satisfeito se as minhas chances não ficarem menores do que já estão.

Sim, quero ter uma chance. Não faço ideia de como será isso, mas não posso ficar longe de Amanda Amorim. Se existir 100 motivos para ela não querer nada comigo, eu lhe mostrarei 101 para que me dê uma chance. Sei que regras terão de ser quebradas e decisão a serem tomadas, mas para ficar perto dessa mulher, da forma como ela me quiser, abro qualquer concessão.

Reunião



Amanda

Está bom, Henry, a piada foi boa, até dei boas risadas. — O que ele disse foi tão absurdo que realmente não pude me conter, comecei a sorrir como uma doida e os três homens e a minha amiga ficaram me olhando como se eu fosse maluca. — Agora já pode parar com a brincadeira.

— Não é brincadeira, Amanda. Por acaso tenho cara de quem está brincando? — A fala irritada do Henry causa 3 reações diferentes: a da Clara que dá uma cotovelada leve nas suas costelas, a do Miguel que sorri como quem sente falta de um balde de pipoca para acompanhar o desenvolvimento da reunião. Por fim, tem a reação do Saulo, completamente desproporcional e suspeita.

— Não fala dessa forma com ela, caralho! A Amanda não é modelo, é perfeitamente compreensível que pense ser uma brincadeira. Eu também pensei — diz e agora a atenção de todos sai de mim para ele.

Chegamos há pouco mais de 10 minutos e nenhum deles teve tempo ou coragem de comentar o fato de termos chegado juntos até aqui. Saulo, primeiro, insistiu para que fôssemos, a um restaurante, almoçar e eu aceitei, apesar de ter preferido não conversar com ele enquanto dirigia.

Almoçamos e o pouco que conversamos foram assuntos triviais. Eu preferi que assim os fossem, pois, apesar das fraquezas do meu corpo, ainda tento me apegar a um pequeno resquício de bom senso. A voz da razão que diz que não posso me entregar mais do que já me entreguei, para não me jogar em sentimentos não correspondidos e uma relação inexistente.

— Eu acho tão fofo quando ele defende a namoradinha, gente. —

Miguel não perde a chance e da forma como aconteceu no apartamento da Clara, fico esperando pela resposta que me machucará, assim como machucou antes.

— Fica na tua, Miguel! — Para a minha surpresa, Saulo não é um completo idiota e, pela primeira vez, ele me surpreende positivamente. — Não estou com paciência para as suas brincadeiras.

— Estão vendo? Está defendendo a loira dele. Não julgo, se fosse minha eu também a defenderia com unhas e dentes.

— Falei para calar a boca, seu... — Tudo acontece muito rápido, Saulo tenta ir para cima do Miguel, eu o seguro pelo braço e então chega quem não faltava.

— Algum problema por aqui? Já está causando problemas, meu irmão? — Com seus saltos 15 cm, a bela mulher entra, atravessa a sala do Henry e beija o rosto do irmão.

— E você, minha querida, ainda infernizando os seus funcionários? — Cheio de um sarcasmo que nem a irmã perdoa, Miguel rebate. — Respondendo à sua pergunta, Saulo é quem estava arrumando confusão comigo. Eu não tenho culpa se ele é possessivo com a namorada. — O homem insiste na ideia e não sei se ele realmente acredita que Saulo e eu estamos juntos ou quer apenas provocar o amigo.

— O Saulo não tem namorada! Você está louco? — ela fala com convicção e eu fico tensa, o Saulo fica tenso. Todos ficam.

— Como você sabe, Laura? Você por acaso é a namorada dele para afirmar, com tanta certeza, que ele não tem namorada? — Clara quem pergunta, agindo como a dona do pedaço e, por saber da minha história com Saulo, certamente a minha melhor amiga está tentando me defender.

— Já chega, pessoal, nós estamos aqui para trabalhar e não temos tempo para perder com a vida amorosa de Saulo e Amanda. — Henry fala olhando do Saulo para mim e a mulher se dá conta de que eu sou a Amanda de quem eles falam, a tal namorada, e que estranhamente tem certeza da inexistência.

Que tipo de relação esses dois tiveram?

Por que fala dele com tamanha propriedade?

De repente, ela começa a prestar atenção em mim e a forma como me olha causa arrepios. Tem toda a aparência de uma mulher dona de si, porém fria. De mim ela olha para o Saulo e fica difícil ler as suas reações. Meu professor tem uma expressão impassível no olhar e em reação ao olhar da mulher para mim, toca a parte de trás do meu cotovelo e lá mesmo deixa a sua mão.

Saulo age como se quisesse me proteger de algo e não sei definir o

que sinto estando na presença da mulher que esteve na mente dele quando deveria ser eu, a mulher que deve ter sido ou ainda é muito importante para ele. Independentemente do que existir entre eles, prefiro não ficar no meio de uma história em que não me cabe, que estarei sobrando.

— Se não for demorar muito, Henry... — digo, ao me afastar do Saulo e me dirigir para o lado da minha amiga. Clara olha para mim sabendo o quão desagradável é para mim esse encontro. — Tenho que ir embora.

— Tudo bem, vamos para a sala de reuniões.

Agindo como o perfeito CEO, Henry Pimentel nos encaminha para uma sala tão impressionante quanto o resto do prédio onde é sediada o grupo da *Mundo em Foco*, o grupo de revistas voltadas para todos os públicos e também as mais rentáveis do país.

A minha amiga, aos 17 anos, quando estava passando por uma fase muito difícil na sua vida, o conheceu e aos 18 começou a namorá-lo. Hoje eles moram juntos e eu não lembro de algum dia tê-la visto tão feliz.

— Bom, agora que todos estão sentados e medicados, vamos ao que interessa. — Henry tem a atenção de todos e agora terei a oportunidade de entender melhor o que ele pretende, já que não teve chance minutos atrás, pois quando ele usou capa de revista e eu na mesma frase, só pude supor que estava fazendo piada.

Ainda ontem, eles deram indícios de que tinham algo em mente e que me envolvia, eu só não fiquei curiosa o bastante, pois estava mais interessada em me divertir com certo moreno de olhar intenso.

O mesmo moreno que está sentado à minha frente na mesa quadrada e cujos olhos, vez ou outra, estão em mim. Sei que estão porque também o olho e em todas elas termino na ruiva observando a nossa troca de olhares, quer dizer, não sei se tem alguém nessa sala que não esteja percebendo.

— Como sabem, a próxima edição da *Mundo em Foco* será o mundo dos negócios voltado para a arte. A equipe pensou em que tipo de arte seria interessante e então escolhemos algo mais real e que traga proximidade com o público. Como nós estamos falando da capa, decidimos que nela a arte será representada através dos quadros, uma pintura. A obra pelos olhos do artista — Henry explica e acho tudo muito bonito, melhor seria se eu estivesse entendendo o que ele diz.

— Agora, traduza amor, acho que eu e a Loirinha não entendemos.
— Ele a fita com o olhar cheio de amor e com paciência explica:

— Basicamente, Miguel, um excelente artista plástico, fará a pintura de uma mulher. Ao final, o quadro servirá como pano de fundo, considerando que no primeiro plano a modelo estará na mesma posição em que estava na

pintura e a sua frente outro modelo agirá como se estivesse ainda pintando o quadro. Ao Saulo caberá o trabalho de, com a câmera, capturar o momento e então, nossa capa estará pronta. Teremos a obra pelos olhos do artista, o processo até que a arte gere lucros.

— É simplesmente genial, cara — Miguel elogia, enquanto Henry nos passa uma folha mais grossa do que a comum.

— Aí está o esboço para que possam vislumbrar melhor a proposta. — Pego e realmente parece uma excelente ideia. Como quem não quer nada, olho para o gato Bitencourt e a sua expressão tensa mostra que não gostou tanto assim.

— O que acha, Amanda?

— Eu tenho que achar alguma coisa? — indago, muito sem jeito por ter a atenção de todos em mim. Sinto minhas mãos suarem e o meu rosto pegando fogo. — A minha opinião é tão importante assim? — Olho para Clara e depois para Saulo. Ela está com um sorriso enfeitando o rosto e ele os punhos cerrados sobre a mesa.

— A sua opinião é muito importante, Amanda, pois você será a capa da próxima edição. Será pintada por Miguel e, em seguida, fotografada por Saulo.

— Como é que é? Vocês só podem estar malucos!

Eles só podem estar malucos em propor tal absurdo, Saulo tem toda razão. Eu já imaginava que algo assim seria proposto, mas não que fosse algo tão grandioso como o meu rosto estampado na capa de uma revista.

— Amanda tem razão, Henry, você só pode ter comido merda. A garota nem é modelo — ele fala e não posso deixar de concordar.

Não que faça alguma diferença, já que Clara também não era quando fez o seu primeiro trabalho aqui na revista e hoje é uma modelo requisitada.

— Agora, ele até fala em nome da amada. — Miguel não cansa de provocar e vejo Saulo respirar fundo, como se tivesse fazendo um esforço grande para não perder a paciência com o amigo. — Não é fofo, maninha? Os seus dois amigos estão comprometidos e você ainda solteira, como se sente sobre isso?

Os irmãos gêmeos parecem ter uma relação no mínimo estranha. Não param de se provocar nem um momento, mas como tenho uma irmã também, imagino que essa seja a forma que eles têm de demonstrar amor um pelo outro.

— Ainda não ouvi sair da boca de nenhum dos dois a confirmação de que estão namorando, além disso, essa garota não parece fazer o tipo de

mulher que Saulo gosta. — Ao falar, ela me olha com desdém e as mãos vão para o braço do Saulo. De imediato, Saulo afasta o braço e volta o olhar para mim, e o fato dele me lançar uma piscadinha é o combustível necessário para aumentar os olhares de desconfiança quanto ao que temos.

— E quem faz o tipo dele, você? — Clara mais uma vez sai em minha defesa, antes que eu tenha chance de fazer.

— Isso você vai ter que perguntar para ele, Clarinha. — A forma como ela fala o nome da minha amiga é totalmente desdenhoso.

— Já que é de mim que estão falando, acho que tenho direito a voz, não é mesmo? — Enquanto fala, o homem não tira os olhos de mim e só pela sua expressão, não resta dúvida de que falará alguma bobagem. — Indo e vindo, de frente e de costas, Amanda é a musa dos meus sonhos eróticos e se ela me desse uma única chance, poderia lembrá-la do quanto somos bons juntos — diz e apesar de não ser difícil me deixar envergonhada, Saulo consegue elevar a experiência a outro nível. Agora, estou procurando a saída mais próxima e pensando em quando estaremos livres, dessa reunião, para que possa matá-lo.

Se existe alguma satisfação no constrangimento, essa fica por conta da cara de desgosto que a nojenta está fazendo. Com a sua língua grande, propositalmente ou não, Saulo espalhou para geral que já ficamos juntos.

Do lado da irmã, Miguel não pôde conter a satisfação de ver as suas insinuações confirmadas.

— Eu falei...

— Vamos focar, porra! — Henry desiste de agir com compostura, coisa que outro teria feito antes, se não tivesse entre amigos. — Se quiserem, depois marcamos uma festa para comemorarmos o namoro desses dois...

— Não estamos namorando. — Sou rápida em negar e Saulo parece chateado. Não que tenha esse direito, considerando que fez coisa pior quando pela primeira vez Miguel sugeriu.

Para falar a verdade, ele tem tido várias pequenas atitudes diferentes desde o momento em que o encontrei no pátio da universidade. É como se algo tivesse mudado e eu não consigo perceber o quê. Não é nada escancarado, mas ele parece diferente, até mesmo pelo simples fato de estar tornando mais fácil o meu encontro com essa mulher.

Pensei que sentiria de volta toda a humilhação daquela noite e até mesmo insegura na sua presença. Ao contrário disso, a cada vez que olho para Saulo em busca de apoio eu o encontro. Estranhamente, sinto como se ele fosse a minha segurança e não o causador da situação.

— Que seja! Se estão namorando ou só tendo um caso, isso não importa no momento. Só me fale se poderei contar com você.

— Não poderia ser outra pessoa? Talvez eu atrapalhe ao invés de ajudar — afirmo, tentando fugir.

— Não se preocupe, a Clara lhe ajudará, não é mesmo, menininha? — Olhando-a de uma forma que o faz conseguir qualquer coisa, Clara responde:

— Eu vou lhe ajudar, amiga, não se preocupe que não vou deixá-la sozinha com esses dois idiotas. Aqui tem um estúdio e o Henry disse que ele é todo para vocês. Posso ficar com você durante todo o processo, se quiser.

— Tudo bem, vou fazer isso, mas é por você. Sabe que não consigo dizer não para as suas loucuras.

— Te amo por isso.

— Estejam avisados que eu posso não corresponder e atrasar mais ainda o que já está atrasado.

— Não vai, tenho certeza de que você será perfeita — Saulo diz.

— Por que vocês não vão procurar um quarto? Está tão na cara que estão loucos para foder.

— Amanda, mais tarde lhe mandarei um e-mail com os detalhes, tudo bem? — Confirmo e ele emenda: — Agora, vocês já podem procurar um quarto, se quiserem.

— Já posso sair? Tenho muito a fazer e não tenho tempo para brincadeiras — diz a mal-humorada e antes que alguém tenha tempo de responder, ela se levanta batendo os saltos com força contra o piso, marcha até a porta e enfim me livra do desprazer da sua companhia.

— Obrigada, Loirinha, você não sabe o quanto está me ajudando. — Enquanto nos levantamos e nos encaminhamos para fora da sala, sinto o peso da responsabilidade abater-se sobre os meus ombros e tendo aceitado, só me resta rezar para fazer tudo certo.

— Agradeça depois. Só espero que o cachê seja bom — brinco, andando lado a lado com o casal e tendo os outros dois vindo logo atrás. Eles não falam alto o suficiente para que se façam serem ouvidos, mas, aparentemente, estão no meio de uma das suas discussões bobas.

— Bom o suficiente para que você possa trocar seu carro velho por um modelo melhor. — Clara sabe que estou há algum tempo querendo trocar de carro e que não gosto de pedir dinheiro aos meus pais.

Geralmente, se quero muito alguma coisa, trabalho ou ajudo na empresa para conseguir o dinheiro. Não está sendo tão fácil trocar de carro, certamente demoraria uma vida até conseguir levantar o dinheiro necessário.

Já no meio do corredor do último andar do prédio espelhado, todos nós paramos para conversar, agindo como se ninguém tivesse outra coisa para fazer pelo resto do dia. Postados em círculo, Saulo deu um jeito de ficar ao meu

lado e com o corpo muito próximo ao meu. Nossos braços estão se tocando e de repente, tudo que aconteceu torna o dia propício para que eu me torne um pouco iludida.

Torço para que faça alguma coisa, bobagens como segurar a minha mão, abraçar-me a cintura. Bastou somente alguns minutos e meia dúzia de atitudes inesperadas vindo dele e aqui estou eu, tendo dificuldade de lembrar quem é ele e o porquê de eu não poder confiar. Apesar disso, desejo que ele queira me provar o contrário, que me chame novamente para a sua casa.

Como tudo que é bom dura pouco, o momento logo é mais uma vez interrompido pela presença indesejável da Laura. Ela vem com o seu nariz empinado, com a cara antipática e a olhando de perto, me pergunto como um cara como o Saulo pode nutrir sentimentos tão profundos por alguém assim. Mesmo que eu estivesse vendo a situação de fora e sem nenhum interesse, creio que ainda assim pensaria neles como um casal improvável.

Em poucos minutos na sua presença, pude notar que o seu jeito em nada combina com a espontaneidade e jeito brincalhão — menos na sala de aula — do Saulo agir.

— Desculpa interromper o papo de vocês, mas eu gostaria de roubar o Saulo um pouquinho — a desgraçada fala olhando para mim, sentindo um prazer bizarro por pensar que precisa vencer alguma espécie de competição comigo. — Pode vir até a minha sala?

Basta um único pedido e Saulo mais uma vez pisa nos meus sentimentos, mostra o porquê de eu me sentir tão idiota a cada vez que começo a nutrir ilusões tolas de alguém e algo que nunca existiu. Ela chama o Saulo, sem olhar para o lado, apenas vira as costas e vai atrás da mulher.

Vê-lo ir com ela traz a insegurança e sentimentos tão dolorosos quanto os da primeira vez. O que aconteceu me faz, definitivamente, perceber que nunca serei a primeira escolha.

Sempre será ela, Laura.

Conversa Branca



Saulo

Enquanto caminho ao lado da Laura, rumo a sua sala, só consigo pensar em quando poderei me livrar dela e voltar para perto da minha loira. Penso em Amanda como minha porque não posso enxergá-la de outra forma.

Na sala de reuniões, enquanto Miguel insistia em me provocar e Laura tentava insultar Amanda, senti uma vontade incontrollável de falar para todos que ela e eu estamos juntos, que, da maneira como Miguel tanto insiste, estamos sim namorando.

Uma pena não ter podido fazer, pois além de não ser verdade, também não sei se um dia virá a ser.

Estive por muito tempo firme no meu propósito de não me envolver seriamente com uma mulher a ponto de poder chamá-la de namorada, mas agora, creio que não é uma escolha que esteja em minhas mãos. Eu muito relutei em admitir e aceitar o fato, mas ainda dentro do seu carro, em meio ao temporal que do lado de fora caía, tomei a minha decisão.

Percebi, quando nos vi fazendo o que prometemos não fazermos mais: beijando-nos e tocando-nos como se o mundo fosse acabar naquele momento. Não sei se Amanda vai querer alguma coisa comigo ou se ao menos entendeu a decisão que tomei ao vir com Laura. Tudo o que sei é que não vou desistir de tentar convencê-la a dar uma chance à atração e paixão que sentimos um pelo outro.

Sinto que a loira gosta de mim tanto quanto eu gosto dela e não será a sombra do passado — ainda muito vivo na minha vida — a atrapalhar os meus planos de convencer Amanda a nos dar uma chance de vermos até onde a atração

física e paixão nos levará.

Todos os motivos que me faziam acreditar na impossibilidade de algo entre nós ainda existem, mas de repente, eles parecem ter se tornados pequenos demais perto da minha vontade de ficar ao lado de alguém que em mim desperta apenas sentimentos bons. Assustadores e, ainda assim, sentimentos que me fazem sentir bem, que fazem o meu corpo incendiar e o coração pulsar com rapidez.

— O que há com você, Saulo, parece distante? — Laura questiona ao abrir a porta para que possamos entrar. — Aconteceu algo que eu não estou sabendo?

Com a sua pergunta, Laura está nitidamente jogando com as palavras, apenas querendo falar sobre o que foi dito na sala do Henry e sem coragem para perguntar com todas as letras. A mulher passou a ver Amanda como uma ameaça e a mim resta conversar com ela sobre o assunto e acabar de uma vez por todas com o que nunca começou.

— Estou bem — afirmo, observando-a trancar a porta com a chave.

Estranho bastante a sua atitude, pois não sei se pensa que alguém pode entrar e interromper a nossa conversa ou se tem a ilusão de que algo além de conversa acontecerá nessa sala.

— Se puder ser breve, eu agradeceria muito. O meu dia está corrido, tenho aulas para preparar e fotos para editar — digo a verdade, apesar de ter esquecido desses compromissos quando estava combinando com a minha loira de irmos para um hotel foder.

Se não fosse a reunião, a essa hora nós dois, provavelmente, estaríamos enrolados entre lençóis, produzindo calor em plena luz do dia.

— Gostaria de saber o que foi aquilo na sala do Henry — no meio da sala, com as mãos na cintura e estando eu a poucos centímetros parado a sua frente, a ruiva pergunta.

— O seu irmão sendo idiota como sempre foi. Isso a assusta? — Ainda faço a tentativa de ser engraçadinho, mas falho miseravelmente.

O meu humor não está dos melhores quando tudo o que eu menos queria era estar tendo essa conversa com Laura.

— Por que ele acha que você tem alguma coisa com aquela garota sem graça? — Enfim toca no assunto. Fico aliviado, pois quanto mais rápido essa conversa acontecer, mais rápido poderei sair dessa sala.

— Ele acha porque é o que está acontecendo — digo, surpreendendo-lhe.

— Você só pode estar brincando — afirma, consternada, o que é irritante demais.

— E por que eu estaria?

— Você não é assim, Saulo. A garota não faz o seu tipo.

— Isso sou eu quem tem de decidir — aviso, começando a perder a paciência, algo que estava lutando para não fazer. — Não entendo o que a faz pensar que tem o direito de me chamar até aqui para fazer esse tipo de questionamento.

— Ela não é para você. É uma menina muito nova e sem graça. Logo, você estará cansado da novidade e estará aqui, como sempre estive: aos meus pés — assevera com firmeza.

Olhando-a com o nariz em pé e cheia de si, fico me perguntando em que momento da vida eu me perdi tanto para que ela possa falar da minha vida com tanta propriedade. Para agir como se tivesse controle sobre o que faço ou deixo de fazer. Sobre os meus sentimentos e com quem eu devo ou não me relacionar.

— Se fosse você eu não contaria com isso.

— Ah, Saulo! Por que luta tanto? Sabe que não pode fugir do que sente e sempre sentiu por mim. O que nós temos você nunca terá com outra, muito menos com uma garotinha como a tal Amanda.

— E o que nós temos, caralho? — Aumentando o tom de voz, esbravejo, afastando-me quando ela se aproxima, tentado me tocar. — Nós nunca tivemos nada. Apenas fui idiota por um tempo longo demais.

A verdade é que jamais houve algo sério entre nós dois. Apenas passei um tempo, maior do que é saudável, olhando para uma mulher que nunca quis nada comigo. Laura sempre me tratou como o seu cachorrinho, o homem que ela sabia estar aos seus pés quando só queria encontrar uma maneira de conquistar Henry.

Mesmo saindo com várias outras mulheres, nenhuma delas sequer chegou perto de apagar o que Laura significava para mim, até a chegada da Loirinha a minha vida.

— Não negue. Sabe muito bem do que estou falando, passou anos querendo apenas uma chance, não foi? — Insistente, Laura vem até a mim, coloca os braços em volta do meu pescoço, olha nos meus olhos e procura respostas que certamente não encontrará.

Pelo menos não uma que lhe agrade.

Ela tem razão quando fala em anos. Foi tempo demais perdendo tempo com uma história falida e vivida somente por mim. Passou todo esse tempo me tratando da forma como lhe era conveniente ao momento, quando queria saber algo sobre a vida do seu verdadeiro alvo.

Quando enfim consegui levá-la para a cama — fato que só

aconteceu porque percebeu que havia perdido o Henry em definitivo —, serviu para esclarecer algumas questões na minha mente.

— Entenda que esse tempo passou, Laura. Não sou mais o homem que você tinha na palma da mão — afirmo, tirando os seus braços do meu pescoço e em seguida, virando-lhe as costas.

Precisando de distância, de ar puro e de um tempo para colocar os meus pensamentos em ordem, vou para perto da parede toda de vidro e que também é uma janela.

Parando para pensar, acredito que a minha libertação começou no momento em que consegui o que queria. Quando transei com ela sabendo que não era a pessoa a quem gostaria de estar entregando o seu corpo.

Por orgulho, fui até o fim e depois que aconteceu, algo dentro de mim mudou.

Não que o sexo não tenha sido bom, pelo contrário, foi tudo o que eu imaginava e esperava. O fascínio acabou quando tardiamente percebi que ela apenas me usou. Olhou para o homem que tanto a queria depois de perceber que não conseguiria nada com quem verdadeiramente amava.

Deixei de vê-la com os mesmos olhos quando todas as noites passei a sonhar com outra mulher, a minha Amanda. Que eu achava ser apenas uma fantasia quente projetada pela minha mente.

Para a minha sorte foi real e se depender dos meus esforços, continuará sendo.

— Não vira as costas para mim, Saulo — pede, chamando a minha atenção ao tocar o meu ombro.

Doido para terminar com a conversa que não levará a lugar algum, volto-me para a ruiva e afirmo:

— Eu já segui em frente, Laura. Dessa vez sou eu quem estou dizendo que não quero nada com você. Entenda isso, por favor! — Mais calmo, peço, torcendo para que leve numa boa.

Nós dois trabalhamos juntos e tudo o que não preciso é que fique um clima ruim entre mim e ela no nosso local de trabalho. Prefiro que as coisas continuem como eram antes, assim como é a boa relação entre ela e o Henry. Laura foi sensata ao preferir não falar sobre seus sentimentos para o cara que a tem como melhor amiga e espero que, nesse caso, continue sendo sensata.

— Por causa dela? — Quer saber, a mim não resta alternativa, além de ser o mais sincero possível.

— Por minha causa. Você sabe que os meus sentimentos por você não eram saudáveis, Laura. É também por causa da loira, não posso negar. Começo a sentir algo muito especial por aquela menina e quero tentar com ela

— confesso, no seu rosto vendo a expressão do desgosto.

— Qual o seu problema e do Henry com essas novinhas? É algum tipo de fetiche?

Sua pergunta me deixa levemente desconcertado, quando a minha mente vem à lembrança de mim tirando sarro do Henry por namorar uma ninfeta. Hoje, eu estou de quatro por uma garota tão jovem quanto à mulher dele e melhor amiga da ninfa número 1.

— Que tipo de pergunta é essa?

— Não quero falar da garota sem graça...

— Amanda não é sem graça. Pelo contrário, é tão linda que me deixa louco de ciúmes apenas por ver os olhos cumpridos de outros homens em cima dela — digo com um sorriso idiota no rosto, mas ao ver a sua expressão chateada, percebo que falei demais.

Tudo o que eu não quero é magoar o coração de outra mulher, ainda mais uma que, apesar da nossa história conturbada, fui por tanto tempo apaixonado e ainda é minha amiga.

— Desculpe-me — peço, antes que ela tenha tempo de falar alguma coisa.

— Acho que agora estou pronta para você — afirma, voltando a abraçar-me pelo pescoço. — Deixa de brincar com aquela loira sem sal e dá uma chance para nós? — pede, tenta beijar a minha boca e sou rápido em desviar.

Ela aparentemente ignorou tudo o que foi dito até aqui por mim e agora, olhando-a bem de perto, dou-me conta de que estou ouvindo tudo o que por muito tempo desejei ouvir e mesmo assim, não me senti nem tentado com a sua oferta.

Não tenho dúvidas de que em mim aconteceu uma mudança brusca, pois ao invés de me sentir minimamente balançado com as suas palavras, tudo o que eu penso é em sair e ir atrás da minha gata de unhas afiadas — as minhas costas feridas que os digam.

— Eu já falei tudo o que precisava, Laura. Só preciso que entenda isso e siga em frente.

— Não vou perder você para uma menina que não sabe nada da vida.

— Não vai perder porque nunca fui seu.

— Não foi porque eu não queria — gaba-se, fazendo com que seja difícil controlar o meu gênio e deixe de lado a calma e a educação com que falo com ela.

— Continue não querendo. Mesmo se for diferente, isso já não me importa. A minha decisão está tomada — aviso, afastando-me do seu agarre,

dirigindo-me para a porta.

— Vou fazer com que mude de ideia, meu caro. Voltará a me amar ou mudo de nome — garante.

— Não perderia o meu tempo tentando se fosse você. O jogo acabou, Laura, aceite. Sugiro que não ouse se aproximar da minha garota. Se o fizer, pode ter certeza de que esquecerei todo o respeito que ainda tenho por você.

Abro a porta e não estando disposto a ouvir mais nada, saio e antes de fechá-la, ainda a escuto gritando pelo meu nome.

Por alguns segundos permaneço parado contra a porta tentando me acalmar depois da conversa difícil, porém, necessária que acabei de ter com a Laura.

Depois de alguns minutos volto para o mesmo corredor onde deixei meus amigos e a Loirinha e como imaginei, ele está vazio. De imediato vou para a sala do Henry só para abrir a porta e encontrar o casal 20 aos beijos.

— Não sabe bater não, porra! Poderíamos estar ocupados — Henry reclama.

— Transando?

— Que seja. A Elga está na antessala justamente para isso, avisar quando alguém deseja falar comigo.

— Para de bobagem, porra! Sabe que nunca tivemos disso — reclamo e ele não se dá ao trabalho de largar a mulher que, nesse momento, me fulmina com o olhar.

— O que faz aqui?

— Onde está a Amanda? — indago, dessa vez dirigindo-me à Clara.

— O que você acha, seu idiota? Ela foi embora depois que você saiu correndo como um cachorrinho atrás da outra.

— Porra!

— Porra digo eu. Como pode ser tão idiota, Saulo? — Clara questiona, deixando transparecer o quanto está puta comigo. — Por que não faz um favor para todos nós e deixa a minha amiga em paz? Não acha que já a perturbou o suficiente?

— Eu não posso — digo antes de me virar para sair da sala. — E, Clara — chamo e tenho a sua atenção —, Amanda tem sorte de ter uma amiga como você.

Saio e durante o dia, enquanto organizava algumas pendências na minha sala, a minha mente ficou dividida entre o trabalho e certa loira.

Entendi que não poderia ir atrás dela hoje, não quando está magoada e entendendo tudo errado. A abordagem, nesse momento, apenas pioraria a minha situação que já não está boa. Decidi dar um tempo para ela e para mim

mesmo. Apenas por hoje, sei que amanhã nos encontraremos na sala de aula e de mim não poderá fugir.

Teremos uma conversa séria e definitiva e espero que termine da forma que imagino. Não pode ser de outra forma, não quando entendi que não posso fugir dos sentimentos que em mim ela desperta.

Não quando me dei conta de que, quanto mais fujo, mais fascinado por ela fico. Mesmo relutante em admitir, sei que não existe outro nome para o que sinto por Amanda.

É paixão ou algo muito próximo a isso.

Amor?



Amanda

Se alguém chegasse para mim dias atrás falando que um dia eu chegaria a considerar a aula de Literatura a pior aula de todas, certamente encararia a afirmação como uma bela piada. Como poderia eu achar ruim a aula da minha disciplina preferida desde o ensino médio?

Agora, sentada pelo que parece uma eternidade — apesar de ter apenas 10 minutos que a aula iniciou, tenho convicção de que essa é sim a pior aula de todo o curso. Não tem uma semana e já é impossível pensar de outra forma.

O professor Bitencourt está à frente da turma, sentado a sua mesa e muito entretido com algo que está vendo no seu iPad. A aula não começou ainda porque o moreno começou a passar a lista de chamada e aparentemente não começa a aula antes de ter certeza de que todos assinaram.

Nem um pouco disposta a irritar o homem que em nada lembra o Saulo que conheço fora da sala de aula, tomei cuidado para não chegar atrasada mais uma vez e chamar a sua atenção para mim. Tudo o que eu não quero é ter que lidar com o homem. Já basta o professor.

Sentada no fundo da sala, quando não tive maturidade suficiente para lhe encarar e não tive coragem de me sentar em uma das primeiras cadeiras, como costumo fazer, vez ou outra levanto a cabeça do celular e olho para a sua mesa. Em nenhuma ocasião ele sequer olhou na minha direção, corroborando a ideia de que aqui ele é apenas profissional. Não tem nada da irreverência do Saulo fotógrafo e babaca — na maioria das vezes.

Ontem, a sua atitude foi a gota d'água para transbordar os limites do

que o meu orgulho e amor próprio poderiam suportar. Quando parecia que estava tudo indo bem, quando, por pouco tempo, comecei a esquecer quem na verdade é o belo e carismático, Saulo, ele fez questão de jogar na minha cara — mais uma vez — o quão boba sou.

Diferente das primeiras vezes que me deixei enganar pelas minhas próprias vontades, o que aconteceu ontem não foi tão dramático e doloroso. Quando os dois viraram o corredor, eu já estava resignada. Entendi que as coisas são como são e não está nas minhas mãos mudar o que não pode ser mudado.

Entre mim e Saulo existem muitos erros e mágoas, querer que fosse diferente é sofrer sem necessidade. Assim que ele se foi não demorei a dar uma bela desculpa e com a mente surpreendente vazia, peguei meu carro e fui para casa.

Como estava planejando antes de entrar no carro com Saulo, cheguei a casa e me tranquei dentro do quarto, desliguei o celular e peguei um dos meus romances de época. Li até tarde da noite, fingido que a vida continua sendo fácil e que o dia de hoje não existiu, que não teria que levantar cedo para dar de cara com quem não queria ver. Não tão cedo.

Em um curto espaço de tempo tantas coisas aconteceram que parece ter se passado anos. Com certa frequência fico imaginando como seria se eu pudesse voltar no tempo ou então sumir por um tempo da presença desse homem e de tudo o que ele representa para mim.

Tudo é demais para que alguém como eu possa lidar.

— O que tanto você olha nesse celular, gata? Está tão interessante assim para estar ignorando os seus colegas dessa forma? — A voz masculina chama a minha atenção e, ao olhar para o lado, vejo o garoto do esbarrão e que, segundo Camila, estava olhando para a minha bunda na lanchonete.

— O que faz aqui? — questiono por não ter percebido o momento em que ele se sentou na cadeira que estava vazia ao meu lado esquerdo.

— Poxa, gata. Assim pensarei que você não gostou de me ver — fala, dramaticamente levando a mão ao coração.

A cena é divertida e não posso resistir a levar a mão à boca para disfarçar o sorriso. Foi uma bobagem, mas, ao mesmo tempo é divertido ver um rapaz bonito como ele, tão seguro de si e tão descaradamente jogando seu charme.

— Desculpa se passei essa impressão, apenas não tinha percebido a sua chegada — justifico-me sem jeito, nada diferente da reação de sempre, quando sou pega de surpresa como fui agora por ele.

— Então quer dizer que ficou feliz com a minha presença nessa aula chata, Loirinha? — continua a brincar aos sussurros. — Cuidado com o que vai

falar, você pode machucar esse pobre coração. — De maneira surpreendente, ele pega a minha mão de cima do braço da cadeira e a leva para perto da sua boca, deixando um beijo na palma.

Rapidamente percorro a sala com os olhos e felizmente, todos estão entretidos nos seus celulares assim como eu estava antes do garoto me interromper.

Quando meus olhos chegam à mesa do professor, ele já não está mais com a atenção no iPad, agora está olhando diretamente para nós dois. Está com o maxilar cerrado e se os seus olhos fossem capazes de lançar adagas, eles os estariam fazendo nesse momento.

Por alguma razão, seu olhar faz com que, com rapidez, eu puxe a minha mão.

— A aula não é chata... — Sinto-me compelida a defender, pois, além de Literatura ser a minha disciplina do coração, Saulo também já demonstrou ser um excelente professor, apesar de rígido.

Eu que tenho problemas pessoais com ele, tenho razões para pensar que a aula é um tormento, o resto não. Eles deviam sentir-se realizados por alguém que parece dedicado e leva a profissão tão a sério.

— Você diz isso porque ainda não conhece o professor carrasco. Ele faz qualquer um se perguntar o que está fazendo aqui — afirma.

— Os dois poderiam compartilhar com o resto da turma o que falam aos sussurros? — Um Saulo mais sério do que costuma ser pergunta, deixando-nos constrangidos quando a turma inteira para o que estava fazendo nos seus celulares para prestar atenção em nós.

Não é à toa que a galera te chama de carrasco, seu carrasco idiota! Penso e a forma como ele olha ao arquear uma das sobrancelhas, passa a impressão de que ouviu os meus pensamentos.

— Podemos iniciar a aula galera? — pergunta quando a garota da primeira cadeira lhe entrega a lista de chamada assinada e depois de perceber que não ousaríamos retrucar a sua fala.

A aula tem o seu prosseguimento sem quaisquer outros acidentes e ao meu lado, Joaquim não deixa de fazer uma das suas brincadeiras sempre que o professor vira as costas para escrever na lousa. Nas ocasiões em que flagra alguma interação entre mim e o garoto, nos observa com mais atenção do que costuma fazer com o resto da galera, mas o rosto não sofre qualquer mudança.

Não dá para saber o que está pensando ou mesmo se pensa algo que não seja em continuar a ministrar a sua aula. De qualquer forma, não sei se ele tem o direito de pensar alguma coisa. Não depois de ontem, quando deixou claro as suas escolhas, apesar de ter dado indícios contrários minutos antes.

Ao fim da aula, quando começo, rapidamente, arrumar as minhas coisas para sair da sala, coisa que já deveria ter feito se não fosse tão lenta, sinto o meu celular vibrar sobre a cadeira e a tela indica que acabei de receber uma mensagem de texto.

Olho o visor e ele indica ser de um número desconhecido. Como não é algo que aconteça com frequência, pego o celular cheia de curiosidade e o desbloqueio.

Não saia ainda. Deixe que todos saiam, eu preciso falar com você!

Esse é o conteúdo do texto. De imediato meus olhos vão para o professor Bitencourt e ele tem o celular em uma das mãos e a atenção em mim. Querendo confirmar que foi ele a mandar a mensagem, lança uma piscadela e eu apenas balanço a cabeça negativamente querendo que entenda que não vou fazer o que ele quer.

Meu gesto faz com que o moreno feche a cara e logo comece a digitar no aparelho.

É urgente! No seu lugar eu não arriscaria. — Recebo.

Leio, volto a olhá-lo cheia de desconfiança, sem imaginar o que de tão urgente ele poderia querer falar comigo.

Por alguns segundos penso no que devo fazer e acabo decidindo ficar. Se disse que o assunto é urgente deve ser mesmo. Esperando que o último grupo que estava conversando resolva sair de vez, ao invés de ficar conversando na porta, passo a juntar pilha de livros que carrego com mais lerdeza, impedindo assim de levantar qualquer desconfiança de algo entre mim e o professor.

Quando enfim estamos a sós, Saulo não faz questão de fechar a porta e imagino que, assim como eu, também não queira levantar qualquer suspeita sobre nós.

Se eles ao menos sonhassem...

Antes que eu faça qualquer movimentação para caminhar até a sua mesa, o moreno vestido com calça social preta e blusa social azul escuro, vem até onde estou e com toda calma avisa:

— Nós precisamos conversar, Loira.

As suas mãos estão dentro dos bolsos da calça, o que deixa em evidência as suas coxas poderosas e parte muito específica, que tenho certa dificuldade em não olhar.

— Amanda? — Saulo chama a minha atenção.

— Desculpe-me — peço envergonhada, imaginando se o meu rosto está tão vermelho quanto o sinto pegar fogo. — Acho que no momento nós não temos nada para conversar.

— Por favor, Amanda, achei que no carro nós já tivéssemos passado

dessa fase — diz com tranquilidade, como se a nossa ida à revista fosse uma alucinação minha.

— Acho que para nós dois o melhor será cada um ficar no seu canto — digo, sem coragem de olhar nos seus olhos, tudo para não fraquejar.

Sei que corro esse risco, pois sou uma fraca por esse homem, algo do qual não me orgulho.

— Por causa do moleque idiota que estava dando em cima de você durante toda a aula? — pergunta com desdém, mal disfarçando a irritação.

— E se for?

— Qual é o seu problema, garota?

— O meu problema é você que não me deixa viver a minha vida e parece ter prazer em me machucar. Só siga o seu caminho que eu vou tentar fazer o mesmo. — Sem ao menos parar para respirar, despejo tudo o que estava guardado e a sensação é de ter tirado um peso dos meus ombros.

— Você está gostando daquele idiota? — indaga e no seu rosto tem a expectativa e talvez o temor pela resposta.

Não dá para entender esse homem e quanto mais eu tento, mais perdida fico. Ele é confuso nos seus sinais. Fala uma coisa e depois faz outra e para tamanha loucura creio que existe a hipótese de somente duas explicações: ele é louco ou eu só recebo os sinais errados.

Como ele insiste no momento, creio que uma conversa seja tudo o que estamos precisando no momento. Para que tenhamos a oportunidade de colocar tudo em pratos limpos e seguirmos em frente.

— Não vou responder a essa sua pergunta idiota. E já que você quer tanto, nós podemos ter essa conversa, só não sei se tem a necessidade de ela ser na sua casa — digo.

Sabendo do nosso histórico, tenho a necessidade de dizer. Para uma conversa mais séria, o ideal para nós dois é conversarmos em algum lugar neutro, onde não tenha uma cama por perto.

— Eu insisto para que seja na minha casa — diz.

— Por quê?

— Pare de fazer perguntas, amor, por favor! — pede ao olhar para a porta, observando se não há ninguém por perto.

Espera um pouco...

Ele acabou de me chamar de amor?

Amor?

Será que entendi direito?

Deus! Esse homem é louco e vai acabar me levando à loucura também.

— Amor? Por que...

— Você faz perguntas demais, vamos? — Estende a mão para mim, mas logo a afasta quando se dá conta do que está fazendo e de onde estamos.

— Apenas conversar?

— Apenas uma conversa — confirma. — Vou na frente e você me segue com o seu carro, tudo bem? — Lança a piscada sexy que seria a minha ruína se de certa forma já não estivesse arruinada.

— Está bem — digo e o observo sair da sala.

Sozinha, permito-me colocar os pensamentos em ordem e, de qualquer forma, sei que a conversa é algo que estávamos precisando. Sinto que, de uma forma ou de outra, hoje um ciclo se fechará na minha vida.

É chegado o momento de seguir em frente. Basta descobrir para qual direção estou indo.

Uma chance



Amanda

— Tudo bem? — Ele pergunta assim que saímos dos nossos respectivos carros e nos aproximamos da sua casa. A residência tem uma estrutura bonita por fora e, apesar de parecer pequena à primeira vista, parece ser suficiente para um homem solteiro viver.

— Tudo — digo apenas, estando mais interessada em me aproximar do portão de grades e olhar a parte de dentro do seu jardim.

Percebo que ele parece gostar de jardinagem, levando em conta o quão bem cuidado é o seu jardim e não me passa despercebido o fato da sua casa ser muito parecida com a vizinha e aparentemente as residências serem separadas apenas por uma cerca baixa.

— Gostou? — indaga ao se aproximar e abrir o portão.

— Ele é muito lindo, é você mesmo quem cuida?

Ao entrarmos, percebo que por dentro é ainda mais linda, a grama verde é bem aparada e os pequenos vasos de flores colocados ao lado da porta dão um charme especial à residência.

— Eu mesmo. Para mim é uma terapia colocar as mãos na terra, podar as flores e regá-las todos os dias — diz, e a expressão no rosto corrobora com as suas palavras.

Essa nova informação a seu respeito não deixa de ser surpreendente e encantadora, pois eu jamais poderia imaginar que Saulo seria o tipo de homem que mora em uma casa com cerquinha branca e rega flores. Uma descoberta encantadora que em nada ajuda no meu processo de desintoxicação dele.

Desse homem prefiro a versão que bem ou mal, ainda sei lidar.

— Está lindo o seu jardim, parabéns — digo em um fio de voz, sem saber o porquê de ficar nervosa e tímida por estar na sua casa, afinal, teremos apenas uma conversa.

— Obrigado, gata. Seja bem-vinda ao meu lar — diz ao abrir a porta e de maneira exagerada, estende o braço, oferecendo-me passagem. — Espero que se sinta à vontade, tanto que queira vir outras vezes.

Não, meu querido! Não voltarei outras vezes, penso, mas prefiro não externar. Não sei como ele receberia a afirmação e creio que não é o momento para criar mal-estar entre nós.

A sala tem poucos móveis, apenas um par de sofá que parece ser bem caro e confortável na cor marrom, uma mesa de centro, que sobre o tampo de vidro tem um notebook e uma pilha de livros e a frente um painel com uma TV de tela gigante.

— Pelo tamanho dessa TV, imagino que goste muito de assistir — comento ao tirar a minha bolsa do ombro e colocá-la sobre o sofá.

— Sou louco por filmes. É a minha maior paixão depois dos livros, é claro.

Óbvio que ele gosta de livros! Estranho seria se não gostasse, considerando o fato dele ser meu professor de Literatura. Em poucos minutos Saulo deu indícios de ser o homem dos meus sonhos românticos. Acho que não só meu, mas também o de qualquer outra garota que, assim como eu, todos os dias se apaixona por um herói romântico diferente.

Tudo não passa de uma ilusão, pois, se em minutos mostrou facetas que o fazem parecer com o mocinho dos romances açucarados e às vezes picantes que costumo ler, em dias teve atitudes que o tornaria o pior dos vilões, daqueles que fariam as mocinhas bobas saírem correndo para longe dele.

— Ei! Está viajando em qual dimensão, loira? — Ele estala os dedos bem diante dos meus olhos, a minha mente volta para a realidade e bem na minha frente está ele: o meu vilão particular.

O homem que muitas vezes me fez correr, mas foi direto para os seus braços. Dessa vez, espero acabar para sempre com essa história sem possibilidade de um final que chegue perto de ser feliz.

— Apenas pensando em algumas coisas.

Depois do que aconteceu na empresa do Henry, ele parece estar bem tranquilo e aparentemente não se deu conta de que me virou as costas, depois de um mero pedido da tal Laura. Provavelmente, ele está aqui com o mesmo propósito que eu: colocar um fim ao que aconteceu entre nós e ao que não deve mais acontecer.

Da forma como está não é saudável. Eu me dei conta tem um tempo

— apesar das fraquezas — e ele, provavelmente, deve ter percebido também.

No meu carro disse coisas que me permitiram criar ilusões e na revista teve atitudes inesperadas, mas tudo foi antes dele sair com a outra.

Quem sabe eles já não tenham se acertado?

— Sei que provavelmente deve estar com fome, mas se puder esperar um pouco, logo providenciarei algo para comermos — afirma.

— Não precisa se incomodar — aviso, e os olhos estão compridos, doidos para verem o resto da sua casa muito arrumada para um homem solteiro.

— *Me incomodo* sim, quero que você esteja bem alimentada para...

— Para? — questiono, percebendo o seu olhar sacana antes de interromper a própria fala.

— Não faça perguntas, Amanda, estava apenas divagando. Só me fale se quer conversar agora ou se prefere almoçar primeiro — indaga, e para mim, a resposta é meio óbvia.

Não existe a menor possibilidade de eu conseguir comer alguma coisa antes dessa conversa que ele quer ter comigo. Para falar a verdade, até a fome eu perdi.

— Vamos conversar de uma vez — digo.

— Está bem, vem aqui — chama ao pegar a minha mão e me levar para o sofá.

Depois que me sento, em seguida, ele faz o mesmo. O homem senta tão próximo a mim que fica difícil respirar com normalidade. A meu ver, a cena parece íntima demais para o tipo de conversa que estamos prestes a ter. Pelo menos o que suponho ser o conteúdo da conversa.

— Saulo... — Começo, incerta sobre o que falar e de como agir.

No momento em que tento me afastar, minimamente da sua perturbadora proximidade, ele leva a mão até a minha cintura e me impede.

— Por que está se afastando? Está com medo de mim? — provoca.

No momento estamos os dois sentados de lateral sobre o sofá. Um de frente para o outro e a cena nem de longe é a de duas pessoas que estão a ponto de esclarecer algumas coisas e colocar fim em algo que nem começou.

Eu me recuso a pensar em outra possibilidade, pois se o fizer, estarei também chegando à conclusão de que ele é louco. Talvez seja eu?

Ou será que nós dois somos?

— Você tem algum probleminha na cabeça? — Quando me dou conta já perguntei e o fiz com a voz tão baixa e calma que ninguém diria que acabei de soltar tal pérola.

Como resposta, Saulo apenas começa a sorrir. Abre os dentes branquinhos e bem alinhados, o que é bastante irritante. Sem paciência para as

suas brincadeiras, levanto-me na intenção de ir embora, mas ele frustra os meus planos ao me puxar pelo braço e fazer com que eu caia sentada no seu colo.

— *Me solta*, Saulo! Que merda! — reclamo, tento mais uma vez sair, mas ele me tem firme sobre as suas pernas. — Não cansa de brincar comigo?

Seus braços estão sobre a minha cintura e vejo que é inútil tentar me mover. Contra ele eu só teria chance se tivesse o triplo do meu peso.

— Desculpe-me, Loirinha, só achei sua pergunta divertida. *Me perdoa* se te irritei, não foi a minha intenção.

— Tudo bem, já pode me soltar?

— Não quero que vá — afirma.

— Não irei. Eu vim para ouvir o que tem a dizer e não sairei antes que o faça — digo, tentando fazer com que me solte. — Já pode me soltar — aviso.

— Você não entende, gata. Eu disse que não quero que vá para longe de mim — afirma, e o seu agarre mais firme evidencia que não conseguirei me livrar dele. Já que é assim, aproveito para me ajeitar melhor nas suas pernas.

— Não parece uma posição íntima demais, considerando a conversa que teremos? — Mesmo tendo desistido, ainda tento argumentar.

— Loirinha, só me fale que tipo de conversa pensa que teremos?

— Acho que precisamos colocar um ponto final definitivo no conturbado envolvimento que estávamos tendo. Está na cara que eu não... que você... — Olhando para o seu rosto de perto, acabo me perdendo nas minhas próprias conclusões e ele incentiva:

— Que nós?

— Temos que parar com isso de ficarmos transando por aí — falo.

— Acho que você tem toda razão. Nós temos que sair dessa relação conturbada, mas não concordo com a parte de pararmos de transar quando sentirmos vontade. Ainda mais com você que sempre tenho vontade, em todos os momentos — reafirma com o rosto chegando bem próximo ao meu.

— Estou falando sério aqui, Saulo — reclamo.

— Amanda, eu gosto de você mais do que imagina. Muito mais do que você sequer pode sonhar — afirma, olhando bem dentro dos meus olhos e antes que eu sequer abra a boca para falar acerca da minha incredulidade e surpresa com a sua, ele coloca a ponta do dedo indicador sobre os meus lábios e prossegue:

— Sei que está surpresa e sabe porquê? — Balanço a cabeça negando e Saulo continua: — Entre nós nunca houve diálogo. Todas as vezes

que estivemos juntos estávamos transando ou discutindo. As coisas foram crescendo como uma bola de neve a nossa volta e nos perdemos em meio as meias palavras e aos desentendimentos.

— Saulo...

— *Me deixa* terminar, linda. Tudo bem? — pede e apenas concordo ao balançar a cabeça, estando no modo automático e surpresa demais com tudo que esse homem está dizendo.

— Não sei o que se passa pela sua cabeça neste momento e muito menos o que realmente sente por mim além da atração física. Foi por essa razão que a chamei até aqui, para esclarecermos a nossa situação. Depois do que aconteceu ontem, o meu primeiro impulso foi ir atrás de você e explicar os motivos que me fizeram ir com a Laura quando ela me chamou.

— Está falando sério? — É tudo o que tenho para perguntar quando a minha cabeça está confusa demais e mal consegue formar uma frase completa.

— Nunca falei tão sério em toda a minha vida. Ontem, eu sabia que a tinha deixado chateada, que o meu histórico de erros com você não permitiria que pensasse com clareza e reparasse em todos os sinais que dei no estacionamento da universidade e também na Mundo em Foco.

— Eu não entendo...

— Você já vai entender, amor. — Mais uma vez me chama pela palavrinha mágica e fico me perguntando se ele já se deu conta de que tem me chamado assim. — Quando decidi, o melhor a se fazer seria ir para casa e colocar as ideias em ordem, fiz com o propósito de, dessa vez, fazer tudo certo. Não piorar a situação quando eu quero o oposto do que vínhamos tendo até aqui.

— Eu não sei o que dizer, Saulo. Estava com uma ideia fixa acerca do teor dessa conversa e agora que estamos aqui, descubro que estava completamente equivocada? — questiono.

— O que você imaginou? Diga com clareza — pede. — Sem meias palavras, lembra? — Confirmo.

— Pensei que havia chegado o momento de darmos um basta na relação que não sei classificar. A única certeza que tenho é a de que ela não me faz bem — afirmo, decidida a abrir os meus sentimentos e ser sincera tanto quanto ele está sendo.

— Não foi para isso que nós viemos aqui, Loirinha, pelo contrário, eu queria te falar com todas as letras a respeito do que sinto.

— E o que você sente? — arrisco.

— Não posso classificar em palavras os meus sentimentos, neste momento. Só posso dizer que gosto muito de você. Adoro tocar o seu corpo, cada pedacinho dele, com a mesma intensidade que gosto de estar perto de você.

A sua presença me faz bem. Ontem, eu escolhi você e por isso fui com a Laura quando ela me chamou.

— Não pode ser...

— Fui para dizer que entre mim e ela não existe nada, que quero estar com outra mulher e essa pessoa é você, Amanda — afirma e não consigo esboçar qualquer reação. Apenas o olho, vendo nos seus olhos a sinceridade das suas palavras.

Pela primeira vez, Saulo me permite ver além da casca e não posso negar o fato de gostar muito do que, aos poucos, ele permite que eu veja.

— O que quer de mim? — Faço a pergunta mais importante até aqui com o coração aos pulos, tanto pela pergunta quanto pela iminente resposta.

— Que fale com sinceridade sobre o que sente por mim. Diga se permitirá que, pelo menos, eu tente reparar os erros que cometi com você e a faça feliz.

Benefícios



Saulo

A tenho sentada sobre as minhas pernas, próxima como eu gostaria que estivesse e olhando para o seu rosto, lindo como uma obra de arte, fico na expectativa pelo que responderá.

Quis falar com clareza sobre os meus sentimentos e assim o fiz, sem medo da rejeição, pois ela é algo para a qual estou preparado. Não fui o melhor dos homens para ela em várias ocasiões e, de tudo que disse, espero pelo menos que nos dê uma chance.

Acredito que tenho o direito de tentar. Se no início tive medo de sentir o mesmo tipo de sentimento nada saudável que tive por Laura, agora sei que não poderiam ser situações e sentimentos mais diferentes. Com a loira me sinto leve e posso ser eu mesmo, sem usar de qualquer subterfúgio para fazer com que preste atenção em mim.

Amanda é apenas Amanda, a minha Loirinha gostosa. Atualmente, tudo o que venho desejando é fazer com que ela goste de mim tanto quanto gosta do meu corpo. Sei que sente atração, mas quero que vá além, assim como eu já fui por ela.

— Não vai responder? — indago, vendo-a com o olhar perdido, certamente com a cabeça fervilhando de pensamentos e ideias.

— Eu tenho tanto medo — finalmente, olhando para dentro dos meus olhos, responde e nos seus olhos posso ver a sinceridade das suas palavras.

— Entendo e sei que não tem motivos para sentir de outra forma, mas te prometo que, se deixar, posso fazer com que o medo suma.

— Apesar de tudo, você jamais saiu dos meus pensamentos. Por

mais que eu saiba de todas as razões pelas quais não devo sentir da forma como me sinto quando está perto de mim, não pode ser de outra forma. Gosto de você mais do que deveria — admite. — Só não posso evitar de sentir medo. Não quando não deu motivos para ser de outra forma — afirma, sincera.

— Por que não permite que eu tente mostrar que posso ser melhor para você? Só lhe peço uma chance — praticamente imploro, me vendo em uma posição onde jamais imaginei estar.

Sempre foi o contrário, mulheres em busca de algo a mais depois de uma única noite e eu nem um pouco disposto a pelo menos ter uma segunda noite com nenhuma delas. Com Amanda parece nunca ser o suficiente, mesmo com o mundo de complicações entre nós.

Quando tudo o que vivemos ainda parecia um sonho, meu corpo não esqueceu do seu. Noite após noite clamava pelo toque e depois que me dei conta que foi uma experiência real, passei a precisar de mais, não só do contato físicos.

— Não sei... — enfim responde, incerta do que realmente quer, quer dizer, sei que ela quer ficar comigo tanto quanto eu quero ficar com ela, mas como disse: tem medo de se entregar e voltar a se decepcionar.

Entendo a sua posição e mesmo não tendo passado pelo que ela passou por minha causa, também estou morrendo de medo. Mas não a ponto de me impedir de tentar. Creio que a vida é curta demais para que eu possa abrir mão do que pode me fazer bem.

— Serei julgado se tentar? — questiono com uma ideia em mente e ela, parecendo confusa, pergunta;

— Tentar?

Em algumas ocasiões Amanda é tão inocente que chega a ser excitante, traz em mim ganas de ensiná-la mais sobre a vida e o prazer entre o homem e uma mulher. Saber que o pouco que conhece foi ensinado por mim deixa-me envaidecido e muito possessivo.

Tenho ganas de ensiná-la muito mais e apenas para o nosso prazer, pois para mim é impossível sequer pensar na possibilidade de outro além de mim tocando na sua pele macia, beijando a sua boca rosada e desfrutando do seu corpo.

Amanda foi apenas minha e assim espero que continue sendo. Não permitirei que idiotas como Joaquim Tavares, que passou a aula inteira com os dentes abertos para a minha loira, sequer ouse se aproximar dela. Tive que manter a postura e fingir que não estava vendo, mas, no fundo, estava louco para ir até ele e dizer para não perder seu tempo, que Amanda era minha.

— Eu não gostei de ver aquele garoto dando em cima de você — digo, ignorando a sua pergunta e a minha intenção de usar armamento pesado

para seduzi-la.

Antes de mais nada, preciso tirar essa pedra do meu caminho e garantir que nessa história só tenha espaço para 2 pessoas: ela e eu.

— Ele não estava fazendo isso, apenas foi gentil — defende, claramente por não saber quem é o idiota metido a garanhão do campus.

— Você não pode ser tão inocente, gata. Não me diga que não percebeu que o garoto estava no mínimo jogando charme?

— Percebi, mas... — interrompe-se ao notar que estava dando explicações para mim e irritada, tenta se levantar do meu colo, mas eu a impeço.

Não quero que fuja do meu toque e nem de nós dois.

— Você não tem o direito de estar me cobrando qualquer coisa, não quando me deixou sozinha ontem e foi atrás daquela mulher. — Joga o fato na minha cara e creio que esteja merecendo.

— Eu já te expliquei, gata — digo a abraçando, mesmo que ainda esteja relutando.

— Eu entendi, mas isso não apaga o que fez — afirma.

— Será que um dia chegará a confiar em mim? — pergunto, levando a boca ao seu pescoço cheiroso, o mesmo cheiro doce que me perseguiu por meses a fio, no meio de lembranças que vieram como sonhos altamente eróticos.

Eles faziam com que eu acordasse duro e me obrigavam a dar alívio a mim mesmo, na falta da minha musa sexy e quente como o fogo do inferno.

— É muito cedo... — Tem dificuldade para falar quando por baixo da minha mão, sinto o seu braço se arrepiar ante aos beijos e mordidas no pescoço. Não acreditando ser o suficiente, desço a alça fina da sua blusa e os beijos passam para o seu ombro. — O que você está fazendo?

— Falei que tentaria, não foi? — provoco ao segurar o seu rosto perto do meu e morder levemente o seu lábio inferior, antes de beijar o canto dos seus lábios pintados com batom vermelho.

Olhá-los assim invoca na minha mente cenas dela ajoelhada a minha frente, nua e tendo os lábios vermelhos esticados de tanto tomar o meu pau na sua boca.

— Não pensa que será assim tão fácil, que bastam meia dúzia de palavras e eu abaixarei a calcinha para você. Fiz algumas vezes e aprendi a lição — diz, deixando evidente que não esquecerá tão facilmente os meus erros.

— Não quero que esqueça. Quero que me dê a chance de lhe provar que posso ser um bom namorado para você — digo, causando surpresa para ela e até para mim mesmo.

— Namorado? Você tem certeza de que está se sentindo bem,

professor Bitencourt?

Não faço ideia de onde saiu a palavra namorado e quando dei por mim, já havia falado. Talvez esteja indo rápido demais, mas quem pode me julgar depois de ter perdido tanto tempo com questionamentos e pensando no que pode dar errado?

Se mais um tempo com a Loirinha, conhecê-la melhor e fazermos sexo com regularidade for o mesmo que namorar, creio que seja isso que quero fazer com ela. Nunca namorei sério com mulher nenhuma e os poucos relacionamentos que tive duraram poucos meses cada um e em nenhum deles tive a intenção de evoluir a relação para algo mais sério. Com ela tudo parece diferente, não sei explicar os motivos para isso, apenas sinto que merece o melhor de mim.

— Tudo bem, acho que exagerei. Primeiro, vamos nos conhecer, podemos ser o que você quiser: amigos, amantes ou namorados. Só me deixa ficar assim, perto de você — peço, dando diversos beijos rápidos nos seus lábios.

— E amigos se sentam em cima do outro e beijam na boca? — questiona, audaciosa e tornando a minha situação muito difícil.

— Depende do tipo de amizade que eles pretendem ter. Eu, por exemplo, não me importaria se você quisesse manter uma amizade colorida, onde poderia usar e abusar do meu corpo. Juro que não me importo.

— Poxa! Fico lisonjeada por tamanho sacrifício — brinca. — E já que eu gosto muito do que você sabe fazer com as mãos, boca e outras partes específicas do seu belo corpo, acho que vou aceitar a oferta — diz, corando por não ter coragem de falar mais abertamente.

— Que oferta? A de sermos somente amantes, a de sermos apenas amigos ou a de sermos amigos com o bônus de você deixar que eu a foda sempre que tivermos vontade?

A minha provação faz com que ela fique ainda mais tímida e o tom vermelho do rosto também se espalha pelo pescoço. Aproveito da situação para assoprar o local e em seguida passar de maneira lenta e torturante a língua. Sinto o seu corpo miúdo estremecer sobre o meu e então pergunto pertinho da sua boca:

— Aliviou? — Amanda balança a cabeça afirmativamente. — Você ainda não respondeu a minha pergunta, loira: com ou sem bônus?

— Você sabe a resposta — diz e pondera: — Mas, acho melhor irmos com calma, não quero mais...

— Eu sei, linda, prometo que farei de tudo para não mais te fazer sofrer. Quando perceber, já estará se atirando de paraquedas nos meus braços — afirmo.

— Convencido! — reclama e eu aproveito para nos trocar de posição.

Levanto-a das minhas pernas, mas é apenas para colocá-la em melhor posição, uma que nos deixa mais próximos e íntimos. Agora, Amanda está sentada de frente para mim, uma perna em cada lado da minha cintura. Apesar da surpresa de início, a minha Loirinha logo relaxa.

— Não é bom estar dessa forma? — pergunto pertinho do seu ouvido, tentando fazê-la entender que não tem motivos para pudores entre nós dois. Somos íntimos demais para isso.

Os nossos corpos se conhecem e pretendo fazer com que se conheçam ainda mais, que sejam tão íntimos. Que seja impossível ficarem muito tempo sem se procurarem.

— Está maravilhoso, mas eu estou com fome, amigo com benefícios — diz mais confiante em nós dois e isso ela demonstra ao enrolar os braços no meu pescoço e se ajeitar melhor sobre o meu colo.

Sua atitude faz com que seja difícil segurar o impulso de agarrá-la e amar o seu corpo por horas a fio. Matar a saudade que sinto, como se eu tivesse há dias sem tocá-la, quando na verdade não tem muito tempo que estávamos nos amando em um quarto de hotel.

— Eu vou alimentá-la, amor — afirmo e ela abre um sorriso que é capaz de iluminar um estádio de futebol. — Depois podemos fazer o que você quiser.

— Já é a terceira vez que me chama assim: amor! Por quê?

— Não faça perguntas difíceis agora, loira. Chamo você assim porque sinto vontade e não tenho razões para não chamar. Posso?

— É claro que pode — diz e emenda: — Saulo, você promete por tudo que lhe é mais sagrado que não vai mais me machucar?

Ela fala com tanta seriedade e expectativa que a minha consciência pesa por ter quebrado o seu coração mais de uma vez.

— Eu prometo que não farei nada além de tentar conquistar a sua confiança em mim. Tentarei mostrar-lhe que não sou esse babaca que você conhece — afirmo, tirando o cabelo do seu pescoço e beijando o lugar.

— Tudo bem, eu acredito em você — fala, tomando a iniciativa do beijo e então a tenho da forma como desejei estar quando a chamei para vir a minha casa.

Era esse o fim desejado. O beijo lento e gostoso onde as bocas, lábios e línguas se buscam com calma, experimentando a deliciosa sensação do toque desejado.

Depois do que pareceu serem vários minutos, as nossas bocas se

afastam e a levo para a cozinha. Felizes e parando a todo instante para nos abraçarmos ou beijarmos, nos empenhamos em preparar o nosso almoço. Depois de pronto, saímos para comermos na mesinha amarela de dois lugares que a minha avó colocou no jardim.

Comemos com o sorriso rasgado no rosto e falando sobre assuntos amenos, como a campanha que ela fará para a capa da Mundo em Foco. Enquanto lavávamos a louça, ela lembrou dos pais e antes que tenha tido a chance de tentar ir em embora, a convenci a ficar mais um pouco.

Não foi tão difícil, bastou apenas dizer que tenho uma biblioteca maravilhosa e não precisou de mais nada. No fim, ela acabou ligando para a mãe e dizendo que passaria o dia com Clara. Não gostei da parte em que mentiu, mas acabei deixando passar quando disse que foi necessário, já que a mãe não sabe que ela tem alguém, seja amigo íntimo ou namorado.

Agora que estamos indo para a biblioteca, acredito que não poderia estar mais feliz. Tudo está saindo melhor do que eu planejava e se depender dos meus esforços, Amanda sairá dessa casa tendo uma impressão muito melhor do que tinha de mim quando chegou. Preciso que assim seja, pois não sei como lidarei se mais uma vez for rejeitado.

Dessa vez seria mais doloroso, pois o que começo a sentir por essa mulher é muito maior do que já senti por qualquer pessoa, nem mesmo por Laura. Sei que vai além do tesão e do sexo espetacular.

É muito mais!

Biblioteca



Amanda

— Romeu! Romeu! Por que és tu, Romeu? Renegas o pai, despoja-te do nome, ou então, se não quiseses, digas ao menos que amor me tens, porque uma Capuleto deixarei de ser logo.

— Meu inimigo é apenas o teu nome. Continuarias sendo o que és se Montecchio tu não fosses. Que és Montecchio? Não será mão, nem pé, nem braço ou rosto, nem parte alguma que pertença ao corpo. Sê outro nome. Que há num simples nome? O que chamamos de rosa sob uma outra designação teria igual perfume. Assim, Romeu, se não tivesses o nome de Romeu, conservaria a tão preciosa perfeição que dele é sem esse título. Romeu, risca teu nome, e em troca dele, que não é parte alguma de ti mesmo, fica comigo inteira.

— Aceito a tua palavra. Dá-me o nome apenas de amor, que ficarei rebatizado. De agora em diante, não serei Romeu — recito o trecho que sei de cor e pelo visto, ele também.

É claro que ele saberia, pois tudo que eu amo e odeio em um homem, Saulo tem de sobra.

Agora, estamos os dois na sua biblioteca, eu encostada na sua imensa estante que cobre a parede de cima a baixo — todas as quatro — e ele está na minha frente, todo lindo, sedutoramente recitando Shakespeare junto comigo.

— Será que nós temos o gosto parecido quando o assunto são os livros? — indago, sentindo um pouco de dificuldade em me concentrar quando o tenho bem próximo, olhando-me com intensidade.

— Mais um motivo para você gostar de mim — diz, acariciando o

meu rosto.

Agindo muito diferente do que eu imaginava, Saulo resolveu falar dos seus sentimentos e pedir uma chance para ao menos tentarmos ficar juntos.

Não posso negar o fato de ser ele a minha maior fraqueza e enquanto conversávamos, tive de me segurar para não me oferecer de bandeja, pois sei que as coisas não são tão fáceis entre nós e que me preservar é o melhor que posso fazer. Mesmo que meu lado que tem um tombo por esse homem tenha vontade de se jogar sem pensar nas consequências.

— Eu gosto de você — afirmo, aceitando os seus beijos no meu rosto e os carinhos nos ombros e pescoço.

— Saberei esperar até que esse olhar de desconfiança deixe o seu rosto.

— Quem é você e o que fez com o meu professor carrasco? — brinco para descontraír, preferindo não me apegar as suas palavras.

Mais do que meras palavras e promessas, preciso de ações, gestos que me permitam acreditar e sentir confiança em tudo que saiu da sua boca.

— Ele ficou na sala de aula, senhorita Amorim — diz, agora levando os braços para a minha cintura e me abraçando contra a estante repleta de livros maravilhosos, pelo pouco que pude ver.

Saulo parece estar bem tranquilo com a posição em que estamos e com o fato de estarmos agarrados e citando trechos românticos um para o outro depois de termos olhado superficialmente alguns dos seus exemplares — alguns bem raros.

Um exemplo disso é ter em sua biblioteca umas das primeiras edições de Romeu e Julieta, presente dos seus avós, pelo que me disse. Ganhou ainda adolescente quando perceberam a sua paixão pelos livros e desde então, ganha edições especiais dos seus livros preferidos em todos aniversários.

— Quando estou com você assim e em sala de aula com o professor Bitencourt, sinto como se fossem pessoas diferentes — digo, pensando em como ele se transforma em outra pessoa quando está em sala de aula.

Fora algumas olhadas quando me viu conversando com Joaquim, na sala ele age como se não nós conhecêssemos e eu não acho isso ruim, apenas queria ter o seu poder de controle. Não posso negar o fato de ser apaixonada pelas suas duas versões: homem irreverente a quem me entreguei e o professor gato, tudo que a minha mente poderia criar nas fantasias mais românticas.

— Somos pessoas diferentes, linda. Ali eu me dispo do Saulo que você e os nossos amigos conhecem. Entro no modo professor e assim fico até que termine a aula. Amo fotografar, mas a sala de aula é a minha maior paixão e conseguir passar o que sei para pessoas jovens como você é o que quero para a

minha vida por muitos anos. Não me vejo fazendo outra coisa.

— Que lindo tudo isso que você falou.

Emociono-me pela paixão que tem pela profissão que exerce e além da emoção, sinto preocupação. Sei que ele tem os seus princípios e ainda não falamos sobre a nossa situação quanto a isso.

— Você quer exercer? — questiona.

— Ainda não sei, mas talvez eu siga os seus passos — revelo.

— Já pensou? Seríamos um casal foda de professores — empolga-se ao falar de sermos um casal, depois de já ter falado em namoro e de me chamar de amor.

Com suas atitudes, percebo que começo a entendê-lo. Saulo, apesar de meter os pés pelas mãos em algumas ocasiões, sente com intensidade e urgência e parece não conseguir ser de outra forma. Toma uma decisão e vai em busca do que quer.

Por alguma razão, ele decidiu que quer ficar comigo e parece não querer pouco. Por mais que tenha medo e que algo diga que é muito cedo para confiar, sinto-me feliz pela possibilidade de enfim estar me enxergando de verdade.

— Saulo, como vai ser a partir de agora? — Faço a pergunta, tocando no assunto que não pode ser adiado.

É algo sério e não quero de forma nenhuma que se prejudique por minha causa. Não é só o fato dele ser o professor e eu a aluna na mesma faculdade, o problema maior é eu ser sua aluna. Seria no mínimo antiético no ponto de vista de qualquer pessoa a nossa relação.

— Eu queria não ter que pensar sobre isso — revela, abraçando-me com mais força e por um momento, enterrando a cabeça no meu pescoço. — Amo o seu cheiro.

— Temos que falar, não quero...

— Você não vai — afirma, sem que eu precise terminar. Ele sabe qual é a minha preocupação. — Nós vamos dar um jeito e ninguém descobrirá que estamos juntos. Só não me peça para esperar.

— Esperar o quê?

— O semestre acabar. Não seria capaz de resistir tantos meses — revela.

— E se eu tivesse decidido ser apenas sua amiga? — provoco.

— Aí não teria a expectativa, mas como tenho, mal posso me segurar para não tentar tirar essa sua calça colada agora mesmo — diz, mordendo a minha bochecha, muito bem apertado contra o meu corpo, quase me fazendo atravessar a estante de livros.

— Só pensa em sexo?

— Do seu lado? Sempre, desde o momento em que coloquei os olhos sobre você naquela boate — assevera.

— Lembra disso?

— Agora eu lembro de todos os detalhes do que aconteceu na noite em que você foi minha pela primeira vez — diz, a culpa passa pelos seus olhos e então ele emenda: — Vou passar o resto da minha vida tentando recompensar-lhe por aquilo. *Me perdoa?* — pede mais uma vez.

— Temos que tentar esquecer esse episódio da nossa história — peço, pois por mais que tenha doído e deixado uma marca em mim, prefiro deixar para trás e tentar com ele que, mesmo depois de tudo, é a pessoa por quem sou apaixonada desde o primeiro encontro, quando abriu o sorriso muito sexy para mim. — Resto da vida, é?

— Não sei, me diz você? — provoca.

— Às vezes a intensidade dos seus e dos meus sentimentos me assusta, mas só acontece quando paro para pensar, é porque prefiro não pensar no futuro — revelo.

— Vamos levar isso da forma como você quiser, no seu tempo. Por enquanto, aceito o que estiver pronta para me dar.

— Acho bom que pense assim, você está em dívida comigo e eu decidirei quando estará totalmente paga.

— Está bem, Loirinha. Aceito ser mandado por uma menininha como você — brinca e com as mãos, aperta a minha bunda com gosto.

— Menininha?

— A minha ninfetinha gostosa, que se torna uma safada quando coloca os olhos no meu pau. Ela também fica muito deliciosa quando está com o rosto todo corado, assim como está agora, depois de ouvir que é safada.

— Você é impossível! Não tem limites?

— Não sou cartão de crédito. — Faz a piada boba e eu acabo sorrindo como uma maluca.

— Está feliz? — ele pergunta depois que guardo os dentes dentro da boca e creio que feliz seja pouco perto do que sinto agora. Ele conseguiu me surpreender e mal vejo a hora de ver o ele fará para provar a veracidade de tudo o que disse.

A possibilidade de vê-lo na universidade e também na revista já não me parece um tormento. Pelo contrário, creio que mal posso esperar para ter esses momentos, pois sei que quando não estiver ao seu lado, estarei com saudades e desejando estar. Se isso já acontecia antes, imagina agora que ele tem promessas a cumprir e uma amizade colorida para vivermos?

— Feliz como não estava quando acordei hoje de manhã — confesso.

— Eu imaginei que interpretaria errado a cena que viu e não a julgo por isso. Por essa razão não quis ir atrás de você, precisava pensar e decidir como agir. Percebi que não lhe dei motivo algum para confiar em mim e esperar uma atitude coerente da minha parte. Agora que esclareci tudo, só quero ficar assim, juntinho de você.

— O mesmo aqui.

— E voltando ao assunto universidade, nós podemos manter em segredo, o semestre logo acaba e eu vou dar um jeito de mudar de campus.

— Não faça isso...

— Vou fazer, Loirinha, pois mesmo amando o que faço e onde faço, não arriscarei que ele se torne um empecilho entre nós dois.

— Mas...

— Tem que ser dessa forma, linda. Provavelmente eu teria outros semestres para lhe dar aula e não estou disposto a passar tanto tempo escondendo que estamos juntos.

— Não estamos... — começo a falar, não querendo que ele tome decisões tão extremistas e definitivas por conta de uma relação que nem temos certeza se irá para frente.

— Estaremos, minha linda. Em breve estaremos. Sei que você também quer ser minha, só minha e não de sorrisos para aquele moleque bobo — diz, não podendo esconder o ciúme.

Pelo menos eu acho que seja o caso, considerando que não é a primeira vez que toca no assunto.

— Ele é um garoto legal e muito engraçado — defendo.

— Não se engane, Loirinha. O engraçadão está a fim de você, doido para entrar na sua calcinha — afirma, deixando-me sem jeito com a sua forma direta de falar e mesmo assim, não consigo deixar de provocá-lo.

— Assim como você?

— Como eu, a única diferença é que eu posso querer entrar na sua calcinha e até arrancá-la com o dente, ele não!

— Pode é? — brinco, tornando-me ousada, como só acontece quando estou ao seu lado e sou contaminada por sua irreverência e senso de humor.

— Se quiser, estou livre, cheio de amor para dar e um sexo gostoso — fala ao meu ouvido quando sua mão grande puxa meu quadril, deixando-o colado ao seu.

O contato dos nossos sexos faz com que eu queira pular etapas e

acabo com a perna direita enrolada na sua, melhorando o ângulo e o contato dos nossos sexos.

— Saulo, não sei se é o momento de nós começarmos a...

— Transar? — completa.

— E nem se aqui...

— É o lugar ideal? — completa mais uma vez.

— Mas se você pedir com muito carinho...

— Vou poder te comer aqui mesmo contra a estante, em meio aos nossos queridos livros que vão de Shakespeare as suas autoras de romances eróticos.

— Você tem livros de romances hot aqui? — Mesmo tonta de desejo, sentindo a sua boca novamente no meu pescoço, ainda consigo perguntar.

— Eu tenho e qualquer dia desses lerei alguns trechos bem quentes para você. — Mais uma vez faz promessas sussurradas ao meu ouvido.

— Se quiser...

— Eu quero foder você, Loirinha gostosa. Vou começar a trabalhar para ganhar um cargo mais alto do que mero amigo que você, de vez em quando, usa para satisfazer esse corpo safado.

— Se quiser começar agora. Não vou reclamar, mas também não pense que sexo será o suficiente, pois sabemos que ele nunca foi o problema entre nós, pelo contrário...

Saulo não deixa que eu termine de falar e me pega de surpresa, toma a minha boca com a sua. Nos beijamos por vários minutos cheios de fome, mas ele não tenta em momento algum avançar o sinal.

Do jeito que é safado e com o fogo que fico só com os seus beijos intensos, esperava e até desejava por algo a mais. Ao mesmo tempo, fico satisfeita por sentir que está se esforçando para demonstrar que quer mais do que sexo comigo.

— Loira, eu estou tentando, mas você está tornando as coisas muitos difíceis para mim. Sou apenas um homem cheio de tesão por você... — reclama de dentro da minha boca, depois que levei a sua mão que estava estática na minha cintura para o meu seio.

Ele está muito excitado e o fato de sentir que me deseja tanto faz as minhas pernas bambas de desejo.

— Eu estou tão quente...

— Se quiser, meu amor, posso te fazer incendiar... — sugere, mudando os beijos da minha boca para meu colo e altura dos meus seios.

— Eu quero, só esta vez e depois...

— Depois?

— Podemos começar a ir com calma.

— Sim, só essa rapidinha aqui e nós voltamos ao plano original — fala, já com a mão bem mais ousada, apertando o meu seio sobre a blusa de alça fina.

— Não vai pensar mal de mim se eu abrir o zíper da sua calça e colocar a mão dentro da sua calcinha?

— Não vou, prometo.

Ele já está com uma das mãos entre os nossos corpos, tentando abrir o botão da minha calça e ao mesmo tempo beijar a minha boca quando a porta do lugar é aberta e a luz do corredor invade a biblioteca pouco iluminada em relação ao resto da casa.

Assustados, olhamos para os dois idosos nos olhando com curiosidade e não sei se sorrio ou se choro por sermos pegos pela segunda vez nessa situação. O bom é que pelo menos, dessa vez, não estou com os seios de fora.

— Finalmente, trazendo uma mulher para dentro de casa, meu menino!

Menino?

A senhora está chamando esse cavalo de menino?

— Eu disse que mais cedo ou mais tarde ele traria uma namorada até aqui. — Carinhoso, o senhor moreno — como o neto — diz e abraça o ombro de quem suponho ser a sua esposa.

— Achei que estariam na biblioteca a essa hora — Saulo afirma, trazendo-me para frente do seu corpo, assim como fez da outra vez quando estava duro demais para se mostrar na frente de outras pessoas, ainda mais de dois idosos.

— Estávamos, mas começou a chover, o movimento ficou fraco e decidimos fechar mais cedo. — A senhora não tira os olhos de mim enquanto fala e na boca tem um sorriso de satisfação.

— Amanda, esses dois são dona Dora e seu Dirceu, meus avós.

Avós?

Duas versões



Saulo

Minha loira olha para eles e depois para mim e de mim, volta a olhar novamente para eles. A gata parece sem palavras, como se não acreditasse que eu pudesse ter avós.

Na verdade, tenho e os amo muito, são parte de quem sou e as pessoas mais importantes da minha vida. Eles são a razão de ter me tornado um homem minimamente decente quando meus pais se separaram, foi cada um para um lado, viver as suas vidas. Esqueceram que tinham um filho pequeno para criar e essa foi a melhor coisa que eles poderiam ter feito por mim.

Eu os amo, apesar de tudo, e vez ou outra falo com cada um ao telefone, afinal, são meus pais. Tenho irmãos e irmãs por ambas as partes e sou feliz assim, tendo uma família grande, mesmo que não morem tão perto.

Apesar de ter passado por uma fase difícil, onde senti um pouco a falta deles ao meu lado, quando fiquei mais velho entendi que fizeram o melhor por mim ao me deixar com os meus avós paternos. Casaram e tiveram filho cedo, viram que não daria certo e se separaram. Pouco tempo depois ambos encontraram outros parceiros e da minha parte não existe nenhuma mágoa.

Fui criado com todo amor e carinho pelos meus velhos e nada tenho do que reclamar. A minha infância e adolescência foram dentro de uma biblioteca e daí nasceu o meu amor pelos livros. Os romances me fascinam e talvez tenham sido eles a criarem em mim o ideal do amor verdadeiro.

Apesar da fama de mulherengo, a vida toda estive à procura da minha pessoa certa, uma ideia que criei ainda adolescente e mesmo depois de

adulto, quando quis colocar na minha cabeça que tudo não passava de uma bobagem, no fundo, jamais consegui deixar de acreditar.

Como a loira fala, realmente existem 2 *Saulos* dentro mim: o que mostro para todos: o mulherengo e irreverente. Alguém que aprendi a ser quando — ao entrar na adolescência — compreendi que a vida não é tão fácil como no mundo dos livros.

Um dia tive que sair da biblioteca e no meio de uma das prateleiras, deixei o antigo Saulo.

Fui moldado no meio em que passei a viver quando me tornei fotógrafo e não posso negar que é um mundo prazeroso e divertido. Tive muitas mulheres, conheci pessoas importantes, mas é quando chego em casa que tudo deixa de ser importante.

A segunda parte de mim é a minha essência, o menino que deixei entre as prateleiras e que todos os dias eu o visito quando estou na intimidade do meu lar. Esse Saulo ainda acredita no amor apesar de relutar e de ter se enganado tanto quando acreditou ter encontrado a mulher da sua vida.

Esse Saulo sabe que existe algo de muito especial acontecendo e fará o que for necessário para não perder.

— Um prazer conhecer vocês. — Ouço a sua voz e a vejo abraçando a minha avó e em seguida o seu Dirceu.

Ela tomou a frente enquanto estive perdido nos meus pensamentos e pela expressão e sorriso nos seus rostos, os dois já estão apaixonados pela garota. Nada que seja realmente surpreendente, Amanda é uma pessoa muito doce — menos comigo, quando não faço por merecer — e deixa todos a sua volta com o melhor dos sorrisos, quando ela lhes lança o seu tímido, porém, sincero.

— Você é muito linda, criança — A minha avó elogia, passando a mão pelo seu cabelo loiro, liso e longo. — Seus olhos são tão expressivos, parece os de uma águia que tudo vê.

— Obrigada, senhora. — Ela parece sem jeito por estar nessa situação com os dois e eu acho divertido vê-la lidando com o inesperado. Nada me fascina mais do que o seu jeito acanhado de ser e a característica fica mais evidente quando é pega de surpresa, como acabou de acontecer.

— Sua namorada não é muito jovem para você, meu filho? Será que já terminou o colegial? — Como não poderia deixar de ser, meu avô faz a pergunta que qualquer um poderia fazer, mas poucos teriam coragem.

Seu Dirceu é o tipo de pessoa que fala algo que outras mil pessoas no mesmo recinto poderiam pensar e não teriam coragem de falar. Ele é prático, gosta de ver as coisas pelo âmbito da lógica e essa é uma característica que

certamente não herdei. Estou mais para a dona Dora que age pela intuição e por impulso.

— É claro que terminou, vô, acha que eu teria coragem de namorar uma menina nova o suficiente para ainda estar no colegial? — falo como se fosse um absurdo, quando na verdade vi o meu amigo fazer exatamente isso.

Em sua defesa conta o fato de a menininha — como ele gosta de chamá-la — ter mentido a idade quando se conheceram. Eu fui o ouvido que Henry alugou para chorar quando descobriu tudo e terminou com ela, mesmo já estando apaixonado.

— Deixe-os, Dirceu. Não vê que querem ficar sozinhos para fazerem o que estavam fazendo antes de chegarmos?

Como sempre, foi mais liberal do que o marido, minha avó diz, querendo tirá-lo da biblioteca.

— Está bem, só traga a sua jovem para conhecer a casa dos seus avós, meu filho. Foi um prazer, minha querida. Deixe-me saber se esse garoto a fizer mal, garanto-lhe que eu darei um corretivo nele — pede o senhor Dirceu.

— Pode deixar, eu aviso e ajudo o senhor a dar uma lição nele.

Quando eles saem e fecham a porta, nos vejo a sós novamente, viro-a de frente para mim, olho para o seu rosto e vejo que aparentemente está tudo bem, que o encontro com os meus avós não foi demais para ela. Para ter certeza, acabo perguntando:

— Está tudo bem?

— Eles são ótimos e parecem o amar muito.

— Foram eles quem me criaram desde os meus 5 anos de idade. São as pessoas mais importantes da minha vida.

— Seus pais? — Quer saber, deixando-se ser abraçada por mim. Tocá-la é algo que pode facilmente acabar se tornando uma dependência para mim.

— Se separaram e eu fiquei com Dora e Dirceu, mas essa é uma longa história para ser contada em outra ocasião..

— Vou cobrar — avisa.

— Eu sei que vai, linda.

— Eles moram perto de você? — questiona, evidenciando que ficou curiosa a respeito dos dois. Todos ficam quando os conhecem e acredito que é por serem tão comunicativos e carinhosos com qualquer pessoa que os cerque.

— Sim, do outro lado da parede. Essa casa foi dividida e o outro lado do jardim que você viu é a casa deles. Fizemos assim quando eu completei os meus 18 anos. Queria a minha privacidade, mas não queria ficar longe dos dois. Assim, a casa que era grande foi dividida. De qualquer forma, tenho

privacidade e os meus avós do meu lado — explico.

— Você tem ideia do quanto isso é fofo, Saulo? — aparentemente surpresa, Amanda questiona.

— Eu não sou fofo, você é fofa. Eu sou o seu Saulo babaca, o cara que já a fez sofrer por mais de uma vez, lembra?

— Lembro, mas também vejo facetas suas que antes não conhecia e que estou gostando muito de descobrir.

— Está, não é? — Abaixo a cabeça e beijo o seu ombro, simplesmente porque não posso resistir a estar a todo o momento lhe tocando.

— Não seja convencido!

— Não posso prometer isso. Só o fato de ter você como minha amiguinha de sexo já me deixa envaidecido.

— Amiguinha de sexo?

— É o que posso ser, já que você não quer o título de namorada do professor carrasco e muito menos do fotógrafo fodão.

— Rápido demais, lembra?

— Lembro e sei que você não me deixará esquecer, amor — afirmo.

— E por falar em fotógrafo...

— Você não vai ficar sozinha com o Miguel. Estarei a todo o momento com vocês — aviso, aproveitando que ela mesma tocou no assunto.

— Não precisa, a Clara...

— Eu sei, linda, a Clarinha vai ficar com você, mas eu também quero estar presente. O Miguel, apesar de ser um dos meus melhores amigos, não é de total confiança.

— Sei que não é, lembro bem o que fez com o Henry. Mas ele parece ser um cara legal, apesar de tudo.

— Você é minha e ele tem que entender isso!

Apesar de tudo o que conversamos e de eu ter entendido que tenho que respeitá-la e ir com mais calma, não posso impedir que a frase saia da minha boca. Ela é minha e mais cedo ou mais tarde, vai me aceitar da mesma forma.

— Ele faz as coisas apenas para te provocar — defende.

— Sei que faz, mas sei até que ponto ele respeitaria o fato de estarmos juntos, como ele tem certeza de que estamos.

— Não sabia que você era tão ciumento. Isso é ciúmes, não é?

— Eu também não sabia que poderia me sentir assim. Você desperta esse lado em mim. Fico possessivo e inseguro.

— Por quê? — Percebo que Amanda gosta de fazer perguntas para mim, como se estivesse sedenta por me conhecer melhor e de uma forma como nunca me mostrei para ela.

Não é algo que me incomode, em absoluto. Sei que devo isso a ela se quero ter uma chance real.

— Talvez por pensar que você possa decidir que não vale a pena me dar a chance que estou lhe pedindo. Que de uma hora para outra, se lembre de todos os motivos pelos quais você disse me odiar.

Mesmo antes da conversa, tinha na minha cabeça a ideia de que não recebia da loira mais do que o corpo. Achava que, mesmo se tivéssemos a chance de tentar, o passado sempre seria uma mancha entre nós dois. Que a nossa primeira vez sempre estaria na sua mente.

A possessividade e a insegurança têm como principais motivos a ciência de que não a mereço e o medo de que — a qualquer momento — alguém bem melhor possa aparecer e tirá-la de mim.

Acredito até que seja esse o motivo da minha urgência: quero fazer por merecê-la.

— Isso não vai acontecer, Saulo. Entenda que gosto de você. Mesmo sendo cedo e com todos os temores, eu nunca fui capaz de resistir. Sabe disso, não é? — indaga, passando a mão pela minha barba por fazer. — Gosto de você, mais do que imagina...

— Farei com que goste muito mais — afirmo, recebendo os seus beijos carinhosos no meu pescoço. Tudo bem que tenho que fazer manobras para ficar da sua altura, mas por mais beijos seus, faria qualquer coisa.

No momento em que os nossos carinhos começam a esquentar novamente, o seu celular toca. Depois de atender ela avisa que precisa ir embora e eu não tenho coragem de tentar fazê-la mudar de ideia. Estou ciente de que por hoje tive mais do que esperava.

No portão de casa ainda insisti para acompanhá-la até a sua, mas Amanda disse que não precisava me incomodar. Antes de entrar no carro pedi o seu celular e salvei o meu contato, algo que ela ainda não tinha feito, e queria ser uma mosca para ver a sua cara quando visse como ele foi salvo.

O beijo de despedida foi longo e intenso, onde quis dar o melhor final para o dia em que tudo deu certo. Ao me ver sozinho no portão, enquanto o seu carro sumia das minhas vistas, não pude esconder o sorriso de satisfação.

Sei que o caminho será longo, porém prazeroso. Nada é difícil demais quando a recompensa é maior. A minha recompensa é ter a Loirinha tão envolvida quanto eu estou e segura para demonstrar e dizer para mim que está pronta.

Tive medo de classificar, mas como posso negar algo que vem acontecendo há tantos meses? Quando nos meus sonhos eu a procurava e acordava para uma realidade onde ela não existia?

Eu estou completa e irremediavelmente apaixonado por Amanda Amorim e tudo o que posso fazer é lutar até que esteja tão apaixonada por mim quanto estou por ela. Entregue a ponto de se jogar de cabeça, como estou disposto a fazer.

Sei que no início não será fácil. Existem alguns obstáculos a serem superados, mas pior seria continuar fingindo e fugindo do que me perseguirá por onde quer que eu vá.

Tomei a decisão de aceitar os meus sentimentos sendo o Saulo que ainda acredita que para cada pessoa existe o seu par ideal. Ela é essa pessoa para mim, sei que é.

Labo mau e Chapeuzinho



Amanda

Bom dia, Loirinha que AINDA não é a minha namorada. Espero não ter te acordado.

Ainda sonolenta e bem cedo, leio a mensagem do Saulo. Faz dois dias desde a nossa interação na sua casa e ainda não tivemos a chance de nos vermos pessoalmente. Não tive aula e não o vi na universidade — por mais que tenha secretamente o procurado com os olhos por todos os cantos — e ele também não deu indícios de que estava querendo me encontrar.

Por mais que a minha vontade de estar com Saulo seja grande, me esforço para cumprir com a minha própria palavra de tentarmos ir com calma. Tenho recebido as suas mensagens de bom dia e boa noite e às vezes, também as manda no meio da tarde, falando alguma bobagem que me faz rir.

Quando estou na faculdade e me pego sorrindo como uma doida com algo que ele escreveu, sou obrigada a contar uma mentira para Camila na intenção de fugir das suas perguntas. Ela, apesar de ser a minha amiga, não sabe do meu envolvimento com Saulo e não sei se confio nela o suficiente para confessar o nosso caso.

Mesmo que confiasse, assim como confio na Clarinha, creio que ainda assim, melhor será que continue não sabendo. A verdade é que ela está no mesmo ambiente que nós dois e como não tem um filtro entre o cérebro e a boca,

não custa nada para ela — sem querer — falar demais e acabar prejudicando o Saulo.

Na sua casa pude mais uma vez sentir o quanto é apaixonado pelo que faz e estou certa de que jamais me perdoaria se por minha culpa, ele de alguma forma fosse prejudicado.

De Clara não pude e nem quis esconder. No mesmo dia em que ele se despediu de mim no portão da sua casa com um beijo capaz de molhar a minha calcinha — se ela já não estivesse molhada — fui para casa, ajudei a minha mãe com algumas questões das lojas de cosméticos e ao entardecer, fui para a casa da minha melhor amiga.

Ela ouviu e fez expressões dramáticas como uma atriz nata de novela mexicana. Falei de suas promessas, da pressa em dar nome a nossa possível relação e dos seus avós. Não deixei de fora os detalhes sórdidos que, como uma safada, adora ouvir.

Quis saber os detalhes dos nossos amassos na biblioteca e eu, mesmo com o rosto pagando fogo de vergonha e mais abaixo o sexo mais quente ainda pela lembrança, não tive alternativa, senão contar com detalhes dos nossos amassos.

No fim, ela afirmou que nada do que estava ouvido era surpresa, pois sabia que, cedo ou tarde, nós acabaríamos nos entendendo. *Me apoiou* ao dizer que estou certa em ter os dois pés atrás com ele, mas que isso não deve me impedir de lhe dar uma chance.

Saí feliz da sua casa e naquele mesmo dia recebi a primeira mensagem de boa noite. Nela o moreno afirmou que já estava com saudade e eu fiquei um pouco mais apaixonada.

O sorriso bobo se abriu quando olhei o visor, vi a sua foto e na parte do contato escrito: *Amor*.

Ele salvou o seu contato no meu celular da forma como perguntou se poderia me chamar e depois da boa e fofa surpresa, mal posso conter a curiosidade em descobrir como o meu contato foi salvo no seu aparelho.

O homem fez a promessa de que iria tentar me conquistar e fazer com que confie nele e isso é tudo o que tem feito. Saulo joga pesado e nas mínimas coisas tem demonstrado a veracidade das suas palavras e sentimentos.

Não acordou. Inclusive, já deveria estar de pé. Hoje começa o trabalho na revista.

Envio.

Nem me lembre disso. Acho que vou perder uns 10 anos da minha juventude a cada umas das três sessões. Sairei com os cabelos brancos, não tenho dúvida disso.

A sua mensagem é dramática e acompanhada de um emoji com a cara de cansado.

É fácil você remediar isso.

Ao fim do meu texto, o emoji lhe joga uma piscadinha, da forma como ele faz quando quer me provocar e com ela espero que entenda a minha tentativa de fazer o mesmo.

Você vai desistir?

Não, mas você pode desistir de acompanhar Miguel pintando esse quadro, não dizem que o que os olhos não veem o coração não sente?

Quando clico no botão de enviar, penso que gostaria de estar nesse momento vendo a sua expressão que tenta a todo custo esconder a irritação e falhando miseravelmente. Quando tenta ser contido, sua expressão fica dura, os dentes cerrados e quase chegando a rosnar como um cão bravo.

Não digo que falha miseravelmente na sua tentativa de fingir normalidade, porque fica ainda mais sexy quando não está com um dos seus sorrisos fáceis no rosto. Para ser sincera, tenho vontade de provocá-lo ainda mais só para vê-lo sair do sério. Ao contrário de muitos homens, Saulo não fica perigoso ou algo que chegue ao menos perto disso, pelo contrário, fica quente e deixa a mim mesma quente.

Esse ditado não poderia estar mais errado, garota safada. Eu estou sentindo antes de ver. Não existe a menor chance de eu não estar com vocês nessas três sessões.

Ele afirma.

E quando for a sua vez de tirar fotos minhas? Deixará que alguém esteja presente?

A nossa troca de mensagens é a melhor forma de começar o meu dia e se já estava ansiosa para ir servir de modelo para Miguel, agora estou mais ansiosa ainda. Tudo por causa desse homem lindo, que, de uma forma ou de outra, é meu. Só meu e de mais nenhuma mulher.

É claro... que não! Na minha parte do trabalho seremos apenas eu e você. Te garanto que você vai gostar muito, bebê.

Eu vou, é?

Indago, querendo deixá-lo louco e ver até onde vai sem perder o controle.

Vai sim. E já pode parar de me provocar, sua Loirinha atrevida! Eu posso ir aí agora mesmo dar uns tapas nessa sua bunda gostosa. Uma dica: você vai gostar.

Até que não demorou muito. O controle ele perde facilmente.

Estou deitada quentinha embaixo das cobertas, se quiser vir até

aqui e deitar comigo...

Jogo pesado, não sabendo se saberei lidar com o meu próprio jogo.

Eu estou ficando duro, amor...

A mensagem vem e antes que eu tenha tempo de responder, o celular começa a tocar. É ele quem está ligando e não espero um segundo toque antes de atender.

— *Você vai deixar que eu te coma? Eu estou com saudade, minha Loirinha* — diz e ouvir a sua voz causa reações no meu corpo em plena manhã, fazendo com que eu deseje estar ao seu lado o mais rápido possível.

— Que pergunta é essa? — Faço-me de inocente e Saulo logo emenda:

— *Foi você quem começou, minha linda. Não deveria ficar me provocando quando sabe que não aguenta. Agora eu começo a ficar duro com simples provocações, tudo porque estou com saudade de foder você.*

A voz grossa está me deixando tão necessitada quanto ele, mas eu me recuso a tornar tudo tão fácil.

— Nada que um banho frio não resolva — afirmo.

— *Só se você vier me fazer companhia. Me fala, está vestida como? Pelada? Ou usando uma daquelas calcinhas minúsculas que você costuma vestir?*

— Isso eu vou deixar para a sua imaginação, moreno. Não vou fazer sexo por telefone com você, então sugiro que use a sua imaginação enquanto toma banho.

— *Safada! Eu queria ver se teria coragem de falar essas coisas na minha frente. Fala através de um telefone porque é uma provocadora, mas na minha frente se torna uma adolescente tímida e estaria corada de vergonha, não é mesmo?*

— Você está bravo? — continuo, decidida a levá-lo até o limite.

— *Eu estou excitado, cheio de tesão e quando estiver na minha frente, veremos se terá coragem de ser tão safada, bebê.*

— É uma ameaça? O que você vai fazer comigo, lobo mau?

— *Isso terá que esperar para ver, Chapeuzinho* — devolve e eu posso facilmente imaginá-lo como um grande lobo mau e eu como Chapeuzinho.

A diferença é que essa Chapeuzinho aqui, quer ser devorada pelo grande lobo.

— Mal vejo a hora — confesso.

— *O mesmo aqui. Em minha defesa, gostaria de dizer que a minha intenção foi apenas mandar uma mensagem de bom dia, a parte depravada das minhas palavras ficam por conta da saudade que estou sentindo de tocar na sua*

pele com mais liberdade. Espero que continue pensando em mim como um bom menino.

— Vou pensar no seu caso, lobo mau.

— *Pensa com carinho, minha Chapeuzinho gostosa. Tenho que desligar agora, tenho que correr para a universidade. Espero poder te ver pelo menos de longe por lá* — diz e fico contente por perceber que ele também sentiu a minha falta nos 2 dias em que ficamos sem nos vermos.

— Até logo, tenha um bom momento no seu banho, moreno.

— *Terei, Loirinha. Pensarei em você, estou certo de que terei um momento prazeroso com as minhas mãos* — afirma e simplesmente desliga, fazendo com que eu mesma tenha a necessidade de um banho gelado.



Na empresa e ao lado da Clara, não posso resistir ao desejo de, a todo o momento, olhar para a porta de entrada do grande estúdio. Estou com Clara e Miguel, que ajeita o seu material, e nada de o fotógrafo chegar.

Saulo disse, mais de uma vez, que não deixaria de comparecer, motivado pelo ciúme — obviamente — e não entendo como ele ainda não apareceu.

Infelizmente, na universidade não tive mais do que uma visão dele no refeitório, ao lado da professora Jane, que — apesar do meu ciúme — mostrou-se uma excelente e gentil professora na primeira aula que hoje tive com ela.

A mulher é linda e muito competente e, se o Saulo não tivesse afirmado nunca ter tido mais do que amizade com ela, eu poderia até sentir ciúme da beldade.

— Ficar olhado fixamente para a porta não fará com que ele se materialize na sua frente, Amanda — Clara fala ao ajeitar a manga do vestido verde e de um ombro só, sensual demais para o meu gosto.

— Não sei do que está falando — minto.

— Vamos mesmo fingir que não está doida para ver o Saulo?

— Está tão na cara assim?

— Está, assim como aquela ali não consegue disfarçar a inveja que sente de você — afirma quando vemos Henry e Laura adentrar o lugar.

— Por que uma mulher como ela sentiria inveja de mim? — indago aos sussurros, enquanto observamos eles se aproximarem.

— Porque ela quer o Saulo e ele quer você, apenas por isso — diz, segundos antes de o Henry parar ao nosso lado e abraçá-la.

— Está pronta?

— Acho que sim — digo e mais uma vez olho para a porta. Também fico grata por Laura ter ido direto falar com o irmão ao invés de parar para me provocar de alguma forma.

— Ele deve estar chegando — Henry afirma.

— Mas como você... Clara!

— Desculpa, mas eu não podia guardar esse segredo dele e, de qualquer forma, o Saulo acabaria contando, amiga. Esses homens são uns fofosqueiros.

— Desculpem o atraso. — A voz dele invade o estúdio antes que eu tenha tempo de dizer alguma coisa. — Houve um acidente e eu...

Ele para de falar quando os seus olhos se fixam em mim.

— Por favor, alguém traz um babador? Acho que o grande fotógrafo está a ponto de babar em cima da nossa modelo.

A frase não poderia ter saído da boca de outra pessoa que não fosse o Miguel e, por mais que sua fala tenha gerado um burburinho, nós dois estamos perdidos demais em nós mesmos para prestar atenção em algo que não seja um no outro.

— Você está perfeita, Chapeuzinho. — Quando fala, vem para o meu lado, esquece o combinado de irmos com calma e na frente de todos beija demoradamente o canto da minha boca.

Seu gesto de carinho me emociona e, dos pequenos gestos que tem tido nos últimos dias, tenho a certeza de que fiz certo em seguir o meu coração. Ele dizia para dar-nos uma chance, que tudo valeria a pena.

Já está valendo e, no fundo, sei que valerá muito mais. Agora que, aos poucos, passo a conhecer o verdadeiro Saulo, creio que ele é sim, o homem a quem posso entregar o meu coração.

Ainda é cedo para afirmar qualquer coisa, só não posso negar o quanto sou e sempre fui apaixonada por ele. Mesmo quando vi a casca de um homem que só trazia decepção, não consegui não gastar dele. Gosto porque ele é o meu Saulo, o homem que na mesma medida que me magoou na nossa primeira noite, também deu a mim a melhor versão de si quando, durante toda a noite, amou o meu corpo com devoção e carinho.

Bônus - Laura



Na hora em que entrou na sala e os seus olhos a encontraram, a sua expressão mudou. Ele olhou de uma forma como nunca olhou para mim, mesmo quando vivia como um cachorrinho se dizendo apaixonado e eu a odiei por isso.

Saulo está apaixonado por essa menina sem graça, de uma forma como nunca esteve por mim, de uma forma como ninguém nunca esteve. Ele foi o mais próximo disso e não posso perdê-lo dessa forma. Não para essa menina que mal consegue abrir a boca sem parecer uma idiota.

Todos nessa sala sempre souberam da paixão do Saulo por mim e agora ele está assim, olhando e tocando a garota como se ela fosse um cristal.

Primeiro o Henry e agora o Saulo! Não posso perdê-lo, não depois de ter perdido Henry Pimentel.

Quando meu irmão, Miguel, ainda no colegial trouxe Henry, um rapaz loiro e muito bonito, para a nossa casa, eu logo fiquei encantada com ele e os seus modos. Parecia ser lindo, inteligente e engraçado. Logo dei um jeito de me aproximar e acabamos nos tornando muito amigos.

Amigos só dá parte dele, porque da minha, estava interessada em ser bem mais do que isso. Quando tínhamos 18 anos, acabei conseguindo colocar na sua cabeça a ideia de que daríamos certo como um casal e como não tinha nada melhor para fazer, Henry acabou aceitando.

Por um mês fui feliz sendo a namorada do melhor partido da cidade. Tudo foi bem, mesmo ele não parecendo tão entusiasmado, até o dia em que decidiu terminar o nosso namoro. Ainda tentei de todas as formas fazê-lo mudar de ideia, mas da sua parte só ouvi negativas. Henry disse na época que o nosso namoro havia sido um erro e que só me via como uma amiga.

Mesmo tendo passado vários anos fora do país, o levei na minha cabeça e sem nunca ter perdido a esperança de um dia ser a esposa do CEO da Mundo em Foco. Quando tomou o lugar do pai na direção da empresa e me

chamou para ajudá-lo, vim sem pensar 2 vezes e as minhas esperanças renasceram.

Foram anos sendo a amiga que ele precisava, o ajudando a manter o império que o pai deixou em suas mãos. Não agi e nem insinuei querer mais do que a sua amizade por pura estratégia e por medo de perder o que eu já tinha: a sua amizade e o fato de ter o segundo maior cargo na revista. Sabia que ele, apesar de mulherengo e trocar de mulher como quem troca de roupas, não levava nenhuma delas realmente a sério.

Estava esperando o melhor momento de atacar, mas ela apareceu antes, uma ratinha esperta e que o levou de mim. Vi Clara chegar na sua vida, pensei que seria como as outras, mas estava redondamente enganada.

Henry caiu de amores por Clara Aguirre e hoje está praticamente casado com ela. Tentei usar Saulo para saber mais informações sobre a vida dos dois e, quanto mais descobria, mais sofria ao perceber que ele estava realmente apaixonado pela garota e por saber que sou prática demais para arriscar a minha posição na empresa por uma batalha perdida.

Da forma como ele agia e age até hoje em volta da menina, sei que não perdoaria qualquer erro meu. Sofri, mas mantive o meu emprego e a minha amizade com o dono da mais bem-sucedida rede de revistas do estado. Hoje já não me importo com o casal 20, pois aos meus olhos estão voltados em outra direção.

É óbvio que não suporto a ratinha da Clara, mas tento de todas as formas não pular no pescoço dela ao estar na sua presença. Sentimentos piores tenho pela sem graça da tal Amanda. Apareceu apenas para tentar tirar o Saulo de mim, mas dessa vez tudo será diferente. Não vou perder de novo, não dessa vez. Não o Saulo que sempre esteve aos meus pés.

O mesmo Saulo que eu não via como mais do que um amigo. O homem que, para tentar esquecer o fato de ter perdido em definitivo todas as chances com Henry, levei para a cama. Saulo e eu transamos uma vez e foi maravilhoso.

Como mágica, passei a vê-lo com outros olhos, não que já não o achasse lindo e um ótimo partido, apenas via Henry como a melhor opção. Da mesma forma como o sexo e o fato de não ter chances com o Henry me despertou para o Saulo, o sexo também fez com que algo mudasse dentro dele.

No dia seguinte à nossa transa, o vi lindo com a sua pele morena, os cabelos escuros e a barba por fazer, desfilando o seu estilo, beleza e irreverência pelos corredores da empresa. O homem me viu, me tratou como trata todos a sua volta, mas algo parecia diferente.

Desde aquele dia ele nunca mais foi o mesmo, já não parecia ter a

mesma devoção e o interesse parecia ter acabado como num passe de mágica. A cada dia foi ficando mais distante e agora sei o porquê.

Foi seduzido pela novidade de uma garota mais jovem, mas não por muito tempo. Não sei como fazer isso, mas terei que lembrar a ele que sou eu a mulher que merece ter ao seu lado e se não for por bem, será por mal.

Não ficarei de braços cruzados como fiquei com Henry, e com isso acabei vendo-o escorrer por entre os meus dedos. Já não me preocupo com nada, nem mesmo com o meu cargo na Mundo em Foco. Não penso nos riscos que posso correr, só quero ter o Saulo como era antes e não acredito que preciso me preocupar com alguma coisa, considerando que, dessa vez, não existe a possibilidade de eu não conseguir o que quero.

Saulo é diferente do Henry, ele um dia me enxergou e em breve voltará a fazê-lo. Não sei como, mas vai, nem que para isso eu tenha que tirar a sem sal da Amanda do meu caminho.

— Às vezes eu tenho medo dessa sua cara de psicopata, minha irmã.

— Mas é para ter medo mesmo — digo, desviando a minha atenção dos idiotas babões e das suas namoradinhas para Miguel, o meu gêmeo que, em comum comigo, só tem a data de aniversário.

Com Saulo e Henry, ele forma o trio de bonitões da cidade e poderiam facilmente serem chamados de "Os 3 mosqueteiros". Fazem de tudo um pelo outro e é irritante ver a fidelidade que existe entre eles. Mesmo chegando mais tarde, Saulo não é tratado com diferença por Miguel e Henry que são melhores amigos desde muito jovens.

Os três são muito diferentes entre si: O Henry sempre agiu como o líder da gangue, é o mais velho e o mais bem-sucedido. Para o meu azar, quando morria de amores, era também o mais mulherengo, apesar de que, nesse posto, a disputa com o Miguel era acirrada. As coisas só mudaram com a aparição da pobre órfã e hoje não passa de um cordeirinho que venera o chão que ela pisa.

Miguel sempre foi problemático, nunca teve medo de viver a vida de maneira plena e por plena, vale dizer que a sua forma de diversão o colocou em diversos problemas, muitos erros que ele insiste em continuar cometendo. Aos outros dois — além de mim que o amo muito — cabe o papel de sair atrás dele, contendo os danos pelos seus atos irresponsáveis e, muitas vezes, perigosos.

Além do lado irresponsável, Miguel também tem o coração muito bom e essa com certeza é uma das suas características que mais o difere de mim e a mais irritante. Miguel veste a máscara de homem egoísta, mas é capaz de tirar comida da própria boca para colocar na de alguém que julgue necessitar mais do que ele.

Está feliz por Henry desde que — por sua culpa — Clara apareceu na vida dele e percebo estar feliz por Saulo, mesmo com todas as provocações. Aliás, conhecendo meu irmão como conheço, sei que as suas gracinhas idiotas são apenas tentativas de bancar o cupido para o Saulo, um amigo que ama o confrontar, não concorda com suas merdas, mas o ama e o ajudou em todas as vezes que precisou.

Irrito-me só de pensar que não posso contar com o meu próprio irmão para qualquer coisa que eu queira fazer para tentar reconquistar o Saulo e mais ainda, saber que, sem a sua ajuda, as coisas serão mais difíceis.

Dos 3 amigos, Saulo é quem tem o sorriso mais fácil, o mais irreverente e o mais cobiçado quando o assunto é fisgar um dos 3 bonitões. Talvez por ser o mais expansivo, o seu jeito charmoso faz as solteiras da cidade jurarem que com ele terão mais chances. Elas não estavam de todo erradas, pois ele realmente teve mais namoradas do que é capaz de contar.

Cada um dos namoros deve ter durado no máximo 2 meses, e no terceiro, a namorada da vez já não existia e outra ocupava o lugar da anterior. Com os olhos voltados para o Henry e sabendo que era eu o verdadeiro interesse de Saulo Moraes Bitencourt, o fato de ver um desfile de namoradas, bem diante dos meus olhos, jamais incomodou.

Isso foi antes de eu decidir que ele deve ser meu e antes de perceber que essa tal loira não é como as outras milhares de namoradas que teve.

— Ele não pode fazer isso... — digo e os meus olhos têm dificuldades em sair da cena dos 4 idiotas, principalmente do Saulo e da garota sonsa.

Ele está ao lado dela, agindo de uma maneira possessiva, como nunca aparentou ser. Uma das mãos está discretamente segurando o cotovelo dela e ela não faz questão de afastar-se do seu toque, pelo contrário, parece bem satisfeita com o gesto íntimo.

— Você está falando comigo? Ainda a pouco me deixou falando sozinho para fulminar Saulo e a gatinha loira com o olhar.

— Gatinha loira? — Meu olhar fulminante — como ele mesmo disse — agora o tem como alvo.

— Um amor de garota. Parece ser a pessoa perfeita para...

— Eu sou a sua irmã, Miguel!

— Eu sei que é e te amo muito, você sabe disso. Por te amar, digo para não fazer isso com você mesma, minha irmã — diz ao fazer carinho no meu rosto.

— Do que está falando?

— Não pensa que eu não sabia o tempo todo desse lance entre você

e o Saulo, Laura. Sempre vi como ele agia ao seu redor e como você não dava bola para ele. Não sei o que mudou, mas Saulo seguiu em frente e basta olhar para eles para perceber que ela é diferente. Aquele idiota ali seguirá o mesmo caminho que o Henry.

— Isso é o que nós vamos ver, Miguel. — Mais agressiva do que gostaria, tiro a sua mão do meu rosto e volto a repetir com firmeza, e olhando dentro dos seus olhos, para que não fique dúvida: — Não vou perder esse homem. Não vou! — assevero e saio do estúdio sem olhar para trás.

Não suporto ver a cena dos dois juntos e no momento, o que mais quero é ficar sozinha e pensar. Sei que deve existir algo que afaste em definitivo essa garota do Saulo. Deve haver algum meio de acabar com essa brincadeira.

Dentro da minha sala, depois de fechar a porta e me jogar sobre a minha cadeira giratória, permito-me respirar com calma e deixo que a minha mente trabalhe. Sei que não posso meter os pés pelas mãos, devo agir com cautela para que, quando o castelo de areia dos dois desmoronar, nada recaia sobre mim.

Para agir com cuidado, creio que o primeiro passo seja investigar a garota. Descobrir tudo sobre a sua vida e só então agir. Será tão sutil que, quando forem atingidos, ambos não saberão de onde partiu o ataque.

Como uma Pintura



Saulo

Ao meu lado, a minha garota já está vestindo o figurino com a qual posará para Miguel. É um vestido verde que realça a cor dos seus olhos. Ele molda todas as suas curvas e deixa um dos ombros à mostra.

Para o bem da minha sanidade mental, aqui dentro estará poucas pessoas, pois não sei como levaria a situação com tantas pessoas a desejando. Sei que aconteceria, pois, a minha loira é muito linda e gostosa além da conta. Eu, obviamente, estaria morrendo de ciúme e doido para o fim da sessão.

— Posso levar a estrela só por um minuto? — peço, sem saber exatamente qual era o assunto, pois desde o momento em que entrei na sala, os meus olhos bateram nela e ficaram.

— Não pode — Henry provoca e eu simplesmente a abraço e lhe levo para o canto mais afastado do lugar perfeitamente montado para a produção da nossa próxima capa. Felizmente, ficou decidido que o rosto da minha gata mal aparecerá, já que estará sentada de perfil e o cabelo cobrirá seu rosto quase por completo.

Ontem à noite, quando Henry me ligou para avisar, mal pude esconder o meu contentamento e, por causa disso, tive que ouvir provocações da parte do meu amigo. Não pude reclamar, pois Henry não fez nada diferente do que eu mesmo fiz com ele quando começou a namorar Clara Aguirre e ficou como um cachorrinho adestrado em volta da ninfa.

Pelo que ele disse, Amanda ficou bastante satisfeita com a ideia e, tímida como ela pode se tornar em algumas ocasiões, posso até imaginar o

tamanho do seu alívio por não ter que se expor tanto quanto aconteceria se o seu rosto fosse exposto para todo o Brasil.

— Você está muito linda, sabia? — elogio assim que nos vejo longe o suficiente do outros.

— Acha mesmo? — indaga.

— Pode apostar que sim. É a coisinha mais linda que meus olhos verão hoje — afirmo ao pegar as suas mãos e constatar que elas estão bem geladas.

— Estou um pouco nervosa — justifica-se ao olhar para as nossas mãos unidas, sabendo que posso sentir o seu nervosismo.

— Não precisa, linda. Você está perfeita e vai brilhar, não tenho dúvidas disso.

Tento acalmá-la ao soltar a mão esquerda e levar para o seu rosto. A Loirinha deixa o rosto na minha mão e eu me aproveito para beijar levemente os seus lábios. O gesto faz com que ela se retese, tire a minha mão do seu rosto e olhe assustada por todo o ambiente.

— Eles já sabem que nós estamos tentando. São nossos amigos, amor, não tem problema.

Depois que falo, sinto a sua postura relaxar e, dessa vez, é ela quem se aproxima e me abraça, encostando a cabeça de cabelos loiros e macios no meu peito.

— Está bem, só espero não atrapalhar vocês de nenhuma forma — diz e para mim é difícil entender o porquê de estar tão nervosa.

É até fofo o seu jeito de ser, mas não quando isso a faz sofrer por algo que outra pessoa levaria com tranquilidade. Pelo que conheço da Amanda, ela não teria aceitado esse convite se não fosse por lealdade a melhor amiga. Clara pediu e Amanda não pôde dizer não.

Sendo as duas tão diferentes, posso até imaginar o tipo de confusões que se meteram uma pela outra, ainda mais sendo as duas tão jovens.

— Não atrapalhará, Chapeuzinho. Você vai brilhar, disso eu tenho certeza. — Beijo o topo da sua cabeça e ela se aconchega ainda mais nos meus braços.

— Que bom que você está aqui — fala e eu não poderia estar mais feliz do que estou no momento, ouvindo uma simples frase, mas que em si, traz grande significado.

Sei que Amanda, de certa forma, confia e se sente bem quando estou por perto e isso vale muito, significa que estou no caminho certo de conquistar a sua confiança em mim e na relação que quero que tenhamos.

— Os dois já podem parar de namorar — Miguel grita, apontando o

pincel na nossa direção. — Eu não tenho o dia todo, por mais que a ideia de passar horas olhando para Amanda seja muito tentadora.

— Cuidado com o que você fala, filho da puta!

— Solta ela, Saulo, estamos perdendo tempo aqui — ele fala sério logo após brincar. Esse é o Miguel sendo Miguel.

Por mais que eu reaja com irritação as suas provocações e de não ter certeza até onde a sua inconsequência pode ir, a raiva não perdura, pois ele, assim como Henry, é como um irmão para mim. Bem idiota, inconsequente como um adolescente, mas ainda assim, um irmão.

— Só mais um minutinho e ela será toda sua — digo e assim que termino me dou conta de que falei a coisa errada.

— Agora você está falando a minha língua, meu caro — de onde está diz, e como se tivesse 12 anos, lhe mostro o dedo do meio.

— Vocês são sempre assim? — Amanda indaga, aparentemente se divertindo.

— Na verdade, sim. Entre mim e Miguel e entre Henry e Miguel também.

— Vejo que o problema é o Miguel.

— É, sim. Um pé no saco, mas é o nosso amigo.

— Vocês o amam, não dá para esconder esse fato — ela afirma.

— E queremos o matar em 90% do tempo. Mas eu não quero falar do Miguel agora.

— Nem eu!

— Se deu conta de que hoje é sexta? — começo, cheio de esperanças.

Foram 2 dias e não aguento mais a distância. Preciso mais dela e menos da minha mão, como aconteceu hoje no banho após o que começou com uma simples mensagem de bom dia.

— Sim, por quê?

— Quer ir lá para casa depois que sairmos daqui? Quero ficar sozinho com você, loira — peço, mas se pudesse, estaria implorando. — Dorme comigo.

Vou além e Amanda permanece calada por um tempo, como se estivesse pensando. Já estou preparado para o não quando ela enfim responde:

— Vou avisar lá em casa.

— Tão fácil assim? — brinco.

— Sei que está com saudade e eu também estou, então decidi facilitar as nossas vidas.

— É por isso que eu te...

— Vocês dois! — Mais uma vez somos chamados, só que dessa vez, pelo chefe.

— Estou ansioso. — Beijo o cantinho da sua boca, seguro a sua mão e a levo até onde terá de ficar imóvel por um par de horas.

— Eu também estou.

Ainda ouço sair da sua boca antes de perdê-la por 2 horas para o Miguel.

Por um par de horas, parando vez ou outra para descansar e ajeitar maquiagem ou cabelo, Amanda ficou imóvel sobre uma cadeira branca, vestida com o seu belo e sensual vestido verde. Vi Miguel fazer algumas gracinhas a arrancar algumas risadas de Clara e Amanda, e talvez Henry e eu tenhamos ficado um pouco enciumados com esses sorrisos.

O cara tem o dom e quanto a isso, nada podemos fazer, além de assistir.

Ao fim da primeira sessão, Miguel já tinha desenhado os traços do seu rosto e corpo e, segundo o seu julgamento, não será necessária mais do que mais duas sessões para o quadro ficar pronto.

Agora que ele a liberou da posição estátua, vejo-a se levantar, ajeitar a postura e vendo que está um pouco fadigada e até mesmo entediada, não custo a pegar um litro de água gelada e levar até ela. Rápida, Clara chega antes e monopoliza a sua atenção.

Felizmente, a menininha não demora mais do que alguns segundos, apenas se despede e com o namorado sai do estúdio. O artista também se aproxima e dessa vez eu decido não esperar, ainda mais quando a vejo, mais uma vez, sorrindo para o idiota.

— Eu não disse!

— Disse o quê? — indago ao parar ao seu lado e abraçá-la pela cintura.

— Que não demoraria mais do que 5 segundos até que você se materializasse aqui, na nossa frente.

— Acertou!

— Estava aqui elogiando a sua loira, ela foi muito bem, mas acho que não preciso dizer isso para você, deve ter visto. — Pisca para ela na minha frente e antes que eu possa agir como um *Neandertal*^[u], ele emenda: — Agora deixa eu ir que ainda preciso encontrar a minha própria loira para esse fim de semana.

Miguel sai e depois do que parece ter sido toda uma vida, Chapeuzinho e eu estamos novamente a sós. Logo a trago para o meu corpo e a abraço com carinho e um pouco de possessividade.

Quando desfaço o nosso abraço, digo a ela o que tinha certeza de que iria acontecer:

— Você esteve perfeita, amor. Literalmente, linda como uma pintura.

— Estou um pouco cansada de ter ficado tanto tempo sentada na cadeira — reclama e com razão.

Eu também estaria se não tivesse fascinado em observá-la e beber da sua beleza pelo tempo que durou o trabalho do Miguel.

— Cuidarei de você — afirmo.

— Que tipo de cuidado? — insinua, deixando-me muito satisfeito por perceber que, aparentemente, ela tem as mesmas intenções que eu.

— Do tipo que te deixará molinha e bem relaxada, você quer?

— Dessa vez não vou dispensar. É tudo o que venho querendo nos últimos dias.

— Não mais do que eu quero, Loirinha, disse você pode ter certeza. *Me diga* que está pronta para irmos de uma vez.

— Só preciso trocar de roupa e iremos, tudo bem? — indaga ao beijar de leve os meus lábios e depois da minha afirmativa, sai na direção de uma salinha que serve como camarim.



Tendo ela deixado o seu carro na empresa e vindo junto comigo no meu, não levei mais do que 15 minutos para chegar na minha casa que é próxima da empresa.

— Quer comer alguma coisa — questiono ao fechar a porta, vendo-a jogar a bolsa sobre o sofá.

— Agora não.

— Vem aqui — chamo e ela não titubeia em vir para os meus braços. *Me abraça* e aproveito para fazer o que venho querendo desde cedo, quando por mensagem me atçou.

Beijo a boca macia e, ao insinuar a minha língua por entre os seus lábios, espero estar conseguindo deixar óbvias as minhas intenções. Estou realmente louco de saudade do seu corpo, de sentir as suas mãos sobre o meu e ouvir os seus gemidos.

Quando começa ela mesma a conduzir o beijo, ditando o ritmo e provoca uma dança lenta e sensual entre as nossas línguas, o meu pau começa a endurecer muito rapidamente e com isso sei que não precisamos das preliminares, se não quisermos. Os nossos beijos por si só já são as preliminares.

Depois de vários minutos, quando, sem nos darmos conta, começamos a nos pegar contra a parede, com os corpos colados de cima a baixo, acabamos sobre o sofá: eu deitado sobre ela, lutando até conseguir abrir o botão da sua calça e tirar os seus sapatos.

Doído de tanto tesão acumulado, precisando respirar um pouco e também deixar que ela faça o mesmo, desgrudo as nossas bocas, olho para o seu delicioso corpo embaixo do meu e a boca vermelha dos meus beijos e faço o convite que nunca foi feito para outra mulher:

— Vamos para o meu quarto? Quero te ter na minha cama, impregnando os meus lençóis com o seu cheiro, minha Chapeuzinho — peço, mas sem mover um músculo sequer para afastar-me do seu corpo.

— É agora que o lobo mau vai comer a Chapeuzinho?

A safada provoca com a mão apertando o meu comprometimento por cima da calça, demonstrando o quanto o seu acanhamento some quando o assunto é sexo.

— Até que ela esteja andando com as pernas abertas. E quando fizer isso, ainda me sentirá entre elas.

— Eu quero!

— Eu sei que você quer, porque é uma safada, a minha Loirinha safada — digo ao me levantar, pegá-la e jogar como um saco de batatas sobre o meu ombro.

— *Me solta*, seu doido! Você vai me derrubar — pede, mas ao mesmo tempo, está sorrindo e esmurrando as minhas costas.

— Você vai cair mesmo, mas vai ser sentada no meu pau, sua gostosa. — Dando o troco, estapeio a bochecha da sua bunda, a ouço gemer e certamente não é de dor.

Cheio de desejo, a levo para a minha cama. Além do tesão, também me sinto extremamente feliz, pois sei que com ela, será mais do que a satisfação do desejo físico.

Doses de você



Amanda

Com cuidado, coloco-a gentilmente deitada sobre a minha cama, lugar que, olhando com atenção, parece pertencer a ela. Nunca outra mulher esteve na minha cama e talvez eu estivesse esperando pela pessoa certa. Alguém que não me fizesse sentir desconfortável ou sufocado.

Simplesmente parece certo tê-la aqui e, se depender da minha vontade e dos meus esforços para esse propósito, daqui não sentirá vontade de sair. *Se tornará* tão dependente da minha companhia, assim como estou da dela.

— Por que está me olhando dessa forma? — indaga, ajeitando-se melhor sobre as cobertas.

— Porque você é linda e parece pertencer a este lugar. Acha que estou indo rápido demais? — pergunto, subindo sobre a cama, arrastando-me para onde está deitada, de costas e no centro da cama. Parece uma deusa do prazer, do meu prazer.

— Acho que não está sendo rápido o suficiente — afirma, comportando o meu corpo parcialmente deitado sobre o seu.

— Eu quero tanto te comer que temo não fazer isso com a calma que você merece — digo ao alisar o pedaço de pele da sua barriga, que a blusa deixou à mostra quando a deitei de costas. — É muito tesão acumulado.

— Está dizendo que...

— Não fiz sexo com mais ninguém desde o dia em que voltamos a ficarmos juntos. A noite do quarto de hotel não saiu da minha mente e, por mais que meu corpo tenha necessidades, para ele só serve se for com você.

— Eu fico impressionada como você tem a incrível capacidade de

falar sacanagens e lindas declarações em apenas 1 minuto de conversa.

Enquanto fala, minha gata alisa as minhas costas, enfiando as pequenas mãos por baixo da minha camisa. Seu gesto deixa-me arrepiado e trêmulo de desejo, o que demonstra a ineficácia da tentativa de distrair a minha mente através da conversa.

— É como se existissem duas versões do seu homem? Qual dos dois você prefere? — questiono, sabendo o quão real são as minhas perguntas e tenho certeza de que ela está se dando conta disso.

Para ela quero entregar o meu melhor, basta saber exatamente o que a minha Chapeuzinho pensa. Posso parecer inseguro e pisando em ovos com tudo o que faço, mas tais atitudes são justificáveis quando tanto errei com ela e agora não quero correr o risco de perdê-la.

Não quando percebi estar tão apaixonado. Sempre foi ela. Sabia que um dia a encontraria. Não a reconheci no início, meti os pés pelas mãos por estar cego por uma ilusão, mas ela sempre esteve aqui e não admito perdê-la.

— Eu gosto de todas as suas facetas, o Saulo Moraes de sorriso fácil e que joga charme até para o vento, o meu corpo arde por ele. Também gosto do professor Bitencourt, o homem sério, além de lindo. Esse ama o amor e fez o meu coração errar a batida, ele parece os mocinhos dos meus romances. Resumindo: gosto de você.

— Gosta quanto? A ponto de aceitar aquele meu pedido?

— Você não pediu nada — diz ao virar a cabeça para que a minha boca tenha melhor acesso ao seu pescoço. — Não que eu lembre.

— Não pedi por medo da resposta, mas saiba que vou fazer e quando acontecer, espero que esteja preparada para dar a resposta e sabendo o que ela significará para nós dois — digo, olhando o seu rosto bem de perto, esperando estar sendo claro o suficiente.

Preciso que estejamos na mesma página, pois, apesar dos meus sentimentos, continuo não querendo repetir o que aconteceu com Laura.

É lindo estar apaixonado, pura poesia, mas o amor deixa de ter essas características a partir do momento que não é correspondido. Sofrer por amor não é legal, perder a dignidade em nome dele, menos ainda. Estive do outro lado e sei como é deprimente.

— É tão importante para você?

O seu rosto não esconde a sua surpresa com a percepção, talvez pela ideia que faz de mim, uma que eu mesmo cultivei por anos e continuaria cultivando sem problema, se não fosse por ela.

Não há nada de errado com o sexo, mas fazê-lo quando se está apaixonado é melhor ainda.

— Quero que seja só minha e que o mundo saiba disso. Quero ser seu também.

— Eu sou sua, Saulo, desde a primeira vez, mesmo quando não queria ser. Mesmo quando odiava a mim mesma por não conseguir superar você.

— Sei da sorte que tenho por ter a chance de te ter dessa forma, depois de tudo. Por ter a chance de redenção — digo, dando-me conta de que as minhas palavras a emocionaram quando de perto vejo os seus olhos brilhando.

— *Me beija*, Saulo.

— Sempre, meu amor. Sempre!

Quando as nossas bocas se unem, tenho a sensação de plenitude. Ao mesmo tempo soltamos as nossas respirações e juntos, também ofegamos quando as nossas línguas se tocam timidamente no início.

Ficando mais intenso e ruidoso a cada minuto que se passa, o beijo começa a não ser suficiente para imprimir todo o desejo e sentimento envolvido quando estamos dessa forma, nos tocando, nos braços um do outro.

— Porra, Chapeuzinho, preciso foder você de uma vez, quase como preciso respirar...

— Vem! — O chamado é feito ao meu ouvido e termina com uma mordida na ponta da minha orelha. Se já não estivesse prestes a gozar só por estar sentindo o seu cheiro e cada curva do meu corpo com o meu, teria ficado nesse momento.

— Quero que tire a roupa para mim. — É a minha vez de provocá-la e o faço com prazer só por ver o seu rosto tingir-se de vermelho.

É um show à parte ver quão contraditória é a sua personalidade quando está entorpecida pelo desejo. Consegue ir de devassa para tímida em uma piscar de olhos e isso é um tesão.

— Quer? — Como uma garotinha virgem, pergunta, escondendo a cabeça no meu pescoço.

— Se eu quiser com mais intensidade sou capaz de explodir. Quero te ver sem nenhuma peça de roupa, mas preciso que faça isso por mim — digo, saindo de cima do seu corpo e me jogando ao seu lado.

— Por quê?

— Porque eu quero. Você é a minha garota e quero um show particular, faça isso por mim. — Olho para o seu rosto e sei que, apesar de incerta, acabará fazendo. Nem ela resiste a uma boa sacanagem, não quando também quer, apesar dos pudores.

— Está bem, só espero que não morra do coração. Sabe como é, já tem mais de 30 anos, o coração pode não aguentar — provocar ao se levantar.

— Eu não contaria com isso se fosse você, bebê, sabe que posso te

comer a noite inteira e não fui eu a pedir por descanso da última vez — relembro, acariciando o seu tornozelo por baixo da calça, já que agora ela está em pé, uma perna de cada lado do meu corpo e posso jurar que a visão daqui de baixo equivale a estar no paraíso.

— Sem tocar, não até que eu diga que pode — diz ao afastar o tornozelo da minha mão, claramente já estando com o modo garota safada ativado.

— Tira a roupa, bebê — peço, suplicante.

Em silêncio e sem desviar os olhos do meu rosto que, certamente, não esconde o tesão e expectativa pelo momento em que estarei todo enterrado dentro dela, minha gostosa começa a abrir os botões da calça jeans justa, que, para a minha satisfação e também desespero, molda cada deliciosa curva do seu corpo.

Em seguida, Amanda desce o zíper e com torturante calma começa a descer a peça pelas coxas alvas e torneadas de alguém que não precisa de academia para ser naturalmente perfeita. Quando ela, com o pé, chuta a calça para mim, meus olhos vão direto para o pequeno pedaço de pano que chama de calcinha.

A peça tem a cor rosa-claro e é tão pequena e transparente que é preciso agarra com força o edredom da cama para evitar de puxá-la para cima de mim e acabar com o show sexy antes da hora.

— Está molhada? — provoco, vendo a transparência na peça.

— Por você — afirma e voluntariamente, levo a mão até o meu pau, misturando-o por cima da calça, na tentativa de aliviar a agonia do desejo irrefreável e insaciável.

Quando ela começa a abrir os botões da camisa preta, mal posso esperar pelo momento em que verei os seus seios. Os maravilhosos e macios seios.

Como eu amo os seus seios.

— Eu sei — responde, deixando-me saber que fiz o elogio em voz alta quando termina de tirar a blusa e joga a peça no meu rosto.

Assim como a calcinha, o sutiã é sexy para caralho e não posso deixar de crer que tenha os vestido para mim, imaginando que terminaríamos o dia juntos, trepando como dois coelhos.

— Gostosa! — digo, deixando o meu pau antes que goze e aproveitando para — apressadamente — tirar a calça junto com a cueca e deixá-lo livre para a minha mulher.

— Parece que tem alguém que ficou muito alegre com o show — provoca olhando para o meu pau muito duro, mas sei que está no limite quanto

eu estou.

— Parece que tem alguém toda molhadinha de desejo — devolvo, ajoelhando-me e levando as mãos ao seu quadril.

A minha cabeça está quase na altura do seu sexo e o cheiro é inebriante. Cheiro de perfume e de mulher. A minha mulher, doida para se entregar para mim. Quando os meus dedos tocam as laterais finas da sua calcinha, sinto sua carne trêmula e, sem desviar os olhos do seu, começo a descê-la por suas longas pernas.

— Vem aqui, amor — seguro a sua mão e a puxo para os meus braços. Ela cai sentada, nua e muito minha. — Porra! Você está tão molhada... — mordo a ponta da sua orelha, o pescoço e em seguida, o seu lábio inferior. Tudo enquanto lentamente e de maneira torturante, esfrego o meu pau na sua boceta lisa.

— Saudade de você.

Enquanto fala, os seus olhos estão fechados e a cabeça pendendo para trás, dando-me liberdade para beijar pescoço e garganta, onde posso sentir o coração pulsar e o sangue correr quente por suas veias.

Com umas das mãos, faço manobras até conseguir abrir o fecho do seu sutiã. Quando os belíssimos seios estão à mostra, esfomeado abocanho um, chupo com avidez, mordo o mamilo, o puxo com os dentes e depois alívio a dor com uma passada de língua. Depois dou a mesma atenção para o gêmeo, tendo a todo o momento os seus gemidos como trilha sonora.

— Ai! Saulo, porra! — As mãos estão puxando fortemente o meu cabelo e mal vejo chegando o momento em que estará louca o bastante para começar a usar as unhas, arranhando onde pode alcançar, em mim deixando a sua marca.

Não sei se ela se percebe o quanto fica agressiva quando estamos fodendo e isso é algo que eu amo nela. Gosto que deixe em mim a sua marca. É extremamente excitante e por isso faço o que posso para levá-la ao limite do prazer.

— Quero você agora, loira. Não posso mais esperar — contra a sua boca afirmo, com um braço a segurando apertado pela cintura sobre o meu colo e a outra levo ao seu sexo.

Encontro a sua boceta deslizante de desejo, belisco levemente o seu clitóris inchado e então pergunto:

— Ainda está protegida? Quero fazer sem nenhuma barreira entre nós dois — afirmo.

— Está tudo bem, o anticoncepcional está em dia.

Tem dificuldade em completar a frase, pois está mais preocupada

em esfregar a boceta na minha ereção e esmagar os seios de mamilos excitados no meu peito.

Com os braços em torno do meu pescoço, e as pernas em volta da minha cintura, onde os calcanhares se apertam na minha bunda, subo o seu corpo levemente para cima e então pincelo a sua entrada com a cabeça robusta no meu pau.

— Quero que esteja sempre em dia, pois eu não quero nada entre nós dois, loira — afirmo e ela balança a cabeça. — Está sentido como é bom? Nenhuma barreira, pele contra pele, somente eu, você e os nossos desejos.

— É tão bom... — Seus olhos estão anuviados de desejo enquanto tenta focar o meu rosto e eles acabam se perdendo quando a sento de uma vez no meu pau.

— Ai! Porra!

O seu grito é tão alto que preciso torcer para os meus velhos ainda estarem na biblioteca, caso contrário, no momento eles estarão cientes de que estou transando com a minha namorada. Uma ideia no mínimo perturbadora, mas nem isso é capaz de frear a intensidade do nosso sexo.

— Machuquei você? — Preocupado, seguro o seu rosto, ela abre os olhos e olha diretamente para mim. Pelo que vejo neles refletido, não precisaria de palavras, mas, por garantia, preciso ouvi-las.

— Não. Está tão apertado.... Preciso de mais...

— Você pode tomar o quanto puder, minha Chapeuzinho gostosa. Sou todo seu — afirmo enquanto a minha boca toma a sua em beijo possessivo e indecente.

Enquanto as nossas línguas se buscam em um beijo cru e carnal, mantemos os nossos olhos abertos, um olhando para o outro com paixão e fome. Os meus braços deixam a sua cintura, os seus punhos se apoiam no colchão, assim deixando que faça o que quiser comigo.

— Por quanto tempo? — Como de costume, provoca, mordendo a minha boca com força, em seguida passando calmamente a língua por toda ela.

A safada faz tudo com o meu pau socado dentro da sua boceta, sem, no entanto, mover-se.

— Pelo tempo que eu sobreviver, gostosa. Melhor começar a se mover, estou a ponto de te jogar nessa cama e te comer como nós dois gostamos, forte e incansavelmente.

— Assim que você quer?

Em cima de mim, a pequena devassa começa a se mover, subindo e descendo em movimento lentos e calculados. Senta-se até me ter inteiro dentro dela e depois volta a tirá-lo quase por completo.

Faz tudo com o som prazeroso dos seus gemidos e a visão do seu rosto úmido pelo suor que começa a aparecer e dos seios deliciosamente vermelhos dos meus beijos, quase se esfregando na minha cara.

— Vai me matar, Chapeuzinho, é isso que você quer?

Depois de vários minutos suportando a deliciosa tortura, pergunto, segurando com firmeza a massa cheirosa de cabelos loiros que ficam próximos a sua nuca.

— Está pedindo arrego?

— Sabe que não estou nem perto disso, gostosa. O que eu quero é te foder duro, até que esteja com essa boceta dolorida de tanto transar e, ainda assim, pedirá por mais.

— Promessas...

— Foi você quem pediu, pequena devassa — afirmo ao — sem qualquer aviso — jogá-la de costas sobre o colchão, caindo por cima do seu corpo e sem quebrar a nossa conexão íntima.

— Lobo mau dando as caras? — diz com as garras afiadas bem fincadas no meu peito.

— E ele vai comer a Chapeuzinho safada até amanhã de manhã — afirmo, passando a meter com força cadenciada.

Precisando ir mais fundo, levanto o meu tronco, levo as suas pernas até a altura do meu ombro e assim, posso brincar com os seios firmes ao mesmo tempo que a penetro.

— Estou quase...

— Ainda não, Loirinha, primeiro você será castigada por quase me levar ao delírio agora a pouco — aviso e cumpro.

Por incontáveis minutos, a fodi da forma como sei lhe dar maior prazer, seguido de um orgasmo intenso. Fiz com força e rapidez, só para desacelerar as investidas quando sentia que estava prestes a gozar. Brinquei com os seios, onde os mamilos duros acenavam por atenção e só permiti que gozasse quando estava completamente ensandecida por alívio e eu mesmo não suportava esperar.

Gozamos juntos quando o meu corpo, pingando de suor, caiu sobre o seu tão suado quanto e foi tão intenso, que a sensação foi de ter a alma sugada do corpo por um momento. Sentir a sua boceta apertar o meu pau, enquanto se desfaz, e o pequeno corpo trêmulo entre os meus dedos, é uma sensação tão boa que não consigo imaginar a minha vida sem vivenciá-la.

— Foi bom para você? — questiono quando saio de cima do seu corpo e me jogo sobre o colchão ao seu lado.

— Bom não é o bastante para descrever.

— Tenho a mesma sensação. Acho que quero passar a vida transando com você. Com isso, acho que não preciso de mais nada para garantir que os meus dias serão felizes — falo em tom de brincadeira, mas, no fundo sei que é verdade.

— Tive um ótimo professor.

Quando olhamos para o outro, ainda com as respirações ofegantes, não precisamos de palavras para decidirmos que precisamos de mais. Eu me deito de lado, ela também, mas de costas para mim. Entendo o que quer e então a puxo pela cintura para perto do meu corpo.

As costas da minha loira estão apertadas contra o meu peito, meu braço está em volta da sua cintura e, mais para baixo, as nossas pernas estão entrelaçadas. É assim que precisamos estar neste momento, é dessa forma que nos sentimos bem.

Acredito que estamos na melhor fase de início de relacionamento, onde um toque nunca é suficiente. A distância nunca é bem vista. Não sei se um dia fica menos intenso, se a necessidade fica menor, só sei que, com Amanda Amorim, quero grandes doses da paz, da calma que a sua presença trás e do fogo da paixão que o seu corpo desperta no meu.

Preciso embriagar-me e, se puder jamais voltar a ver o mundo com outros olhos.

Despertamento



Amanda

Sinto que estou em um lugar quentinho, bem aconchegante e cheiroso. Quando me mexo e esfrego o nariz pelo tecido pesado, sinto o cheiro de roupa limpa, um amaciante com alguma essência que não faço ideia de qual seja ela.

Ao me mexer minimamente, também sinto um incômodo entre as pernas e os seios levemente sensíveis ao encostarem na cobertura. São dores gostosas, não posso negar, tão gostosas que estou no limbo, entre continuar dormindo ou acordar para lembrar o sexo explosivo e quente que Saulo e eu tivemos. Tão deliciosamente decadente...

Click

Ouçó, o som fazendo com que eu fique um pouco mais desperta do que estava antes de ouvi-lo.

Click

Click

Espreguiçando-me, esticando os meus ossos com os braços para cima, troco de posição algumas vezes e nenhuma delas parece boa para mim, não com o som chatinho a todo tempo me incomodando.

Sentindo falta de algo, estico o meu braço para o lado esquerdo da cama e o encontro frio e vazio, o que denuncia o fato de Saulo, aparentemente, ter levantado há um bom tempo.

— Amor... — preguiçosa, murmuro com a cabeça anuviada demais pelo sono para que me importe com a palavra involuntária que acaba de sair da

minha boca.

Ele não está aqui mesmo...

Click

Click

— Está linda, Chapeuzinho. Isso, só mais uma e... Perfeito!

— O quê? — Assustada, me sento de uma vez, a coberta desliza pelo meu corpo, olho para os meus seios nus e em seguida para Saulo, parado bem na minha frente e com uma câmera fotográfica nas mãos.

Além da câmera, tem um sorriso no rosto e está deliciosamente despido ou, quase isso. Veste apenas uma cueca boxer que me deixa mais do que desperta.

— O que faz aí ao invés de estar aqui, deitado ao meu lado? — cobro, tentando fazer charme.

— Queria estar aí com você embaixo das cobertas, mas aí eu acordei e te vi tão linda em meio ao seu sono que foi impossível não pegar a câmera.

— Tem vontade de pegar a sua câmera quando acha alguém bonito? — Enquanto falo, aproveito para pegar o lençol e cobrir os meus seios, pois, aparentemente, Saulo parece ter esquecido onde fica o meu rosto e decidi conversar eles.

— Apenas com você, linda. Tive vontade de tirar fotos suas. Eternizar como parece perfeita quando saciada, poder ver o seu corpo coberto com apenas o lençol fino e sabendo que por baixo dele está completamente nua.

— Posso ver?

Estendo a mão e ele vem, senta-se ao meu lado e então começa a passar as fotos pela lente da profissional. Vejo uma foto mais sensual do que a outra, em algumas posições estou deitada de bruços e com as costas quase inteira nua.

Em outras estou deitada de costas, com os cabelos espalhados por todos os lados, uma parte do seio à mostra e as pernas completamente de fora. Realmente não ficam dúvidas para quem vê de que estou nua por baixo dos panos e essas são as fotos mais comportadas.

Quanto mais Saulo passa, mais sensuais as imagens ficam e eu mais encabulada.

— Estão bonitas.

— A modelo ajuda — diz, beijando o meu ombro, com uma das mãos tentando descobrir os meus seios que insisto em manter coberto.

— Não acha que estão muito sensuais? Se a minha mãe visse essas fotos, ela seria capaz de surtar — constato.

Ela certamente iria querer saber quem tirou as fotos e não seria uma coisa legal de explicar.

— Muito sexys, minha linda, mas isso não importa, já que ninguém além de mim verá essas fotos. São apenas minhas, irei revelá-las, fazer uma moldura bem grande e colocá-la ali. — Aponta para a parede vazia à frente da cama.

— Você não seria tão doido.

— Eu sou, sim. Espera só e verá — diz. — A sua imagem bem gostosa, pregada na minha parede, me ajudará nos momentos de solidão quando estiver sozinho nessa cama, desejando você e lembrando o dia de hoje, em que te comi até cairmos de cansaço.

— Não está querendo dizer que vai...

Não tenho nem coragem de verbalizar a ideia que passa pela minha mente. É depravada demais e excitante.

— Isso é você quem está pensando, Loirinha. Você e a sua imaginação depravada — provoca, colocado a câmera de lado sobre o criado-mudo que fica ao lado da cama, em seguida deitando-me novamente de costas sobre o colchão.

— Você está bem? — Com carinho, beija o canto da minha boca e deita o corpo parcialmente sobre o meu.

— Ótima — afirmo, abraçando-o pelo pescoço, bem satisfeita por receber os seus carinhos e beijos por todo o meu rosto. — Quanto tempo nós dormirmos?

— O suficiente para ter anoitecido.

— Tenho que ir embora, Saulo, a minha mãe vai me matar por eu estar chegando tão tarde.

— Não é tarde, bebê. Não são nem 20h ainda — afirma ao segurar os meus dois braços por cima da cabeça e ajeitar-se melhor em cima do meu corpo. — Não sei se você esqueceu, mas prometeu dormir comigo hoje.

— Tinha esquecido — confesso aos risos.

— Foi o ótimo sexo? Se for eu perdoo por tamanha relapso.

— Perdoa, é? — As minhas pernas vão para o seu quadril, deixado os nossos sexos perigosamente próximos, estando separados apenas pelos tecidos do lençol e da sua boxer.

— Safada! — Ele morde com força o meu lábio inferior, esfrega-se desavergonhadamente até deixar-me acesa e quando consegue, abandona-me sozinha e necessitada.

— Volta aqui, ou então vou embora — ameaço. — Não foi para isso que você quis tanto que eu dormisse com você? — Assim que termino, percebo

que falei bobagem.

Vejo o seu rosto ficar sério, ele dar-me as costas e depois voltar novamente para cima de mim. Saulo aperta o meu corpo contra o colchão e, olhando dentro dos meus olhos, diz:

— Eu estou tentando, Amanda. Juro que estou. Só espero que chegue o dia em que você pensará em mim como alguém que quer mais do que o seu corpo.

Ele volta a me deixar sozinha, mas ao invés de apenas se afastar, Saulo deixa o quarto, batendo a porta com força.

— Como você é idiota, Amanda Amorim! Falou merda e deixou o homem chateado! — digo em voz alta, dando bronca em mim mesma por tamanha mancada.

Sei que Saulo está tentando e não é justo ficar jogando os seus erros na sua cara, não quando disse estar disposta a dar-nos essa chance.

— Saulo, volta aqui! — chamo, mas não alto o suficiente para ser ouvida.

Pensando no que dizer e em como fazer isso o mais rápido possível, visto-me o mais decente que posso e vou em busca dele.

Encontro Saulo na cozinha, concentrando e mexendo nas panelas. Ele está pegando algumas dentro do seu armário de parede e rapidamente as colocando sobre o fogão. Aparenta estar tão concentrado na tarefa que nem parece ter companhia e muito menos que teve um pequeno desentendimento com ela.

Por um tempinho, fico apenas observando as suas costas nuas e braços fortes, não muito musculosos, e mais abaixo, a calça moletom preta, sensual, pendurada na sua cintura. Ele parece ter muita intimidade com a cozinha e fica difícil conter a baba que começa a escorrer no canto da minha boca.

— Há quanto tempo está aí? — indaga quando virá de frente e nota a minha presença.

— Tempo suficiente para perceber que você manda bem na cozinha, até sabe onde estão todos os utensílios.

— Não é sempre que a minha avó pode alimentar o netinho, então eu tive que aprender a fazer algumas coisas, como cozinhar e arrumar a minha própria bagunça.

— Não tem alguém para te ajudar? — questiono curiosa, pois, além de saber que ele tem condições de pagar alguém, o lugar parece arrumado demais para que ele sozinho o mantenha assim.

— Nunca tive, a dona Dora diz que eu tenho duas mãos e tempo livre para cuidar eu mesmo das minhas próprias coisas. Foi assim que aprendi

desde criança e realmente não vejo razão para ter um desconhecido fazendo o que eu mesmo posso fazer.

— Está pronto para se casar! — brinco.

— Você quer? — Ele por outro lado, não parece estar brincando. Fica bem sério depois que fala e, vendo quão assustada fiquei com a proposta, acaba caindo na risada.

— Idiota! — reclamo e ele vem me agarrar.

Beija todo o meu rosto e termina mordendo o meu ombro.

O faz com certa força e deixa as marcas dos dentes no local. O ato faz com que eu gema e não é de dor. O tesão toma lugar quando, propositalmente, Saulo aperta a minha bunda com as mãos, enquanto mais acima crava os dentes na minha pele.

— Não custa nada tentar — diz.

— Você é doido!

— Por você, talvez eu seja.

— Talvez? — indago, afastando a minha cabeça para longe da sua boca nervosa, precisando ver melhor o seu rosto para saber se está falando sério ou tirando sarro da minha cara.

— Tem horas que a senhorita é extremamente irritante e eu tenho que contar até 10 para não explodir. Você sabe me irritar como ninguém, Chapeuzinho. Ainda assim, não abro mão da sua companhia, pois, irritado ou não, quero estar com você.

— Desculpa, não sei por que disse aquela bobagem. Sei que não quer apenas sexo comigo.

— Na verdade eu quero muito sexo com você. Foder até os seus miolos.

— Saulo! — Estapeio o seu braço, ainda que esteja sorrindo do seu jeito depravado e fica claro, com a sua total falta de reação, que nem cócegas fiz.

— Antes vou te alimentar, vamos para a cama e não será para dormir, te garanto.

— Talvez eu esteja com sono — provoco.

— Não está, não. Nós acabamos de acordar. Está dolorida?

— E por que eu estaria dolorida? — pergunto antes de pensar, só para sentir o meu rosto pegando fogo quando um sorriso malicioso se abre na sua boca.

Amanda, você precisa pensar um pouco antes de falar!

— Quero saber, meu amor — começa, empurrando-me para a parede mais próxima, encostando-me nela e depois enrolando as minhas pernas na sua cintura. — Se, assim como o seu rosto e pescoço, a sua bocetinha está

vermelhinha e ardida por tanto me receber dentro dela.

As sacanagens ele fala baixinho ao meu ouvido e a única dor que sinto é a do desejo.

— Para de me provocar, homem — peço, enquanto aperto ainda mais as pernas em volta do seu quadril.

— Está pedindo clemência, bebê?

— Estou com fome, dois tipos de fome — garanto e os seus olhos brilham. — Mas antes preciso saciar a fome por comida.

— E depois será comida...

— Saulo....

— Ainda não respondeu a minha pergunta, está bem aí embaixo?

— Não vou falar sobre isso. — *Me recuso* a discutir o estado da minha vagina pós-sexo.

— Tudo bem, Chapeuzinho, mais tarde eu mesmo vou conferir. Tenho certeza de que você não irá reclamar dos meus métodos.

Depois da sua promessa, ele dá a nossa conversa por encerrada quando aproxima a boca da minha e então eu o beijo. Ficamos ainda por um bom tempo namorando contra a parede e depois sobre o sofá grande o suficiente para nos agarrarmos tranquilamente em cima dele.

Os amassos estavam prestes a transformar-se em uma transa quando o meu estômago protestou de fome e ele não pôde ignorá-lo e voltou para a cozinha.

Com a minha ajuda — mais ajudei do que atrapalhei —, Saulo fez um delicioso jantar para nós dois e enquanto comíamos, conversamos e agimos da forma como só um casal de namorados faria. Pelo menos, como eu imagino que seja entre duas pessoas que estão em um relacionamento amoroso.

No jantar, depois dele e durante toda a noite, enquanto estivemos acordados, Saulo foi muito carinhoso e atencioso, tudo sem deixar de ser ele mesmo: extremamente safado e boca suja.

Agiu e vem agindo da forma como prometeu que faria. Está fazendo de tudo para mostrar o seu melhor lado e para provar que merece um voto de confiança da minha parte. Em pouco dias, vi sinceridade em cada pequeno gesto seu e não acho que preciso de muito mais para entregar-me por completo a essa relação.

É tudo o que mais quero e creio que ele também. O próximo passo é deixar bem claro a minha decisão, só não sei se devo dar esse passo ou esperar que ele o faça. De qualquer forma, estou feliz por nós dois e principalmente por mim mesma, pois está acontecendo tudo o que, nos meus mais secretos sonhos, desejei.

Em todos os meus bobos sonhos românticos, depois de terminar a leitura de um romance, é o rosto do Saulo quem aparece na minha mente. Agora ele está agindo de uma maneira muito parecida de como imaginei que agiria o homem da minha vida e com isso, temo que esteja voltando a acreditar no ideal de amor que acreditei ter perdido quando meu coração foi quebrado.

Da mesma forma como o quebrou, Saulo o está consertando, pedacinho por pedacinho e a cada pequeno gesto seu, mais despida dos meus próprios medos fico. Muito mais apaixonada do que estava quando só tinha motivos para odiá-lo.

Flores e chocolate



Saulo

Duas semanas depois...

— Você, está doido, porra?! Já está ficando chato isso — Henry reclama.

— Deixa o cara, não vê que está nervoso só pela possibilidade de enrolar uma corda no pescoço? — Miguel fala e como sempre, não é nada que preste.

Se tivesse ficado calado teria ajudado mais, já que não estaria atrapalhando.

— Corda no pescoço seria se ele estivesse sendo obrigado — Henry rebate, tirando o olho do celular para dar a devida atenção a conversa.

Está claro que a sua irritação não é porque estamos atrapalhando o seu trabalho e sim por interromper a sua troca de mensagens, considerando que não tira os olhos da tela do celular e os dedos não param de se mover freneticamente sobre ela.

Também está claro quem é a destinatária das mensagens e não posso deixar de provocá-lo com isso.

— De corda no pescoço você estende, não é mesmo, Henry?

— Melhor do que vocês dois eu garanto que sei, pelo menos tenho a minha mulher muito bem satisfeita, ao contrário de vocês dois: um troca de mulher como quem troca de roupa quando nitidamente precisa de mais do que isso. O outro não sabe como pedir a mulher em namoro.

— Com a agravante de ele estar transando com a garota há semanas. Não é possível que seja tão difícil assim. — Miguel complementa, fazendo-me

perceber que até o momento eles não fizeram nada para ajudar, pelo contrário.

— Nem sei por que pedi a ajuda de vocês se não param de falar besteiras — reclamo, verdadeiramente irritado.

Faz mais de 2 semanas que eu e Amanda estamos juntos, tentando essa coisa de amizade colorida e sem realmente darmos nome ao que temos. Agora, depois de vários dias onde estamos cada vez mais íntimos e felizes, creio que tenha chegado o momento de dar mais um passo, só não sei como fazer isso. Não da forma como ela merece.

Estou há dias querendo pedir a minha Loirinha em namoro e não admito não fazer da forma como ela merece.

— Mas falando sério agora, qual é o problema, Saulo? — Henry enfim tira a cara do celular para dar a devida atenção a conversa que se desenvolve na sua sala em plena manhã de segunda-feira.

— Preciso fazer algo que a deixe feliz e que seja a cara dela. Tem de ser especial — afirmo.

— Acho que Amanda não é ligada em coisas materiais, então talvez você possa...

— Posso?

— Não sei, cara! Acho que você está pedindo ajuda para as pessoas erradas. Por que não pediu conselhos para a Clara? — Henry fala como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— Talvez eu não quisesse revelar para ninguém o quão incapaz sou de pedir a minha gata em namoro.

Eles ficam sem argumentos quanto as minhas palavras, pois sabem que estou certo e talvez agissem na mesma forma caso estivessem na mesma situação que eu.

Por vários minutos tentamos pensar em algo bom o bastante e da reunião não saiu nada que se aproveite. Quando pararam de zombar da minha cara, até deram algumas ideias, mas nada que realmente agradasse a mim e surpreenda a minha Chapeuzinho.

Apesar de ser sensível e ligada aos romances, creio que não seja do tipo que se deslumbre com flores e chocolates, pelo menos, não só com eles. Preciso de algo a mais e que seja o símbolo do passo que estamos prestes a dar. Tecnicamente, sei que é apenas uma maneira de oficializar, pois como namorados, nós estamos agindo há mais de 2 semanas.

Estivemos juntos o máximo que conseguimos nos últimos dias, ela vez ou outra dormindo na minha casa. Isso quando conseguiu arrumar uma boa desculpa para os pais. Uma situação estranha e que muito me incomodou, um preço que tenho de pagar por namorar uma garota que ainda vive com os pais e

que também é a minha aluna.

Não é como se eu pudesse aparecer na sua porta apresentando-me como namorado e professor da faculdade. A situação seria no mínimo estranha, um constrangimento que nenhum de nós dois está disposto a enfrentar por enquanto.

Em conversa, Amanda e eu decidimos, juntos, manter a relação em segredo, pelo menos até que o semestre acabe e junto com ele a nossa relação de aluna e professor. Para mim não tem sido fácil agir com a frieza e seriedade como sempre tratei todos os alunos, quando para mim é difícil demais ver o Joaquim insistindo em dar em cima da minha mulher.

É difícil segurar o ciúme e ele foi a causa de algumas discussões bobas. Eu sem poder falar nada para o metido a conquistador e ela por perceber que algumas colegas ainda não desistiram de jogar charme para o professor carrasco, como sei que me chamam.

Geralmente as discussões acabam em beijos desesperados ou em sexo quente, às vezes em ambos. No fim, quando os nossos corpos já estão saciados, nos sentamos para conversar e terminamos nos entendendo e deixando claro para o outro que está tudo bem.

Depois de tudo que passamos até de fato começarmos a nos entender, percebemos que a confiança é a base de tudo e que ela só é possível quando se existe diálogo.

Com a intimidade que facilmente estamos criando, acredito que não exista assunto sobre o qual não possamos falar e isso torna a nossa convivência fácil. Além do sexo que a cada dia fica melhor, tudo parece se encaixar, parecemos nos encaixar como peças de um mesmo quebra-cabeça e por isso preciso de mais.

Pedi uma chance para a minha Chapeuzinho e ela deu. Mostrei para ela que faria valer a pena e acredito que tenho feito. Acredito que esteja preparada para responder o que pretendo perguntar e não tenho dúvida da resposta que da sua boca sairá.

Depois de ter saído da sala do Henry, sem, contudo, ter conseguido tirar dele e do Miguel alguma boa sugestão, voltei para a minha própria sala e enquanto trabalhava, não consegui tirar a minha garota da cabeça e muito menos parar de pensar em como surpreendê-la.

Mesmo se eu quisesse, teria sido impossível não pensar nela quando passei o dia trabalhando nas suas fotos da campanha que ficaram como deveria ser: perfeitas obras de arte.

Depois da primeira, ainda foram necessárias duas sessões com o Miguel para que o quadro ficasse pronto e perfeito, como ele gosta de fazer.

Amanda colaborou bem e eu não poderia ficar mais orgulhoso. Miguel por outro lado, não perdeu a chance de provocar a nós dois, principalmente depois que teve a confirmação de que realmente estamos juntos.

Nem por isso deixou de jogar o seu charme para a Loirinha, mas nada que não fosse recebido com divertimento tanto por mim quanto por ela. Nós dois sabemos que ele faz apenas para me provocar, como faz em todos os outros dias da sua vida. O jeito dele fez com que cada sessão, que durava horas, fosse menos cansativa e tediosa.

No fim, vimos o Henry muito feliz com o resultado. O mesmo Henry que só leva duas coisas a sério de verdade: a empresa que o pai colocou nas suas mãos há alguns anos e que ele faz de tudo para manter tão bem quanto estava quando era gerida pelo velho e o relacionamento com a Clara.

Quanto a essas duas coisas ele não admite erros e faz sempre o melhor que pode. Obviamente, os melhores somos eu e Miguel: ele como o pintor e eu como o fotógrafo.

Quando Miguel concluiu a sua parte e chegou a minha vez de entrar em ação com a minha câmera, não tive dificuldade. Amanda facilitou todo o trabalho, assim como o modelo que foi necessário contratar para encenar a pintura do quadro. Além da facilidade, não dá para negar o prazer que foi fotografá-la.

A mim também cabe o trabalho de selecionar as melhores fotos e então levar as melhores para Henry e Laura. Eles analisam e escolhem a que será a capa, trabalho que nesse momento estamos fazendo, depois de um dia inteiro tendo que dividir a atenção entre o trabalho e a minha mulher.

— Essa está descartada, olha só para a expressão da garota? Parece estar sofrendo! — Laura, debruçada sobre a mesa, diz, assim como implicou com as fotos que vieram antes.

Em todas vê defeitos inexistentes e que só ela enxerga.

— O nome da garota é Amanda, não sei se você lembra — afirmo, tentando de todas as formas ser gentil, o que não é tão fácil, pois o clima não está nada bom entre nós dois desde o dia em que tivemos a conversa esclarecedora e definitiva na sua sala. Pelo menos para mim foi assim.

— Que seja! — rebate, encarando-me e deixando bem claro que não vai facilitar a minha vida.

Laura, que sempre pareceu uma mulher bem madura e prática, todos os dias tem demonstrado que não superou muito bem o fato de eu não querer nada com ela, assim como um dia ela não quis comigo. Pelos corredores da empresa passamos a não trocar mais do que os cumprimentos necessários e isso acontece por sua própria escolha.

Pensei que ainda poderíamos manter a amizade ou, pelo menos, uma boa relação no âmbito profissional, mas ela todos os dias mostra que não pensa o mesmo. Se mantém distante e de mau humor e, quando é necessário trabalharmos juntos, faz de tudo para dificultar a minha vida. Se o trabalho envolve a Amanda, as coisas se tornam piores ainda.

Nessas duas semanas chegou a inventar uma série de impedimentos na produção da próxima edição da revista, apenas para manter-me por mais tempo preso dentro da empresa e consequentemente, longe da loira.

Ela pensa que está sendo bem sutil nas suas ações e não percebe que sutileza não é o seu forte. Nós sempre nos demos bem quando o assunto é trabalho, formando com Henry o trio imbatível. Costumávamos nos darmos tão bem que Henry passou 6 meses fora do país com a mulher, enquanto ela fazia o seu nome como modelo, e deixou o comando da empresa nas nossas mãos.

Sua mudança de atitude tem nome e sobrenome e quanto a isso, nada posso fazer. Estou feliz como nunca estive ao lado da garota, como gosta de chamar com desdém, e não permitirei que ela e ninguém estrague isso.

— E essa? — Seleciono mais uma e coloco sobre a mesa.

— Ela parece assustada?

— Henry, fala alguma coisa!

Sem paciência, jogo a pilha de fotos sobre a mesa e viro-lhe as costas. Já é noite e não preciso estar aqui, ouvindo Laura foder com o meu trabalho apenas por despeito.

— Saulo, espera — Henry chama quando já abri a porta. Olho para trás, ele também está em pé e rapidamente guarda os seus pertences.

— Todas as fotos que você selecionou estão ótimas, poderia escolher qualquer uma delas com tranquilidade — fala e respiro aliviado, não por não confiar no meu trabalho e sim por ouvir de outra pessoa de fora que Laura está fazendo de tudo para atrapalhar o meu trabalho e desdenhar da Amanda.

— E você, Laura, qual é o seu problema? Está de má vontade? Se for, pode deixar que faço sozinho a escolha, já que nada tem te agradado.

— Mas, Henry... — protesta, saindo atrás quando nós dois deixamos a sala.

— Esse assunto está encerrado, Laura, tenha uma boa noite — ele corta e se dirige para o elevador, enquanto ela rumo para a própria sala, tentando inutilmente conter a raiva.

— O que há com ela? — Henry questiona ao entrarmos no elevador que nos levará direto para o estacionamento. O expediente enfim terminou e parece ter durado uma eternidade.

— Você sabe — digo, pois ele sabe como ninguém de tudo que aconteceu entre mim e Laura, era inclusive, o primeiro a desaprovar o que passava longe de ser saudável.

— É uma pena — lamenta-se pela amiga e não sei se tem ciência dos sentimentos que Laura nutria por ele.

Lembro de ter dito, mas não sei se levou a sério ou se achou que era apenas devaneio de alguém que estava um pouco alcoolizado. Se acreditou jamais comentou ou mudou com ela, a trata como sempre tratou: a melhor amiga e braço direito.

— Conseguiu pensar em algo para Amanda?

— Talvez eu tenha tido uma ideia depois de ter passado o dia inteiro pensando nesse assunto.

Mal vejo a hora de colocá-la em prática e ver a reação da Amanda Amorim. Sei que ela está esperando por esse momento e os passos que quero dar junto com ela. Creio que nós dois tivemos essas semanas para testar se ficarmos juntos era realmente o que queríamos.

Da minha parte, pelo menos, não poderia estar mais convicto do que quero. Amo Amanda Amorim com todas as minhas forças e espero que sinta o mesmo por mim, pois já não consigo lembrar da minha vida antes da sua presença nela e muito menos posso acreditar em um futuro sem que ela esteja presente.

Não sei em que momento das últimas semanas aconteceu ou se foi desde a primeira vez em que a vi e não consegui perceber, o sentimento apenas brotou e parece distante a realidade onde eu não era apaixonado por Amanda.

Assunto sério



Amanda

— Por que será que eu não acredito em você?

No refeitório, depois de terminada a primeira aula, Camila insiste no mesmo assunto que há dias não muda. Ela jura que estou de rolo com Joaquim quando, na verdade, o trato como todos os outros colegas da turma com quem tenho maior intimidade.

— Porque estou dizendo a verdade? — devolvo.

Camila tem a ideia fixa na cabeça justamente por ver que o garoto não desiste de tentar algo além da amizade comigo. Para ela, que o conhece há mais tempo, Joaquim está demorando demais para deixar-me de lado, mas creio que isso acontece apenas por ele não saber que eu já tenho namorado.

Acredito que, se soubesse, ele deixaria de jogar charme para quem não se sente nem um pouco atingida por ele. Apesar das intenções por trás, Joaquim é um cara legal e torna todas as aulas que temos juntos divertidas. Eu nunca lhe dei nenhuma esperança ou qualquer indício de que ele um dia terá chance comigo, mas isso não é suficiente para conter o gênio do professor carrasco.

Ele tenta a todo custo disfarçar o incômodo quando na sala de aula vê Joaquim sentado ao meu lado e até consegue. Quem não o conhece nem imagina que por dentro está superincomodado com o que vê. Para mim que conheço e sei exatamente o que somos para o outro, é até divertido saber que está tentando manter a pose e, com muito custo, conseguindo.

— Presta atenção, Amanda! Eu estou falando com você! — reclama. — Se não é o Joaquim é outro. Fala a verdade, você está namorando e

não quer que ninguém saiba, é isso?

Olha para mim com curiosidade, no meu rosto procurando por respostas. Só espero que nele não esteja estampado a verdade em letras garrafais.

Não sei qual seria a reação da maluca ao saber que eu e o professor carrasco usamos as aulas para trocarmos mensagens picantes e que usamos o nosso tempo livre para ficarmos pelados e atracados um no outro.

— Não é nada disso! Por que eu esconderia um namorado?

Talvez porque ele é o seu professor e você tem transado com ele as escondidas?

A voz da minha razão acusa, não pela primeira vez, e em todas elas costumo ignorá-la. Seria bem melhor se não estivéssemos na incômoda situação. O tempo parece não passar rápido o suficiente e meu único medo é o de sermos descobertos, pois sei que o escândalo seria enorme e não posso imaginar o quanto ele prejudicaria a carreira do Saulo.

— Tem razão, você não tem por que estar escondendo alguém. — *Se convence* e respiro aliviada. — O mesmo não podemos falar do seu professor gato e chato — insinua quando nós duas olhamos para o lado e vemos Saulo sentar-se em uma mesa com a professora Jane.

Eles são amigos e dela eu não tenho o menor ciúme, apesar de ser uma mulher bonita e com idade próxima a dele. Quem realmente incomoda são as garotas da turma que, mesmo ele não dando qualquer abertura, não se envergonham por irem com decotes que deixam pouco para imaginação ou por praticamente esfregarem os seus silicones na cara do homem quando vão entregar alguma atividade em sua mesa.

— Do que você está falando, garota? Ele não tem namorada! — falo com mais convicção do que deveria, na minha mente passando lembrança de como fazemos as pazes depois de cada desentendimento bobo, principalmente no que diz respeito ao Joaquim e as metidas da turma.

— Certeza que tem. O homem parece mais sorridente nos últimos dias, uma mudança leve, mas não passa despercebida pela atenta Camila.

Ela de fato é uma garota perigosamente observadora e se eu não tomar cuidado, Camila é capaz de descobrir sobre a nossa relação sem que seja preciso sair uma palavra da minha boca.

— Você é curiosa, isso sim, Camila. Deixa o professor namorar. Os alunos agradecem. Isso deve melhorar o seu humor.

— Talvez ele esteja namorando com uma aluna? — questiona e o desastre acontece quando, sem me dar conta e por puro nervosismo, deixo o copo de vidro que estava na minha mão cair.

Estilhaços se espalham por todos os lados e de uma forma que eu

odeio quando acontece, acabo atraindo a atenção de todo o refeitório para mim.

Por um momento, todos param para ver o que aconteceu para causar tamanho barulho e os meus olhos vão direto para o meu Saulo. Ele olha para mim com preocupação, mas logo desvio a minha atenção para a Camila, que fala comigo.

— Está tudo bem? Você se assustou?

— Não! O copo apenas escorregou da minha mão — afirmo olhando para ele e vendo no seu rosto a genuína preocupação.

Tenho certeza de que ela não sabe ou suspeita de algo, está apenas sendo ela mesma e eu, se não tivesse preocupação e medo pelo que pode acontecer, caso sejamos descobertos, não ficaria tão desconcertada com as teorias da Camila, que poderiam ser considerados fantasiosas, caso nós realmente não estivéssemos juntos.

— Tudo bem, Loirinha. Vou atrás de alguém para limpar essa bagunça, você vem comigo? — indaga.

— Não, prefiro ficar por aqui mesmo — afirmo.

— Está bem, me espera aqui.

Assim que Camila sai, olho direto para a mesa em que o moreno está e o encontro com a cabeça abaixada. Aparentemente está concentrado no celular e logo descubro em que quando a mensagem de texto chega no meu celular.

Está tudo bem com você, Chapeuzinho?

Por alguns segundos fico olhando para a tela e pensando no que devo responder. Não quero deixá-lo preocupado quando não existem razões para isso.

Está tudo bem, lobo mau.

Decido ir pelo caminho mais fácil, mas ele parece já me conhecer bem demais para acreditar tão facilmente.

Por que você está mentindo?

Ele questiona e, ao levantar a cabeça para fitá-lo, vejo que está de longe, observando-me com curiosidade. Saulo balança a cabeça, volta a abaixá-la e digitar no aparelho, ignorando por completo a presença da professora Jane e de outro homem que acaba de sentar-se à mesa.

Vai me encontrar na biblioteca, Loirinha.

Agora?

Agora, minha linda. Tenho algo sério para falar com você.

Leio e não posso negar ao seu pedido, não quando afirma ser tão sério o assunto que tem para tratar. De qualquer forma eu iria, pois nós dois em uma biblioteca é uma ideia que não dá para resistir.

Não foram poucas as ocasiões em que nos trancamos na sua, começamos lendo um romance e terminamos nos agarrando contra as estantes de livros e transando sobre uma das poltronas ou tapete do lugar.

Está bem.

Envio, discretamente o observando se despedir dos colegas e sair com a sua inconfundível bolsa no ombro.

Assim que ele sai das minhas vistas, espero alguns minutos, deixo um bilhete para Camila avisando que tive de sair para resolver um problema e então vou atrás do meu namorado.

Namorado. É assim que eu o enxergo, apesar de ainda não termos tocando no assunto. Há 2 semanas aceitei e confiei nos seus sentimentos por mim e a lembrança da mágoa que causou parece distante, como se tivesse acontecido em outra vida, com pessoas diferentes.

Saulo tem sido carinhoso e atencioso, o homem que parece com o namorado que sonhei desde a adolescência. Existem alguns atritos por causa da idade, mas nada que não possamos contornar com facilidade.

O mais importante de tudo é que eu o amo, de todas as formas possíveis, o amo. Saulo veio em busca de redenção e conquistou muito mais do que isso, pois o que estamos tendo nas últimas semanas mostra que tudo valeu a pena.

Dar-nos uma chance valeu a pena.

Ao chegar na biblioteca, fico surpresa por não a encontrar cheia, como imaginei que encontraria. Ainda mais por ser o horário de intervalo.

— Bom dia, Dora — cumprimento a bibliotecária e ela devolve sem o menor entusiasmo.

Só não sei se é o seu modo habitual de agir ou se pegou ranço de mim, depois do dia que atrasei o seu horário de almoço.

Com total atenção, ando por entre os corredores, o procurando e não encontrando em nenhum deles. Quando tenho a ideia de mandar uma mensagem para perguntar onde está, lembro que além dos corredores, no fundo do espaço ainda existem as cabines, pequenas salas para quem precisa de um espaço para estudar.

Existem no total 5 salinhas e é na segunda que encontro Saulo. Ele está de costas, mas vira de frente no momento em ouve o barulho da porta sendo aberta. Não tenho tempo de fechá-las, pois ele o faz com as minhas costas quando vem para cima de mim e a prensa contra ela.

O barulho da batida é alto e até penso em protestar, mas meu namorado é mais rápido e me beija antes que eu tenha tempo de abrir a boca. O seu beijo é esfomeado, parece estar há dias sem me tocar e não apenas dois.

Não posso fazer nada além de corresponder com avidez, pois, assim como ele, tenho a sensação de ter ficado dias sem vê-lo, tocar e sentir o cheiro.

Realmente não sei quem são os malucos que dizem que o proibido é mais gostoso, que namorar escondido ajuda a apimentar a relação. A realidade é que namorar escondido não passa de uma enorme dor de cabeça.

Não podemos dormir juntos todos os dias, pois a minha mãe não sabe, se soubesse, iria querer saber quem é a pessoa. Também não posso mentir todos os dias ao dizer que dormirei na casa da Clara e por conta disso, temos de nos contentar em nos vermos bem menos do que gostaríamos.

Algumas vezes nos encontramos depois das aulas na sua casa e em outras — menos do que gostaríamos — dormimos juntos. O que mais importa é o fato de sempre estarmos em contato, seja por ligação ou via mensagens e chamadas de vídeos.

O resultado da saudade se desenvolve nesse momento, nós dois aos amassos no meio do intervalo e dentro da biblioteca, onde corremos o risco de sermos pegos.

— Estava com saudade de você, meu amor — afirma, passando os beijos da boca para o pescoço, enquanto as mãos acariciam as minhas costas por baixo da blusa. — Ontem o meu dia foi uma merda e tudo o que eu mais queria era dormir com você, sentir o seu cheiro — reclama e a voz sai abafada contra o meu ombro.

— Aconteceu alguma coisa? — Com as duas mãos seguro os lados da sua cabeça para que olhe para mim e nos seus olhos vejo que parece realmente cansado. — Fala comigo.

— Está tudo bem. É só o estresse pela proximidade do lançamento da revista — afirma, mas suspeito que algo a mais o tenha chateado e não queira me contar.

— Tem certeza de que é só isso?

— Não é só isso, loira. Também estou louco de saudade de você. — Com a boca faz charme como um bebê, mas as mãos são bobas e ligeiras como a de um adulto ao apertar a minha bunda de encontro ao seu sexo por cima da saia.

— Nos falamos ontem por telefone quando você chegou da revista — rebate, mesmo que esteja sentindo o mesmo que ele.

— Corrigindo: estou com saudade da sua bocetinha, de estar com o meu pau socado por inteiro dentro dela. Será que fui suficientemente claro desta vez? — brinca e não sei como ainda fico sem jeito com a sua incrível boca suja. — A saudade da sua voz, matei ontem quando você deixou eu te foder por telefone. Foi bom?

— Foi perfeito — assevero, tendo dificuldade para não gemer

ruidosamente com a sua boca agora chupando a lateral do meu pescoço. — Saulo, por favor...

— Estou com vontade de te comer aqui, contra essa porta.

— Eu não acredito que me chamou até aqui para isso. É arriscado...

Hum.

— Não te chamei para isso, mas bem que eu queria — fala, infelizmente, deixando o meu pescoço de lado para dar a devida atenção a nossa conversa. — Queria apenas matar um pouco da saudade e te chamar para dormir em casa hoje.

— Não sei...

— Por favor, Chapeuzinho! Temos que conversar e eu preciso que seja hoje — afirma e um arrepio nada bom sobe pelo meu corpo, pois sei que essa frase não tem um bom significado quando dita entre namorados.

— Se for terminar, é melhor que faça de uma vez — peço e ele não tem sucesso quando tenta esconder o divertimento.

— Óbvio que não vou fazer isso antes da nossa foda de despedida. Quero uma transa com tudo o que tenho direito, antes de deixar você livre para o Joaquim.

— Você não vale nada, Saulo! — digo, enquanto levo as mãos para o seu pescoço e passo as unhas pelas laterais dele.

A tentativa é de castigá-lo, mas o homem claramente sente prazer quando finco nele as minhas garras.

— Amo quando faz isso. Fico com vontade de te pegar com força. — Meu quase namorado, que parece ter 8 braços, leva a mão até a barra da minha saia e começa a subi-la.

— Nós temos que ir, Saulo, podem nos ver aqui e isso não será nada bom para você.

— Só deixo você ir se disser que virá dormir comigo hoje à noite. Preciso mesmo falar com você e te garanto que não será para terminarmos, amor.

— Está bem, farei esse sacrifício por você, professor carrasco. Já posso sair? — pergunto, pois, por mais que tenha vontade de passar o dia aqui, apenas namorando, tenho medo de levantarmos qualquer suspeita.

— Antes me diga o que aconteceu no refeitório — pede.

— Não foi nada, apenas Camila falando bobagem e eu acabei me distraindo e deixando o capo cair — minto.

— Tem certeza?

— Tenho, sim, agora deixe-me que você ainda tem aulas para ministrar e eu para assistir. — Tento abrir a porta, mas ele não permite.

— Só mais um beijinho e você sai.

O homem pediu com a sua cara de homem lindo e gostoso e acabei não resistindo. O "só mais um beijo" transformou-se em um amasso silencioso e que só terminou quando o sinal tocou e fomos obrigados a sair da sala.

Antes de sairmos, ele mais uma vez confirmou a minha presença na sua casa sob a alegação de que tem um assunto sério para tratar.

Durante o resto do dia não consegui parar de me perguntar qual o assunto Saulo tem para falar comigo e o terminei da forma como começou: sem fazer ideia do que está aprontando.

Namorada



Saulo

— Ai, caralho!

Esbravejo quando, pela segunda vez, queimo a mão. Dessa vez foi a mão esquerda ao invés da direita, como foi da primeira vez. Para a minha sorte o jantar está pronto e, aparentemente, não o queimei com o meu nervosismo.

Estou nervoso de uma forma como não lembro de ter estado antes. Sempre fui o tipo de homem que costuma ter controle sobre tudo, mas dessa vez, eu não poderia ter menos controle sobre uma situação como tenho nesse momento e no que virá pelas próximas horas quando eu tiver que, pela primeira vez, pedir uma mulher para ser a minha namorada.

Não está nas minhas mãos a sua reposta e mesmo que acredite saber qual será ela, não posso evitar o nervosismo, não quando quero fazer mais do que um simples pedido. A minha loira parece dar muita importância aos gestos românticos e não merece menos do que um pedido que a faça lembrar dele pelo resto da sua vida.

Com tudo preparado da forma como imaginei, dirijo-me para o meu quarto, tomo o meu banho, me visto e saio para esperá-la no portão. Amanda mandou uma mensagem avisando que em 5 min estaria chegando e a minha ansiedade é grande demais para ficar sentado esperando.

Ao abrir o portão, avisto os meus avós sentados em suas cadeiras de balanço, lugar onde eles costumam sentar-se depois do jantar e ficam de conversa até o sono chegar. Algumas vezes atravesso o jardim e passo um tempo com eles, agora menos que antes, já que tenho uma namorada para dar atenção.

Eles entendem e estão contentes por ver o neto, enfim, tomando

jeito na vida, segundo as suas próprias palavras. Sabem que Amanda me faz feliz e tudo o que querem é que o neto — que criaram como filho — fique bem.

— Boa sorte, meu filho — deseja minha avó.

Eles estão a par do que pretendo fazer e devem estar cheios de expectativas, assim como eu. Depois que Amanda começou a frequentar a minha casa, conseqüentemente ficou mais próximas dos dois e acabaram se tornando amigos. A minha avó, principalmente, é apaixonada pela minha loira e já não se preocupa com questões relacionadas a nossa diferença de idade, como pareceu se importar da primeira vez que a viu.

— Obrigado, dona Dora.

— Deu tudo certo com o jantar, meu filho? Não vá fazer a garota sair correndo antes mesmo de você fazer o pedido — brinca.

— Está tudo sob controle, dona Dora — assevero, olhando de um para o outro e o seu Dirceu apenas nos observa, sorrindo. — Talvez eu conquiste a mulher pelo estômago — brinco quando a forte luz do farol do carro da Amanda ilumina todo o jardim.

A vejo sair do carro com uma pequena bolsa na mão e está linda como todas as vezes que coloco os olhos sobre ela. Meu coração começa a bater forte dentro do peito e me pergunto se ensaiei direito o texto que tenho em mente para lhe falar.

Também não sei se não fui muito precipitado no presente cheio de significado e agora só resta torcer para que não seja rejeitado.

— Demorei? — pergunta quando vou lhe encontrar no meio do caminho entre o portão e o seu carro e a abraço pela cintura, em seguida beijando o seu rosto. — Estava um pouco ansiosa com essa tal conversa que disse que precisamos ter e não sabia bem como me vesti para ocasião.

— Está linda, Chapeuzinho, vestiu-se perfeitamente adequada para a ocasião — afirmo, sentindo o cheiro doce do seu perfume inebriar os meus sentidos, enquanto com os olhos, avalio o seu corpo da cabeça aos pés, pensando no quanto o vestido de alças finas e estampa florida a deixa gostosa.

— Pelo visto está gostando do que vê — a loira provoca ao passar as unhas pelo meu pescoço.

— Você parece bem apetitosa de se comer — devolvo na mesma moeda, vendo-a ficar sem jeito e até posso imaginar o motivo. — Está assim por causa dos meus avós?

— É óbvio! Não é legal saber que eles estão ali do lado, enquanto fala essas coisas — afirma.

— Loira, os meus avós sabem que há muito tempo deixei de ser virgem e que tenho transado com regularidade desde os meus 16 anos,

principalmente agora que tenho uma gost... — Não tenho a chance de completar a frase, já que ela impede ao colocar a mão na minha boca.

— É melhor entrarmos — diz. — Boa noite, Sr. e Sra. Moraes, tudo bem?

— Tudo em ordem, minha filha, tenham uma boa noite. — Meu avô deseja e a esposa completa:

— Boa sorte, meu filho.

— Vó! — reclamo por estar falando demais e por saber que Amanda não deixará a informação passar batida. — Boa noite para vocês.

— Boa sorte por quê? — Como sabia que iria acontecer, ela pergunta quando a porta é fechada as nossas costas.

— E como eu vou saber? Você para de ser curiosa, mulher. Pelo menos deveria usar a sua curiosidade para experimentar aquilo que te propus na noite em que nós dois bebemos umas duas taças de vinho a mais e você...

— Cala a boca! — pede, virando-me as costas, apenas para que não veja o quanto está tímida com o assunto levantado.

Vejo-a colocar a bolsa sobre o sofá e dar um tempo. Como estou a fim de fazê-la esquecer da gafe da minha avó, vou até onde está, encosto o meu peito nas suas costas, tiro os cabelos da sua nuca, deixo ali um beijo e então continuo:

— De 0 a 10, quais as chances? — insisto, me divertindo, o que não significa que não quero muito fazer o que estou propondo.

Na verdade, é uma das coisas que mais venho desejando nos últimos tempos. Com ela preciso experimentar tudo, tê-la de todas as formas, mas para isso, preciso que ela também queira tanto quanto eu.

— Abaixo de 0 — assevera e eu sinto os pelos do seu braço se arrepiarem sob as minhas mãos, enquanto com a boca trabalho na sua nuca, uma zona extremamente erógena para ela.

— Não tem vontade ou curiosidade?

— Tenho, mais também tenho medo. São vários centímetros entrando dentro de um buraco que não foi feito para entrar nada e sim sair — diz com facilidade, mas é só porque está de costas.

Se fosse diferente, Amanda estaria procurando palavras e com a pele corada, apenas por estarmos falando sobre a possibilidade de eu comer a sua bunda, algo que quero e desejo fazer e ela também, já que admitiu na ocasião em que o vinho nos deixou alegres demais.

— Quem nos ver assim pode até pensar que sou o devasso querendo corromper a pobre donzela. Não é assim que acontece nos romances épicos que lemos juntos?

— Mas você é igual aos mocinhos devassos — afirma e sem aviso, a viro de frente, para que assim consiga olhar para o seu rosto enquanto falamos de assunto tão interessante.

— E você não é nada como as mocinhas donzelas, não é mesmo? Na cama se transforma em uma devassa e ama o meu pau. É gananciosa e está querendo mais e mais e eu adoro você por isso.

— Sério?

— Sim. É uma deliciosa contradição — afirmo, vendo no seu rosto o quanto as palavras a fascinam.

Amanda, assim como todas as pessoas que têm a alma romântica, de uma forma que só paixão por livros pode criar, é apaixonada por belas palavras, tanto quanto o é por ações e eu, tendo na alma a mesma essência que ela, sou apaixonado por dizê-las.

É prazeroso, principalmente para quem entende e as quer receber.

— Você não me chamou até aqui para terminar tudo — fala e o rosto não esconde a surpresa, como se, só agora, estivesse tendo a certeza.

— Terminar tudo? Nós não temos nada, Amanda.

Assim que termino de falar, vejo o momento em que a expressão no seu rosto se transforma em tristeza pura e indisfarçável e então percebo que não usei o tom certo e menos ainda as palavras corretas.

Tudo depois de ter ensaiado por um dia inteiro o que quero falar.

— Amanda? Não temos nada?

— Calma, Loirinha, você não...

— Já chega, Saulo! Você não cansa de ser babaca? — Ela se aproxima de onde está a sua bolsa. Com o coração na garganta vejo sua mão ir na direção da bolsa.

Ela está indo embora!

Faça alguma coisa, porra!

— Eu quero que seja a minha namorada. Foi para isso que te chamei até aqui hoje. Passei o dia de ontem e o de hoje pensando em palavras bonitas para dizer para você, mas parece que não deu muito certo.

— Está falando sério?

Incrédula, ela pergunta, solta a bolsa e volta para perto de mim. Muito perto, diga-se de passagem. Os nossos corpos estão colados, os rostos bem próximos e Amanda espera por uma resposta. Antes de começar a falar, puxo duas longas respirações, esperando que, dessa vez, consiga falar as palavras certas.

— Nunca falei tão sério em toda a minha vida, Loirinha. Eu sei que começamos da pior forma possível e que fui o responsável por isso, mas, ainda

assim, nós decidimos tentar. Nas últimas semanas ficamos juntos e não lembro de algum dia ter me sentido tão bem e feliz.

— Eu também estou muito feliz com você, Moreno. Pediu uma chance e foi a melhor decisão que eu poderia ter tomado. Você tem sido maravilhoso. Saber que é meu faz com que todos os dias eu acorde com um sorriso no rosto e esperando ansiosamente pelo momento em que receberei a sua mensagem de bom dia.

— Tudo o que sente eu sinto com a mesma intensidade, Loirinha, mas estar feliz não significa que esteja completamente satisfeito — assevero, pensando que, se tudo tivesse saído como o planejado, nós não estaríamos abraçados no meio da sala neste momento.

— Não está? — questiona e no seu rosto já não tem sequer a lembrança da tristeza que lhe acometeu quando meti os pés pelas mãos e falei merda.

— Eu quero mais, Amanda Amorim. Muito mais do que o título de amigo com benefícios ou amante. Quero que em breve todos saibam que você e eu estamos juntos. Que é a minha namorada e que eu sou o seu namorado. Te trouxe aqui para saber se não estou sozinho, se sente o mesmo.

— É tudo o que mais quero, Saulo. Já me considero sua namorada desde a primeira noite em que dormimos aqui e você mostrou quem é de verdade. Naquele dia eu deixei de ter medo e confiei no que sinto quando estou nos seus braços.

— Namorada!

— Namorado!

Como dois adolescentes falamos juntos e entre risos e beijos, deixamos que por um tempo os nossos corpos falassem por nós mesmo. O toque das nossas bocas e das mãos que se buscam expressam o que nem sempre as palavras conseguem externar com a intensidade dos sentimentos que existem entre nós.

— Eu ainda tenho um presente para você, meu amor, mas antes quero te alimentar. Fiz o nosso jantar e a noite só terminará quando você me dar o meu presente de comemoração — afirmo, depois de baixar a sua boca vermelha, tanto pelo beijo quanto pelo batom que antes o enfeitava da maneira que me deixa louco de desejo.

— Devo perguntar o que tem em mente?

— Na hora você vai saber, namorada.

— Está bem, namorado. — Com o sorriso de orelha a orelha, o mesmo que enfeita o meu rosto, desfazendo o abraço e entrelaçamos os nossos dedos.

Nos dirigimos para a cozinha e enquanto jantamos, mal posso conter a expectativa e a ansiedade para o que vem depois dele.



Amanda

É difícil acreditar que estamos mesmo fazendo isso. Os dois jantando na sua casa e agora, como namorados. Difícil pela dificuldade que foi para nós dois de fato nos entendermos, difícil por ele ser ele: Saulo Moraes, um homem mais velho, mais experiente; lindo e um fotógrafo famoso.

Quando aconteceu com Clara, pensei que, diante dos meus olhos, estava vendo acontecer o conto de fadas que costumeiramente vejo se desenvolver nos romances que leio e de fato estava. Agora, como o mesmo homem que me fez duvidar do amor, vivo a experiência que desde a adolescência tenho sonhado viver.

Ele é lindo e meu namorado.

É só no que consigo pensar enquanto como e finjo normalidade.

— Posso saber que sorriso é esse, senhorita?

— Estava pensando em como você é bonito. Nem nos meus sonhos imaginei que, no dia que encontrasse um namorado, ele seria alguém como você — falo, sendo extremamente sincera.

— Alguém como eu?

— Mais velho, bem-sucedido e safado, como sempre li nos romances. — Sou mais sincera ainda e meu namorado — como é bom saber e pensar isso — sorri.

— O fato de eu ser mais velho te incomoda de alguma forma? — indaga.

— Em nada, acho excitante, inclusive — confesso.

— Será que os seus pais pensarão assim? — Saulo entra em um assunto um pouco delicado entre nós dois. Não somos muito de falar no futuro, já que o nosso relacionamento ainda é segredo, mas, no fundo, sei que ele tem essa preocupação.

— Creio que os dois querem que a filha seja feliz, independente das escolhas e quando te conhecerem, ficarão felizes pela minha escolha.

Meus pais são mentes abertas e a idade certamente não os incomodará. Eles só não aceitariam um namoro que me fizesse mal. Como não é o caso, a aceitação deles é a menor das minhas preocupações.

— Fico feliz por isso, não quero ter o trabalho conquistar os meus sogros — brinca.

— Terá que fazer isso com a minha irmã — assevero por conhecer a pestinha e saber que ela perguntará até os números da sua identidade quando o conhecer.

— Será moleza, Loirinha. Você sabe que eu sou irresistível. — Ele lança a sua piscada sacana, mostrando o quão irresistível de fato é.

— É modesto também — retruco com humor, dando a última garfada na deliciosa lagosta que preparou para mim, estando muito satisfeita e não me sentindo capaz de engolir nem vento até o dia de amanhã.

— Eu também não imaginei que tão cedo encontraria uma namorada e muita menos que seria tão jovem.

— Prefere as mais velhas?

— Acreditava que sim, até o dia em que você entrou naquele bar com o narizinho em pé e ignorando completamente a minha presença.

— Estava querendo te matar. Na verdade, preferia nunca mais voltar a te ver, mas, como aconteceu, naquele momento tive que fazer um esforço para não pular no seu pescoço — digo.

O assunto que tanto trouxe dor já não é nenhum tabu entre nós dois há muito tempo e, como estamos fazendo nesse momento, somos capazes de falar dele com tranquilidade e sem qualquer mágoa ou constrangimento.

— Eu fiquei fascinado pela sua beleza. Se tivesse algum problema com ereções, teria sido curado naquele momento. Fiquei duro instantaneamente, lembro como se fosse hoje.

— Homens!

— Foi além do tesão, meu amor. Também foi um choque ver o seu rosto. Tinha a impressão de que já tinha te visto em algum lugar e então os

sonhos passaram a ser mais frequentes e o seu rosto parecer mais nítido.

— Não era um sonho...

— Felizmente não era e por causa disso estamos aqui — diz, estendendo a mão sobre a mesa que arrumou no meio da sala em um perfeito jantar à luz de velas e olhando dentro dos meus olhos continua: — Sei que os meus erros nos trouxeram até aqui, mas que poderia ter sido de outra forma. Além de ser a minha namorada, você é a minha redenção, meu amor, é a pessoa que me fez entender o verdadeiro sentido de estar apaixonado e quero passar a vida te recompensando por dar-me a chance que um dia pedi.

— A vida? — questiono, emocionando-me por vê-lo falar com tamanha convicção sobre o futuro.

A palavra amor ainda não foi mencionada, mas eu sei que ele existe.

— Enquanto você me quiser, ao seu lado estarei, Chapeuzinho, eu... Você espera só um segundo? — pede, mas já está pulando da cadeira, como se ela estivesse em chamas.

— É claro... — digo, vendo-o correr na direção do quarto e não dá tempo nem de contar até 10 quando meu namorado retorna.

Saulo tem os dois braços para trás e, antes de encostar na mesa, pede para que eu vá até onde ele está. Ao chegar perto, vejo que está nervoso e acho estranho, pois o motivo para isso já passou. Me pediu em namoro e eu aceitei.

— Está tudo bem?

— Eu disse que tinha algo para dar para você, lembra?

— É claro — afirmo, mas a verdade é que eu tinha esquecido completamente da informação. Tudo que guardei na mente foram as suas palavras e o fato de estarmos oficialmente namorando.

— Espero não ter me precipitado na escolha...

Diante dos meus olhos e quase como se fosse em câmera lenta, o vejo estender as mãos e com a esquerda abrir a caixinha vermelha que segura na direita.

Meu coração retumba dentro do peito, meus olhos não podem acreditar no que estão vendo quando constataam qual era o presente a que se referia.

— Meu Deus, meu amor... — No momento meus olhos estão cheios de lágrimas e já não sei mais o que falar.

— Queria algo para simbolizar essa fase na nossa relação, a primeira de muitas, se depender de mim. Como sei que você tem a alma romântica, vi esse e achei a sua cara.

— É lindo, Saulo... — Com muito cuidado, quase com medo de quebrá-lo, passo a ponta do dedo pelo anel lindo de encher os olhos de qualquer mulher.

Ele é prateado no aro e na parte de cima forma-se o símbolo do infinito. O símbolo é todo trabalhado com pequenas pedras reluzentes, bem parecidas com diamantes.

— Eu não sei o que falar — digo, observando meu namorado tirar o anel da caixinha, guardar a mesma no bolso e em seguida segurar a minha mão direita.

— Eu te amo, Amanda. Não sei se para você isso parecerá precipitado demais, apenas aconteceu e eu gostaria que usasse ele todos os dias, para que lembre do quanto levo a sério você, o nosso namoro e o quanto te amo.

Quando Saulo termina de falar eu já estou chorando e não sei se prefiro pensar que a sensibilidade exacerbada é motivada pela TPM ou se encaro a realidade e admito que as lágrimas são por tudo que ele está fazendo não só hoje, como também a partir do momento em que nos propomos a tentar.

Acertou em cheio quando comprou o anel, mostrando que presta atenção em mim e nos meus gostos. Saulo tem razão quando diz que tenho a alma romântica, pois, olhando para o objeto, creio que ele não poderia ter feito melhor escolha.

Precisava de gestos, muito mais do que as palavras, e meu namorado acabou dando-me os dois. O mais importante, não o fez de caso pensado, apenas para conseguir o que queria. Vi e senti sinceridade em todas as suas palavras e ações, foi ele mesmo, o homem a quem aprendi a amar e preciso que saiba.

— Loirinha, por que está olhando dessa forma? Fala alguma coisa. — O pedido é apreensivo e quase desesperado e só então me dou conta de que estive por alguns segundos perdida em meus próprios pensamentos. — Vou entender se ainda não estiver preparada...

— Não é nada disso — assevero, ao chegar muito perto do seu corpo, deixar nossas bocas muito próximas e então, tendo os nossos olhos se fitando e despidos de quaisquer máscaras, digo: — Eu também amo você, Saulo Bitencourt. Não é de hoje, amo desde a primeira vez em que estivemos juntos. Amei quando não queria amar, quando não deveria amar. Te amo, Saulo, você

não é o perfeito príncipe encantado que na adolescência eu sonhava, é apenas o meu Saulo, perfeito para mim.

— Linda — beija por todos os lados do meu rosto, rindo como um menino e me girando no ar —, você está me fazendo o homem mais feliz do mundo nesta noite.

— Eu também estou feliz. Estava começando a achar que você nunca fosse fazer o pedido — digo aos risos quando ele me coloca de volta no chão.

— Se tivesse você mesma feito o pedido, garanto que eu teria aceitado — brinca ao segurar a minha mão e colocar o anel.

— É o presente mas lindo que ganhei, não vou tirar nem mesmo para tomar banho — garanto.

— Por que você falou em banho? Agora estou com a imagem de você nua, embaixo do chuveiro e usando apenas esse anel no dedo.

— Já estamos na versão depravada do Saulo?

— Sim, o seu namorado agora quer o presente de comemoração pelo início oficial do namoro.

— Sou sua — afirmo.

— Você é sim — diz, pegando-me nos braços e levando para o quarto.

Quando ele gentilmente me colocou sobre a cama e o vi pouco a pouco despir cada peça de roupa minha, senti sensações que foram além das físicas, o meu coração reconheceu o dele e chegou no ponto em que o passado foi superado e o vi como o homem a quem amo sem quaisquer ressalvas.

Madrugada adentro, Saulo e eu nos amamos com calma, adorando o corpo um do outro com carinho e, entre ofegos e gemidos, nos reconhecemos como Saulo e Amanda, um homem e uma mulher que se entregaram ao amor, reconhecendo o sentimento quando ele se apresenta.

Perigo



Saulo

— Mais 10 minutos, galera — aviso ao checar o relógio no meu pulso, observando a turma de 45 alunos, enquanto fazem a primeira prova do semestre.

Entre a galera que está apenas no início de um curso que os transformarão nos profissionais que almejam ser, caso para isso se dediquem, está Amanda Amorim, a minha namorada. A garota com quem tenho dividido a cama por menos vezes do que gostaria.

A garota a quem amo mais a cada dia que passa e, por amá-la tanto, também tenho o natural medo do que, qualquer dia desses, aconteça algo que a tire de mim. Estamos tão felizes nos últimos 2 meses que vieram depois do dia que a pedi em namoro que às vezes nem parece real.

Amanda e eu temos gostos parecidos e opiniões que pouco divergem na maioria das vezes. Assim, a diferença de idade parece nem existir, não quando ela é madura demais para os seus poucos 19 anos de idade. A diferença, que poderia ser um ponto de conflito, poucas vezes influenciou e quando aconteceu, foi mais por teimosia de um de nós dois.

As divergências, quando acontecem, nós resolvemos na conversa e se ela não for suficiente no momento, ela e eu vamos para a cama, fazemos um amor gostoso ou uma foda suada e depois, bem mais relaxados, voltamos a conversar e nos entendemos.

A única mancha no nosso relacionamento é o fato de estarmos o tendo as escondidas. Algumas vezes até me sinto meio patético por estar com 32

anos e precisando fazer isso. O sentimento não perdura, não quando sei que essa, por enquanto, é a única forma de estar junto com a minha Loirinha.

O que mais incomoda é a sensação de ter uma bomba relógio fazendo sons de tic tac bem em cima das nossas cabeças e que, a qualquer momento, pode explodir. Temo mais por sua reputação do que pelo meu cargo aqui na universidade, pois sei que um escândalo pode tornar a sua vida inferno pelos 4 anos que ainda precisará ficar aqui.

Eu, por outro lado, poderia muito bem apenas sair, mas até isso levantaria suspeita caso fosse feito no meio do semestre, como estamos agora. Faltam pouco mais de 3 meses e os dias parecem se arrastar.

Além da ameaça, estar namorando sem que ninguém saiba traz a sensação de que estamos fazendo algo de muito errado, como se não fosse certo nos amarmos e querermos ficar juntos. Também traz em mim o sentimento de que tudo parece frágil demais e sei que, até que isso se resolva, não poderemos dar um passo adiante.

Sei que Amanda também gostaria que fosse diferente e sinto isso cada vez que precisa mentir para os pais para que possamos dormir juntos e pior, quando quer e não pode ir para a minha casa.

Como dois adolescentes, nós dois passamos os últimos dois meses apaixonados e nos pegando onde e quando tivemos oportunidade. Apesar do perigo que sabemos estar correndo, não deixamos de darmos alguns amassos bem quentes pelas cabines da biblioteca, de mandarmos mensagens sacanas entre um intervalo e outro e com mais liberdade, mostrar que estamos juntos na empresa.

Na Mundo em Foco não precisamos nos esconder. Por lá ninguém, além da Clara e do Henry — talvez o Miguel também — faz ideia da relação que temos no meio acadêmico e por isso fiz o que gostaria de fazer em todos os outros lugares: deixei escancarado para quem quiser ver que Amanda é a minha mulher.

Por conta da proximidade e correria para o lançamento da edição em que Amanda foi capa, ela ainda teve que comparecer à Mundo em Foco algumas vezes para resolver detalhes e o lugar pareceu pequeno para nós dois. Ela, obviamente, ficou encabulada com as minhas safadezas — como gosta de dizer — mas nada que a impedisse de corresponder a cada uma delas.

É dessa forma que a minha namorada age: tem vergonha de algumas coisas, mas quando está dominada pelo desejo, esquece de tudo e se torna tão ou até mais ousada do que eu.

Sei que ficou feliz e segura a cada vez que, dentro da empresa, abracei a sua cintura ou entrelacei os nossos dedos. O fiz sem qualquer propósito, além de me sentir bem por tocá-la, mas não posso negar que fazer isso na presença da Laura traz um sentimento diferente.

Sei que Amanda precisava disso, de perceber de uma vez por todas que não há qualquer razão para insegurança, que o passado foi superado e que é ela a quem amo. O fato de ainda trabalharmos juntos não significa nada, não para mim.

Laura, por outro lado, continua estranha e fica pior quando Amanda aparece na empresa. Noto que a olha com desprezo, apesar de fazer esforço para cumprimentar e fingir simpatia. Além do desprezo, no seu olhar existe algo a mais e que causa arrepios.

Na maioria das vezes em que não está discordando de mim sobre qualquer assunto que tenha relação com o nosso trabalho, Laura age com frieza, e é justamente essa frieza um dos principais motivos do meu temor e sensação de que há algo muito errado prestes a acontecer.

Laura por mais de uma vez demonstrou ser uma mulher manipuladora e nem mesmo quando eu estava cego pelo paixão que acreditava sentir, deixei de enxergar isso na sua personalidade.

Na posição em que estou nada posso fazer, pois, além de nunca ter feito nada diretamente para atingir a mim ou a minha namorada, não sei se Laura seria capaz de arriscar a amizade do Henry e muito menos o seu cargo na Mundo em Foco por minha causa.

No fim das contas, sei que as minhas mãos estão atadas e que resta somente esperar até que os 3 meses passem e nós possamos eliminar essa ameaça das nossas vidas. Quando acontecer, poderei enfim respirar aliviado, apresentar-me para os seus pais como namorado e o mais importante, não ter de ser privado da sua companhia por mais vezes do que gostaria.

— Professor? — A voz do garoto e a folha sendo colocada sobre a mesa chama a minha atenção para a realidade, depois de a minha mente ter estado perdida em devaneios e pensamentos que já tive várias outras vezes e termino sempre chegando a mesma conclusão.

— Já assinou a lista? — indago, ao passar os olhos rapidamente por sua prova, para terminar pelo cabeçalho.

Não são poucas as vezes em que alguém esquece de colocar o nome e eu tenho de descobrir a quem pertence a bendita prova, quando a minha vontade é de zerar a pessoa, só pela distração.

— Já, sim.

— Boa sorte — digo, o garoto acena com a cabeça e sai da sala.

Mais uma vez checo o relógio e dou o aviso:

— Mais 5min, galera.

Meus olhos vão para a minha namorada que está tão linda e, como se sentisse que está sendo observada por mim, ela levanta a cabeça, tira a massa de cabelos lisos e loiros da frente e então abre o sorriso. A Chapeuzinho olha para os lados, vê que não tem ninguém prestando atenção em nós dois, volta a atenção para mim, joga um beijo e uma piscadinha.

Depois abaixa novamente a cabeça para terminar a prova. Amanda é muito inteligente e dedicada, orgulho para qualquer professor ávido para repassar conhecimento. Ela é uma das melhores alunas da turma e jamais tentou utilizar-se do fato de ser a minha namorada para tentar se dar bem.

A verdade é que, na maioria das vezes, nem parece que temos alguma relação que não seja a de namorados. Na sala sou apenas o professor, salvo algumas raríssimas exceções, como a que acabou de acontecer. Quando estamos fora da sala de aula não somos muito de falar sobre e teve uma única vez que fui questionado por ela como professor.

Certa ocasião, zerei uma questão sua em um teste que valeria nota na média final e Amanda, assim como poderia ter feito qualquer outra aluna, esperou até que a sala se esvaziasse para me questionar. Expliquei os motivos que faziam a questão errada e a loira rebateu que um detalhe tão pequeno não poderia invalidar uma questão por completo.

Não chegamos a um consenso e quando eu disse que sou o professor e por isso tenho a última palavra, ela saiu emburrada e batendo os sapatos. Em casa, quando praticamente implorei para dormir comigo, discutimos mais um pouco, transamos no meio da briga e no fim, ela entendeu que estava errada e que na sala de aula sou eu quem decide.

— Boa sorte — digo para a garota decotada que ainda ficou incerta antes de sair, como se esperasse que eu dissesse ou fizesse alguma coisa.

Depois dela, perdi as contas de quantas boas sortes tive de desejar e de quantas vezes perguntei para alguém se assinou a lista, até ver a sala vazia, restando dentro dela somente a minha namorada e eu.

— Já assinou a lista, Amanda Amorim? — indago com fingida seriedade, pois além de tudo, é extremamente difícil agir como se ela não fosse a minha namorada, como se já não tivesse tocado cada pequena parte do seu corpo.

— É claro que sim, professor carrasco — fala e, de repente, tenho a impressão de que a minha mulher está com segundas intenções que de inocentes não tem nada.

— Boa sorte! — digo, não resistindo ao desejo de varrer todo o seu corpo com os olhos.

Curvo levemente o meu corpo para frente, começo pelos seus pés, subo pelas pernas que a saia jeans deixa à mostra até metade das coxas e termino na blusa de mangas curtas, onde o decote em V deixa um discreto decote e uma pequena porção dos seus seios à mostra. Os seios que quero ver, tocar e chupar por horas a fio, sem nunca me cansar.

— Obrigada — diz e, surpreendentemente, começa a desfilar em direção a porta.

Acompanhando o mover dos quadris e a bunda que fica muito gostosa vestindo jeans, chego à conclusão de que estava redondamente enganado ao pensar que a minha namorada estava cheia de malícia, para em seguida mudar de ideia quando a vejo passar a chave na porta, depois fechar a janela e puxar a corrente da cortina.

Amanda nos deixa completamente isolados do mundo lá fora e, mesmo que não queira e de saber quão problemática pode ficar a nossa vida se sequer suspeitarem que estamos trancados aqui, não posso controlar os instintos do meu corpo quando meu pau dá uma sacudida, somente pelas ideias que povoam a minha mente.

— Amanda... Aqui não é o lugar para....

Antes que eu tenha a chance de terminar de falar, ela já está curvando-se sobre o meu corpo, com a boca quase colada à minha e falando de uma forma que tira das minhas mãos o poder de escolha.

— Se você realizar essa fantasia minha, prometo pensar em realizar aquele seu desejo de...

O resto da frase a garota fala baixinho ao meu ouvido e se já estava difícil, ela tornou impossível resistir. Estou prestes a cometer uma loucura, mas sei que não é a primeira e nem será a última vez que por ela quebro regras.

Fantasia



Amanda

Não sei se foi pela tensão da prova que estudei muito para dar conta de fazer, considerando que Saulo não costuma dar moleza, ou se é algo que tem passado pela minha cabeça desde o dia em que Clara colocou a ideia maluca e arriscada dentro dela, mas o pensamento veio martelando a minha cabeça nos vários minutos em que fiquei esperando o fim da aula, já que terminei a prova muito antes de o tempo estourar.

Era como se em cada lado dos meus ombros existissem 2 anjinhos: um com asas dizendo para eu sequer cogitar o que se passava pela minha mente e outro dizendo para não deixar de fazer o que desejo, que a oportunidade é perfeita.

Mesmo incerta e sem saber muito bem qual seria a reação do meu namorado, acabei optando por dar ouvido ao diabinho e aqui estou, fazendo a sedutora para um homem que, quando eu ainda estava aprendendo a andar, já estava transando por aí.

— Você é tão safada, Chapeuzinho. Em que momento se tornou essa devassa? — indaga, segurando a minha cintura quando me inclino sobre o seu corpo, sentado sobre a cadeira que dá a ele um charme todo especial, ainda mais para quem, assim como eu, vivencia a típica fantasia aluno e professor.

Tudo por culpa da maluca da Clara!

— Você ainda não respondeu a minha pergunta, meu amor — lembro, ainda sem ter certeza se fiz a coisa certa.

Estou negociando com algo que ele quer muito, como o perfeito

safado que é, sei que vai cobrar a promessa e talvez até esteja preparada, mas o medo fala mais alto. O pau do homem é grande demais para um buraco tão pequeno e apertado.

Tenho desejo de fazer o sexo anal e ele fica ainda maior quando. no meio do sexo mais intenso e suado, meu namorado acaricia o lugar com os dedos salientes e eu chego a tremer de prazer. Se para realizar essa fantasia eu tenho que dar algo em troca, com prazer — literalmente — pago o preço.

— Vai deixar que eu coma o seu cuzinho?

Ele me puxa para cima das suas pernas, porque simplesmente não pode conter a sua ganância. Quando estamos juntos, Saulo gosta de estar sempre me tocando e eu ajo da mesma forma. Talvez o sentimento seja esse pelo fato de nem sempre podermos estar da forma como queríamos ou talvez, seja apenas porque nos amamos muito e nunca é o suficiente.

— Você quer muito? — provoco.

— Quero possuir você de todas as formas, meu amor e com certeza quero conquistar esse seu burquinho apertado — fala, sem qualquer constrangimento, enquanto as mãos alisam as minhas coxas que, na posição que me sentei sobre ele, a minissaia jeans deixou à mostra.

— Então já sabe o que fazer. — Dou o ultimato.

— Amor, eu não sei se aqui é o lugar para fazer isso...

Meio incerto, ele tenta desistir, mas encontra dificuldade até mesmo para completar o raciocínio quando começo a fazer carinho com as pontas das unhas no seu pescoço, toque que o deixa louco, sempre que faço.

— Isso o quê, professor carrasco? Transar ou se sentar assim sobre as suas pernas?

— Amanda... — roga pelo meu nome entredentes e eu sinto que está quase entregue, ainda mais levando-se em conta o fato do seu pau já estar duro embaixo da minha bunda.

— Amanda o quê, professor Bitencourt? Acha que fui uma péssima aluna? — continuo, rebolando com movimentos circulares sobre o seu colo, a fim de levá-lo à loucura e, com certa força, mordendo o seu lábio inferior.

Algumas vezes gosto de puxar além dos limites, é quando ele fica bruto e o nosso sexo bruto, é certamente o nosso melhor sexo.

— Você está sendo uma péssima aluna, Amanda Amorim — assevera, tentando usar a sua expressão séria de quando está na frente da turma, mal sabendo que ela me deixa mais cheia de tesão.

— Poxa, professor! — Faço biquinho com a boca e ele aproveita para dar uma mordida leve, depois passando a língua no local. — O que o senhor fará comigo? Irá me castigar?

— Vou te castigar, sua atrevida! — Totalmente entregue ao jogo que eu iniciei, vejo o momento em que ele perde o controle, se levanta da cadeira e, segurando-me pela cintura, enquanto dá a volta na mesa, meu namorado para a frente da mesma e me coloca sentada sobre ela.

Com os olhos já em brasa, que deixa o meu sangue correndo muito quente nas veias, ele dá um pequeno passo para trás, para assim poder medir melhor o meu corpo com os olhos. Depois de fitar-me mais uma vez da cabeça aos pés, estende as mãos e puxa a saia até tê-la toda enrolada na minha cintura.

Com maior ousadia, empurra as minhas pernas, deixando o meu sexo coberto com a calcinha preta, complementemente à mostra.

— Gostosa demais!

— Você acha, professor?

— Muito, querida aluna. Mas nem o fato de ser a mais gostosa do mundo vai te livrar do castigo por ter sido uma menina má.

— O que eu posso fazer para conquistar um pouco de clemência, professor? — Dissimulada, observando-o se aproximar e abrir um por um dos botões da minha camisa.

Quando a tem completamente aberta, ele não demora em tirá-la do meu corpo e então estou onde jamais imaginei estar: dentro da sala de aula, sentada só de lingerie sobre a mesa do meu professor gato e vendo ele tirar a camisa e depois abrir o zíper da calça.

— Quero chupar a sua boceta — diz, fazendo-me ter um segundo de timidez, mas logo deixo o sentimento de lado por saber que ele não combina com o que estou fazendo. Ideia louca e excitante que eu mesma tive.

— Só isso?

— E os seus seios que ficam vermelhinhos por causa dos meus beijos e da minha barba roçando neles, meu amor.

— Eu quero, professor. Nós dois bem sabemos o quanto você é bom com a língua — digo as palavras de duplo sentido, enroscando as pernas na sua cintura e os braços no pescoço.

— Principalmente em contato com a sua língua, aluna má, safada e gostosa.

Quando a sua boca toma a minha, o nosso beijo não segue o ritmo natural. Nós dois começamos frenéticos, consumindo a boca um do outro, onde se respira paixão e sexo cru. O amor e o carinho que sentimos com intensidade não tem vez nesse momento. Aqui se respira sexo e, enquanto as nossas línguas se buscam com avidez, as mãos tocam até onde alcançam, como se mal esperassem o momento do próximo toque.

— Saulo, eu quero mais... Muito mais, amor! — O pedido é feito de

maneira quase desesperada e a sua resposta é excitante, pois mostra que entrou no jogo que tive tempo de sobra para fantasiar, enquanto aguardava a sala ficar vazia.

— Saulo, não, menina! Aqui eu sou o seu professor!

— Professor.

— Agora darei o que merece e você não fará barulho, pois, se fizer, não deixarei que goze. Estamos entendidos? — indaga com o rosto contra a meu e mais abaixo, sua mão, com uma única puxada, rompe a lateral da minha calcinha.

Saulo a tira por completo e vê-lo levar peça ao nariz quase me leva à loucura. Fico inebriada de desejo por causa do gesto íntimo e tudo fica mais difícil quando se curva até a altura da mesa, separa ainda mais as minhas pernas e as leva até os ombros, assim ficando de cara para o meu sexo que está vergonhosamente necessitado.

— Se apoie nos braços, amor, creio que as coisas ficarão difíceis para você. — Mal termina de falar e a boca perita já está sobre a minha entrada.

Mais calmo, ele começa com uma lenta passada de língua por toda a minha vagina e as mãos estão agarradas as minhas pernas de maneira possessiva. Quando da minha boca sai apenas um pequeno murmúrio, meu namorado levanta os olhos e não é preciso dizer mais nada.

Devo me manter o mais silenciosa possível, mesmo que seja praticamente impossível quando estou sendo torturada dessa forma. Não é justo ser impedida de dar vazão a todo o prazer que sinto quando a sua boca, mãos e todas as outras partes do seu corpo estão sobre e dentro do meu.

— Assim... — digo baixinho quando a sua língua torna-se mais voraz, chupando-me com avidez, onde até os pequenos sons de sucção são extremamente excitante. Não satisfeito em usar apenas a boca, sabendo que estou no meu limite e prestes a explodir, ainda adiciona o dedo a equação.

— Saulo, porra!

— Cala a boca, gostosa — pede de um jeito estranho por não querer largar do meu sexo.

Meus braços estão tremendo tanto, a ponto de ceder, ele sabe que estou prestes a gritar e, virando-se como pode, leva a mão até a minha boca, dá mais uma longa chupada, para em seguida substituir a mão pela boca.

Meu namorado me beija vorazmente, fazendo-me sentir o meu próprio gosto e eu agarro o seu pescoço. Os seus dedos experientes acariciam o meu sexo, assim como faz sempre que quer checar se estou pronta para recebê-lo.

— Está gostando do seu castigo, gostosa? — Com a voz um pouco

rouca pelo tesão, o ouço falar ao meu ouvido e nesse momento só consigo pensar em tê-lo dentro de mim, penetrando-me com vigor, deixando com que eu veja no seu rosto a expressão de puro prazer.

— Saulo, eu preciso...

— Precisa de quê? Que eu coma a sua bocetinha necessitada, Loirinha safada?

— Sim...

— Eu vou fazer isso, farei porque se não fizer, sou capaz de perder a sanidade. Preciso de você, Amanda. Sempre, como preciso de ar para respirar — declara, de uma forma que só ele sabe fazer. Uma mistura de romantismo com safadeza.

Assim é o Saulo, até a sua forma de me tocar diz muito sobre quem ele é. Tudo o que eu já vi faz com que, a cada dia, mais apaixonada fique e acredite que o amor existe apenas para quem ousa lutar por ele.

Quando meu namorado se afasta somente o suficiente para descer a calça e a cueca até metade das coxas, a deliciosa expectativa pelo que virá toma o meu corpo e com prazer o vejo novamente chegar perto, agarrar uma das minhas coxas e com a outra mão levar o comprimento até o meu sexo..

Com a cabeça robusta deliciosamente posicionada e em contato com o meu clitóris, Saulo retira a mão e de maneira torturante, começa a entrar bem lentamente, com os olhos exigindo que eu mantenha o contato visual.

— Está sentindo? Aqui somos você e eu, quebrando regras e transando sobre a minha mesa. Um professor comendo uma aluna. O quão errado isso é, Amanda Amorim? — pergunta e vejo que está falando sério.

No seu rosto não existe sinais de arrependimento, apenas de puro prazer, mas ao mesmo tempo, parece perturbado por se dar conta do que estamos fazendo só agora que estamos de fato transando sobre a sua mesa.

— Essa aluna é a sua namorada, professor Bitencourt. A mulher que foi sua muito antes de tudo isso aqui existir. Não está achando bom? — indago ao dar uma rebolada em torno da sua ereção, fazendo com que entre um pouco mais rápido do que tinha planejado.

— Está maravilhoso, porra! — assevera, quando, de uma única vez, termina de meter-se por completo dentro da minha boceta. Sem se mover, levando a mão para a minha nuca e puxando levemente meu cabelo, meu namorado afirma: — Eu nunca mais poderei entrar nesta sala, sentar nesta cadeira e, muito menos, olhar para esta mesa sem lembrar do dia em que comi a minha namorada em cima dela. Está satisfeita, sua safada?

— Muito satisfeita. O que vai fazer agora?

— Meter na sua bocetinha até que fique completamente saciada e

depois, quando chegarmos em casa, te foderei mais ainda e então você poderá gritar pedindo por mais. Para que eu meta com mais força e mais rápido, não é assim que faz, garota insaciável?

— Com você, sempre.

— Só eu e mais ninguém. Você é minha. Só minha para sempre.

— Para sempre — afirmo, pois não existe uma única vez em que estamos fazendo sexo, para que não tenhamos a necessidade de dizer essas palavras: para sempre.

Quando o meu amor começa a sair do meu sexo, o som de vozes invade a sala, paramos toda a sacanagem e com o coração disparado e olhos arregalados, vejo no seu rosto a mesma expressão assustada que deve estar estampada no meu.

— Que estranho essa sala estar trancada, isso nunca acontece. — Uma voz feminina diz, nós dois olhamos na direção da porta e vemos o trinco sendo girado.

— Como vamos limpar?

— Isso não será um problema, tenho aqui uma chave reserva.

Puta. Que. Pariu!

Nós estamos muito ferrados e será tudo por minha culpa.

São os únicos pensamentos que vêm a minha mente quando cai a ficha de que eu, com a minha ideia, estou a ponto de acabar com a carreira do homem que amo.

Rotina beliz



Saulo

Em um misto de tesão e adrenalina, estou prestes a ser pego transando dentro da sala de aula e no momento o meu maior temor é pela minha garota, isso não pode acontecer com ela. Eu poderia sofrer tranquilamente as consequências, ela não.

O mundo, infelizmente, ainda é muito machista e seria ela a taxada com nomes que tremo só de pensar.

— Está tudo bem, meu amor — sussurro ao seu ouvido, apenas esperando pelo momento em que seremos pegos em flagrante.

Ainda estamos intimamente ligados e antes que eu tenha tempo de fazer qualquer movimento, a mulher do outro lado da porta volta a falar.

— A chave não está aqui.

— Como assim não está?

— Devo ter me confundido, achei que tinha aqui, mas deve estar no quadro de chaves extras na sala de produtos de limpeza.

— Vamos buscar — uma chama e então, o silêncio volta a reinar no lugar. Tudo o que se ouve são as nossas respirações aliviadas.

— *Se apresse*, Saulo. Nós temos que sair daqui. — Minha namorada está assustada e inutilmente tenta empurrar o meu peito, mas não me afasta um milímetro sequer, pelo contrário, volto a meter com força dentro da sua boceta.

— O que você está fazendo, porra! Nós vamos ser pegos. — Apesar do protesto e do medo, Amanda não deixa de fincar as unhas minhas costas e arranhá-la de cima até a metade dela, enquanto com rapidez e força começo a

socar o seu sexo.

— Você tem 5 minutos, minha gostosa. Não queria que eu te pegasse aqui? Então toma a sua experiência completa.

Tentando segurar o meu próprio gozo que já começa a se aproximar, penetro-a com força, enquanto com a duas mãos seguro-a pelas coxas. O barulho dos nossos sexos se batendo se espalha pela sala, os gemidos estão mais altos e o som das pernas da mesa arranhando o piso serve de trilha sonora e combustível para que eu meta com mais rapidez. Quanto mais rápido vou, mais ela pede, como a mulher gananciosa que é na hora do sexo.

— Assim, meu amor. Mais forte! — Não se contenta, mesmo com o corpo dando perfeitos saltos para cima e os seios, que não tive chance de chupar, estão tentando os meus olhos.

— Gostosa... Você é uma delícia, Loirinha. Preciso gozar dentro de você — digo de encontro a sua boca, levando os dedos para o seu clitóris.

Quando o toco, o encontro inchado e muito sensível. A minha mulher precisa de apenas uma arremetida até o fim e a tenho com o corpo trêmula entre os meus braços, gozando e deixando que eu também despeje a minha semente dentro de si.

— Caralho! Que delícia... — murmuro, não resistindo a morder o seu lábio inferior, enquanto sentimos a onda dos nossos orgasmos atravessar os nossos corpos.

Uma pena não podermos ficar como ficamos em casa, quando, por vários minutos, ficamos em silêncio, apenas sentindo a adrenalina baixar, curtindo o nosso momento. Dessa vez estamos em um lugar proibido e sabemos disso.

— Nós temos que ir, amor. — É ela quem fala, apressada e olhando para o ponto onde os nossos sexos se unem.

Nós dois temos o olhar para o meu membro lentamente deixando o seu sexo e quando ele sai por completo, também vejo a sujeira que nós dois fizemos.

— Espera um segundo — peço, impedindo-a de levantar-se. Tendo os seus olhos observando atentamente os meus movimentos, dirijo-me até a minha pasta e de dentro dela tiro o lanço de tecido que costumo carregar comigo.

Com cuidado, limpo rapidamente o meio das suas pernas e quando me dou por satisfeito, miro o papel na direção da lixeira, lhe ajudo a levantar da mesa e a abotoar os botões da sua camisa.

— A minha calcinha. — Amanda olha ao redor de onde estivemos e eu decido acabar com a sua busca ao afirmar:

— Ela está no fundo do bolso da minha calça. Está rasgada e por

isso ela ficará de presente para mim. Mais uma para a coleção.

— Safado!

— Seu! — Pisco e minha namorada devolve com o sorriso satisfeito.

— Tudo bem, meu amor. Você já terminou? Elas já devem estar voltando — avisa.

Depois de rapidamente vestir a minha camisa e fechar o zíper da calça, Amanda e eu vamos na direção da porta e antes de ela sair, da forma como combinamos, ainda a puxo para um último beijo.

— Para, amor, elas devem estar vindo. Quer ser pego? — fala aos risos, sem deixar de corresponder aos meus beijos.

— Nos encontramos em casa?

— Pode apostar que sim.

A loira sai, mas o cheiro fica, o cheiro do seu perfume e do sexo louco que fizemos aqui dentro. No meu rosto permanece um sorriso satisfeito, apesar do grande perigo que corremos.

Como disse para ela, jamais poderei entrar nessa sala sem lembrar do que aqui acabou de acontecer. Uma lembrança quente.

Muito quente.

Depois de ter dado o tempo de 5 minutos andando em círculo pelo corredor, decidi que foi tempo mais do que suficiente para tirar o seu carro do estacionamento e deixar a universidade.

No fim do corredor das salas, quando estava quase alcançando as escadas, dei de cara com duas mulheres segurando baldes e vassouras. Suponho que sejam as mesmas que estiveram a ponto de flagrar a mim e a minha namorada trepando.

— Boa tarde, professor — uma delas cumprimenta.

— Boa tarde, moças.

Não tenho a intenção de esperar mais um segundo sequer, mas elas parecem ter outros planos.

— O que o senhor faz sozinho? Não tem ninguém mais por aqui. Os alunos todos já foram embora, a sala dos professores também já está vazia.

Transando com a minha namorada, que inclusive, é também minha aluna.

— Estava aproveitando para corrigir algumas provas — minto, mostrando a pasta cheia delas que está na minha mão, provas que me farão passar o fim de semana inteiro de molho. — Tenham uma boa tarde de trabalho — falo, cortando a possibilidade de elas fazerem mais perguntas.

Enquanto desço as escadas, ainda torço para que tenha dado tempo

para que o cheiro de sexo deixe a sala.



Vinte minutos depois de ter pegado a estrada, estaciono o meu carro na calçada atrás do veículo da minha namorada. Eu poderia muito bem dar a volta na rua e o guardar na garagem que fica nos fundos da casa, mas não vou fazer, pois no momento, tudo o que eu quero é entrar dentro de casa e ver a minha loira.

É assim que me sinto todas as sextas-feiras, dia em que ela não tem de ajudar os pais em umas das suas lojas de cosméticos e então ela pode passar a tarde comigo e até mesmo dormir aqui em casa.

— Amor?

Chamo assim que fecho a porta e coloco a chave sobre a bancada da cozinha. Ela não responde e também não está na sala. Quando entro no quarto, encontro a Amanda dormindo no meio da cama grande demais para ela e abraçada ao meu travesseiro.

— Foram apenas 15 minutos, Chapeuzinho, como você é capaz de dormir tão rápido? — indago para mim mesmo baixinho, tomando cuidado para não acordá-la.

Uma pergunta que não precisa de respostas, já que ela já deu indícios suficientes de não ser uma pessoa matinal. Quando dormimos juntos é um custo para acordar antes das 9h da manhã e me pergunto o que a levou a optar por estudar pela manhã.

Deve acordar todos os dias antes das 7h da manhã e o fato de ter feito um sexo tão intenso deve ter lhe deixado exausta.

Sabendo que Amanda acordará morrendo de fome, decido tomar um banho rápido e preparar algo para ela comer e antes de deixar o quarto, tiro os seus sapatos e a ajeito mais confortável sobre a cama.

**

— Eu amo quando você cozinha para mim, sabia?

Depois de vários minutos concentrado no preparo do almoço, ela escorre pelo ralo quando ouço a voz e sinto as pequenas mãos da minha Loirinha abraçar-me por trás.

O seu corpo está apertado contra o meu e sinto que no mundo não

existe melhor sensação do que essa. Sentir o calor do corpo e o toque das suas mãos na minha pele faz com que eu sinta vontade de estar assim para sempre, em um lugar onde possa garantir que nada pode ameaçar o nosso amor.

— Sei seu que ama, Chapeuzinho — afirmo, desligando o fogo que ainda estava aceso e virando o corpo para frente, apenas para ver o seu rosto ao acordar. — Também amo te ter aqui em casa. Por que não vem morar comigo?

— Saulo!

— Rápido demais? — questiono, não sabendo ler a sua expressão.

Não tenho certeza se gostou ou não. Se está apenas surpresa ou pensando que estou maluco. Não foi algo que eu tenha pensado antes de dizer, a ideia apenas atravessou a minha mente e não me arrependo de tê-la dito, pois, se pudesse, Amanda e eu estaríamos morando juntos.

Não sei se, sendo tão jovem, ela quer ou se ao menos está preparada, mas não posso negar o que quero, não quando o faço com tanta intensidade. Amanda trouxe de volta a melhor versão de mim e ainda que tenha aproveitado a vida por todos esses anos, nada se compara ao que sinto agora que encontrei a quem buscava sem saber.

— Esquece essa bobagem que acabei de falar, linda, acho que estou sendo precipitado aqui — digo e no instante em que termino, Amanda some dos meus braços, vira-me as costas e sai da cozinha.

Sem entender nada e o que fiz de errado para despertar tal reação nela, saio atrás e a encontro na sala, aparentemente chateada.

— O que foi, amor? Por que de repente você mudou da água para o vinho? — Vou abraçá-la, mas ela permanece dura como um pedaço de pau. O corpo está tenso e não quer olhar dentro dos meus olhos. — Olha para mim, Amanda!

— Esquece a bobagem que acabei de falar — repete a minha fala de agora a pouco, em uma tentativa falha de imitar a minha voz.

— Está chateada com isso? Mas eu pensei que você não havia gostado da ideia de morarmos juntos. Que pensaria que estou indo rápido demais com a nossa relação.

— Não está indo rápido demais, Saulo. Se está, eu também estou, pois a ideia já passou pela minha cabeça milhares de vezes, não posso negar.

— Está falando sério?

— Muito sério, meu amor — afirma com convicção. — Fiquei triste quando você me pediu para esquecer a ideia, quando é algo que vem passando pela minha cabeça com frequência, principalmente quando tenho de mentir para os meus pais para poder passar a noite com você.

— Eu te entendo, meu amor. Essa situação está se tornando

insuportável. O tempo parece não passar rápido o suficiente para que possamos, pelo menos, pensar em colocar em prática a ideia que estamos tendo.

— Está acabando, Saulo. Mais alguns meses e a nossa relação deixa se ser proibida.

— Mal vejo a hora — digo.

— *Me perdoa* por ter feito você arriscar tanto lá na sala?

Quando fala, sua cabeça abaixa levemente, demonstrando estar envergonhada, nem de longe lembrando a garota que me seduziu para fazer o que jamais passou pela minha cabeça, o que jamais faria com qualquer outra pessoa além dela.

— Nós dois fizemos, Loirinha — afirmo e pergunto: — Foi bom para você?

— Foi mais do que bom. Foi excitante e eu nunca mais verei a sala de aula com os mesmos olhos.

— Digo o mesmo e se foi bom para nós dois, não temos mais que falar nesse assunto. Eu amei ver quão sedutora você pode ser.

— Dei o meu melhor — diz e eu não resisto em agarrar a sua bunda boa e tentar pressionar os nossos sexos. Não dá muito certo, pois ela está descalça e é bem mais baixa do que eu.

— Amo o seu melhor e estou ansiosa por grandes doses do seu melhor.

— Eu amo você — declara.

— Te amo muito mais. Infinitamente mais — devolvo, deixando que, por um tempo, apenas os nossos lábios se toquem de maneira superficial e com carinho.

— Desculpa — pede sem jeito quando o ronco no seu estômago interrompe o nosso namoro no meio da sala. — Estou com fome.

— Você está sempre com fome, loira — brinco e ela, como não pode se defender, acaba aos risos. — Vamos te alimentar, porque a tarde tenho planos que requerem muita energia da sua parte.

— Promessas e mais promessas... — provoca e não fica para ouvir a resposta.

— Volta aqui, sua atrevida. Vou te pegar e mostrar que não faço promessas em vão.

Amanda corre para um lado, vou para o outro e assim ficamos por poucos segundos. Quando a pego nos braços e a vejo chorando de rir, todo o temor de repente some.

Sei que tudo vale a pena para viver isso aqui com ela. A rotina que nunca será tediosa ou infeliz, pois estou ao lado da mulher que é capaz de fazer o

mundo de qualquer pessoa brilhar, apenas por sorrir.

Encontro indesejado



Amanda

— Eu não acredito que você fez isso mesmo, Amanda. Como você é safada!

Fazendo-se de surpresa, como se já não tivesse feito coisas muitos piores, Clara leva as mãos a boca e tem os olhos arregalados.

— Ainda é difícil de acreditar que a minha Loirinha esteja transando e pior, fazendo loucuras dentro de uma sala de aula. O que fizeram com você?

— Mas foi você que colocou essa ideia na minha cabeça. Acha mesmo que eu seria capaz de ter uma ideia como essa? — brinco e ela não demora a responder com a conclusão mais sensata que poderia tirar:

— Sendo o Saulo o seu namorado? É óbvio que sim! — fala e, aparentemente, não é capaz de tomar o sorvete e fofocar ao mesmo tempo, considerando que o seu já derreteu dentro da taça e está praticamente intacto.

Eu por outro, como uma pessoa que é apaixonada por sorvetes, já limpei o copo e estou louca para pedir outro. Felizmente ou infelizmente, estou ciente de que o peso não se mantém se eu tomar um litro de sorvete todos os dias, como é o meu desejo.

— Nada demais ter o Saulo como namorado. — Agora sou eu quem está se fazendo de sonsa. Sei exatamente o que namorar um homem como o Saulo me torna.

— Loirinha, na primeira vez em que coloquei os olhos sobre aquele homem eu percebi que ele é um devasso. Ainda bem que agora é um devasso de uma mulher só, já basta o Miguel que só sabe falar de mulher na presença do Henry. Já pensou se ele sente saudade dos velhos tempos? — brinca.

— O Henry é louco por você — assevero, mesmo que não seja preciso.

— Eu sei. — Dá de ombros, olha para a taça cheia até a borda com suco de sorvete de chocolate com morango e então faço o de sempre: lhe entrego um canudo. — Como está o namoro? Vocês parecem 2 adolescentes.

— Tão bem que tenho até medo do que possa acontecer — confesso, pois, por mais que eu tente, não consigo apagar a incômoda sensação de que, a qualquer momento, algo de ruim possa acontecer e levar embora toda a nossa alegria e junto com ela, a nossa relação.

Talvez seja só o medo por saber que estamos mantendo a relação em segredo e que realmente não existe nada além dele ameaçando a nós dois, mas, de qualquer forma, não posso evitar senti-lo e nem de contar os dias para tudo acabar. Para que possamos nos assumir sem medo.

— Não há razões para ter medo. — Minha amiga me conforta. — Falta pouco.

Dois meses, essa é a data marcada para o fim das aulas. Depois, quando o período de férias começar, meu namorado pedirá transferência para outro Campus e assim não correremos o risco de ficarmos novamente como aluna e professor.

No início eu protestei um pouco e sugeri outras saídas, como eu mesma mudar os meus horários, mas ele me fez entender que a sua decisão é a mais acertada e definitiva. Apenas dessa forma não teremos mais problemas.

— O que acha de estar morando junto com o Henry?

— Que mudança brusca é essa de assunto, Amanda? Foi o sorvete que subiu à cabeça? — pergunta, divertida.

— Falar nesse assunto me fez lembrar dos planos e desejos para quando estivermos assumidos.

— Vocês já falaram em morarem juntos? — pergunta, surpresa. Tudo bem que ela fez a mesma coisa, mas a situação era completamente diferente.

— Há pouco mais de 1 mês ele sugeriu e desde então estamos conversando sobre isso — confesso.

O dia em que meu namorado falou sobre morarmos juntos foi um dos dias mais intensos da minha vida. Começou com uma prova de arrancar os cabelos, passou pelo sexo em cima da sua mesa e terminou com a conversa de como temos vontade de morarmos juntos.

Desde então esse assunto não foi esquecido por nós e ele surge a cada vez que queremos estarmos juntos e não conseguimos.

— Acho que vocês devem fazer o que sentem vontade. Se querem

morar juntos, façam! A vida é curta e o tempo não espera. Henry e eu fizemos isso na época e foi uma das melhores decisões que poderíamos ter tomado — afirma.

— Não teve medo de estar indo rápido demais?

— Você tem? — devolve a minha pergunta com outra e para ela não existe outra resposta possível.

— Apenas por um segundo e em seguida o medo passa. Foram muitas mágoas e desencontros até chegarmos a um entendimento. A sensação é de estarmos recuperando o tempo perdido, quando tudo o que precisávamos era de uma conversa sincera.

— Ele está muito feliz depois que vocês se acertaram. Não que não fosse feliz antes, Saulo só parece diferente do homem que conheci antes de você. O sorriso parece mais sincero, é como se usasse uma máscara que agora deixou de existir.

— Ele tem tido problemas com a Laura na empresa, está sabendo?

— Toco em outro assunto que tem causado incômodo.

— Henry comentou que eles têm tido problemas de relacionamento e divergências de ideias e, segundo ele, os dois se davam muito bem antes — Clara revela.

— O que você pensa sobre isso?

— A Laura não está digerindo muito bem o fato de o Saulo não estar mais lambendo o chão que ela pisa e por isso está agindo como louca na empresa. Mas não se preocupa com essa mulher, ela não pode fazer nada contra vocês e terá de aceitar que o Saulo seguiu em frente.

— Você está certa — digo ao lembrar-me de quando achava que a mulher seria uma ameaça a minha relação.

Ela realmente é uma ameaça, mas não do tipo que imaginei. Pensei que sempre me sentiria insegura por conta do que aconteceu, mas o Saulo não deu nenhum espaço para esse tipo de sentimento, pelo contrário, o dia em que eu duvidei dele e achei que jamais poderia confiar nas suas intenções, parece ter acontecido em outra vida. Uma realidade muito distante do que vivemos hoje.

— E não pense que esqueci que você esperou 1 mês para contar dessa sua aventura na sala de aula com o seu professor — diz.

— Eu não sabia como falar, acho que estava um pouco envergonhada — confesso.

— Envergonhada de que, sua safada? Aposto que não se sentiu envergonhada na hora que estava fazendo. — Clara dá o seu ponto e só a lembrança faz o meu coração acelerar.

Certamente a coisa mais louca que já fiz e sem dúvidas, a mais

arriscada também. Por pouco não coloquei o meu namorado e a mim em maus lençóis.

— Não mesmo! — Dou de ombros e então peço outra taça de sorvete.

Hoje é sábado, está quente e tenho certeza de que a dieta pode esperar até segunda.

Depois de ter passado a tarde com a minha amiga, fazendo o nosso programa de meninas, que costumávamos fazer quando estávamos no colégio e não tínhamos namorados, fui para casa tomar um banho e então decidi passar na loja.

Sendo a sede e conseqüentemente a maior, a rede de cosméticos, Beleza Revelada depende de toda a ajuda possível e eu sempre que posso, dedico parte do meu tempo livre para ajudar no que for necessário.

— Oi, pai, está tudo certo por aqui? — pergunto depois de beijar o seu rosto. — Agora parece ter dado uma acalmada, né? — Olho em volta e, mesmo vendo o lugar muito cheio, tenho certeza de que mais cedo estava bem pior.

— Agora está, meu amor. Mas você deve imaginar a loucura que estava mais cedo — diz.

Seu Otávio é o homem que mais admiro no mundo e justamente por ter um pai tão bom, desde muito jovem criei a expectativa de um dia me casar com alguém justo e trabalhador feito ele. Um homem de caráter e que faz de tudo pela família.

Hoje, em plena noite de sábado, ele poderia estar em casa, curtindo a vida que os anos de trabalho lhe proporcionaram e, no entanto, está aqui, fazendo o que muitos não fazem.

Tem espírito de liderança, dá suporte e boas condições de trabalho para os empregados e por isso conseguiu chegar tão longe. Ver Otávio Amorim em ação é sentir-me agradecida pela família que tenho. O amor e o apoio que muitas garotas da minha idade gostariam, mas não têm.

— Vim para ver se precisa de alguma ajuda por aqui e para garantir que não ficará trabalhando até tarde. O senhor disse a ela que ficaria só por 2 horinhas. — Para ele, repito o que foi dito por dona Eva.

— Está tudo bem, Amanda. Hoje você não precisa se preocupar. No depósito tem uma carga de produtos que chegaram mais cedo e precisamos checar, mas não é nada que não possa ficar para segunda-feira — afirma com um olho no computador e outro em mim.

Meu pai tem o seu próprio escritório, mas ama ficar trabalhando em um balcão que fica bem no meio da loja.

— E quanto a sua mãe, ela mesma está se encarregando de a todo o momento me lembrar da minha promessa através das mensagens que manda.

— E ela está certa, seu Otávio. Se deixar, o senhor não faz outra coisa além de trabalhar nesta loja e ainda supervisionar as outras.

— Sua mãe está sempre certa, meu bem — diz. — Agora vá você curtir o seu sábado. Sei que tem um namorado e não quer dizer quem é. Só espero que seja um bom rapaz e que você não demore a nos apresentar para ele.

— Garanto que é uma boa pessoa, pai. Em breve o levarei em casa para que o conheçam — falo, deixando de fora a informação importante de que ele não é um rapaz e sim um homem com mais de 30 anos.

Há alguns dias, o fato de eu estar com alguém deixou de ser segredo quando os meus pais, atiçados pela pentelha da minha irmã, começaram a prestar mais atenção em mim e nas minhas mentiras. *Me chamaram* para conversar e eu admiti ter um namorado.

Eles, apesar de estarem preocupados com o fato de estar escondendo a identidade, não estão me pressionando para falar e respeitam o meu tempo. Meus pais saberem tornou as coisas ainda mais difíceis, pois já não me sinto confortável para dormir fora com tanta frequência.

— Eu confio em você, minha menina. Estou apenas curioso. Sua mãe e irmã também — garante.

— Logo vocês matam essa curiosidade. Agora, deixa eu ir dar uma volta, pai, lembre-se que faltam 30 minutos para o seu tempo acabar — aviso ao tirar o meu celular da bolsa e checar a hora. — Vou pegar alguns produtos para o cabelo, o meu e o da pirralha já está no fim.

Enquanto caminho distraída pelos corredores, à procura dos cremes que toda semana parecem mudar de lugar, sinto o celular vibrar dentro da minha bolsa e quando o retiro e olho o visor, o meu sorriso se abre instantaneamente quando leio:

Estou morrendo de saudades da minha Loirinha gostosa. Um dia sem te ver parece um ano. Amo você, hoje e sempre.

Com a alegria de quem sabe que a conversa se estenderá até tarde da noite, começo a digitar a resposta quando esbarro com tudo em alguém. Quando levanto a cabeça para me desculpar, não posso acreditar no que os meus olhos veem.

— Feliz, querida?

— O que você faz aqui?

Ameaças



Amanda

— Com assim o estou fazendo aqui? Aqui é um estabelecimento comercial, não tenho por que te dar explicações.

A mulher de cabelos avermelhados e saltos altíssimos diz, falando de uma forma que deixa claro que está aqui por alguma razão além de fazer compras, apesar das suas palavras dizerem o contrário.

— Desculpa, seja bem-vinda e faça boas compras — falo, forçando simpatia quando, na verdade, sinto vontade de avançar e puxar os cabelos da víbora.

Alguém que só tem a pose altiva, mas não consegue se colocar no seu devido lugar quando perde o controle que acreditava ter sobre uma situação ou alguém.

— Eu ainda não terminei com você, garota — afirma depois de eu ter passado por ela e lhe dado as costas.

A sua voz que não aumenta o tom em nenhum momento, apesar da acidez e do veneno contidos nas palavras, faz com que eu me volte novamente em sua direção, ao invés de seguir o meu caminho.

— Nós não temos nada para conversar, Laura — afirmo.

— Nós temos, sim, e te aconselho a ouvir o que tenho para falar — diz e não gosto do tom de ameaça.

— E se eu não ficar? — A desafio e ela rapidamente esconde o sorriso venenoso.

— Vai destruir a vida do homem que você chama de namorado.

A sua frase faz com que eu esqueça em definitivo a ideia de virar-

lhe as costas e deixá-la falando sozinha. No fundo, sei que é o tipo de pessoa que é capaz de tudo, de fazer o que for preciso para conseguir o que quer, não importando o quão baixo precisar descer.

— Fala de uma vez o que quer, tenho outras coisas para fazer. Não tenho tempo a perder com alguém como você. — Ataco, agindo de uma forma que não sabia ser capaz. Não permitirei que use o seu tom de deboche comigo, pode até usar, mas não ficará sem resposta.

— Alguém como eu? Quem você pensa que é, garota? Acha que pode falar dessa forma comigo só porque roubou o meu namorado?

Fala com seriedade, como se realmente acreditasse no que está falando, quando nós sabemos que Saulo e ela não chegaram nem perto de serem um casal. Pelo contrário, ele disse que estiveram juntos apenas uma vez e antes disso, ela desprezava os seus sentimentos.

— Eu não vou discutir esse assunto com você, Laura. Aceita que Saulo está comigo e me ama. Não tem nada que possa fazer para nos separar.

— Não posso mesmo, é você quem vai — afirma, ajeitando a massa de cabelos ruivos nos ombros.

No mesmo ela segura uma bolsa e, pela forma como está vestida, parece estar vindo direto da Mundo em Foco. Para estar aqui, acredito que deva ter me seguido e essa constatação começa a me deixar preocupada.

— Do que você está falando?

— Isso mesmo que está ouvindo, Loirinha — usa o meu apelido de maneira debochada —, você vai terminar com o Saulo.

— Jamais farei isso! Só pode estar louca se acha que pode sequer sugerir uma coisa dessas — irrito-me, falando um pouco mais alto do que deveria e as pessoas que passam pelo corredor notam que a conversa está longe de ser amistosa.

— Você realmente ama o Saulo?

— Que pergunta é essa?

— Se ama mesmo deve saber que ele ama dar aulas, que lecionar é a paixão da vida dele, muito mais do que fotografar...

— Fala de uma vez, eu não preciso que fique falando de coisas que estou cansada de saber, Laura.

— Suponho que deva imaginar o quão mal ele ficará se perder esse emprego.

— Isso não vai acontecer — afirmo com veemência. — Saulo é um dos melhores professores da faculdade.

A minha defesa vem rápida demais e, em seguida, me reprimo por ter sido tão idiota quando vejo a expressão vitoriosa no rosto da víbora da Laura.

— Isso você deve saber muito bem, não é mesmo, garota?

— Não sei do que está falando. — Tento consertar as coisas, mesmo sabendo que ela é astuta demais e mesmo se não soubesse de algo — com suspeito que sabe —, teria feito agora, depois de eu ter aberto a minha grande boca.

— Sabe, sim, menina, mas já que está se fazendo de sonsa, deixe que eu refresque a sua memória: você e Saulo estão namorando, o mesmo Saulo que dá aula de Literatura na Universidade Federal de São Paulo. Nas minhas pesquisas, bem básicas, diga-se de passagem, descobri que você está no primeiro período do curso de Letras e tem aulas na parte da manhã. Por coincidência, Saulo também dá aula pela manhã, para a turma do primeiro período.

— Laura...

— Ainda não terminei! Não foi nada difícil descobrir que vocês estão mantendo essa relação às escondidas. Ele é o professor e você a aluna. Tem ideia do escândalo? As fotos que tenho de vocês dois se agarrando estão muito boas, não deixam quaisquer dúvidas de que são vocês dois.

— Você não pode fazer isso com ele — falo em um fio de voz, apoiando o peso do meu corpo com a mão, sentindo as forças das minhas pernas faltarem e o sangue gelar nas minhas veias.

— Não vou mesmo. Você quem vai, caso insista nessa relação sem futuro.

— O que quer dizer com isso?

— Você vai terminar com o Saulo, se não fizer, irei pessoalmente na universidade falar com o reitor. Imagina o escândalo. O professor que deveria estar apenas ensinando, tem dormido com uma aluna. Isso acabaria com a reputação dele, as pessoas começariam a se questionar quantas vezes ele fez isso.

Laura fala com toda a calma, sem nunca aumentar o tom de voz e com uma frieza que demonstra que ela, infelizmente, é capaz de tudo.

— Não me peça para fazer uma coisa dessas.

No momento o meu corpo já está tremendo e os olhos alagando-se em lágrimas. A dor que passa a comprimir o meu peito é equivalente ao tamanho do sacrifício que ela está me chantageando para fazer.

— A escolha está nas suas mãos, Amanda Amorim. Imagina que com o tempo, ele começaria a se ressentir de você, a culpá-la por ter perdido o emprego. De qualquer forma, essa relação sem futuro acabaria, é melhor fazer isso agora do que prolongar essa brincadeira boba.

A sua fala é uma tentativa de manipular as minhas emoções, mas, de qualquer forma, não deixa de ter razão, pois mesmo que o Saulo não chegue a um dia me culpar por algo, eu me sentiria dessa forma.

— O que acha que ganharia com isso? Faltam apenas 2 meses para o semestre acabar. Não passa pela sua cabeça que esse término não durará mais do que isso?

Ainda tenho forças para falar o que talvez ela não tenha pensado.

— Esse prazo é mais do que suficiente para que eu volte a ter o Saulo nas minhas mãos, menina. Aquele homem está apenas seduzido pela novidade, mais dia ou menos dia, ele estará aqui... — Toca a ponta do dedo indicador esquerdo na palma da mão direita.

— Isso não vai acontecer... — aviso baixinho, praticamente sem abrir a boca. O meu corpo já tremendo de raiva e o coração apertando-se a cada nova palavra saída da boca de Laura.

— Você conhece Saulo há quantos meses? Será que chega a ser um ano? — A mulher continua a falar, estende a mão na frente do rosto e olha para as unhas, como se estivesse entediada. É tão dissimulada que eu me pergunto como pode esconder tão bem a sua verdadeira face. — Quase nada se comparado aos anos que eu o conheço. Aquele homem passou anos apaixonado por mim. Como um cachorrinho em busca de uma chance.

— Cala essa boca! — Avanço em sua direção, perdendo a calma quando ela ousa debochar do meu namorado da forma como está fazendo.

— Vamos recapitular a nossa conversa, loira. — Dá ênfase no loira, fazendo insinuações acerca da minha capacidade de compreensão, uma piada que ouço desde a adolescência. — Você não tem saída, não se não quer prejudicar a quem diz amar tanto. Acabará com essa brincadeira que estão vivendo e já adianto que não adianta querer bancar a esperta para cima de mim. Lembra do papo sobre conhecer o Saulo há anos? Pois é, eu sei o quão miserável se torna quando está sofrendo... É de dar pen...

— Eu falei para calar a maldita boca!

Enfurecida, cega de raiva e agindo de um modo que sempre reprovei, esbofeteio com toda força o rosto da mulher odiosa.

— Você enlouqueceu, menina? — Com a mão no rosto, a expressão de pura raiva, vejo-a dar passos para trás e então começar a gritar: — Segurança, tem uma louca me atacando! Segurança!

Não para de gritar e a sua dissimulação faz com que o sangue suba ainda mais para a minha cabeça e então perco a razão por completo.

— Sim, sua mal-amada, eu enlouqueci. — Começo a andar novamente em sua direção e como uma covarde, Laura começa a dar passos para trás, até bater na alta prateleira de bebidas, que balança pela forte batida. — Você pode até acabar com o nosso namoro, mas não vai conseguir ficar com o Saulo. É a mim que ele ama. Sempre será a mim!

Descontrolada, grito na sua cara e ela olha como se eu fosse uma louca a atacando gratuitamente.

— Como é patética, garota sem graça. Olha só para você. Quando o Saulo estiver novamente na minha cama, nem lembrará que um dia tocou em alguém tão insignificante...

A minha mão novamente recai sobre o seu rosto, só que dessa vez do lado esquerdo e ela, olhando por cima do meu ombro, leva a mão novamente ao lado do rosto e começa a chorar copiosamente, de uma forma como não tinha feito ainda. Pelo contrário, estive o tempo todo fria.

— Senhorita Amanda, o que está acontecendo aqui? — Olho para trás e vejo um dos seguranças correndo em nossa direção.

— Eu nunca fui tão maltratada em um estabelecimento como aconteceu aqui. Essa moça me agrediu sem qualquer razão! — Laura chora de uma forma que faria qualquer um, que não presenciou a cena, acreditar nela.

— Senhorita...

— Minha filha, o que está acontecendo aqui? — Para completar o circo, seu Otávio aparece. — Você está tremendo, Amanda. — Constata ao me abraçar e a sua presença faz com que eu me sinta melhor.

— Essa mulher...

— Sou uma cliente e fui agredida gratuitamente por sua filha. Nunca fui tão humilhada em toda a minha vida. — A desgraçada continua a chorar e a mentir e isso é o suficiente para mim.

Tento novamente agredi-la e sou impedida pelo meu pai que me abraça e faz carinho nas minhas costas.

— É melhor que a senhora saia do meu estabelecimento. A minha filha nunca foi assim e tenho certeza de que teve motivos para ter perdido o controle dessa forma.

— Eu vou processar este lugar! — ameaça, batendo os pés contra o piso, completamente indignada.

— Rui, acompanhe essa moça até a saída, por favor.

— Não me toque, eu sei andar sozinha. — Antes de dar-nos as costas, Laura ainda me encara e a sua expressão diz que não está para brincadeira e que não faz ameaças em vão.

— Amanda, o que aconteceu aqui, meu amor?

Ele me abraça, o abraço de volta bem apertado e então choro.

Término



Amanda

— Não estou te reconhecendo, filha. Você sempre foi uma menina doce, nunca levantou a mão para ninguém e hoje, o que vi ali me assustou. O rosto da mulher está todo vermelho.

— Ela mereceu — digo aos soluços, agora mais calma, mas não menos triste e desesperada, enquanto meu pai trafega pela avenida com o carro.

O vento entrando pela janela toca o meu rosto, secando as lágrimas, mas não ajudando em nada a diminuir a enxurrada de sentimentos ruins que povoam os meus pensamentos.

— O que ela fez? Sei que, ao contrário do que afirmou, você não a teria agredido sem um bom motivo, sei que não é de agir assim.

— Não quero falar sobre isso, papai — garanto, pois sei que, para falar sobre o que aconteceu na loja, teria que contar a história desde o início, falar de assuntos que ainda não tinha conversado com ele e nem com a mamãe. Não sei se estou preparada para falar, não agora.

— Eu e sua mãe só queremos o seu bem, minha filha. Como vamos te ajudar se não se abre conosco?

— Está tudo bem, seu Otávio — afirmo em meio a um soluço que contraria a minha fala. — Vai ficar tudo bem, não precisa se preocupar comigo.

— Quando tiver filho, meu amor, você vai entender que nós pais sempre nos preocupamos — assevera e essa é a última palavra dita dentro do carro.

Pelos minutos que a viagem durou, o silêncio reinou e tive que lidar

com os olhares preocupados do seu Otávio para mim. O silêncio no carro foi o total oposto do barulho dos meus pensamentos. Quando chegamos em casa, não consegui trocar mais do que meros cumprimentos com a minha mãe e irmã.

Ambas perceberam que algo havia acontecido e, ao subir para o meu quarto e me trancar dentro dele, o fiz tendo ciência de que deixei a minha família muito preocupada na sala. Sei que não é justo fazer isso com eles, mas, no momento, pensar no que é certo é a última das minhas preocupações.

O mundo parece ter começado a ruir sobre a minha cabeça e eu nada posso fazer para impedir.

Quando me deito de bruços sobre a cama, desligo o meu celular para não ver as mensagens que sei estar recebendo do meu amor e simplesmente choro. Um choro com soluços, o choro sofrido de quem sabe que estar a ponto de perder o amor da sua vida.

Eu queria por um momento ser egoísta, mas não posso.

Quero por um momento ter uma solução, mas não tenho.

Poderia ir até Saulo agora mesmo e contar tudo para que possamos juntos encontrar uma solução, mas não posso fazer isso. Ele não iria aceitar a ameaça e colocaria os pés pelas mãos. Não tenho dúvidas que — depois de tudo que vivemos nos últimos 4 meses — Saulo não titubearia em escolher-me em detrimento do trabalho que tanto ama.

Saber que ele seria capaz de tamanha prova de amor faz com que eu o ame mais do que amava antes. O problema na hipótese é que eu não me perdoaria se ele tivesse que fazer tal escolha. Presenciei dentro da sala de aula e pelas suas palavras o quanto ama o que faz.

Sei que não dá para comparar o nosso amor com o amor pela profissão e que não estaria nessa situação se não fosse a Laura. Nós já tínhamos tudo combinado e ela apareceu para estragar os nossos planos.

Os dois meses que pareciam tempo demais, agora parece ter ficado mais longo, ainda mais com ela estando convicta de que o tempo é mais do que suficiente para reconquistá-lo. Apesar de preferir não acreditar, por ter convicção de um amor que foi falado e demonstrado ao longo de meses, não posso dimensionar o tamanho da decepção do Saulo e nem como irá reagir.

Conheço o homem que amo e sei que é uma pessoa de emoções e reações extremas.

Ele não ama pela metade e quando está com alguém, se dedica por completo. Por saber de tudo isso, estou ciente de que as minhas ações destruirão a ele e a mim mesma. Destruirá e não sei se um dia voltarei a ser feliz novamente.

Ignorando o meu celular que deve estar pipocando de mensagens

que não serão respondidas e por isso está desligado, pelo resto da noite chorei. Vi o dia amanhecer e como se quisesse combinar com o meu estado de espírito, o sol não apareceu.

O domingo amanheceu nublado e junto com ele a minha cabeça que está prestes a explodir. Depois das muitas horas pensando e não tendo encontrado uma saída, dou-me conta de que hoje é o pior dia da minha vida.

Depois de hoje, não sei como seguir em frente. Talvez siga com a esperança de um dia ser perdoada e que, de alguma forma, Saulo lembre de tudo que vivemos e perceba que jamais faria algo na intenção de magoá-lo deliberadamente.

Quando desço para sala e ainda sem ter ligado o celular, meus pais e a pirralha estão sentados à mesa e o café da manhã, que está sobre a mesa, parece intocado. Eles me olham como se tivesse nascido um segunda cabeça em mim e quando me sento, a minha mãe é a primeira a falar:

— Está tudo bem, filha?

— Sim, mamãe — minto, olhando para tudo que está sobre a mesa e sem vontade de comer ou beber nada.

— Não parece, a sua aparência está péssima. Parece que passou a noite inteira em claro. O que são essas olheiras e olhos inchados, minha filha?

— Eva, deixa a menina quieta. — Meu pai entra na conversa e ao olhar para Lana, a pego observando tudo em silêncio e olhando-me com sentimento de pena.

— Ela é minha filha, Otávio! Tem que dizer o que está acontecendo. Acho que nós dois já fomos pacientes demais com Amanda. Primeiro mantém um namorado em segredo, ontem agrediu uma pessoa e hoje acorda assim, como se tivesse passado a noite inteira chorando.

Eles estão brigando pela primeira vez na frente das filhas e eu sou a causa dela. Sentindo-me sufocada entre as paredes da minha própria casa, me levanto da mesa, pego a minha bolsa que havia colocado sobre o encosto da cadeira e saio.

— Amanda, volta aqui, menina! Nós estamos falando com você! — Ainda a ouço gritar, mas prefiro fechar a porta a respondê-la.

Quando chego ao estacionamento e entro dentro do carro novo, comprado com o cachê que recebi por ter sido capa da revista, ainda permaneço por tempo dentro dele, sem fazer qualquer movimento. Respiro com o máximo de calma e sem saber o que dizer quando estiver na frente do meu Saulo, faço uma maquiagem que pelo menos disfarce o quão mal estou, antes de colocar o carro em movimento.



— Meu amor, o que aconteceu? Te mandei diversas mensagens ontem à noite e não obtive resposta. Aconteceu alguma coisa?

Saulo me enche de perguntas assim que abre a porta para que eu entre. Também tenta abraçar-me e eu, sentindo o coração sangrar dentro do peito e sem ter mais lágrimas para derramar, me afasto do seu toque. Ele olha para mim com estranheza, mas não comenta nada.

— O celular estava desligado — minto. — Saulo, nós precisamos conversar — digo, virando-me de frente para ele na sala, perto do sofá onde muitas vezes ficamos namorando, enquanto assistimos qualquer coisa na TV.

O programa realmente nunca importou, pois sempre estivemos mais preocupados em namorar do que em assistir.

— Antes eu quero o meu beijo de bom dia, acho você esqueceu. — O nó que se forma na minha garganta chega a, literalmente, doer e a minha vontade é de me jogar nos seus braços, beijá-lo e nunca mais soltar.

— Nada de beijos, já disse que precisamos conversar! — falo, mais grosseira do que deveria.

— Eu não estou te reconhecendo, Amanda, você nunca falou comigo dessa forma, aliás, nem comigo e nem com ninguém. Vem cá! — Estende os braços, dou passos para trás negando a sua oferta e então o vejo ficar realmente chateado.

No seu rosto vejo um traço de tristeza. Dói saber que sou a causa disso e que é só o começo da sua decepção comigo.

— Não quero que toque em mim.

— Do que você está falando?

— Estou aqui para terminar o nosso namoro. Não quero mais continuar com isso, acho que cansei dessa brincadeira — falo sem titubear em nenhum momento, agindo como se fosse a frase mais simples do mundo de ser dita, quando por dentro o meu coração grita outras coisas em protesto.

Eu te amo muito.

Amo quando acordo.

Amo quando me deito.

Amo quando respiro.

Assim sempre será, para sempre vou te amar.

— Você enlouqueceu, é isso? — Ele parece não acreditar no que está ouvindo. Nem eu mesma acredito.

— Eu não te amo, acho que devo ter confundido sexo com amor.

— Não confundiu, não! Você me ama. Nós nos amamos e estávamos até planejando uma vida juntos, esqueceu?

Vejo-o começando a ficar desesperado, sem entender nada do que está acontecendo e eu, ao contrário do que pensei até agora a pouco, não estou sabendo lidar muito melhor do que ele com a situação. A minha garganta está doendo pelo bolo que se formou nela e pelo esforço que faço para não chorar na sua frente. As minhas pernas estão trêmulas e a sensação é de ter a vida sugada do meu corpo.

É exatamente isso que restará: uma casca oca em que o coração que pulsava dentro dela foi brutalmente arrancado do peito.

— Não é de se surpreender o fato de eu ter confundido as coisas, considerando que, antes de você, nem mesmo havia beijado a boca de outro homem. Acho que a curiosidade sobre sexo me fez esquecer o que você fez naquele quarto de hotel, mas hoje percebi que não foi o que de fato aconteceu.

— Não faz isso com a gente, meu amor.

— Não existe mais a gente, Saulo. Eu não te amo, esse namoro foi um erro. Nós estávamos indo rápido demais e não estou preparada para isso. — Jogo um caminhar de mentiras no seu rosto.

Palavras que povoarão os meus pensamentos e farão parte dos meus pesadelos, sou capaz de apostar nisso.

— Eu te amo por nós dois. Só não faz isso com a gente, Chapeuzinho, por favor!

A cena mais triste acontece quando Saulo tenta se aproximar para me abraçar e os seus olhos vão para as minhas mãos. Eles veem o momento em que, da mão direita, tiro o anel que é a prova do nosso compromisso, selado no dia que ele me pediu em namoro. Fez de uma maneira que nem nos meus sonhos mais otimistas poderia imaginar.

Diferente do que aconteceu antes, da última vez fui eu quem me aproximei dele. Com dificuldade abri a sua mão e coloquei dentro dela o anel. Quando ele com força fechou a mão, vi do canto do seu olho escorrer uma única e solitária lágrima. No momento eu já estava chorando copiosamente e, sem ter condições de ver a tristeza e desilusão que coloquei nos seus olhos, virei-lhes as costas e fui embora.

Deixei a sua casa destruída e sem saber como será daqui para frente. No futuro posso avistar apenas uma névoa cinzenta, sem quaisquer perspectivas de sequer um dia de sol.

Perdido



Saulo

Duas semanas depois

— Que porra!

Irritado, caminho cambaleando para a porta, tendo muita dificuldade para enxergar um palmo à frente dos meus olhos.

Será que estou precisando trocar os óculos?

Não é normal as minhas vistas andarem tão embaçadas como estão ultimamente.

Alguém bate insistentemente na porta há horas e parece não entender que, se eu quisesse ver ou falar com alguém, já teria aberto a maldita porta. Aliás, quem quer que seja, não deveria nem ter chegado perto da porta e se estão, é porque os meus avós devem ter atravessado o jardim e aberto o portão.

— O que fazem aqui? Será que não entendem que não estou nem um pouco a fim de ver as caras feias de vocês dois em pleno domingo? Vão atrás de suas mulheres!

Tento fechar a porta e impedir as suas entradas, mas, além de serem dois caras, suspeito que não seria capaz de impedir a invasão de uma formiga, caso tentasse. Não quando me sinto tão fraco como estou agora.

— De bom humor, como sempre. — Miguel é sarcástico ao adentrar a sala atrás do Henry.

— Pau no seu cu — devolvo.

— Que bagunça é essa na casa, cara. Tem tomado banho pelo

menos?

Antes de jogar-me no sofá com as cabeça apoiada no encosto e fechar os olhos na tentativa de amenizar o forte latejar na minha cabeça, antes vejo os caras desviando os pés das embalagens de comidas e latinhas de cerveja que estão espalhadas pelo tapete da sala que um dia esteve muito arrumada.

— Fala baixo, gente, a minha cabeça está explodindo — reclamo.

— É óbvio, você deve estar bebendo desde ontem e acordou com ressaca. Nem apareceu na empresa, Saulo.

— Não tenho nada para fazer lá, o meu trabalho está em dia — afirmo, massageando a minha têmpora com a ponta dos dedos.

— Eu acho que já deu, você precisa reagir e sair dessa depressão, porra! — Bem menos compreensível do que Henry, Miguel fala e joga uma almofada no meu rosto.

— Quero apenas que deem o fora daqui e cuidem das suas próprias vidas — digo, doido para ficar sozinho novamente.

Eu e a minha preciosa bebida. Ela foi tudo o que me restou depois de ter perdido a mulher da minha vida.

A minha Amanda.

Minha Loirinha safada.

A minha Chapeuzinho sedutora.

Aquela traidora dos infernos.

Mentirosa!

Minha, Amanda, que saudade de você, amor!

— Acorda, Romeu desiludido, nós estamos falando com você!

Sinto outra almofada atingir o meu rosto, perco a paciência que não tenho mais, pulo do sofá e novamente me arrasto até a porta.

— Fora daqui, os dois! — Escancaro a porta e espero.

Os dois idiotas permanecem sentados, como um par de jarros e apenas me fitando.

— Viemos falar de algo sério e não sairemos sem antes dissermos o que você está precisando ouvir.

Ciente de que eles não irão embora de jeito nenhum, volto a bater a porta — com mais força que o necessário — e mais uma vez me jogo sobre o sofá.

— Digam, estou ouvindo.

— Está sóbrio, pelo menos?

— Infelizmente sim — devolvo.

Há 15 dias tenho estado sóbrio por mais tempo do que gostaria. Ainda sou obrigado por mim mesmo a cumprir com as minhas obrigações e isso

significa que não posso me entregar por completo ao sofrimento que não tenho mais vergonha de senti-lo e nem deixar que percebam o quão mal estou.

Cheguei ao fundo do poço e tudo por ter ousado acreditar no amor que tão facilmente se apresentou bem diante dos meus olhos, com toda a sua força e intensidade. Ela deu-me tudo para em seguida tirar. Não sobrou nada, apenas o que os meus amigos veem: um homem perdido, que em nada lembra o que fui antes de ela passar pela minha vida como um furacão e depois desaparecer.

A última vez que vi Amanda foi há duas semanas, no dia em que ela devolveu o seu anel e o amor que tinha lhe dado. Sumiu das minhas vistas, mas não dos meus pensamentos. A sua presença ainda está muito viva na minha memória, nessa casa e o seu cheiro está impregnado nos meus travesseiros. Ela foi e levou o meu coração.

— Se conseguir focar a sua atenção em nós por pelo menos 10 minutos, acredito que essa conversa terminará mais rápido do que imagina e então você poderá voltar a sentir pena de si mesmo ou fazer algo por você e por sua amada Amanda.

— Não toca no nome dela, Henry! — peço.

Por dias fiz força para seguir a minha vida e não pensar nela. O esforço foi em vão, pois em todos os lugares a vi. Na universidade ando mais sério do que de costume e irritadiço como nunca antes por olhar para o lugar em que ela sentava e o encontrar vazio.

Há duas semanas ela não aparece em sala de aula e eu, por mais que não queira saber nada a seu respeito, tive a preocupação de falar com outros professores seus e todos afirmaram que não tem frequentado as aulas. Além da preocupação que ela não merece, fiquei curioso por estar parando a sua rotina no curso que tanto ama por causa de uma relação sem importância, como ela mesmo disse.

— E você para de pensar nela? — Miguel fala. — Olha o estado da sua casa, Saulo. A sua aparência, porra!

Quando ele fala em aparência, a minha mão involuntariamente toca a minha barba de vários dias sem fazer e não posso negar que ambos estão certos em suas preocupações. Não estou conseguindo lidar bem com a separação e beber é a única coisa capaz de entorpecer os meus pensamentos.

Sinto uma falta absurda da minha Loirinha e às vezes é difícil manter o meu orgulho e não ir atrás dela ou ligar e mandar mensagens, assim como fiz nos primeiros dias depois do fim do nosso namoro.

— Vieram aqui para criticar a minha aparência? Se for já podem ir embora — sugiro com grosseria.

— Na empresa a sua equipe está apavorada pela forma como tem sido tratada por você — Henry pondera.

— Se não estão satisfeitos é só irem no RH e acertarem as contas. E se não estiver satisfeito com o meu trabalho, Henry, é só falar que eu saio. O que não falta por aí são agências de olho no meu trabalho.

— Você está ouvindo as merdas que estão saindo na sua boca, caralho!

Perdendo a calma, Miguel salta do sofá, avança sobre mim, segura pela gola da minha blusa e me arranca de cima dele. A fim de socar alguma coisa para quem sabe colocar para fora a frustração acumulada, soco o seu rosto e Miguel vai parar longe.

Quando o vejo com o canto da boca sangrando, dou-me conta do erro que cometi.

— Miguel, cara, desculpa. Eu não...

— Você está acabado! — Essas são as suas últimas palavras antes de sair da minha casa, batendo a porta com força.

— O que está acontecendo aqui, Saulo? Acha que sair socando os seus amigos melhorará o seu estado? — Dona Dora indaga preocupada, ao adentrar a sala.

— Está tudo bem, vó — minto, sentindo-me culpado por estar lhe dando preocupações a essa altura da vida.

— Fica calma, Dona Dora, estamos conversando e logo esse seu neto estará novamente em forma, não é mesmo, Saulo? — Henry lança um olhar ameaçador e como um menino, respondo por respeito a minha avó.

— Está tudo certo, dona Dora. — falo.

— Se está tudo bem, vou lá em casa cuidar do meu almoço — avisa, desconfiada.

Quando estamos novamente sozinhos, meu melhor amigo lança-me um olhar muito irritado e mesmo sabendo que não estou na posição de protestar, acabo fazendo mesmo assim.

— O que pensa que está fazendo com a sua vida?

— Eu não tenho que te dar satisfações, Henry. Vai embora, por favor! — Aponto para a porta e, ao invés de sair, ele senta no sofá e pede para que eu faça o mesmo.

Sem saber mais como pedir para que me deixe em paz, acabo me sentando, como ele pediu. Quem sabe assim não vai embora mais rápido?

— Apesar de você não ter aberto a boca, eu e o Miguel sabemos que está assim por causa da Loirinha. Não estão mais juntos e você não está sabendo lidar muito bem com a situação, assim como não soube lidar com a rejeição da

Laura.

— As situações são completamente diferentes e você sabe disso. Diferentes porque eu amo muito a Amanda, de uma forma como nunca amei Laura ou qualquer outra mulher.

Laura é outra que tem sido uma pedra do meu sapato. Desde o dia em que Amanda terminou comigo, a mulher mudou completamente o seu modo de agir, se comparado a forma como estava se comportando antes.

Está gentil e cheia de atenções quando tudo o que eu quero é ficar sozinho. O fato de ela estar forçando uma intimidade que não existe entre nós é constrangedor e patético. As coisas estão tão confusas que de um dia para a noite, a mulher que eu amava me deu um fora e a que nunca quis nada comigo passou a dedicar-me toda a atenção dentro da empresa. Tudo o que eu não quero, não da parte da Laura.

— Amanda também te ama — ele fala com convicção, o que para mim é algo muito estranho.

— A sua mulher não te contou que a amiga dela disse com todas as letras que não me ama? Que devolveu o meu anel, nunca mais atendeu as minhas ligações e sumiu da faculdade?

— Ela contou. Eu só não entendo como você não chegou a sequer estranhar a atitude que a Amanda teve. Nem por um segundo se perguntou se ela realmente estava sendo sincera.

— Não faz ideia de quantos dias e horas eu perdi me fazendo todas essas perguntas. Pensei e não encontrei nenhuma razão, além do fato de Amanda nunca ter me amado realmente.

— Você precisa arrumar essa bagunça e voltar a ser o que era antes, meu amigo. Toma um banho, tira essa barba e vai à luta.

— Qual a parte do "A Amanda não me quer" você não entendeu, porra?!

— Tudo bem, não era dessa forma que eu gostaria de dar essa notícia e a Clara vai me matar se você meter os pés pelas mãos, mas, já que não vai cooperar, acho que precisa de um choque de realidade.

— Que notícia? É algo com a Loirinha? — Quando uma corrente de adrenalina misturada com medo começa a atravessar todo o meu corpo e ele parece apreensivo para responder, exijo: — Fala de uma vez, Henry.

— A Amanda, ela...

— Ela?

No momento estou tão nervoso e apreensivo que não sei se quero ouvir logo o que Henry tem a dizer ou se tapo os meus ouvidos para não ouvi-lo.

— Amanda está doente.



Saulo

Amanda está doente.

Amanda está doente.

Amanda

Está

Doen...

Enquanto curvando sobre o vaso termino de colocar tudo que comi — e bebi — para fora, a afirmativa do Henry repete-se sem parar dentro da minha cabeça, como um lembrete de que nada na vida é tão ruim que não possa piorar.

Quando estou convicto de que não tenho mais nada para colocar para fora, dou descarga e percebo que as minhas mãos estão trêmulas.

Assim que a frase saiu da boca do meu amigo, o meu estômago embrulhou de forma instantânea e não pude ficar para ouvir mais e entender o que de fato está acontecendo com a minha mulher.

Sim, minha mulher! Agora que a raiva deu lugar ao medo, não há espaço para pensar nela de outra forma, não é uma traidora e nem uma quebradora profissional de corações, é apenas a minha Loirinha. A mulher que não deixei de amar um segundo sequer nos últimos 15 dias, pelo contrário, a distância fez com que eu percebesse o quão especial era o que nós tínhamos.

Nos últimos dias, depois de ter entendido que Amanda realmente havia me deixado e sumido de uma forma que não deixou dúvida de que estava mesmo certa da decisão tomada, comecei a sentir muita raiva dela. A raiva que

cresceu junto com a dor e me tornou mais uma vez um homem que não gosto de ser.

O homem que quando ama, o faz para valer e por Amanda, o amor é uma palavra pequena demais para dimensionar a grandeza dos meus sentimentos.

Quis e respeitei a sua vontade de afastar-se quando entendi que o fim era definitivo, mas, nem por um momento, a percepção serviu para algo além de aumentar a dor que senti e ainda sinto pela sua ausência.

Na universidade foi mais difícil, pois lá, tanto quanto a minha casa, tudo lembra a ela. Estar na biblioteca trouxe lembranças de quando fizemos a loucura de nos escondermos dentro da cabine para namorar. O refeitório lembrou os momentos em que nós dois ficávamos — discretamente — trocando mensagens, algumas até muito eróticas.

A sala de aula foi o meu pior tormento. Na minha mente ainda está nítido cada detalhe de quando nos arriscamos a transar em cima da minha mesa e quando eu disse que nunca mais enxergaria a sala com os mesmos olhos, não passou pela minha cabeça que seria tão difícil pensar no que fizemos, que olharia para a sua cadeira e a encontraria vazia.

Ter que ir a Mundo em Foco, acredito que tenha sido o meu pior pesadelo. Não foi legal olhar para o meu amigo e ver no seu rosto o olhar de pena por saber que eu não estava bem, por saber que, mais uma vez, me coloquei na mesma situação que anteriormente havia vivido.

A única diferença é que a dor é muito maior, que quem desprezou o meu amor foi a garota que amo com tudo o que tenho.

Além do Henry, tive que lidar com Laura, a mulher que eu não lembrava de ser tão chata. Não sei se fui eu quem mudou de visão quando deixei de venerá-la e passei a enxergá-la melhor ou se é a minha falta de humor, mas a verdade é que não lembro alguma vez ter conhecido uma pessoa tão intragável como Laura.

Não imagino o que aconteceu com ela para de repente começar a tratar-me de uma maneira como nunca tinha tratado. Anda cheia de gentilezas e está sempre nos mesmos lugares onde estou. É irritante e constrangedor perceber os seus jogos. Não esconde o fato de estar tentando me seduzir e os seus toques nada sutis são a prova disso.

Não me sinto nem um pouco seduzido e nem mesmo o fato de estar bebendo um pouco mais do que o normal — o que me deixa propenso a fazer merda — e sofrendo por ter sido dispensado por Amanda, são capazes de mudar esse fato.

Não faço ideia do que aconteceu com Laura, mas se os meus sinais

não estão sendo suficientemente claros, talvez eu tenha que ter outra conversa franca com ela.

Laura precisa entender que não vai acontecer nada entre nós dois, que o tempo já passou e mesmo se Amanda não existisse, ainda assim eu não iria querer voltar a viver uma história que só me fez mal.

Olhando-me no espelho, depois de ter tomado banho, escovado os dentes e aproveitado para aparar a barba de dias sem fazer, ainda sinto o meu coração apertado e o corpo um pouco fraco pelos dias sem alimentar-me bem e bebendo mais do que o recomendável. Também tenho certo receio de sair e ouvir o que Henry tem para falar, não posso negar.

Estou certo de que viver sem Amanda é melhor do que viver em um mundo sem que ela esteja presente. Saber que está bem é tudo que eu preciso no momento e, se depender de mim, ela ficará.

— Isso aqui está um chiqueiro, cara — Henry assevera quando volto para sala e vejo que ele catou as embalagens de comida e as latinhas que estavam espalhadas.

— Obrigado! — agradeço ao parar perto de onde está e ficar o olhando cheio de expectativas, esperando que fale mais sobre Amanda.

— Você está melhor?

— Sim, agora me fala da Amanda. O que está acontecendo com a minha namorada?

— Ex...

— Que seja!

— Clara não gostaria que fosse feito dessa forma...

— Fala logo de um vez, caralho! — esbravejo — Você está me deixando assustado.

— Ninguém sabe ao certo o que ela tem, os médicos dizem que não tem uma razão específica para ter os sintomas que tem, então, chegaram à conclusão de que ela está doente de tristeza.

Revela e não consigo dizer nada, apenas com o olho abismado e com o coração apertado.

— Sim, meu caro, tristeza. Isso te diz alguma coisa?

— Você não está querendo dizer que a Loirinha está doente por minha causa.

— Estou, sim.

— Foi ela que terminou comigo! Por que estaria doente? Deveria estar feliz!

O momento faz com que eu fale tamanha bobagem, mas a minha vontade é de correr até onde ela está.

— Por que não pergunta pessoalmente a ela? — Henry sugere.

— *Me leva até ela?* Não sei se estou em condições de dirigir neste momento — peço.

Não preciso ouvir mais nada, tudo o que eu quero é ir até a minha Loirinha, vê-la com os meus próprios olhos e entender o que está acontecendo, pois no momento a minha mente está completamente confusa.

Ao chegarmos em frente ao prédio, estou mais nervoso e ansioso do que imaginei que estaria nesse momento. As minhas mãos estão suando muito, o meu coração está batendo com força dentro do peito e o Henry não deixa de olhar vez ou outra na minha direção, certamente percebendo o estado em que me encontro.

— Você precisa ficar tranquilo, meu amigo. Você não queria ver a sua Loirinha?

— Ela terminou comigo. — Volto a dizer, pois além da preocupação com o seu estado, essa é a única coisa em que posso pensar.

Amanda terminou comigo e agora estou aqui, vindo atrás dela. Os sentimentos estão confusos e estou dividido entre a preocupação, a saudade e o medo da rejeição. Não quero mais ouvi-la repetir tudo o que disse na sala da minha casa, mas se acontecer, pelo menos a terei visto e matarei o restinho de esperança que no fundo ainda estava sentindo, não posso negar.

— Eu sei que ela terminou com você, já repetiu isso umas 3 vezes só hoje, mas não acha estranho ela ter ficado dessa forma depois do dia que tomou essa decisão.

— Isso você não me falou — acuso.

— Como se eu tivesse tido a oportunidade...

Ele tem razão. No caminho me fechei para qualquer tipo de conversa e estive perdido em pensamentos e nos planos do que falar quando estiver na sua frente. Se tivesse feito mais algumas perguntas saberia dessa informação tão importante.

— Clara está com ela?

— Todos os dias — digo.

— E por que a sua mulher não veio antes à minha procura? Por que só agora?

— Clara e Amanda são muito unidas, Saulo, você sabe. Creio que a menininha quiz respeitar as vontades da amiga. Amanda disse que não queria saber de você todas as vezes que Clara sugeriu.

— E o que estou fazendo aqui? — indago irritado e muito mais magoado por ouvir o que ele acaba de dizer.

Amanda não quer me ver.

— Como eu disse, elas são unidas e se conhecem bem. Por conhecer tanto a Loirinha, Clara acha que ela não está sendo sincera quando diz que não quer te ver. Acha inclusive que a amiga não queria terminar o namoro de vocês. Se o fez foi porque algo a obrigou a fazer isso — diz e então tudo parece fazer mais sentido.

No início eu também pensei a mesma coisa e depois acabei chegando à conclusão de que estava tentando me iludir e não aceitar que, de um dia para o outro, Amanda tenha decidido que não me amava mais, pior, que nunca chegou a amar.

Agora que vejo alguém que tanto a conhece desconfiando de algo estranho, começo a pensar que talvez tenha errado em não ter insistido com ela, insistido até ter certeza de que era o que realmente queria.

— O que acha disso tudo, Henry? — indago, pois apesar do seu jeito brincalhão de quem não leva nada a sério, sei que ele é um homem sensato e perspicaz quando necessário.

— Eu via como você e Amanda agiam em torno do outro. Estava nítido o quanto estavam felizes e eu não acredito que ela tenha decidido terminar de uma hora para outra com você, ainda mais pelas razões que tem repetido para a Clara.

— Vamos entrar? Preciso vê-la de uma vez — peço, não suportando todas as ideias que começam a rondar a minha cabeça, coisas que começam a fazer sentido, mas que só Amanda — se quiser — poderá confirmá-las ou negar.



— Boa tarde!

— Boa tarde, tudo bem? — cumprimento a uma adolescente que tem os cabelos tão loiros quanto os da Chapeuzinho. — Você deve ser a Lana?

— E você deve ser o namorado sem nome e sem rosto? — devolve com sarcasmo admirável para uma menina que não aparenta ter mais do que 12 anos. — Entrem, Henry e namorado sem nome. — Ela dá passagem para Henry e eu e fecha a porta as nossas costas.

— O meu nome é Saulo Moraes Bitencourt — digo, vendo-a correr a nossa frente.

— Eu sei, a esperta da minha irmã não disse quando estava consciente, mas fala todas as vezes em que está delirando de febre.

— Febre?

— Você já está falando demais, Lana, suba para o seu quarto e deixa os adultos conversarem.

Da sala e antes de a adentrarmos, ouço a voz de um homem partir dela e assim que o fazemos, avisto 3 pessoas sentadas no sofá que, pelo pouco que pude notar, é sofisticado como todo o resto que tive a oportunidade de ver da residência.

— Eu sou adulta, papai! — a menina reclama de uma forma que demonstra o contrário do que acabou de afirmar.

— Não desobedeça ao seu pai, Lana! Suba, agora!

Dessa vez Lana não protesta e sobe sem dizer mais uma palavra sequer.

— Você deve ser o Saulo. Sou o pai da Amanda, Otávio e essa é a mãe dela, Eva. A Clara, acredito que já conheça.

— Prazer, senhores — cumprimento ao dar dois tapas nas costas do homem que parece jovem para ter uma filha da idade da Amanda e em seguida beijo o rosto da mãe que parece ainda mais jovem do que o esposo. — Não sei se estavam me esperando... — Incerto olho para o Henry e Clara responde, antes que mais alguém tenha a chance:

— Não estavam, Henry mandou uma mensagem agora a pouco avisando que estava te trazendo até aqui.

— Sei que devem estar querendo fazer algumas perguntas...

— Estamos — Otávio fala.

— Mas antes eu gostaria de ver a Amanda, posso?

— Ela está dormindo — Eva afirma, olhando-me com certa desconfiança, mas o marido é quem acaba dando permissão.

— Deixe que ele a veja, querida. Talvez seja disso que a nossa filha precisa. Segunda porta a direita — avisa e então subo as escadas.

— Obrigado! — Volto-me para agradecer antes de sumir pelo corredor.

Ao abrir a porta indicada por Otávio Amorim, o cheiro doce e floral do perfume é quem primeiro dar-me boas-vindas.

Como senti falta desse cheiro, meu Deus!

O cômodo é grande e todo decorado em tons de azul. Em uma das paredes chama atenção a estante repleta de livros e na parede ao lado, surpreende-me ver uma foto minha moldurada em um quadro grande. A foto foi tirada por alguém sem que eu tenha me dado conta e nela estou sorrindo e com

uma câmera em uma das mãos.

Todas as percepções aconteceram em segundos, pois os meus olhos logo buscaram a minha loira. O meu coração se quebra em pedaços quando lhe avisto sobre a cama que parece grande demais. Está dormindo toda encolhida, tão pequena e frágil que fica difícil conter o desejo de chorar que bate forte.

— O que fizeram com você, meu amor... — digo baixinho ao me sentar ao seu lado e acariciar o seu rosto que parece estar mais quente do que o normal.

Ao descer a mão e com cuidado tirar o pano fino que cobre o seu corpo até a altura da cintura, fico com a impressão de que ela perdeu um pouco de peso e então entendo que tudo é mais sério do que eu imaginava.

Saulo....

Ouçó-a murmurar baixinho, tão baixo que fico em dúvida se não entendi errado, quando mais uma vez a Loirinha repete.

Saulo, meu amor....

— Eu estou aqui, Chapeuzinho — sussurro bem baixinho ao seu ouvido, afasto um pouco para observar se tem alguma reação e, bem diante dos meus olhos, vejo o momento em que abre os seus.

Doente de amor



Amanda

Em um mundo em que tudo parece fácil e estou feliz, ouço a voz que há tantos dias está longe. Sinto o toque que todos os dias desejo e não posso ter.

O frio que sinto atravessar todos os ossos do meu corpo é amenizado pelo carinho que a mão do meu amor faz no meu rosto. Sei que é ele, pois seria capaz de reconhecê-lo em meio a 1 milhão de outros toques, mesmo que se passassem mil anos.

No meu sonho, Saulo vem para dar-me carinho, para ajudar-me a passar pelo tornando que é continuar respirando com normalidade, quando até o fato de fazê-lo dói.

Eu estou aqui, Chapeuzinho.

Eu sei que está. Não deixa os meus pensamentos, o coração e está sob a minha pele. Onde o meu amor mora ninguém pode tirá-lo de mim. O sentimento que nada e ninguém pode mudar ou ameaçar.

— *Não quero acordar, aqui você parece real...*

— Você não pode estar delirando, amor. A febre nem está tão alta assim. Vamos, precisa ter foco, olha para mim.

— Um sonho, tenho certeza.

Mas por que ele parece tão real? O cheiro, o toque tão quente e a voz...

— Não é um sonho — afirma. — Sente isso?

Com carinho, sinto a sua boca beijar a minha testa, depois o rosto e termina com o leve selinho nos meus lábios. Diante disso, e das sensações que

passam pelo meu corpo, começo a desconfiar que seja real.

— Você está mesmo aqui?

— Estou sim, pequena.

— Eu sinto a sua falta, todos os dias — afirmo, esquecendo-me de tudo que foi dito antes, de quando tive que fazer o que não queria e fiquei muito mal. — Por que não se deita aqui ao meu lado? Estou tão cansada....

Aos poucos minha voz começa a morrer e antes de voltar para a inconsciência, sinto o momento em que ele se deita atrás de mim e abraça-me pela cintura. Agora que está aqui tudo parece melhor, o frio dá lugar ao calor e a tristeza a alegria. Talvez ele não esteja aqui e mais uma vez a minha mente esteja pregando uma peça, mas, se não for real, não quero tão cedo acordar desse sonho bom.

Saulo

Bem aconchegada nos meus braços, o sono da minha loira parece mais tranquilo. Ela esteve inquieta no início e poucos minutos depois relaxou. Virou-se de frente para mim, abraçou-me pela cintura e colocou a cabeça no espaço entre o meu pescoço e ombro.

Ela parece não ter o suficiente e quando tento afastar-me um milímetro sequer, em meio ao sono Amanda protesta ao juntar ainda mais os nossos corpos. Como ela parece estar, sinto-me em paz e bem, como há 2 semanas não sentia.

Não faço a menor ideia do que está acontecendo aqui, apenas sinto que Amanda me ama tanto quanto eu a amo e que tem sofrido com a nossa separação, o que é muito estranho, tendo em vista a atitude que tomou. O alívio que me acomete é grande, mas só ficarei satisfeito quando tiver certeza de que está tudo bem entre nós e saber o que de fato aconteceu para que tomasse tal atitude.

Se pudesse passaria o dia inteiro deitado ao seu lado e deixando que me abrace com braços e pernas, assim como faz agora, mas, como nem sempre as coisas são como desejamos, sei que devo levantar-me para falar com os seus pais e Clara. Preciso de respostas para depois decidir como agir e acredito que, no momento, só as terei através deles três.

— Fica bem, Loirinha. Vou falar com os seus pais só por um

instante e, se tudo correr bem, logo estarei com você — sussurro e com cuidado, desvencilho-me dos seus braços.

Coloco um travesseiro entre eles e, quando escuto o seu protesto, antes de deixar o quarto volto para junto dela, abaixo a cabeça e falo baixinho ao seu ouvido:

— Eu amo você. Amo mais do que a própria vida.

Como se estivesse consciente e ouvindo tudo o que falo, na sua boca aparece o ensaio de um sorriso e um pequeno ofegar. Não resisto, dou um beijo leve na sua boca e antes que desista de fazer o que é preciso, deixo o seu quarto.

Assim que alcanço o primeiro degrau da escada, os quatro percebem a minha presença, param de conversar e ficam a me encarar em um misto de preocupação e expectativa.

— Sente-se, meu rapaz. — De uma maneira quase formal, Otávio Amorim aponta para o sofá e como um garoto obedecendo a uma ordem, faço o que ele pede.

Agora estou na situação em que nunca imaginei estar: na frente dos pais da minha garota, os meus sogros ou não, depende de como serão as coisas a partir de agora. Tenho o palpite de que eles têm coisas importantes para dizer e perguntar, informações que farão com que eu entenda melhor o que aconteceu com Amanda no dia em que rompeu com a nossa relação.

Se antes tinha uma pequena esperança, agora que a vi tão frágil e descobri que está mal desde o fim da nossa relação, não tenho qualquer dúvida de que mentiu e que nada do que saiu da sua boca é verdade.

— Você é o homem com quem a minha filha estava namorando?

— Ela falou de mim? — Surpreende-me que eles saibam da minha existência, já que a própria Loirinha preferiu esconder até mesmo deles o nosso namoro.

— No início mentiu ao dizer que estava saindo para dormir na casa da Clara, mas logo desconfiamos e ela admitiu que estava namorando, só não disse quem era a pessoa — afirma e, ao olhar para a Clarinha sentada ao lado do namorado, percebo que ficou sem jeito por Otávio ter citado as mentiras da filha e ter ficado óbvio que ela não só sabia como também acobertava a amiga.

— Estávamos juntos há 4 meses — digo.

— Quando pensava no namorado da Amanda, não imaginava que fosse alguém tão mais velho do que ela. — Pela primeira vez Eva fala e o faz para deixar-me sem jeito.

— Vocês têm problemas quanto a isso?

— Na verdade, não. Amanda sempre foi uma boa garota e foi por confiar nela que não a pressionamos quando decidiu não dizer quem era o

namorado. E com todo respeito ao meu marido, a minha filha tem um ótimo gosto, você é um homem muito bonito.

— Agradeço o elogio, senhora — falo, mais uma vez ficando tímido com o elogio.

— Existe alguma razão para Amanda ter optado por esconder de mim e da mãe a sua identidade?

— Senhor, eu não sei se cabe a mim falar sobre o assunto. Não é melhor que pergunte para a sua filha? — indago, pensando no que é melhor para a Chapeuzinho.

Por mim não existe qualquer problema em falar tudo para eles, o problema é não saber como ela agiria se estivesse no meu lugar. Amanda terminou o nosso namoro antes de falar qualquer coisa para eles e talvez ache que não é necessário falar para eles os motivos para termos mantido o nossos namoro as escondidas de todos.

— Meu rapaz, a minha filha não está em condições de fazer nada há 2 semanas, então eu creio que o certo e errado deixa de fazer sentido neste momento. Faremos o necessário para que a Amanda deixe a tristeza e apatia que tem estado nas últimas semanas.

— Acho que vocês têm razão — decido. Ele conseguiu no momento que falou em ajudarmos Amanda a ficar bem.

— Tem certeza de que quer falar sobre isso, Saulo? — Clara pergunta, talvez pensando que eu seria louco de mencionar o tamanho da minha burrada com a amiga quando nos conhecemos.

— Tenho! — Pisco para ela e continuo: — Sou professor de Literatura na Universidade Federal de São Paulo e Amanda é a minha aluna.

— Eu não acredito que vocês...

— Não, senhora, não aconteceu da forma como estão pensando — corto antes que tire conclusões precipitadas, assim como qualquer outra pessoa pensaria se descobrisse. — A sua filha e eu nos conhecemos e ficamos juntos antes de nos descobrirmos professor e aluna. No início relutei, mas não fui capaz de abrir mão dela. Eu amo a Amanda, acreditem nisso.

De uma única vez falo tudo o que precisava dizer e fico à espera dos seus comentários.

— Por essa eu confesso que não esperava — Eva diz, visivelmente desconfortável e é só olhar para o Otávio para perceber que ele está da mesma forma.

— E como vocês pretendiam levar essa situação.

A pergunta do meu sogro é a mais pertinente até o momento e ao olhar para os meus amigos, vejo-os observando a conversa com atenção e

parecem não estarem a fim de opinar em nada.

— Nós tínhamos combinado de namorarmos escondidos até o fim do semestre, quando eu poderia pedir transferência para outro Campus sem maiores transtornos.

— Sábia decisão, apesar de eu achar ela muito arriscada.

Depois de ouvir a frase saída da boca do meu sogro — torço muito para que ainda seja ou volte a ser — entendo o porquê de a Amanda ser uma menina tão sensata, doce e madura para a idade que tem. Obviamente veio de berço.

Eva e Otávio, em poucos minutos de conversa, demonstraram serem pessoas compreensíveis e sensatas. É realmente uma pena que esteja os conhecendo dessa forma. Certamente não era dessa maneira que a Loirinha planejava.

— Estava tudo bem entre nós dois, até que, em uma manhã de domingo como essa, Amanda apareceu na minha casa e terminou o nosso namoro. Desde esse dia não tive qualquer notícia da filha de vocês, já que nem na faculdade tem aparecido.

Quando termino de falar a última frase, não deixo de perceber que a falei em tom de amargura. Sejam quais forem os seus motivos, Amanda pisou nos meus sentimentos e as suas palavras têm acompanhado o meu sono todos os dias, como um pesadelo persistente.

— No dia a qual você se refere, Amanda saiu daqui estranha e voltou aos prantos, trancou-se dentro do quarto e desde então, tem estado pior a cada dia que passa. Começou não querendo se alimentar direito, a chorar o tempo inteiro e quando perguntamos os motivos, ela diz para não nos preocuparmos. De uns dias para cá que passou a ter febres e os médicos não encontram outra razão que não seja a profunda tristeza que tem sentido.

Ouvir tudo o que tem passado faz com que um nó se forme na minha garganta e não consigo sequer pensar nela da forma que a mãe descreveu.

— Acham que está doente por minha causa? — Sem querer parecer prepotente faço a pergunta, pois a forma como eles falam sugere exatamente isso.

— Ela mudou depois que saiu no domingo pela manhã há exatas 2 semanas.

— O mesmo dia em que ela apareceu na minha casa para terminar a nossa relação — digo mais para mim mesmo do que para eles.

— É o que parece, Saulo. — Dessa vez Clara entra na conversa e a intromissão é bem-vinda, considerando o fato de ela ser a melhor amiga da Chapeuzinho e conhecê-la tão bem. — Eu conheço a Amanda como a palma da

minha mão e nunca tinha a visto tão feliz e empolgada com algo quanto estava com esse namoro. Não percebem que algo ou alguém a obrigou a tomar tal atitude? Que a única razão da tristeza dela é a separação de vocês? — Aponta para mim.

— Eu não faço ideia do que possa ter acontecido. Sofri tanto quanto ela com a separação e se achasse que não foi sincera, já teria feito algo para remediar a situação.

— Talvez eu tenha a resposta para a pergunta de vocês. Na noite antes de ir até a sua casa, Amanda passou na loja e algo muito estranho aconteceu.

De repente a atenção de todos na sala se volta para o senhor Otávio e então, a expectativa para ouvir o que de tão importante ele tem a dizer reina no cômodo agora silencioso.

Em busca da felicidade



Saulo

— A Laura! É óbvio que foi aquela mulher! Meu Deus, eu não estou acreditando nisso!

Nervosa, depois de tudo que Otávio acabou de revelar, Clara caminha de um lado para o outro no meio da sala e devo admitir que a garota está muito mais do que nervosa, ela está furiosa.

— Você precisa se acalmar, meu amor. — Henry que a todo o momento está no seu encalço, tenta segurar nos seus braços, mas ela não aceita o seu toque e se desvencilha dele a cada uma das tentativas.

— Não me pede para ficar calma, Henry! Está ouvindo o que a sua amiga fez? O que vai fazer para defendê-la agora?

— Clara eu não.... — Henry até tenta, mas a fera não permite que ele fale. Eu ainda estou em estado de choque pelo que ouvi e por essa razão estou como uma estátua, vendo a reação da Clara.

— Te falei que tinha algo que me incomoda naquela mulher e você achando que é implicância minha!

— Clara, esse não é o momento. Acho que temos que pensar na Amanda. Em casa você pode brigar com o Henry até colocar um pouco de inteligência na cabeça dele — brinco para descontraí-la e acalmá-la.

Entendo que esteja muito puta com o que descobrimos e admiro muito a amizade das duas, mas o momento agora é de entendermos o que de fato aconteceu na loja na noite anterior à ida da Amanda à minha casa.

Otávio revelou que encontrou a filha em um dos corredores da casa

de cosméticos da família, discutindo com uma mulher que tem as mesmas características da Laura. Disse ainda que a mulher estava com os dois lados do rosto vermelho e ela afirmava a todo o momento que havia sido agredida sem qualquer motivo.

Como conhece bem a filha, Otávio disse para a mulher que não acreditava em suas palavras e repetiu a mesma coisa para mim. Segundo ele, Amanda jamais agrediria alguém e se o fez, foi porque algo de muito errado aconteceu entre ela e a mulher.

— Só não entendo o que Laura pode ter dito para deixar Amanda tão fora de controle — pondero e creio que todos estão certos de que a mulher que abordou Amanda na loja é a Laura.

Otávio ainda revelou que na loja existem câmeras instaladas e quando no dia seguinte puxou as imagens, viu o momento em que a mulher esbarrou na filha e a discussão começou. Se quiséssemos, poderíamos ter ido até a loja — como o senhor sugeriu — para ver as tais imagens, mas, como todos — principalmente Henry e Clara que conhecem Laura e a nossa história — parecem estar certos de quem é a mulher, recusamos a oferta.

— Certamente uma ameaça. — Clara afirma. — Amanda chegou ao ponto de dar na cara da cobra e terminou o namoro no dia seguinte. Laura só pode ter ameaçado a loira.

— Faz sentido... — Henry chega à conclusão, mesmo que a situação esteja sendo difícil para ele, afinal, estamos falando da sua amiga de infância, o braço direito na empresa.

A verdade é que até mesmo para mim é difícil acreditar que Laura chegaria a esse ponto. Aprendi a enxergar todos os seus defeitos, mas não acreditava que seria capaz de fazer algo assim. Não fez com o Henry que amou a vida toda e está fazendo agora, em nome do orgulho.

Não acredito que Laura realmente goste de mim como ela acredita estar gostando, o que ela parece não suportar é a ideia de ter sido rejeitada. Parece estar empenhada em ficar comigo e isso ficou claro com as suas atitudes nos últimos dias, mas especificamente, na segunda-feira seguinte ao término do meu relacionamento.

Agora tudo parece fazer todo o sentido do mundo, até mesmo o fato de a minha Loirinha ter saído aos prantos da minha casa depois de ter entregado o anel.

— Senhor Otávio — chamo depois de um tempo em que o silêncio reinou e todos pareciam perdidos nos próprios pensamentos e conclusões —, a Amanda não chegou a falar nada com o senhor?

— Não, meu caro. A menina chorou a viagem inteira até chegar

aqui. Não quis falar com a mãe sobre o ocorrido e apenas subiu para o quarto.

— No dia seguinte parecia carregar o peso do mundo nas costas. Ela não tocou no café, apenas pegou a bolsa e saiu. Imagino que tenha ido direto para sua casa — Dona Eva, que está visivelmente emocionada ao relembrar o acontecido, fala e então se aproxima e pede: — Se ela estiver assim por sua causa, por favor, faça alguma coisa! Nós já não sabemos o que fazer para ter a nossa menina de volta.

— Vou descobrir o que exatamente a Laura disse para a Amanda e podem acreditar que, se depender de mim, esse sofrimento vai acabar, o meu e o dela. Amo Amanda e não vou deixar que nada e ninguém interfira na nossa relação. Não se a intenção for nos separar.

— Ela está muito triste e não tem nada que façamos que lhe arranque um sorriso, talvez se ver você, ela....

— Está tudo bem, senhora. — Tento consolá-la que aos poucos deixou a máscara de mulher forte cair para dar lugar a uma que está frágil e muito preocupada com a filha. — Posso subir novamente? Talvez ela já esteja acordada — digo.

Estou doido para vê-la novamente, pois os minutos que estive no seu quarto não foram nada, perto das semanas de saudade.

— Claro, sintase à vontade — Otávio fala e então eu subo com a cabeça cheia de ideias.

Puto de raiva só por pensar no que Laura possa ter feito para a minha Chapeuzinho. Preocupado com a saúde e, ao mesmo tempo, feliz por perceber que ela ainda me ama e não terminou por falta de sentimentos, a minha mente está uma bagunça quando entro no quarto. Tudo some quando coloco os meus olhos sobre a sua cama e noto que está desperta.

Olha fixamente para um ponto fixo na parede e sem que tenha percebido a minha presença no quarto, vejo quando leva a mão ao rosto e limpa as grossas lágrimas que rolam por ele. Está chorando em silêncio e presenciar a cena é de partir o mais duro dos corações.

Quando — sem fazer qualquer barulho — me aproximo da sua cama e me sento de frente para ela, Amanda arregala os olhos, afasta as costas da cabeceira da cama, chega bem perto e toca o meu rosto.

Com carinho passa a mão pequena e macia pelo lado direito do meu rosto e, como se não estivesse acreditando no que vê, pergunta:

— Você está mesmo aqui?

— Em carne e osso — assevero ao tirar a sua mão do meu rosto e beijar a palma.

— Mandeí você embora da minha vida...

— E eu fui rápido demais, sem lutar pelo seu amor.

— Não posso, Saulo. Nós precisamos ficar separados, não entende?
É o melhor.

— Disse que não me amava.

— Disse, sim! — Ainda tenta se fazer de durona, mas não consegue segurar a máscara, o que me faz perguntar o que deu em mim para acreditar tão facilmente quando tentou da primeira vez.

— Eu sei que você está mentindo, Chapeuzinho. Como pode insistir nisso se te vejo definhando sobre essa cama? — questiono com voz mansa, quando na verdade tenho vontade de sacudi-la por ter tomado qualquer atitude sem falar comigo. Por não ter confiado em mim para contar, seja o que for que a Laura tenha usado para atingi-la.

— Foi uma virose — afirma sem sequer conseguir olhar nos meus olhos.

— Vai continuar mentindo? Se for e se a minha presença tiver te incomodando é só falar que eu vou embora agora mesmo — blefo e quando faço movimento na intenção de levantar-me, Amanda impede ao segurar a minha mão e abraçar-me pelo pescoço.

Abraça apertado e o toque é tudo o que nós dois precisávamos. O seu cheiro ainda é o mesmo e se possível, a paixão que sinto deve ter aumentado de intensidade. Bem baixinho ouço o seu fungar, o que deixa evidente que ela está tentando esconder de mim o fato.

— Não chora, minha linda. Dessa forma você vai ficar desidratada. Não faz assim, está bem? — Amanda sacode a cabeça enquanto eu limpo as suas lágrimas e depois beijo por cima de cada um dos seus olhos.

— Senti tanto a sua falta... — admite, no momento de extrema fragilidade, esquecendo do tudo o que foi dito há duas semanas.

Agora ela não pensa em mais nada que não seja aliviar a dor do sofrimento e sei porque é a mesma que eu estava sentindo até agora.

Depois do abraço, é dela a iniciativa do beijo cheio de saudade. Nós beijamos como carinho, bem lentamente, como se com ele estivéssemos voltando a nos conectar. Aos poucos, depois de vários minutos apenas nos beijando, o clima esquenta, o beijo fica mais intenso e a minha mulher começa a tirar a minha roupa. Impeço.

— Não dessa forma e nem aqui. — Seguro a sua mão, impedindo-a de continuar.

— Por quê?

— Você está doente, Loirinha. Não tem forças nem para falar direito, imagina para fazer sexo — afirmo, desfazendo o nosso abraço e a

levando novamente para perto da cabeceira.

— O beijo não significa que voltamos — avisa e ouvir não é algo que incomode, já que agora estou ciente de que não faz porque quer e sim por achar que precisa fazer.

— Não mesmo, meu amor, ainda que você queira muito — brinco e a vejo dar um leve sorriso. — Se eu te pedir para fazer algo por mim você faz?

— Depende.

— Eu quero que você coma. Está mais magra e não quero que faça isso com você mesma. Coma, só um pouquinho? Por mim.

Começo o meu processo de fazê-la ficar bem, cheia de vida como era antes e pela forma como me olha, acredito que será menos trabalhoso do que pensei.

Será possível ficar doente de amor? Se for, acredito que tenha acontecido com a Amanda e de certa forma, comigo também. Duas semanas foi tempo mais do que suficiente para fazer-me entender o que é sofrer por amor, por estar longe de quem gostaria de ter sempre por perto.

— Sinto falta de comer a sua comida — diz, fazendo biquinho com a boca, toda dengosa.

— Se eu cozinhar para você, promete que vai comer? — barganho.

— Prometo! — A sua resposta deixa-me animado por me dar conta de que estará na minha casa novamente, tudo o que venho desejando há dias, isso se os pais dela permitirem que eu a leve daqui, estando tão debilitada.

— Quero te levar para a minha casa — para ela externo o que passa pela minha cabeça e a ideia parece deixá-la contente, mesmo que não queira admitir.

— Quero ir, mas isso não significa que estamos juntos novamente.

— Amanda parece querer convencer mais a si mesma do que a mim.

— É claro que não — digo o que ela quer ouvir. — Vamos?

— Como?

— Assim... — A pego nos braços e a Loirinha começa a protestar.

— *Me coloca* no chão, Saulo. Estou de pijama e tenho que arrumar as minhas coisas.

— Não tem e sabe disso. Lá em casa tem roupas suas e tudo mais que você precisar. Acredite que não sou o tipo de ex que joga as coisas da namorada fora só por despeito.

— Não é?

— Não mesmo!

Quando aos risos descemos as escadas, a expressão nos rostos dos seus pais é de pura surpresa.

Clara e Henry já não estão mais aqui e para mim é a melhor coisa que poderia acontecer, pois do jeito que Clara está irritada, seria capaz de tocar no assunto que, a meu ver, não é o momento de ser falado.

— O que está acontecendo aqui? Isso no seu rosto é um sorriso, minha filha?

— É um sorriso, sim, senhora Amorim. Eu gostaria de pedir autorização para levá-la para a minha casa. Acho que vai ser bom para ela sair um pouco de casa — explico. — Prometo fazê-la comer um pouco.

— Você quer sair, minha filha? — Otávio se anima, não escondendo a esperança de que ela diga sim.

Pela preocupação deles percebo que ela deva ter dado muito trabalho e agora que sei de tudo, tomo para mim a responsabilidade de cuidar da minha pequena.

— Vou com o Saulo, prometo ligar para vocês e dar notícias — diz, bem aconchegada nos meus braços.



Assim que entramos na sala, vejo os olhos da Amanda alagarem-se em lágrimas e para escondê-las ou mesmo evitar que rolem, esconde o rosto no espaço entre o meu pescoço e ombro.

— Está tudo bem, meu amor. Nós vamos ficar bem, eu te prometo.

Passando pela sala, a levo direto para o quarto e lhe coloco sentada sobre a minha cama. De imediato, Amanda pega o travesseiro que costumava usar para dormir e o agarra como se a sua vida dependesse disso.

— Vou preparar o seu almoço, tudo bem? — Amanda apenas balança a cabeça como resposta. — O que gostaria de comer?

— Vou deixar isso por sua conta.

Antes de sair, ligo a TV para que não durma antes de almoçar. Ela não está com sono, mas certamente fraca demais para ficar tanto tempo desperta. Também não saio antes de colocar a mão no seu pescoço e testa para, felizmente, contatar que está praticamente sem febre.

Depois de preparar uma sopa bem leve, levei o almoço para o quarto e em silêncio nos alimentamos, quer dizer, eu a alimentei. A Loirinha protestou

um pouco ao dizer que é capaz de comer sozinha e eu não tive problema em lhe garantir que para mim, é um prazer alimentá-la.

Além de fraca e de ter a aparência de quem passou dias a fio chorando, Amanda também está arredia e agindo como se não pudesse estar na minha casa, mesmo que não consiga esconder o quanto queria estar exatamente aqui, na minha cama.

Depois de todas as descobertas e das suspeitas que começam a formar-se na minha mente, sinto como se a vida tivesse voltado ao seu curso normal. Ela está novamente perto de mim e não vou descansar até descobrir o que Laura fez para que Amanda agisse como agiu, contrária ao que realmente queria, tanto que ficou doente.

A Chapeuzinho é uma pessoa muito emocional e não é de se assustar que tenha ficado dessa forma, não quando foi obrigada a agir contra os seus sentimentos. Não quando foi impedida de sentir. Amanda, assim como eu, ama com intensidade e com a mesma intensidade sofre quando o amor lhe é tirado.

— Vai ficar tudo bem, meu amor. Quando tudo isso acabar nós vamos recuperar o tempo perdido e você será a mulher mais feliz desse mundo. Será feliz e me fará feliz.

Falo com ela, mesmo que esteja dormindo tranquilamente, depois de ter comido melhor do que eu imaginei que faria. Está com a cabeça deitada no meu peito e os dedos fechados na minha camisa, como se quisesse garantir que não sairei do seu lado.

Falo porque são coisas que por dias e dias estiveram entaladas na minha garganta. Falo porque preciso desabafar e dizer tudo o que um dia farei quando ela estiver acordada e pronta.

— Um dia nós vamos nos casar e formaremos a nossa própria família e se for o seu desejo, teremos uns 3 filhos, todos lindos e amorosos como você. Desejo tudo isso e mais um pouco porque você é a mulher da minha vida. Te amo e isso nunca vai mudar.

Por vários minutos falei sem parar e quando, assim como ela, acabei caindo no sono, o fiz com uma paz e tranquilidade que há muitos dias não sentia. Dormi com a minha mulher nos meus braços, sabendo que está tudo bem novamente. Se não está, ficará, pois não tem como dar errado quando a tenho novamente ao meu lado.

Amizade



Saulo

Dois dias se passaram, mas parecem ter sido uma semana. Dias em que Amanda e eu mal saímos de casa e quando o fizemos, foi somente para atravessar o jardim para ficarmos um tempo com os meus avós que a Loirinha tanto gosta.

Ela adora conversar com a dona Dora e ela trata a minha namorada como neta. Os dois sabem que a Loirinha e eu estivemos um tempo afastados e apesar de estar claro que eles gostariam de saber o que aconteceu entre nós dois para que tenhamos terminado o nosso namoro, eles respeitam o nosso tempo e não tocam no assunto. Esperam que eu mesmo os conte e sei que farei quando souber o que houve.

Em dois dias Amanda não deu sinais de que estivesse a fim de falar alguma coisa e eu preferi não pressioná-la a falar, considerando o fato de a minha prioridade ser a sua saúde.

Estive empenhado a fazê-la se sentir bem novamente e, com a sua colaboração, vi os resultados surgindo. Apenas dois dias e Amanda pouco lembra a mesma garota que encontrei quando entrei no seu quarto. Tem se alimentado bem e o brilho no olhar e sorriso no rosto começaram a voltar.

Em alguns momentos, vejo a sobra de tristeza e preocupação passar pelos seus olhos e estou certo de que está pensando que não deveria estar na minha casa, recebendo os meus cuidados e carinhos que passam longe de se parecerem com os que trocávamos antes de terminarmos.

Amanda e eu agimos como um casal de amigos na maioria das

vezes, embora tenhamos dormido agarrados na minha cama nas últimas duas noites. Tenho respeitado o seu tempo, embora sinta saudade dos seus beijos e de estar intimamente conectado ao seu corpo.

Sinto que ela quer, mas que algo a impede. Sei exatamente que algo é esse e de hoje não passa o meu confronto com ela, a mulher que ousou atravessar o meu caminho quando deixei claro que entre nós não aconteceria mais nada e que estava apaixonado por Amanda.

— Isso está uma delícia, Saulo. — A sua fala é acompanhada de um gemido ao levar a colher a boca e para mim é difícil não pensar com a cabeça de baixo.

Pensar em quando ela voltará a gemer assim novamente, só que ao meu ouvido e em situações bem diferentes. Certamente ela não estaria vestida com esse vestidinho florido e curto e ao invés de estar apenas olhando para o seu pescoço salpicado com algumas sardas e desejando estar com a boca nele, estaria o chupando, mordendo e tudo mais que tivesse vontade de fazer.

— Que cara é essa? Por que está me olhando assim? — questiona, levando novamente uma colher cheia de sorvete a boca, terminando com um sonzinho de satisfação.

Não tenho certeza se ela está fazendo de propósito para provocar, se é sexy naturalmente ou se é a minha seca que tem pregado peças na minha mente, fazendo com que eu veja coisas onde não existem.

— Melhor você não saber da resposta — aviso, para o caso de ela estar agindo com inocência e não com provocações, como estou sendo levado a pensar.

— Mas eu quero saber — afirma, olhando dentro dos meus olhos com intensidade.

Agora a resposta está clara: Amanda está a fim de provocar-me e levar-me ao limite, ainda que eu já esteja nele.

No meio de uma sorveteria, porra! Nós dois estamos em um meio de tarde de quarta-feira, em uma sorveteria. Certamente não é um bom lugar para ficar duro de tesão.

Também não é um bom momento, considerando a forma como estamos agindo em volta um do outro nos 2 dois em que estive na minha casa, sendo cuidada por mim. Saber que não é o momento certo não impede que eu sinta saudade e nem que acorde todos os dias duro. Uma ereção que não é só a matinal, comum a todos homens quando acordam.

— Saulo, não vai responder?

— Amor, não faça isso conosco. Você sabe que não está preparada para isso e não somos mais namorados, lembra? — joga as suas palavras no seu

colo e ela hesita.

Amanda sabe que nós somos namorados, nos amamos e que, a cada vez que disse o contrário, com menos convicção a frase foi dita.

— Quer que eu deixe a sua casa? Não é a sua obrigação...

— De forma nenhuma — interrompo antes que ela conclua e afirmo: — Amo o fato de estar cuidando de você e de te ter todas as noites ao meu lado.

Tê-la por dois dias na minha casa mostrou como seria perfeito se morássemos juntos, da forma como acreditávamos que seria quando semanas atrás estávamos contando os dias para que a nossa relação deixasse de ser segredo e então poderíamos tentar colocar os nossos planos em prática.

Os seus pais lhe visitaram nas duas noites e não chegaram a questionar a nossa situação, não quando para eles ficou clara a melhora da filha. Para eles existe somente a preocupação com o que realmente aconteceu na loja e eu lhe garanti que irei descobrir e resolver a situação.

— Eu durmo melhor quando estou com você — confessa.

— Também, mas acordo duro todas as manhãs quando desperto com a sua bunda apertada contra o meu pau. — Ao ver a surpresa no seu rosto, emendo um pedido de desculpas, ainda que não esteja arrependido de ter falado. — Foi mal, *amiga* — provoco.

Jogo duro com a Loirinha safada que parece estar bem demais, já que se sente tão disposta para me provocar e percebendo que estou ficando duro em plena sorveteria, dou-me conta de que nem se quisesse, poderia adiar a minha conversa com Laura.

Ainda não fui a empresa depois do acontecido e, nos últimos dias, não tenho feito outra coisa que não seja pensar no assunto. Henry disse que também não tomou nenhuma atitude e eu pedi para que realmente não fizesse. O assunto da Laura é comigo e antes de qualquer coisa, preciso conversar com ela. Fazer com que revele o que fez com Amanda para que tenha tomado decisões tão extremas e contraditórias.

— Vai para a revista? — ela pergunta ao terminar a sua segunda taça de sorvete, depois de ter me feito prometer que não a deixaria tomar mais do que uma.

Obviamente não fiz nada para impedir quando ela pediu a segunda taça ainda maior do que a primeira. Amanda obviamente é uma formiguinha, disso eu já sabia, mas não imaginava que fosse tão louca por sorvetes, um item que não poderá mais faltar na minha geladeira.

Fiquei feliz em ver a sua gula com a sobremesa, pois ela significa que ela está bem. Sobre o estado em que ficou ela não quis falar e, quando lhe

perguntei, disse apenas que estava triste. Não disse com todas as letras que estava deprimida, mas ficou claro quando a vejo melhorar tão rapidamente.

Da minha parte, os dias em que estive miserável e bebendo para aliviar um pouco da dor de perdê-la, parece nem terem existido. Não escondi nem de mim mesmo o fato de não ter sabido lidar com o término e estar novamente com ela por perto é como estar vivendo os melhores dias da minha vida.

Dos piores passei para os melhores e desejo fazer o que for necessário para que os dias continuem felizes, tanto para ela quanto para mim.

— Saulo, não vai responder? — A Loirinha chama a minha atenção ao tocar a minha mão.

— Desculpa, estava com os pensamentos longe.

— Bons pensamentos, espero.

— Pensar em você não podem ser maus pensamentos, meu amor — declaro ao pegar a sua mão e beijar a palma.

— Perguntei se você vai para a revista — repete.

— Vou daqui a pouco. Quer ir comigo ou ficar em casa? Se quiser pode passar um tempo na biblioteca dos meus avós, eu te levo. Sei que gosta muito daquele lugar — digo, recordando-me das vezes em que a levei lá durante os meses em que estivemos juntos.

— Vou ficar em casa. Tenho que terminar de ler algumas matérias que perdi — assevera.

Amanda tem muita matéria acumulada depois de duas semanas sem assistir as aulas e também perdeu algumas provas. Da minha parte, mesmo que seja arriscado e levante alguma suspeita, usarei da minha influência como professor para conseguir que faça as provas sem maiores problemas.

A minha Chapeuzinho é muito inteligente e esforçada e por isso sei que tirará de letra todas elas e não sairá prejudicada ao final do semestre.

— Não vou demorar. Preciso apenas resolver alguns assuntos por lá e logo volto para preparar algo para jantarmos, está bem? — indago ao inclinar o corpo na sua direção por cima da mesa e beijar o canto da sua boca, quando na verdade, gostaria que fosse nela.

— Vou ficar mal-acostumada.

— Essa é a intenção, meu amor.

Depois de tê-la deixando em volta aos seus cadernos, livros e notebook, fui para a Mundo em Foco disposto a organizar alguns trabalhos acumulados e principalmente, para ter uma conversa séria e definitiva com Laura Romani.

A situação se estendeu por mais tempo do que deveria e chegou ao

ponto de eu não conseguir considerá-la nem mesmo como uma amiga. Traiu a minha confiança quando foi confrontar a minha mulher e dizer coisas que suspeito serem piores do que as ideias que passam pela minha cabeça.

Após pouco mais de uma hora trancado dentro da minha própria sala, enfim termino o que precisava fazer e com pressa pego a minha pasta e me dirijo para a sala da mulher.

— Saulo, meu amigo, está tudo certo? — Henry pergunta quando no corredor nos encontramos.

Ele está genuinamente preocupado com a Amanda e acredito que, além de ser por obviamente gostar da minha garota, ela também se deve a influência da sua mulher e melhor amiga da minha.

Clara estava algumas vezes em casa visitando Amanda e a sua presença foi algo que lhe ajudou a se reestabelecer. Não faço ideia do teor da conversa e nem se ela revelou para a amiga o que de fato foi dito por Laura, apenas estou certo de que a amizade das duas é umas das coisas mais lindas que alguém pode de longe presenciar.

— Amanda está bem e agora irei falar com a Laura para entender o que realmente aconteceu naquela noite.

— Pega leve, por favor!

— O que acha que eu vou fazer, Henry? — indago à sua tentativa de defendê-la. — Entendo que a Laura seja a sua amiga, mas ela passou de todos os limites e estou falando isso antes mesmo de saber o que exatamente fez. Você viu o estado em que a minha mulher ficou, então, não aja como se fosse uma mulher indefesa.

— Faça do seu jeito, para mim é difícil, mas estou certo de que saberá como agir — afirma ao dar duas batidas no meu ombro e depois virar-me as costas.

Para Henry é muito difícil enxergar os defeitos dos gêmeos de quem é amigo desde criança. É protetor, mesmo quando estão errados e prova disso são todas as vezes em que livrou a cara do Miguel quando aprontou uma das suas.

Apesar de todos esses fatores, meu amigo também é um homem extremamente justo e correto, fará o que for melhor para todos, mediante a situação em que nos encontramos e que suspeito poder se tornar insustentável.

— Saulo, o que aconteceu? Sumiu por 2 dias? Estava a ponto de ir à sua casa para ver se estava tudo bem com você — diz ao sair de trás da sua mesa e vir para onde estou.

Cheia de intimidade, Laura enrola os braços no meu pescoço e, olhando dentro dos seus olhos, me pergunto se algum dia realmente cheguei a

conhecer a pessoa que ela esconde por trás do bonito sorriso. Querendo acabar de vez com a situação incômoda, aviso:

— Laura, nós precisamos conversar.

Confronto



Saulo

Depois que a frase sai da minha boca, sinto o momento em que ela fica tensa e então afasta-se de mim. Dá alguns passos para trás e já recomposta, continua a agir como se não tivéssemos nada que não seja assuntos de trabalho para tratar.

— Algo com a matéria sobre as profissões do futuro?

— Na verdade, eu vim falar sobre a Amanda, a minha ex-namorada.

— Amanda? Mas o que eu teria para falar sobre aquela coisinha? — indaga sem esconder o desprezo no tom de voz.

— Não se refira a ela dessa forma! — exijo, crendo que seja impossível manter a calma nessa situação.

— Por que a defende tanto depois de ela ter terminado o namoro quando acreditava que estava tão apaixonada por você? Não cansa de ser feito de idiota?

Laura é cruel em suas palavras e para mim não é nenhuma novidade. Há muito comecei a enxergá-la como realmente é e nada mais me surpreende.

— Amanda terminou comigo e tenho certeza de que você sabe muito bem as razões para ela ter tomado tal decisão, até posso apostar que você está diretamente envolvida nesse assunto — acuso.

— Não sei do que está falando. Não pode sair procurando responsáveis para o fim de um namoro que tinha tudo para dar errado. Não percebe que a garotinha te fez um favor?

— Laura...

— Vocês dois não combinam em nada. É bobinha, jovem e inexperiente demais para você. Acredito que mais dias os menos dias iriam acabar percebendo isso.

— Você se encarregou de apressar as coisas, não é mesmo? Meteu-se em uma relação que não lhe cabia e continua mentindo.

— Não sei o que aquela sonsa lhe falou, mas eu...

— Já chega, porra! Até quando vai continuar mentindo? Não percebe o quão patética está sendo? Eu já sei de tudo, Laura. Sei que estive na loja dos Amorim, que discuti com Amanda e no dia seguinte ela deu fim na nossa relação.

— Foi ela quem disse isso? — questiona, ainda mantendo a pose.

— Não importa como descobri! Você vai me dizer o que exatamente disse para a minha mulher e eu aconselho que diga a verdade, pois, se descobrir de outra forma, garanto que as consequências não serão nada boas. Acha mesmo que o Henry vai limpar a sua barra aqui dentro da empresa e te proteger?

As minhas ameaças fazem com que, pela primeira vez, ela demonstre algum temor e só acontece porque toquei no seu precioso trabalho aqui na revista.

— Está me ameaçando por causa daquela moça?

— Aquela moça é a minha namorada e eu a amo. Será que é tão difícil assim de aceitar?

— Muito — admite sem qualquer constrangimento. — Não sei que tipo de amor é esse que prejudica ao invés de ajudar.

— Você está errada. Amanda só tem me feito bem desde o dia em que decidimos ficar juntos. Ela é a melhor coisa que aconteceu na minha vida — declaro sem qualquer razão para fazê-lo.

Faço somente para reafirmar os meus sentimentos, se é que existe qualquer dúvida quanto a eles para qualquer pessoa que me conhece um pouco melhor.

— Que tipo de amor é esse que te faz agir contra os seus princípios? Que faz arriscar o seu trabalho em nome dele?

Quando Laura começa, fica evidente ao que ela se refere e apenas tenho a confirmação de que as minhas suspeitas estavam certas. Nada surpreso, deixo que continue a falar, somente para ver até onde é capaz de ir.

— Namorar uma aluna, Saulo, é sério isso? — com ultraje pergunta.

— E o que você tem a ver com a minha vida, caralho?! O que fez com a minha mulher?

— Não fiz nada, nós apenas tivemos uma conversa e eu a fiz entender que o amor também é querer ver o parceiro bem, a fiz entender que

você poderia jogar a sua carreira como professor no lixo, caso continuasse com ela — diz como se não fosse nada de mais manipular as emoções de alguém da forma como ela fez.

— Você a manipulou e chantageou, Laura. Não use palavras bonitas para justificar os seus atos — falo, quando as minhas suspeitas são confirmadas.

Eu suspeitava que ela tivesse descoberto a respeito da nossa ligação na universidade e por isso esperei o melhor momento para ter essa conversa. Há dois dias estava puto de raiva, mas a minha prioridade era a Amanda e não me arrependo de ter feito tal escolha.

— O que passou pela sua cabeça para fazer uma coisa dessas?

— Querido, da forma como você fala, parece até que cometi algum crime.

— Eu não faço ideia de como você descobriu que sou professor da Amanda, Laura e nem me interessa saber, só quero que saiba que não cairei no seu jogo e muito menos deixarei que interfira na minha vida dessa forma.

— Disse para a sua criança que um escândalo como a descoberta da relação de vocês, dentro da sala de aula, poderia acabar com a sua carreira. Como te ama muito, ela decidiu se afastar.

— E quem iria nos denunciar, você?

— Se fosse preciso, sim!

Deixando que a máscara caia de vez, Laura termina de confirmar o que eu já sabia. Ela chantageou a minha namorada para que terminasse comigo e por me amar demais e não pela falta dele, como Laura quer me fazer acreditar, acabou tomando a decisão precipitada e sem vir até a mim para revelar o que aconteceu entre as duas.

— Pode fazer o que quiser, Laura, inclusive sair daqui e ir direto para a universidade conversar com quem você quiser, mas saiba que sofrerá as consequências. Não pense que trairá a minha confiança e sairá ilesa.

— Está me ameaçando?

— Quem entende de ameaças aqui é você, querida.

— Saulo, querido, desculpa. — Ela vem e tenta me abraçar, mas não tem sucesso. Não quero olhar na sua cara e muito menos que chegue perto de mim. — Meti os pés pelas mãos, sei que errei...

— Chega, Laura! Esse seu papinho não vai colar. Eu te disse que estava apaixonado por Amanda e ainda assim, quis interferir no meu relacionamento. Isso eu não vou perdoar — assevero.

— Não faz isso comigo, Saulo... — Outra vez vem para tocar-me e a seguro pelos pulsos.

— Acabou! Entendeu? Você foi longe demais. Eu não quero mais

ter nenhum tipo de relação com você, nem profissional e nem de amizade. Fica longe de mim e da minha namorada.

Mais brusco do que gostaria, solto os seus braços e viro-lhe as costas. Antes de sair da sala, volto-me novamente e dou o último aviso, acreditando já ter dito e ouvido tudo o que precisava.

— Quanto as suas ameaças, faça o que sentir vontade — blefo.

Para mim não é nada bom que a história venha à tona, ainda mais agora, quando estamos no fim do semestre. Para conter Laura precisarei da interferência do Henry, pois se tem alguém que pode freá-la, essa pessoa é ele.

— A nossa história ainda não acabou, Saulo Moraes. Você pode até não ser meu, mas também não será daquela garota desgraçada.

— Te aconselho a pensar muito bem antes de tentar prejudicar a mim ou a minha namorada, estou certo de que você tem muito mais a perder do que qualquer um de nós dois.

Usando das suas armas, faço a ameaça, mesmo que por dentro esteja apreensivo, com medo de ela cumprir a ameaça e tente algo mais sério contra mim e principalmente, que se torne uma ameaça direta para a Loirinha.

— Você ainda vai ser meu — afirma e não me dou ao trabalho de responder, apenas saio e a deixo falando coisas que não fazem o menor sentido.

À espera do elevador ajo na tentativa de conter as suas ações e ligo para Henry, ao invés de ir falar pessoalmente. Ao telefone, enquanto pego um táxi, conto para ele todo o teor da nossa conversa, principalmente da chantagem e termino com a sua promessa de que, juntamente com o Miguel, tentará conter as ações da Laura.

Assim como eu, acredito que Henry apelará para o seu amor pela revista e ao orgulho que ela sente por ser a vice-diretora da Mundo em Foco. Mesmo chateado com o que ela foi capaz de fazer, Henry seguiu o meu conselho de não tomar nenhuma atitude mais drástica, pelo menos, não até que ameaça deixe de existir.

Espero que nem eu e nem ele estejamos enganados por acreditar que a ameaça ao seu futuro na revista seja capaz de parar a Laura. Se estivermos errados, Amanda eu estaremos muito fodidos, principalmente ela que, por alguma razão, acredita que qualquer coisa relacionada a minha profissão seja mais importante do que o nosso amor.

Se não quero que sejamos descobertos é para proteger a sua reputação e não a mim mesmo. Posso perder qualquer coisa material, pois sempre fui de acreditar na força de vontade e nos recomeços.

Eu poderia recomeçar e faria quantas vezes fossem necessárias, só não posso ficar sem a minha menina. Já deixei claro para Amanda que a amo,

mas parece não ter feito o suficiente. Terei que deixar ainda mais claro o meu amor, para que não restem dúvidas de que ela sempre será a minha escolha.
Sempre!



Quando enfim adentro a sala, a encontro no mesmo lugar em que a deixei: sentada sobre o tapete e rodeada de livros.

— Não acha que já estudou o suficiente por hoje, Chapeuzinho? — indago depois de colocar as chaves em cima do painel e ela se dá conta da minha presença.

— Confesso que já estou bem cansada.

— Tenho certeza de que se sairá muito bem nas provas — afirmo ao me aproximar da mesinha de centro e fechar o livro que ela tem aberto sobre ela. — Vem aqui... — Estendo a mão e, sem qualquer resistência, Amanda a pega e eu a ajudo a se reerguer.

— Tenho uma pergunta para te fazer e preciso que responda com sinceridade, promete? — peço ao me sentar sobre o sofá e a puxar para as minhas pernas.

A minha garota ajeita-se sobre o meu colo e parece ter esquecido que não somos namorados, fato que gosta de lembrar quando estamos agindo como um casal qualquer. Bem íntimos quando acordamos, depois de uma noite inteira dormindo de conchinha, com o meu pau duro cutucando a sua bunda.

— Prometo.

— Você ainda me ama?



Amanda

Você ainda me ama?

Enquanto fito o seu rosto, a frase que acaba de sair da sua boca ressoa na minha mente.

A sua pergunta é válida e a resposta é óbvia, pelo menos para mim.

Amar parece uma palavra pequena demais para explicar e dimensionar os meus sentimentos. Ficar longe e mentir para o homem que amo foi a coisa mais difícil que tive de fazer e imediatamente depois de ter tomando a decisão, quando aos prantos deixei a sua casa e o nosso amor, passei a me questionar se tinha tomado a decisão correta.

O preço parecia alto demais e acabou sendo. Sentir que não poderia mais estar ao lado do Saulo, não sentir o seus beijos e as mãos possessivas sobre o meu corpo, foi demais para mim. Não fui forte o suficiente e acabei me entregando ao vazio que a minha vida se tornou.

— Por que você está chorando, Loirinha? Não foi para te fazer chorar que eu te fiz essa pergunta — diz, puxando-me para os seus braços, aconchegando-me dentro deles.

Sentindo como se finalmente estivesse voltando para casa, depois de uma longa e solitária viagem para um lugar frio, onde a cada respiração e a cada batida do meu coração, a sua ausência foi sentida.

Baixinho, com a cabeça escondida no seu pescoço, chorei e me permiti, pela primeira vez, em dois dias, demonstrar fraqueza na sua frente. Deixando que a minha mentira fique mais evidente do que já havia ficado

quando quis vir com para sua casa. Ficou evidente também quando deixei de ter febre, passei a comer melhor e dormir bem nos dias em que dormi nos seus braços.

As lágrimas também secaram e então me sinto bem. Mais feliz e acredito que tudo voltará ao lugar quando finalmente pudermos viver o nosso amor em paz e sem a interferência de terceiros.

— Está melhor? — volta a perguntar depois de um tempo, quando das lágrimas restam apenas pequenos soluços.

As duas mãos seguram o meu rosto e, olhando dentro dos meus olhos, afirma:

— Se não quiser não precisa falar, irei esperar pelo seu tempo. Mas saiba que eu estive com a Laura...

No momento em que as palavras saem da sua boca, sinto um embrulho no estômago, a cor sumir do meu rosto e então saio dos seus braços. Vou parar bem longe, ele não aceita e vem me agarrar novamente.

Reluto o quanto posso ao tentar me desvencilhar dos seus braços e no fim, termino com os dois braços presos para trás e o corpo todo colocado ao seu.

— *Me solta*, Saulo! Que merda! — Continuo a me mexer como posso e ele acaba com tudo ao beijar a minha boca.

Sem que eu estivesse esperando, a sua língua me invade, o meu corpo amolece e, ao perceber isso, ele me abraça apertado.

Eu aceito e correspondo o seu beijo com muito entusiasmo, dando e entregando tudo que não tive em duas semanas. As nossas línguas se buscam e tudo é esquecido.

Apenas o nosso desejo importa, matar a saudade que vínhamos sentindo. Saudade que doía, que sufocava. As nossas respirações se misturam e estão ofegantes.

— Como eu amo te beijar, meu amor... — De dentro da minha boca, Saulo tenta falar e logo volta a beijar.

Quando o beijo parece não ser o suficiente, ele segura nas minhas coxas e com força e rapidez, enrola as minhas pernas na sua cintura. Tão juntos o quanto é possível estar, as nossas bocas continuam a consumir a do outro e dessa forma ficamos até que Saulo nos levou para o sofá.

Sobre eles ficamos nos beijando, nada foi dito por um tempo e o único som no cômodo foi o dos nossos gemidos e ofegar. Quando eu e ele — considerando o fato de eu estar sentindo a sua ereção por baixo da minha bunda — chegamos ao limite do desejo, onde os beijos não eram suficientes, Saulo ainda tentou nos parar, sem sucesso.

—Amanda, amor... É melhor pararmos, você ainda não está bem para...

— Por favor, Saulo, eu preciso de você. Apenas me faça sua. — Estou implorando e não sinto o menor constrangimento.

Tudo o que preciso agora é de me sentir preenchida, corpo, alma e coração. O alívio da qual privei a nós dois por duas semanas.

— Eu quero você, minha gostosa, Quero tanto que chegar a doer.

Rapidamente, mas não o suficiente, as nossas roupas foram sumindo, pelos menos as necessárias. Sem qualquer cuidado puxei as bandas da sua blusa e vi e ouvi os botões dela voarem longe. Quando seu peito ficou nu para a minha apreciação, levei um tempo o beijando, brinquei de morder e chupar cada um dos seus mamilos e isso o deixou ainda mais excitado, algo que ficou claro quando começou a gemer mais alto e segurar no meu cabelo com firmeza.

A brincadeira durou pouco para mim, pois Saulo parecia querer ele mesmo fazer a sua própria festa ao tirar a minha blusa, juntamente com o sutiã e em mim fazer o mesmo que fiz com ele, com muito mais experiência e uma pitada a mais de safadeza.

Estando desajeitadamente sentada sobre as suas pernas, desfruto da sua boca quente e gananciosa, sinto o meu corpo todo trêmulo de desejo quando os seus dedos enveredam-se por baixo da minha saia, as pontas tocam a minha calcinha e a encontra completamente úmida.

Ele toca o meu sexo por cima do tecido em conjunto com a boca que devora o meu seio por muito tempo. Uma lenta e doce tortura.

Quando estava a ponto de implorar para que desse o alívio que eu precisava, meu amor levou-me para o tapete felpudo da sua sala e depois de empurrar alguns livros para fora do nosso caminho, deitou-me de costas e veio para cima de mim como um leão faminto e feroz.

Saulo e os seus olhos faiscantes de desejo, teve tempo apenas de abrir o botão da calça, descer ela com cueca e tudo e cheio de pressa, abriu as minhas pernas. Com as duas mãos levantou a minha saia até tê-la embolada na minha cintura e sem qualquer delicadeza, arrebentou a lateral da peça, levou a mesma até o nariz e essa pareceu a cena mais erótico que eu já tenha visto na minha vida.

Cheia de expectativa, esperei pelo momento em que ele entraria dentro de mim, mas Saulo mostrou que tinha outros planos. Vi seu corpo lentamente arrastar-se sobre o meu e a cada pedaço percorrido, parou para dar um beijo.

Começou pelos seios, passou pelo abdômen e umbigo, para enfim

terminar na parte que mais desejava a sua presença. Saulo primeiro beijou cada um dos lados internos da minha coxa, para depois tocar onde necessitava da sua atenção. Beijou a parte superior da minha boceta e então, como se quisesse me matar de prazer, beijou como faria com a minha boca, caso a estivesse beijando.

Gemendo, gritando e fincando as minhas unhas no tapete em busca de apoio, senti o máximo prazer de ter o sexo beijado, mordido e chupado. Tudo por um homem experiente e que sabe como dar prazer a uma mulher.

No limite entre a dor e o prazer, me vi a beira do precipício por algumas vezes, quando o meu homem uniu dedos as chupadas e beliscadas no meu mamilo com a mão livre e em nenhuma delas pude saltar.

— Saulo...

— Calma, amor, você vai gozar, mas será apenas quando tiver com o meu pau inteiro atolado na bocetinha gotejante de tesão. — Dito isso, dá mais uma longa chupada, onde a ponta da língua toca a parte interna da minha vagina e depois escala o meu corpo, no processo arreganhando as minhas pernas para que possa acomodá-lo entre elas.

— Vou te comer todinha, Chapeuzinho. E com isso — com uma única estocada, entra dentro de mim e continua — você saberá que está em dívida comigo e eu não descansarei até que pague pelos dias que fui obrigado a ficar sem isso aqui. Sem sentir o calor do seu corpo e dessa boceta quente e apertada esfolando o meu pau.

— Por favor, meu amor...

— De novo — pede, passando a se mover com rapidez e força. — Repete, caralho!

— Meu amor — digo e o sinto ir profundamente, tão profundo o quanto é possível. — Meu amor.

Em meio das penetrações vigorosas que me tem suando, gemendo e gritando em alto e bom tom que quero mais e mais, Saulo e eu fazemos o sexo mais intenso das nossas vidas.

Não foi sobre fazer amor e reafirmar sentimentos, como estamos precisando fazer, é tudo sobre sexo. A paixão que por dias e dias não pôde ser vivida. Foi reprimida e agora a saudade acumulada junto com o desejo cobra com seu preço.

— Você é o meu amor. A minha mulher e eu só quero você e mais nenhuma — diz com a testa encostada a minha, cansado pelos movimentos frenéticos e exigentes, mas nem por isso deixa de penetrar-me. — Agora, quero que você fique de quatro.

Ele sai de dentro de mim com pênis ainda duro como pedra e com a sua ajuda, faço como me pede.

— Eu amo a sua bundinha. Gosto de te comer tendo ela como visão.
— Junto com as afirmações, sinto a sua mão cair sobre a minha bunda e o sexo novamente a me penetrar.

Agarrado a minha cintura, meu amor bate e volta sem parar e eu continuo a pedir por mais, nada parece ser o suficiente nesse momento. Eu e ele queremos mais. Sempre mais.

— Quero que você goze, minha Loirinha, goze para o seu homem, como te imaginei fazendo todas as vezes que me masturbava pensando em você.

A voz dele é rouca ao meu ouvido quando as minhas pernas cedem e eu caio deitada no tapete. Ele vem por cima, cobrindo as minhas costas, mas tendo cuidado para não colocar todo o peso do seu corpo sobre o meu.

Amo o fato de tê-lo assim: dentro de mim e por cima de mim, cobrindo o meu corpo. Sinto-me bem e protegida o tendo dessa forma.

Quando, junto com as arremetidas, Saulo leva a mão ao meu clitóris, basta que ele o toque e eu gozo, o meu corpo todo fica trêmulo. O seu gozo vem logo em seguida, é forte, intenso e, mesmo assim, continua a socar e beijar o meu pescoço, enquanto fala o quanto sentiu a falta de nós dois, do nosso sexo.

Depois do primeiro orgasmo, mais dois vieram para cada um de nós e só paramos quando não conseguíamos fazer nada além de respirar aos trancos e barrancos.

Agora estamos jogados de costas sobre o tapete, suados, agarrados, cansados e sujos. Muito sujos como sempre acontece ao fazermos sexo sem camisinha.

Sexo sem camisinha...

A percepção da realidade faz com que outras ideias venham à minha mente e por isso não consigo ficar deitada ao seu lado, nos seus braços.

— Transamos sem camisinha — digo ao me sentar de costas para ele, para que não possa ver no meu rosto a decepção pela conclusão que havia chegado antes de nos agarrarmos.

Não tenho nem mesmo o direito de me sentir dessa forma. Não fui eu quem terminou e o jogou nos braços da Laura?

Se sei de tudo isso, por que será que dói tanto?

— Algum problema? Nós sempre transamos sem camisinha, Amanda — declara ao sentar e beijar as minhas costas. — A menos que você não esteja tomando o anticoncepcional, é isso?

— Eu não tomei esses dias — confesso, dando-me conta de que nem tinha pensado nesse fato, só pensei que ele esteve com Laura e dói tanto que chego a sentir como se fosse sufocar.

— Não tem problema se nós dois tivermos um filho — diz com

tranquilidade e quando olho incrédula para o seu rosto, ele emenda: — A ideia de termos um bebê seria tão ruim assim para você?

Ele está magoado, é isso?

Como pode agir dessa forma quando esteve com a pessoa que fez tanto mal a nós dois?

— Você esteve com a Laura — revelo o motivo do meu incômodo e o safado sorri da minha cara.

Fico olhando para a sua cara de pau, sem acreditar no que vejo, e Saulo ultrapassa os limites ao puxar-me novamente para o tapete e se deitar parcialmente sobre o meu corpo.

— De onde tirou isso, gatinha ciumenta?

— Você disse: Estive com Laura. Eu não sou surda, idiota.

— Vou enxergar esse seu ciúme bobo como um bom sinal, meu amor.

— Não é ciúme, é raiva mesmo. Você poderia enfiar esse seu pau em qualquer uma, menos na Laura — aviso, sendo muito ciumenta.

— Qualquer uma?

Não levando a sério nada do que sai da minha boca, o homem começa a beijar meu pescoço e todas as partes do meu rosto.

— Nenhuma, duas semanas é pouco tempo para sair trepando com qualquer uma, ainda mais com aquela mulher.

— Eu não estive com nenhuma outra mulher nessas semanas em que estive sem você, bebê. O meu pau esteve no máximo entre os meus dedos, enquanto bati uma pensando em você — garante.

— Tem certeza?

— Não que não pudesse, não é mesmo? Você deu um pé na minha bunda e eu estava livre e solto.

— Sai de cima de mim, Saulo — exijo irritada e não sei o porquê de estar assim se ele está certo.

Poderia muito bem ter saído pela cidade, bebendo para afogar as mágoas e ficando com outras mulheres, enquanto eu estive doente, quase definhando de saudade. E, se fui eu quem procurei, nada mais justo do que sofrer as consequências pela escolha, ainda que a tenha feito como prova de amor.

— Não saio e peço desculpa por ter falado besteira. Não pense que estive muito melhor do que você nos últimos dias. Senti tanto a sua falta que achei que fosse enlouquecer de saudade.

— Desculpa.

— Não tem o que perdoar, Chapeuzinho. Só quero ficar com você e nada mais importa. Mais cedo estive conversando com a Laura e agora quero

conversar com você.

Meu corpo fica tenso quando menciona a conversa com a outra e, pela forma como falou, não tenho dúvidas de que já sabe de toda a verdade.

— Tudo bem.

— Antes quero ir para o chuveiro com você — afirma, passando a mão das minhas costas para o meu seio ainda sensível pela recém-atividade.

— Estou fedendo? — brinco, deixando o medo e a tensão de lado.

Saulo sabe de tudo e ainda assim estamos aqui, melhores do que nunca. Não tenho vergonha de concluir que talvez eu tenha tomado a decisão errada, mas, ao mesmo tempo, não me arrependo delas, pois a fiz por amor, não por quaisquer outros motivos, apenas por amor.

Terminar o namoro quando estávamos tão bem fez mal tanto para mim quanto para ele e agora, o que mais quero é acertar os pontos, saber que estamos bem e juntos, que independente do que possa acontecer, nenhuma provação será pior do que a que eu mesma nos impus.

— Cheirando a sexo. Você tem o delicioso cheiro de sexo, loira gostosa. Mas nós precisamos fazer esse sacrifício que é tirar ele do seu corpo, senão vou ficar tentado a passar o fim da tarde e a noite inteira te comendo, matando a saudade — afirma com a sua costumeira linguagem crua e sacana.

— Mas eu nem sou a sua namorada — brinco ao apoiar as minhas costas no seu peito, bastante satisfeita por ainda tê-lo brincando com o meu seio.

— Não é mesmo, Amanda Amorim. Você é a minha mulher e um dia será a mãe dos meus filhos. De todos os quatro — assevera, feliz, mordendo o meu ombro.

— Quatro?

— O primeiro nós podemos fazer no banho, o que acha? — Em uma manobra rápida, tão rápida que chega a me deixar tonta, não sou capaz de acompanhar o momento em que o homem levanta do tapete, puxa-me pelos braços e me carrega entre os seus para o banheiro.

— Talvez o primeiro já tenha sido feito — diz.

— É, talvez o primeiro já esteja na minha barriga — confirmo, divertida, não levando o assunto com a seriedade que ele merece.

Nenhum de nós dois estamos, ainda que existam tantas coisas no nosso caminho e assuntos para resolver. Não estamos preocupados, porque nos amamos e sabemos que, de um jeito ou de outro, tudo se ajeita se no fim estivermos juntos.

Tentei fazer do meu jeito e não deu certo, agora deixarei que faça as coisas do seu jeito, pois de todos o sofrimento que impus para nós dois, aprendi uma importante e valiosa lição:

Amanda Amorim e Saulo Moraes não nasceram para ficarem separados.

A nossa vida é como um livro de romance e, tal como eles, não se aceita outro final que não seja o feliz.

Depois da tempestade



Saulo

Dois meses depois...

— Você poderia deixar de ser preguiçosa e abrir esses olhos, Chapeuzinho, tem alguém aqui que está louco por atenção — sussurro ao seu ouvido, mordendo a ponta da sua orelha e ela geme, aproveitando para roçar no meu pau duro a sua bunda desnuda.

É meio de tarde e nós dois estamos na cama, deitados de conchinha, posição que muito me agrada, pois com ela tenho a minha pequena Loirinha nos braços e não menos importante, a sua bundinha em contato direto com a minha ereção, ainda mais agora que meu pau e ela estão mais íntimos, depois que a gostosa nos deu passagem livre.

Certamente foi umas das melhores noites da minha vida, só perdendo para a que aceitou ser a minha namorada e usar o meu anel no seu dedo. O mesmo anel que há dois meses esteve guardado no fundo da minha gaveta e que não demorou a voltar para o seu dedo, depois que retomamos a nossa relação.

Dois meses se passaram, a tempestade que nos alcançou foi esquecida e parece nunca ter acontecido.

— Hum — Amanda geme, aconchega-se melhor nos meus braços e deixo que durma. Ela ficou esgotada, depois de algumas horas da tarde dedicadas ao sexo.

Dessa vez nem posso dizer que fui eu a seduzi-la, considerando que

ela agiu como faz todas as vezes após o seu ciclo menstrual. Ficamos entre quatro e cinco dias sem transar no período em que fica sensível e chorona como um bebê. A mim cabe o papel de entendê-la e cuidar quando as cólicas a deixam de cama.

Depois que passa, a minha Loirinha fica doce e tarada por sexo. Eu, como sou louco por ela, deixo que use e abuse do meu corpo e cenas como essa tornaram-se comuns, assim como é a nossa rotina depois que passamos a morar juntos.

Se tudo parece calmo agora, somente eu e ela sabemos o que tivemos de sofrer para alcançarmos a felicidade que hoje vivemos dentro do nosso mundinho, onde não cabe mais ninguém além de nós dois e o nosso amor.

Lembro como se fosse hoje do dia em que tivemos a difícil e sincera conversa, onde tudo foi colocado em pratos limpos e o nosso amor foi reafirmado.

Nos amamos cheios de saudades e no momento em que paramos para conversar, entendi a atitude que tomou e a amei ainda mais. A minha menina foi chantageada por Laura e por amor tomou a pior decisão. Não concordei, mas entendi a sua atitude. Entendi porque não sei se teria agido diferente se estivesse no seu lugar.

Para ela disse com todas as letras que nada e muito menos o cargo na universidade é mais importante do que a nossa relação, deixei claro que a minha preocupação com a nossa delicada situação era mais por sua causa do que por mim. Não queria que tivesse a sua reputação manchada por se relacionar com um professor e não aconteceu.

Os dias depois da nossa reconciliação foram felizes e nós dois agíamos como se estivéssemos em lua de mel sem antes termos nos casado. Dia após dia vi a saúde da Loirinha se reestabelecer e até mesmo o peso perdido voltou a recuperar.

Amanda voltou a frequentar as aulas e nós dois passamos a agir com mais cuidado e medo pelo Campus. Era como se a todo momento estivéssemos correndo o risco de sermos descobertos por qualquer pessoa. Não deixamos de trocar as nossas mensagens no refeitório e muito menos de vez ou outra fugirmos para conversarmos — nos beijarmos — em algum canto da biblioteca. Apenas o fazíamos com o maior cuidado.

Sabíamos que o medo era injustificado, pois a Laura não era mais uma ameaça real, considerando que Henry deu um jeito de neutralizá-la e, felizmente, como pensávamos, não quis arriscar em, mais uma vez, agir com maldade e trair também a confiança do Henry, depois de já ter feito com a minha.

A nossa relação acabou por completo e nem olhar na cara um do outro conseguimos mais. Todo o trabalho que fazíamos juntos passou a ser intermediado por outra pessoa e com isso posso cumprir com a minha promessa de não perdoá-la por ter traído a amizade que acreditava ter nos restado.

— Saulo...

— Estou aqui, Amanda. — Com carinho, passo a mão pelo seu ombro, o sacudo com cuidado e ela nem chega a se mexer. Levanto a cabeça, analiso o seu rosto e constato que está dormindo e falando enquanto o faz.

Descobri que tem essa mania e é muito engraçado presenciar quando, algumas vezes, acordo e a pego falando coisas sem sentido que sempre envolve a mim, aos seus pais ou as amigas Clara e Camila.

Há duas semanas estamos oficialmente morando juntos, as mesmas duas semanas em que as aulas terminaram e eu, enfim, deixei de ser o seu professor e também a Universidade. A Loirinha ficou um pouco chateada por ter sido obrigado a tomar tal decisão e mais uma vez tive o prazer de dizer e mostrar que para mim, ela sempre virá em primeiro lugar.

Não tive problema em pedir transferência e ao ser questionado dos motivos que me levaram a tomar tal decisão, disse vagamente que estava em busca de novos desafios — o desafio de não precisar namorar as escondidas feito um adolescente.

Apesar de a minha namorada e eu termos nos empolgado trazido os seus pertences para a minha casa 2 dias depois do fim das aulas, a verdade é que ela já estava praticamente morando comigo desde o dia em que retomamos a nossa relação e contamos para os seus pais e aos meus avós.

Eva e Otávio não fizeram qualquer objeção aos vários dias em que ela passou dormindo na minha casa. O fazia dia sim e outro não e quando decidimos colocar em prática os planos que por meses viemos fazendo, eles pareciam já estarem esperando que acontecesse.

A Eva ficou visivelmente triste por ver a filha mais velha criando asas e voando para longe dela — palavras da própria —, mas acabou desejando que a filha fosse feliz e já fazendo planos para o casamento, que segundo ela, não pode demorar a se realizar. O Otávio — bem sério — perguntou se estávamos certos da decisão tomada e a nossa resposta foi curta e objetiva, tanto que agora estamos assim: deitados na nossa cama.

Bem agarrados depois de uma tarde de amor, quer dizer, sexo selvagem. Amanda, que não tem o menor pudor quando está com tesão, fica doida depois de alguns dias sem sexo. Eu também fico, mas ela fica o dobro.

Vivemos 2 meses como se fosse 1 semana, o amor deu lugar ao sofrimento que não nos abateu quando por um período grande demais — ao meu

ver — estivemos separados e talvez por isso valorizamos tanto cada minutos que temos para ficarmos juntos.

Agora que a maior ameaça a nossa relação deixou de existir e Amanda e eu começamos a viver de uma vez tudo o que planejávamos, mas não podíamos, o fazemos com pressa, como se a ameaça ainda existisse e não fôssemos ter tempo se deixarmos algo para depois.

Com seis meses de namoro, eu e a minha Loirinha já falamos sobre tudo, de filho a casamento e acredito que sejam os nossos próximos passos, principalmente o casamento, algo que a minha namorada sonha um dia fazer, como uma boa romântica que é. Ela merece ter a celebração com tudo o que tiver direito e da minha parte, cabe esperar ansiosamente pelo momento em que se tornará oficialmente minha esposa.

Quando no dia da nossa reconciliação transamos sem camisinha e por causa da sua saúde debilitada ela não estava tomando o anticoncepcional, esperamos para fazermos o teste e ele deu negativo. Em nenhum momento nos apavoramos com a ideia de sermos pais, no entanto, depois que confirmamos que ela não estava grávida, conversamos e decidimos que foi o melhor que poderia acontecer.

Se o nosso bebê tivesse vindo naquele momento, teríamos o amado e ficado felizes, mas como não veio, entendemos que o momento é de curtimos a dois a nossa relação que custou a acontecer e depois teve tantos obstáculos a serem contornados.

— Onde estão os seus pensamentos, moreno? — Com a voz ainda grogue por ter acabado de acordar, minha Loirinha se deita de frente para mim e enrosca a perna na minha cintura. — Parecem bem distantes — afirma, aproximando o rosto e beijando o meu peito.

— Estava pensando em você e no dia em que poderei te chamar de minha mulher — digo, testando a sua reação. Já sei que quer, mas preciso reafirmar para só então planejar o pedido da forma como ela merece.

— Pensei que já fosse — diz, fazendo charme.

— Esposa, casamento e aliança no dedo esquerdo.

— Se você pedir, vou aceitar — afirma, aconchegando-se nos meus braços que envolvem a sua cintura. Deitados de lado e de frente para o outro, ela parece tão pequena que é impossível frear os instintos protetores que vêm com força.

— Fico aliviado de saber disso, amor. Agora me diz: o que pretende fazer no resto da tarde? Não vale dizer que quer ficar quicando no meu pau porque ele já está esfolado de tanto você sentar nele — brinco, ainda que seja a verdade.

— Hoje não, tenho de me encontrar com a Camila, não ficará nada contente de saber que escondi dela a nossa relação.

— Ela é doida, não é?

— Percebeu?

— No primeiro dia de aula no semestre passado — digo ao lembrar da garota que conseguia conversar com a turma toda, sem nunca se cansar.

Eu que não sou de reparar em nenhum aluno em particular, não pude deixar de ignorar a presença da garota que parecia ter certa dificuldade em manter a língua dentro da boca. Foi uma surpresa ver ela e Amanda grudadas pelo Campus, pois eu não poderia pensar em uma amizade mais improvável quanto a das duas.

São diferentes em vários níveis, mas ela e Clara também são e se dão muito bem, como duas irmãs.

— Ela vai ficar doida quando souber que estou namorando o professor carrasco — assevera, empurrando o meu peito para trás, fazendo com que eu me deite de costas e em seguida se deitando em cima de mim.

— Chapeuzinho, eu não acredito que você já quer foder novamente — digo, mas a minha mão já está sobre a bochecha da sua bunda, a apertando com gosto.

— Só uns beijinhos e nós iremos para o banho, está quase na hora marcada por nós duas.

Os beijinhos transformaram-se em amassos bem quentes e só não evoluiu para o sexo porque ela estava empenhada em encontrar-se com a colega.

Amanda

— Eu não sei se te mato ou dou os parabéns. — Embasbacada com tudo que lhe contei, Camila mais uma vez me surpreende quando reage completamente diferente do que eu achei que faria. Acreditei que ficaria com raiva pela omissão, mas ela está apenas surpresa.

— Não está chateada mesmo?

Preciso ter certeza, pois não quero perder a amizade da pessoa que fez com que eu me sentisse menos deslocada, assim que coloquei os meus pés no Campus.

— Não estou, mas é só porque você mostrou ser mais esperta do que eu imaginava. Pegou um dos homens mais gatos da cidade. — O elogio me

surpreende e a garota das mechas percebe. — O que foi? Eu o acho um carrasco, mas nunca neguei que também o acho um pedaço de mal caminho — diz com a sua conhecida franqueza.

— Ele que me pegou, na verdade... — Relembro a noite em que nos conhecemos, história que, com detalhes, acabei de lhe contar.

— Não pense que vou te perdoar por ter escondido os motivos pelas quais ficou 2 semanas sem comparecer na faculdade. Quase enlouqueci de preocupação, Loirinha — reclama, não pela primeira vez, pois de tudo que contei, Camila só ficou chateada por não ter ficado sabendo que fiquei doente. Ignorou completamente o fato de não ter falado acerca do meu namoro com Saulo, mesmo depois do fim do semestre.

Recebi muitas ligações e mensagens suas na fase mais difícil da minha vida e não atendi ou respondi nenhuma delas. Ela está certa de ficar um pouco sentida com o que fiz e tenho certeza de que também ficaria, se estivesse no seu lugar.

— Se me perdoar será a madrinha do meu casamento — afirmo e o seu olhar com fingida indignação me fuzila.

— Está querendo me comprar com... Espera um momento! Você disse casar? Tipo casar de papel passado, vestido de noiva e aliança no dedo?

— Isso mesmo que você ouviu! Estou esperando ser pedida em casamento — revelo.

— Vocês dois estão bem apressadinhos, parecem aqueles casais que no espaço de 1 ano, namoram, casam e tem filhos. E não leve isso como uma crítica, no lugar de vocês faria o mesmo.

— Faria?

— Com certeza! Invejo você e a ele também — afirma, enquanto caminhamos pelo parque bonito e arborizado no final da tarde de sábado.

— Tenho até medo de perguntar o que quer dizer com isso — falo, mas a minha curiosidade é maior, então eu quero sim saber qual próxima pérola que sairá da sua boca.

— Invejo você por poder foder com um homem como o Saulo, quando e onde quiser e invejo ele por poder tocar uma mulher tão gostosa como você — Camila fala com seriedade, olhando para o meu rosto e depois para o meu corpo com intensidade e algo que não posso identificar.

De todas as formas que Camila poderia me surpreender, em nenhuma delas imaginei algo como o que acabou de sair da sua boca.

— Camila, você é lésbica?

A minha pergunta não a surpreende, pelo contrário, ela abre o seu sorriso malicioso e diz:

— Gosto de pessoas, loira, tanto homens quanto mulheres. Beije e transei com os dois sexos e até mesmo com ambos ao mesmo tempo. Curto ser penetrada e sentir as mãos fortes de um homem tocando a minha pele e também gosto de sentir a maciez do corpo de uma garota com as minhas mãos. Gosto do cheiro e também dos gemidos de prazer.

— Bissexual? — indago, sentindo-me um pouco excitada pelas coisas que ela falou, assim como fico quando leio cenas parecidas nos meus livros de romances eróticos.

Por um momento, uma cena passou pela minha cabeça, uma loucura que poderia resultar uma merda federal. Mas não posso fazer nada se tudo que ela falou parece combinar muito com o doido do Miguel. Os dois, parando para olhar bem, parecem combinar. Ambos loucos e ambos que parecem querer curtir a vida sem compromisso.

— Eu prefiro dizer que gosto de me aventurar, não tenho problema nenhum em ficar com mulher, inclusive, gosto muito, mas não a ponto de substituir um pau bem grande e grosso. O Saulo não tem nenhum amigo para me apresentar? Não precisa ser para casar, como vocês dois farão, quero apenas transar com alguém que saiba o que está fazendo. Ando meio cansada de ter que ensinar aos homens a como acertar o buraco, qualquer um deles.

Sim, a garota de 21 anos fala com a experiência de uma mulher que tem mais de 30 anos. Em meses de amizade sempre soube que Camila é uma garota livre, alegre e que fala exatamente tudo o que pensa, mas as suas preferências sexuais nunca foram mencionadas e não chego nem mesmo a ficar surpresa.

— Talvez eu tenha um amigo para te apresentar e acho que você vai gostar — assevero e ela olha cheia de expectativa.

— Que maravilha! Não vejo a hora de não mais precisar me masturbar pensando na sua boca e nos seus seios, imaginando como deve ser...

As palavras da Camila fazem com que eu fique desconcertada a ponto de tropeçar em uma pedra e sinto o meu rosto pegar fogo, como se estivesse incendiando. Ela começa a sorrir descontroladamente e antes que eu tenha a chance de abrir a boca para dizer qualquer coisa, fala:

— Eu estava brincando, loira. Você já devia ter aprendido que não deve levar a sério tudo o que sai da minha boca. Confesso que te acho muito gostosa, além de linda, mas não estou a fim de você. Na verdade, estou a fim do pau do seu amigo, como é mesmo o nome dele?

— Miguel Romani — digo, ainda encabulada.

— Miguel Romani, nome de homem bom, que sabe como pegar uma mulher de jeito. Quando irei conhecê-lo?

Por mais de uma hora, minha amiga e eu permanecemos no parque, até que a certa altura, a Clara se uniu a nós duas e, como não poderia deixar de ser, as duas se deram bem logo de cara, tanto que chegou um momento em que perguntei se as duas não gostariam que eu fosse embora para que conversassem a sós.

Obviamente estava brincando, pois não poderia ter ficado mais contente por elas terem se dado tão bem.

Falamos mais sobre a minha vida do que qualquer outra coisa, principalmente do arranjo que Saulo e eu fizemos ao decidirmos morar juntos e dos planos para o futuro.

Quando já de noite peguei o meu carro para ir para casa, o fiz com a sensação de que estava sendo observada, assim como aconteceu enquanto estive no parque com as minhas duas amigas. Sei que é um temor infundado e que está tudo certo.

Também estou ciente de que ele existe por eu ter a impressão de que estamos felizes demais e estar feliz demais trás o medo natural de que tudo acabe, que, de uma hora para outra, tudo se desfaça, como um castelo de areia. Saulo não sabe desses sentimentos que venho carregando e assim prefiro que continue, pois estou certa de que está tudo bem.

Talvez o sofrimento pelo qual passei há dois meses tenha sido maior do que qualquer um imagina, maior do que eu mesma suponho e tudo que não quero é passar novamente por ele. Sentir a sensação de não ser mais eu mesma. De não ter forças para se levantar da cama e ter de me esforçar até mesmo para respirar sem que seja doloroso além dos limites do suportável.

Sempre me enxerguei como uma pessoa tola e romântica demais por sonhar que um dia amaria um homem e seria tão amada que não poderia pensar na minha vida sem essa pessoa. Por caminhos tortuosos e de maneira improvável, a vida me presenteou com muito mais do que eu poderia sequer imaginar. Não com tamanha intensidade e nem com tanta urgência.

Hoje, se ainda tenho o direito de acreditar em encontro de almas, desconfio que ele e eu sejamos um exemplo desse encontro. Duas metades de um só coração batendo em corpos diferentes e, mesmo que o caminho tenha sido difícil, no fim estaremos juntos, pois Amanda sem Saulo é apenas uma existência vazia.

AgriDoce



Amanda

Um mês depois

— A mulher mais linda do evento é a minha loira, isso sim que é motivo de orgulho.

Malicioso, o meu namorado vem me encontrar no meio do caminho depois que saio de uma conversa com Clara que está acompanhando o Henry no evento organizado pela empresa e por isso, Laura e Miguel também estão presentes.

Chamei Camila para que ela enfim conhecesse Miguel, mas algo aconteceu na sua casa e ela não pôde vir. De qualquer forma, tenho certeza de que ela não vai desistir. Não me deixou em paz em um mês, duvido que o faça agora.

— E você está um tesão com esse terno e gravata — devolvo o elogio quando ele enlaça a minha cintura e beija de leve os meus lábios, pois sabe que aqui não é o lugar para irmos além, também não quer tirar o meu batom que adora quando o coloco na cor vermelha.

— Tesão você vai sentir quando eu arrancar a sua calcinha pequena com os dentes — promete e não tenho dúvidas de que irá cumprir.

— Vai demorar quanto tempo? — indago, pois apesar de termos acabado de chegar, sinto-me extremamente incomodada por estarmos aqui nesse salão.

Laura parece estar em todos os lugares no espaçoso salão e todas as vezes que a olho, ela está me encarando de um jeito muito estranho.

— Está tudo bem, bebê. Ela não vai se aproximar de você. Não seria tão louca — assevera, fazendo a mesma afirmação da ocasião em que informou que a Mundo em foco faria uma recepção para alguns parceiros, algo que é feito todos os anos, segundo disse Saulo. Como sua namorada tive que vir, mesmo sem qualquer empolgação.

Vim porque ele precisa que eu esteja do seu lado, assim como ficou do meu, todas as vezes em que precisei.

— Quer ir lá para cima? — Nós dois olhamos para a parte superior do salão do luxuoso hotel 5 estrelas, reservado exclusivamente para o evento. — Lá tem uma sacada bem linda e nós podemos ficar a sós e longe de pessoas que te incomodam. — Olha por cima dos meus ombros, certamente vendo o mesmo que eu: Laura a nos observar.

Com o tempo e depois de ter conseguido me abrir com Saulo a respeito das sensações ruins que vinha sentindo, ele, com o seu carinho e segurança, acabou me convencendo de que estava tudo bem, que meu medo era injustificável. Agora que estávamos na presença de Laura, a sensação vem com força e tudo o que mais quero é fugir do seu olhar gelado.

— Você não tem dezenas de pessoas para cumprimentar? — o questiono, não querendo atrapalhá-lo de nenhuma forma, apenas pela necessidade de sentir-me bem.

— Esse papel é do Henry e da Laura. Sorte dele que tem Clara ao lado e isso tornará a noite menos tediosa — afirma. — Agora chega de conversa, meu amor, vamos subir?

— Se não for atrapalhar.

— Já disse que não, Amanda. Vem.

Possessivamente abraçado a minha cintura, ele nos encaminha pela longa escada até a sacada que ele fez propaganda.

Por vários e prazerosos minutos, nós dois ficamos a sós no nosso canto, conversando e namorando, antes que o salão enchesse e ele tivesse que descer para pelo menos falar com alguns dos convidados, afinal, ele é o principal fotógrafo da empresa.

— Amanda. — Do alto da escadaria meu namorado chama, fazendo com que eu me volte em sua direção e pare o meu caminhar.

De frente para ele, o sinto me abraçar com carinho e nos seus olhos vejo algo diferente que não estava antes, algo que não sei definir, apenas sinto que é bom.

— O que houve, amor?

— Você está linda, parece uma deusa e sinto orgulho de te ter como namorada — elogia, olhando-me da cabeça aos pés, admirando o longo e

esvoaçante vermelho que o fez quase babar quando me viu com ele.

— Também não tenho do que reclamar, é o melhor namorado do mundo e morar com você tem sido a melhor das experiências.

— Digo o mesmo, amor. Agora vamos para o salão principal, as pessoas...

— Pessoas? Você está tão misterioso.

— Impressão sua, loira linda.

Enquanto descemos, degrau por degrau e eu observo o grande salão, tenho a sensação de ter dobrado o número de convidados. Quando alcançamos o último, olho em volta e me dou conta de que, além das várias pessoas desconhecidas, no meio delas estão todas as pessoas que são importantes para mim, desde amigos próximos até parentes mais distantes.

Os avós do meu namorado estão lindos ao lado dos meus pais. Camila — que havia dito que não viria — também está presente e ao lado da Clarinha, a minha irmã do coração.

— Amor, acho que nós entramos em uma realidade paralela. O que os nossos amigos, os seus avós e os meus pais estão fazendo aqui?

Ao olhar para o Saulo, ele está com um sorriso misterioso no rosto e nada diz. Olho novamente para o salão, enquanto, aparentemente, estou sendo encaminhada pelo meu namorado para o centro dele, momento em que todos começam a calmamente se afastar, dando-nos espaço.

— Saulo, fala alguma coisa, amor — sussurro. — Nós enlouquecemos ou foram todas essas pessoas?

— Eu enlouqueci, Amanda! — com bastante seriedade, Saulo fala, virando-me de frente e segurando as minhas duas mãos que parecem trêmulas e geladas. — Desde o dia em que te vi pela primeira vez, eu fiquei louco. Louco por você.

As declarações, que não são ditas apenas para mim, deixam as minhas pernas fracas, o coração batendo acelerado por pura alegria e junto com ela, a timidez por estar sendo o centro das atenções, mesmo que seja em uma situação tão romântica.

— O que você....

— Amor, está vendo todos os nossos amigos e familiares? — Balanço a cabeça em sinal positivo. — Estão aqui porque não podem ficar de fora de um momento tão importante para nós dois.

— Momento importante?

— Eu te amo e acho que está claro para todos que nos conhecem e aqui estão. Depois que te conheci a minha vida ganhou um novo significado e eu voltei a me reconectar com um lado meu que parecia esquecido, a minha

verdadeira essência. O homem que ama o amor e a possibilidade de poder amar.

— Saulo... — emocionada, chamo pelo seu nome e o meu namorado, delicadamente, coloca dois dos seus dedos nos meus lábios para que não o interrompa.

— Te amar foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido. Receber o seu perdão, quando não o merecia, foi a minha redenção, a oportunidade de ser feliz que se apresentou bem diante dos meus olhos e eu a agarrei com unhas e dentes. Você, Amanda, é o meu ideal de felicidade, é a mulher da minha vida, sempre foi. O amor que um dia sonhei para mim e serei o homem mais feliz do mundo se você me disser sim.

Com os olhos alagados, tenho um sorriso no rosto quando o vejo levar um dos joelhos ao chão e, como nos filmes de amor, levar a mão direita ao bolso, de dentro dele tirar um objeto e então abrir a pequena caixa quadrada bem diante dos meus olhos.

— Amanda Amorim, aceitar casar comigo?

— Sim! Mil vezes sim! Um milhão de vezes sim... — Já chorando muito por pura alegria, estendo a mão trêmula para ele e então o meu amor coloca o lindo anel de brilhante no meu dedo.

Em seguida, Saulo se levanta e sob os aplausos de todos que — em silêncio — assistiram a declaração de amor e o pedido de casamento que vinha esperando. O observo se reerguer, abraçar-me e girar-me no ar, fazendo com que eu sinta a sensação de estar flutuando e vivendo o conto de fadas, onde parece que nada pode dar errado. Que nada pode nos atingir, simplesmente porque nos amamos e agora todos sabem.

Já sabiam, agora sabem mais. Sabem muito, pois Saulo e eu vamos nos casar!

Deus! Saulo e eu vamos nos casar!

Como isso acabou acontecendo? Posso jurar que houve uma época em que eu odiava ele.

— Eu te amo, Saulo, mais do que a minha própria vida — digo quando sou colocada no chão e beijada por todas as partes do rosto, finalizando na boca, onde ele esqueceu que não queria tirar o meu batom e tomou os meus lábios em um beijo que pode ser facilmente considerado inapropriado para ser dado em público.

Essa é nossa verdade, a minha verdade. Nunca cheguei a odiá-lo, nem mesmo perto disso. O que senti foi mágoa, além da gravidade do erro cometido, sofri também por te me apaixonado no momento em que nos esbarramos, desde o primeiro olhar.

Estava apaixonada e queria que ele também estivesse, queria o que

está acontecendo agora, o que ele, da maneira mais linda, está proporcionando.

Quando o nosso longo beijo terminou, passamos um longo tempo sendo cumprimentados pela nossa família e amigos e até mesmo por desconhecidos que vieram para a recepção da empresa e se sentiram emocionados, assim como eu, com o pedido e declarações do meu noivo.

Meu noivo! Como é bom falar e pensar assim.

Quando a festa voltou ao seu curso normal, mesmo que esteja sendo dividida com a comemoração do nosso noivado, Saulo e eu nos separamos, ele para cumprir com a sua obrigação de falar com alguns profissionais do ramo da fotografia e que têm interesse pela revista e eu para falar com os meus pais, os avós do Saulo e por último, fofocar com Camila e Clara que não escondem o fato de estarem felizes por mim.

— Vocês sabiam disso?

— Acha mesmo que o Saulo pensaria em tudo sozinho? Ele é homem, amiga, apesar de ser o último dos românticos. — Clara entrega. — Eu, a sua mãe e até mesmo essa cabeça de vento demos uma forcinha para ele.

— Estou tão feliz, se vocês soubessem...

— Nós sabemos, loira, não tenha dúvidas disso. Qualquer um que está aqui percebe que vocês foram feitos um para o outro. Quase senti vontade de ter alguém na minha vida. Quase, ainda prefiro um pau de respeito e de preferência que seja mudo.

Enquanto fala, Camila tem o pescoço esticado, certamente procurando por Miguel.

— Ele não está aqui — aviso. — Não agora, pelo menos, mas estava quando Saulo e eu chegamos.

— Nunca tive tanto trabalho para conseguir transar com um cara — reclama.

— Caramba, Camila! Você está mesmo a fim de ficar com o Miguel. Preciso te lembrar que ele é o maior babaca da cidade? Ele pode quebrar o seu coração sem pensar duas vezes ou sentir qualquer remorso — Clara avisa.

— É mais fácil eu quebrar o dele — afirma. — E eu já disse para vocês que não quero nada além do pau desse homem. Experimentar, nem que seja uma vez — garante, depois de ter visto sua foto e ter ficado ainda mais impressionada com a sua aparência, principalmente com o físico.

— E se ele não quiser nada com você? — pergunto o óbvio, algo que a minha amiga parece não levar em consideração.

— Essa possibilidade não existe.

Está bem, acho que Camila é mais maluca do que eu imaginava.

— Só deixe-nos saber se algo der errado — preocupada, Clara que

já gosta muito dela, pede.

— Eu prometo gritar por socorro se precisar, mamães — diz e como costuma fazer — creio que seja sem perceber —, muda totalmente o rumo da conversa. — Tem algum toalete por aqui?

— Acho que tem na ala superior — Clara afirma.

— Estou precisando retocar a minha maquiagem, vocês vêm comigo?

— Eu vou ter que ir salvar o Henry, ele deve estar para enlouquecer por ter que ouvir a conversa dos amigos do pai, pessoas que não quer, mas precisa manter por perto por conta de negócios.

— Vai lá, senhora Pimentel — Camila provoca, puxa-me pela mão e manda beijo para Clara que fica para trás, sorrindo. — E você tem que me mostrar melhor esse anel maravilhoso e que deve custar 2 anos do meu trabalho.

Enquanto nos dirigíamos para as escadas que levam ao toalete, fomos paradas algumas vezes por pessoas que queriam me parabenizar pelo noivado e quando enfim chegamos ao primeiro degrau, a nossa respiração de alívio foi audível.

— Garota, achei que teria que fazer xixi no meio do salão. — Minha amiga comenta, enquanto subimos a escadaria que parece conter mil degraus.

— Pensei que fosse retocar a maquiagem — digo.

— Está borrada?

— Não — respondo, vendo-a linda como sempre está.

— Menti, acho que retocar a maquiagem parece mais elegante do que dizer que quero fazer xixi.

— Você é maluca?

— As más línguas dizem que sim

Nós duas começamos a sorrir, ainda estando na metade dos degraus, mas o meu sorriso morre e a cor some do meu rosto quando desvio a atenção da Camila, olho para frente e vejo Laura descendo as escadas.

Ao meu lado, Camila para de falar, pelo menos é o que eu acho, considerando que agora toda a minha atenção está na mulher que tem um olhar estranho e assustador.

Quando estamos frente a frente, ela um degrau acima ao que Camila e eu estamos, ainda tento passar pela mulher, mas sou freada quando ela agarra o meu pulso.

Assustada, olho primeiro para o minha amiga e depois para a ruiva. Ela olha para a minha mão enfeitada com dois anéis: o de compromisso e o de noivado que foi colocado junto a ele no meu dedo, uma pedra muito bonita que lembra a esmeralda.

— Você conseguiu, não é mesmo, garota sonsa?

— Solta o meu braço — peço, falando no mesmo tom que ela, a diferença é que estou sóbria e ela, pelo odor do seu hálito, parece ter bebido, talvez além do que deveria para um compromisso de negócios.

— Solta ela, você enlouqueceu? — Camila também pede, mas é ignorada.

Não querendo estragar a noite em que tudo parece estar tão perfeito, prefiro resolver tudo numa boa, a ter de fazer um escândalo, assim como aconteceu na loja do meu pai.

— Tanto fez que conseguiu colocar na cabeça do Saulo que ele a ama, quando na verdade está claro que faz isso só para me fazer ciúme.

— Laura, acho que você bebeu um pouco além da conta e está falando coisas sem sentido. Solta o meu braço, por favor? O Henry e o Saulo precisam que tudo saia bem esta noite.

Sentindo-me melhor por ter a Camila do meu lado, tento mudar de tática ao falar com calma, tentando fazê-la cair em si e não armar um escândalo desnecessário.

— O Saulo não te ama, ele ama a mim e vai perceber isso quando você sair do nosso caminho.

— Do que você está falando? Você enlouqueceu? — Dessa vez esqueço do que estava tentando antes, aumento o tom de voz e, ao olhar para baixo, percebo que já temos a atenção de todos.

As pessoas perceberam a movimentação estranha na metade da escadaria e, curiosas, olham para cima. De onde estou não consigo avistar os meus pais, nem o meu noivo e assim prefiro. Sei que vou conseguir resolver tudo, sem maiores problemas e logo o evento da empresa continuará, assim como eu e Saulo continuaremos a comemorar a surpresa que preparou para pedir-me em casamento.

— Não sei como, mas você deixará de ser um problema para mim e para o Saulo, está ouvindo? — O seu agarre é mais forte no meu pulso, tanto que fala e começa a me sacudir.

Percebendo que conversar não adiantou, levo a mão até a sua, finco as unhas nela e ordeno:

— Eu disse para soltar!

A dor na sua carne faz com que solte de uma vez o meu braço e sem que eu tenha tempo de entender o que de fato aconteceu, ouço apenas Camila gritar pelo meu nome. O mundo ao meu redor parece girar rápido, muito rápido e não consigo acompanhar. De repente, a sensação de dor é insuportável e então, tudo transforma-se em escuridão a minha volta.

As vozes e gritos desesperados deixam de existir e assim tudo acaba.

Susto



Saulo

No espaço de uma respiração tudo que parecia perfeito transformase no pior dos meus pesadelos. No dia em que pedi a minha namorada em casamento e consegui arrancar dela o sorriso que amo ver no seu rosto, ouço um grito de puro horror que anuncia a tragédia.

Tenho a sensação de que o meu coração vai parar de bater a qualquer momento, os meus pés parecem chumbados no chão quando, ao longe, vejo a minha mulher desfalecida em volta do seu vestido vermelho. Parece um anjo.

Não! Isso não pode estar acontecendo.

— Não! Não... — Ouço-me repetir sem parar quando as pessoas começam a se aglomerar em volta, tampando a minha visão.

Desnorteadado, começo a abrir passagem, sentindo que o caminho até ela parece ser longo demais. Ouço choros femininos e não sei identificar quem são as pessoas. De perto vejo a cabeça da minha pequena pendendo para o lado, uma enorme poça de sangue em volta da sua cabeça e então, não posso suportar. Os meus joelhos cedem e caio sobre eles bem perto do seu corpo.

— Não toca nela, meu jovem. Nos deixa imobilizá-la, a moça precisar ir imediatamente para o hospital. — A voz de um homem instrui e quando os meus olhos banhados em lágrimas voltam-se para cima, vejo que os paramédicos chegaram muito rápido e já começam a preparar a Loirinha, que está desacordada, para levá-la para ambulância.

Essa é uma imagem que jamais sairá da minha cabeça — não tenho dúvida. A minha pequena não deveria estar assim.

Não deveria!

Junto com os paramédicos que, com cuidado, a colocam sobre a maca, levanto-me e só então dou-me conta de tudo que acontece a minha volta. Os meus sogros e Clara estão a nossa volta chorando. Camila, que já chegou perto, não está diferente. Quando olho em volta e vejo a causadora de tudo saindo, como se nada tivesse acontecendo, acabo com o pouco controle que ainda acreditava possuir.

— Eu avisei para você ficar longe! — Seguro-a pelo braço e a sacudo, cheio de ódio.

— Não a empurrei, Saulo. Você precisa acreditar em mim. Estávamos discutindo, eu soltei o seu pulso e ela acabou se desequilibrando e caiu. Eu não a empurrei!

— Não acredito em você — digo. — Não deveria nem mesmo ter olhado na direção da minha noiva. Escuta bem o que vou te dizer: se alguma coisa acontecer com a minha mulher, eu vou acabar com você. Está ouvindo? Eu acabo com você, sua desgraçada!

Falo mais alto do que deveria, mas que se foda todas as pessoas. Tudo deixa de ter importância quando vejo Amanda desacordada, indo para o hospital no dia em que deveria ser um dos mais felizes das nossas vidas.

Agora o meu peito está apertado por não saber do seu real estado e a minha cabeça dói pela força que faço para não pensar no pior.

— Calma, Saulo. Pode deixar que eu cuido dela. — Ouço a voz calma e o tocar da mão do Miguel no meu ombro. Ele não estava presente até minutos atrás, mas, pelo visto, tem o poder de aparecer e sumir quando bem entende. — Não perca o seu tempo com a minha irmã.

Com cuidado e a delicadeza que não fez parte dele, Miguel coloca a mão sobre a minha e então, afrouxo o agarre no braço da Laura.

— Você vai pagar muito caro, Laura, espero que esteja ciente disso. — Antes de virar-lhe as costas, permito-me uma última ameaça que dessa vez não será em vão.

— Eles estão levando a sua Loirinha, Saulo. — Henry se aproxima e eu volto a minha atenção para o que realmente importa.

— Por favor, Otávio, me digam o que ela tem? Por que não abre os olhos, meu amor? — Tento curvar-me sobre a maca onde ela está imobilizada, mas sou impedido por um dos paramédicos que me segura pelo ombro e avisa:

— Não pode tocar nela, jovem, sinto muito. A ambulância está preparada? — diante dos meus olhos, vejo o homem falar com outro e o que vem a seguir desperta em mim o pior dos sentimentos. — Ela não está reagindo aos estímulos e isso não é um bom sinal.

Ela não está reagindo aos estímulos...

Não é um bom sinal...

Não consegui parar de pensar nas palavras do paramédico quando, dentro do carro do Henry, parti para o hospital e por mais que não quisesse sair do seu lado, a mãe acabou indo com ela dentro da ambulância. Tive de me contentar em vir com meu amigo, já que não estava em condições de dirigir.

O caminho foi feito em total silêncio e ele parecia não estar dirigindo rápido o suficiente. Quando enfim chegamos, na recepção vi os meus sogros e Lana abraçados. Eva e Lana estavam chorando e seu Otávio dando forças. O meu coração errou a batida e não pude evitar que o pior passasse pela minha cabeça.

— Pessoal, aconteceu algo com a Amanda? Como ela está? — depois de alguns segundos estático e sem coragem por medo da resposta, me aproximei e perguntei.

— Ainda desacordada — Eva diz aos prantos. — Estou muito preocupada, Saulo. Por que ela não acorda?

— Tenta ficar calma, Eva — peço, dirigindo-me tanto a ela quanto a Otávio e a minha pequena cunhada.

A mim cabe o papel de acalmá-los, mesmo quando estou louco de preocupação e com medo de pensar no futuro.

— Está tudo bem, gente, vocês não conhecem a Loirinha? — Clara chora pela amiga, mas tenta ser otimista ao lado do namorado que, com carinho, abraça o seu corpo. — Ela é forte, apesar de parecer frágil. Já estará aí, fazendo planos para o casamento. É tudo em que ela tem pensado nos últimos dias, mesmo que tenha sido pedida só hoje.

— Você está certa, Clara, temos que ser otimistas. O médico está para dar notícias do estado dela e não deve ser nada grave.

— Camila? — chamo-a quando, só agora, noto a sua presença. Está sentada ao fundo da sala em um banco e chorando baixinho. Tão baixo que até então, ninguém havia notado a sua presença.

— Por que ela está sozinha ali? — Clara questiona e nós dois vamos até onde está sentada.

— O que houve, meu amor? Por que não se juntou a nós ali na frente?

Observo Clara agachar na frente da amiga e, com carinho, levantar a sua cabeça.

— Eu não devia ter deixado aquela mulher fazer isso com ela. Estava lá e não sai da minha cabeça o momento em que rolou as escadas. Não podia ter soltado a mão dela, se não tivesse soltado...

— Não foi a sua culpa, Camila — Clara diz, a abraçando com carinho. — Olha para mim — pede ao segurar o rosto e limpar as lágrimas da garota cheia de personalidade. — A preguiçosa da Amanda já vai acordar e não gostará de saber que está pensando uma bobagem dessa. Foi um acidente que você não poderia evitar, meu amor, tudo bem?

Ela balança a cabeça em sinal afirmativo, parecendo um pouco mais calma depois de ouvir Clara. De tudo que Clara falou, algo fica martelando na minha cabeça e não deixo de perguntar:

— Foi mesmo um acidente, Camila? — Olho dela para Clara e ela está me fuzilando com o olhar. Talvez não fosse mesmo o momento de tocar no assunto.

— Tudo aconteceu muito rápido. Aquela mulher começou a provocar a loira e a falar coisas sem sentido. Agarrou pelo pulso... Quando Amanda cravou as unhas na mão da doida, ela a soltou e tudo aconteceu. Foi muito rápido e não consegui...

— Está tudo bem, Camila. Isso não importa agora — afirmo. — Você precisa ficar bem para ver a sua amiga, ela não gostará de te ver assim.

— Os familiares da Amanda Amorim... — Ouço e a minha atenção volta-se para o médico que se aproximou dos meus sogros.

Nós três nos levantamos e, cheios de expectativas, nos aproximamos deles. Da minha parte, existe a sensação de que toda a minha vida depende do que será dito agora e estar apavorado é pouco para o que sinto no momento.

— Somos nós — diz Otávio.

— A paciente está aos poucos recobrando a consciência. Felizmente, a queda não foi tão alta e os danos foram menos graves. — Eu e todos respiram aliviados, mas eu sei que existem mais coisas a serem ditas e são elas que me preocupam. — Houve uma fratura em um dos ossos do braço e ele precisará ficar imobilizado por pelo menos 1 mês.

— Nós vamos cuidar dela, doutor, quanto a isso não terá qualquer problema — Eva afirma, mais tranquila.

— Ela sofreu um leve traumatismo craniano por conta de um corte na porta de trás da cabeça. Perdeu muito sangue e precisa de especial cuidado nos próximos 10 dias. Fiquem atentos se ela reclamar de dores na cabeça — explica. — Entendam que a dor é normal, mas não se for constante. Qualquer reação diferente que observarem, não hesitem em trazê-la até aqui. Ainda existe o risco de um coágulo interno se os devidos cuidados não forem tomados.

— Está tudo certo, doutor Moreti. Se depender de cuidados e repouso, a minha noiva estará 100% novamente em tempo recorde — garanto, doido para ouvi-lo falar mais.

Quero saber quando poderei ver a minha garota e a ansiedade está me consumindo, agora que a preocupação diminuiu um pouco.

— Ela já está liberada para ir para casa, doutor? — Eva indaga sem que eu precisar fazer.

Quero poder eu mesmo cuidar da minha noiva, na nossa casa e não sei será possível. Entendo que tem família e eles, principalmente a mãe, querem estar ao seu lado nesse momento.

Eu os entendo, mas nem por isso deixo de lamentar o fato.

— Preciso que fique pelo 2 dias em observação e depois, se nada diferente acontecer, poderão levar a moça para se recuperar em casa.

— Podemos vê-la? — Camila, ao lado de Clara, pergunta.

— Podem. Dois de cada vez e sem fazer muito barulho, ela está confusa. — diz, vira-nos as costas e antes de se afastar, volta-se novamente e diz:

— Quem é Saulo?

— Sou eu, o noivo da Amanda Amorim — respondo, curioso com a sua pergunta e também orgulhoso.

Tenho orgulho de falar que ela é a minha noiva e orgulho maior sentirei quando poder chamá-la de minha esposa, o que, se depender dela, acontecerá muito em breve. Está fazendo planos para o casamento e da minha parte não existe qualquer incômodo, pelo contrário, se puder ajudo a planejar.

Tudo na nossa relação aconteceu rápido demais e quando me vi correndo o risco de perdê-la, percebi que ainda não fomos rápidos o suficiente.

— Ela chamou pelo seu nome quando estava começando a despertar. Não parou de repetir até estar completamente consciente.

Ouvi-lo faz o meu coração aquecer, o sorriso abre nos meus lábios e tudo o que eu quero é vê-la. Olhar para os seus olhos verdes a me fitar cheios de amor, o seu sorriso que ilumina todo lugar em que entra e sentir o toque que já não sei como viver sem.

— Vai lá, Saulo. Nós esperamos um pouco, não é pessoal? — Minha sogra fala e todos concordam.

Ao entrar no quarto, a encontro inerte e com os olhos fechados. Tem um tubo com soro ejetado na sua mão e parece estar bem pálida, como um pedaço de papel em branco.

— Achei que fosse encontrá-la acordada — dirijo-me a enfermeira que anota algo em uma prancheta e imagino que esteja monitorando o seu quadro de saúde.

— Tem tido picos de inconsciência por causa do sedativo. Até a pouco estava desperta e agora acabou cochilando.

— Mas está tudo certo, não é mesmo?

— Tudo certo. A sua namorada teve bastante sorte de nada mais sério ter lhe acontecido em decorrência da queda.

— Minha noiva — apresso-me em dizer.

— Desculpa!

— Amanda não é a minha namorada e sim noiva. A pedi hoje à noite e ela aceitou — explico, olhando para a sua mão direita, onde o anel está.

Comprei um clássico esmeralda, escolhido apenas por mim. Assim que o vi na joelheira não precisei olhar mais nenhum, pois havia encontrado o que era a sua cara. Simples e sofisticado em igual medida. Verde como os seus olhos.

— Parabéns aos dois, a moça é muito linda e faz um belo par com o senhor que também é muito bonito.

— Obrigado — agradeço a mulher baixa e que deve ter por volta de 50 anos de idade, enquanto me aproximo da cama e me sento na cadeira que está bem próxima a ela.

Quando a enfermeira sai e nos deixa a sós, pego a sua mão e a beijo com carinho. Depois acaricio o seu rosto e ela, como se sentisse os meus lábios, ensaia um sorriso.

— Por que não abre os olhos, meu amor? Sei que você gosta muito de dormir, mas agora não é o momento. Nós nem tivemos tempo de comemorarmos o nosso noivado, o fato de você ter dito sim ao meu pedido. Sabe o que ele significa? O seu sim significa que me quer ao seu lado, compartilhar a vida comigo, até que estejamos bem velhinhos.

Enquanto continuo falando, Amanda vai gradativamente apertando a minha mão que segura a sua e, pouco a pouco, vejo os seus olhos se mexerem, até que consegue os abrir por completo.

— Saulo, onde eu estou? A minha cabeça dói um pouco... — Agita-se e de imediato a acalmo.

— Está tudo bem, meu amor. Estou aqui com você. — Ela olha para mim em silêncio por um tempo e então respira fundo. Com calma, a Loirinha expira e inspira e com isso parece lembrar do que lhe aconteceu.

— Eu estraguei a nossa noite.

— Não fala uma bobagem como essa, linda. Não foi sua culpa e não estragou nada. O importante é que você está bem — assevero ao levantar-me e beijar a sua testa, o rosto e por último os seus lábios.

— Não quero mais ver aquela mulher, Saulo, nunca mais! — Ela volta a ficar agitada e começa a chorar. — Ela me assusta.

— Não verá, eu mesmo me encarregarei disso. Te prometo que

Laura não voltará a se aproximar de você. Acredita em mim?

— Sempre.

Bem mais calma ela responde e preciso me segurar para não perguntar o que realmente aconteceu naquelas escadas. Ainda não está bem o suficiente para falar sobre algo que poderá resultar em consequências que Laura sequer pode imaginar. Estou certo de que, dessa vez, não poderá se esconder atrás da amizade do Henry e se tiver ousado empurrar Amanda lá de cima, não terá apenas a sua vida profissional afetada.

— Estou com dor nas costas e na cabeça — reclama novamente, deixando-me preocupado.

— Se tudo correr bem, em dois dias estará na casa dos seus pais, sendo muito bem cuidada. Mas saiba que sentirei a sua falta em cada cômodo da nossa casa, meu amor — digo o que será a minha realidade pelos próximos dias e a revelação também é uma tentativa de distrair a sua mente das dores.

Apesar de elas me deixarem preocupada, o doutor Moreti afirmou que são normais e a mim resta fazer o que for necessário para tornar as coisas mais fáceis para a minha pequena que só parece frágil, mas é uma mulher extremamente forte.

— Eu quero ir para a nossa casa, mas entendo que deve ser muito trabalho para você...

— Nada disso, só não acho justo com os seus pais, loira. Sua mãe deve querer cuidar de você. Não tire isso dela.

— Você tem razão — diz, mas eu a conheço e sei que ficou triste por termos de ficar um pouco mais afastados do que gostaríamos por alguns dias.

— Não faça essa cara. Você sabe que eu irei todos os dias te ver e te garanto que não dará tempo de sentir saudade. — Curvo-me novamente sobre o seu corpo e beijo os seus lábios. — Tantas coisas passaram pela minha cabeça quando te vi...

— Está tudo bem — afirma ao acariciar o meu rosto, falando as palavras que eu deveria estar falando para ela.

— Não posso mais viver sem você, Amanda Amorim. Será que consegue compreender isso? — Olhando dentro dos seus olhos, pergunto e como resposta, Amanda puxa a minha cabeça e me beija.

Com os olhos abertos, nos beijamos com calma e não preciso que diga com palavras, pois as suas duas esmeraldas mostram-me o que preciso saber.

Quando os seus pais adentraram o quarto, após alguns minutos, eles nos encontraram perdidos um no outro, tocando-nos, enquanto ela não dormia, depois de ter tomado mais um analgésico para o alívio das suas dores na cabeça,

nas costas e no braço esquerdo que foi engessado.

Saí para que eles tivessem o momento em família — ainda que ela estivesse quase dormindo novamente — e o fiz com o coração aliviado. Foi embora a sensação de que a minha felicidade estava escorrendo pelo ralo e os pensamentos errados de que estava perdendo a mulher da minha vida sumiram.

Como todas as outras vezes, foi apenas uma ameaça. Sempre foi e assim será quando algo ou alguém tentar ameaçar o que temos. É uma relação que vai além do que os olhos humanos podem enxergar ou compreender. É mais do que paixão ou tesão por sermos extremamente compatíveis. Não é só sobre amor carnal. Somos como almas que se completam.

Hoje já não tenho qualquer problema em pensar no que aprendi desde criança com os meus avós, no que sempre acreditei e depois de adulto quis renegar em nome da vida que havia escolhido.

O Saulo que ama Amanda acredita que o amor é a força que move o mundo. Que quando o destino quer unir, não existe força capaz de separar o que teria de acontecer.

Amanda e eu tínhamos que viver a nossa história e é o que estamos fazendo. Desde o início lutamos contra os nossos próprios erros e contra pessoas em nome do que não podemos evitar.

Estou certo de que dedicarei os meus dias a fazer a minha mulher e a família que formaremos felizes e no fim, saberei que a minha vida valeu a pena, apenas por ter amado e ter sido correspondido com o mesmo amor que durante uma vida inteira presenciei entre os meus avós.

Presente especial



Saulo

Dias depois

— Bom dia, é aqui que mora uma Loirinha muito gostosa? — Assim que a bela abre a porta da casa dos seus pais, tiro o buquê de rosas vermelhas da frente do meu rosto e entrego nas suas mãos.

— Você existe mesmo? — questiona ao receber o arranjo, o levar ao nariz e em seguida se dirigir para a cozinha. Depois de dias indo e vindo para visitá-la, sinto-me à vontade para entrar, fechar a porta e segui-la.

Do umbral da porta a observo encher um vaso de vidro e dentro dele comportar as flores. Depois sobe para o quarto e eu sigo atrás dela, abraçando a sua cintura e beijando o seu pescoço.

— Como consegue ser tão habilidosa usando uma mão só? — questiono quando a vejo ajeitar o vaso com rosas sobre uma das prateleiras da sua estante de livros.

— Acostumei-me, apesar de não suportar mais essa coisa — reclama, virando nos meus braços, finalmente dando o meu beijo de boas-vindas.

— Faltam só mais alguns dias para o prazo estabelecido pelo seu médico, Chapeuzinho. Depois disso a senhorita estará novinha em folha.

Três semanas se passaram desde o dia do nosso noivado e do acidente. Agora posso chamar de acidente, já que Amanda garantiu que não chegou a ser empurrada escada abaixo. Apesar de tudo, todos concordaram que o fato de não ter empurrado não diminui a culpa de Laura. Por causa das suas

provocações, Amanda se desequilibrou e algo muito mais grave do que um leve traumatismo craniano e um braço quebrado poderia ter lhe acontecido.

— Pronta para cair novamente.

— Não faça piada com algo sério, garota! — A minha repreensão é acompanhada de um tapa na bunda e ela devolve com uma forte mordida no meu lábio inferior.

— Não pode bater na minha bunda — afirma.

— Engraçado, não ouço você reclamar quando está pulando no meu pau, enquanto o toma na pequena bocetinha ou na bundinha gostosa — a provoco, sem deixar de apalpar o objeto do meu desejo.

— Não são nem 9h da manhã, Saulo. Você não tem vergonha? — brinca, agarrando-se ao meu pescoço e aproximando o rosto do meu, oferecendo a boca para o beijo que, com calma, dou.

Tenho vontade de ir além dos toques leves — nem tão leves assim, levando em conta o lugar onde as minhas mãos estão —, mas o fato de estarmos na casa dos seus pais não me permite ficar à vontade. Não é como se pudéssemos arrancar as nossas roupas e começarmos a transar aqui, no meio do seu antigo quarto.

— Vergonha eu teria se não sentisse tesão por uma gostosa como você — rebato, apenas para ver a sua reação, pois mesmo depois de meses de relacionamento e da intimidade que temos, ela ainda não perdeu a capacidade de corar lindamente quando ouve as sacanagens que a deixa encabulada e também excitada.

— Só tesão?

— Amor e paixão também, você sabe — respondo, concentrado em beijar o seu pescoço e sentir o cheiro adocicado do seu perfume.

O mesmo que me levou a ela e me mostrou que não era apenas um sonho, que a loira linda dos meus perturbadores sonhos eróticos é real.

— Por que veio mais cedo hoje? — indaga.

Nas três últimas semanas em que Amanda esteve se recuperando na casa dos pais e sendo mimada pela mãe, não houve um dia sequer que eu não tenha vindo lhe visitar. A minha rotina dividiu-se entre ir para a empresa e, ao sair de lá, vir passar um tempo com a minha noiva que não esconde o desejo de estar em casa, mesmo entendendo que não seria justo com a mãe, privá-la de cuidar da filha, depois do susto que todos nós tomamos.

— Não está com saudade? Se for uma reclamação, posso ir embora e vir quando a senhorita estiver disposta a ver o seu noivo — brinco.

Amanda tem dificuldade em deixar-me ir embora quando o momento chega e eu também tenho. Ter que dormir todos os dias na cama vazia

é um tormento, ainda mais depois de ter me acostumando a dormir e acordar todos os dias ao seu lado.

— No momento estou bem-disposta — insinua-se, ficando na ponta dos pés e passando a unhas da mão direita na minha nuca.

Sexo não é algo que temos feito com frequência nos últimos dias, pelo menos, não com a mesma frequência de antes. Ela está na casa dos pais e nós não nos sentimos confortáveis de transar aqui. Para a nossa sorte, daqui a dois dias ela tirará o gesso e então poderei levá-la para casa.

Felizmente, a queda não trouxe consequências mais sérias e as dores na cabeça não chegaram a se agravar, como o doutor Moreti alertou que poderia acontecer. Com alguns exercícios — que ela odeia fazer — feitos na minha companhia, as dores pelo corpo desapareceram por completo e ela está ótima. Para o bem da minha saúde, a minha Chapeuzinho está vendendo saúde.

— Garota! Não é o momento para safadezas, hoje é o seu aniversário.

— Achei que você tinha esquecido — confessa.

— Como poderia esquecer? Um ano que nos conhecemos, um ano que a nossa história começou — relembro.

— Quem diria que 1 ano depois estaríamos noivos.

— Pois é, meu amor, a vida às vezes tem dessas coisas. Amo o fato de ela ter sido tão generosa e ter te colocado no meu caminho, literalmente.

— Você mudou muito durante todos esses meses. *Me apaixonei* à primeira vista e dia após dia, enquanto te conhecia melhor, a paixão evoluiu para amor e hoje tenho orgulho do homem que você é, de ser a sua futura esposa.

— Te amar fez isso por mim. Existia algo guardado e até mesmo esquecido dentro de mim. Por você voltei a minha verdadeira essência. Acredito que me tornei o homem que gostaria de ser, o homem digno de alguém como você — falo com sinceridade sobre coisas que ela precisa saber e que nunca lhe deixarei esquecer do quanto valorizo a nossa relação e o que ela significa para mim. Vendo que os seus olhos estão marejados, aproveito para beijar por cima de cada um deles e dizer:

— Não quero que chore, amor. Hoje é o seu dia e nós precisamos comemorar.

— Estou tão feliz.

— Eu sei que está e garanto que ficará muito mais.

Nas próximas horas, Amanda e eu aproveitamos o fato de estarmos a sós e namoramos um pouco. Não o fizemos da forma que gostaríamos, mas os amassos sobre a sua cama foram gostosos o suficiente para que possamos aguentar mais 2 dias, até que volte para casa e tenhamos privacidade para

fazermos o que quisermos sem sentir que estamos nos comportando mal.

Na hora do almoço, quando os meus avós e amigas se juntaram a nós para o banquete preparado por Eva, Amanda e eu tivemos que agir com naturalidade na frente do Miguel — ele esteve presente, pois, apesar do que aconteceu entre Amanda e a sua irmã, ela gosta dele — e da Camila.

Nós dois fingimos que eu não os flagamos no hospital. Para mim foi uma surpresa sair do quarto para deixar a minha Loirinha a sós com os pais, atravessar o longo corredor e, ao fim dele encontrar um casal aos beijos. Não um beijo qualquer, a mulher estava prensada contra a parede e as pernas em volta do quadril do cara.

Quanto mais perto eu chegava, mais quente o amasso do casal parecia e maior era a minha sensação de familiaridade com o homem de costas. Já bem perto de virar o segundo corredor, olhei discretamente para o casal indiscreto e qual foi a minha surpresa ao perceber que os loucos eram Miguel e Camila?

Cheguei à recepção para cumprimentar os meus avós que haviam acabado de chegar, mas a minha mente não saía da cena que tinha presenciado. A cena foi inusitada por várias razões.

Primeiro que eles nem ao menos se conheciam, até onde eu sabia e depois, como foram de desconhecidos para se pegarem em pleno corredor de um hospital?

Existem vários lugares estranhos para um casal namorar, mas o corredor de um hospital consegue ir além. Se existem duas pessoas doidas no mundo que não deveriam se juntar, essas pessoas são Camila e Miguel e isso ficou claro quando tiveram a ideia de praticamente transar no corredor de um hospital, onde qualquer pessoa poderia passar e ver, assim como eu vi.

Quando Amanda já estava em casa, contei sobre o acontecido e para ela não foi uma surpresa tão grande, tirando o lugar em que a ficada aconteceu. Ela me disse que a amiga ainda não falou com ela sobre o beijo e comigo o Miguel também não mencionou o fato de ter ou ainda estar ficando com Camila.

A verdade é que todos sabem o que aconteceu e pode ainda estar acontecendo e temos que fingir que não vemos a forma como agem em volta um do outro, tentando fingir que mal se conhecem. Eles não querem falar sobre o assunto e nós ficamos na expectativa para saber de tudo.

Miguel, Henry e eu sempre falamos um com o outro sobre mulheres e acredito que com as meninas seja da mesma forma com relação aos namorados e por isso está difícil segurar a vontade que todos temos de tirarmos os dois da moita. Henry e eu sentimos a necessidade de atormentar Miguel da mesma forma como fez conosco, mas não o faremos até que ele confesse o que de fato

acontece entre ele e a garota das mechas.

Depois do divertido almoço e da tarde agradável entre amigos, ao cair da noite peguei o carro e trouxe a minha noiva para a nossa casa.

— Não vejo a hora de voltar — confessa ao tirar os sapatos e se sentar no sofá de dois lugares.

— Agora está perto, Loirinha — assevero. — Fica aí só um instante que eu tenho um presente para você.

Dentro do nosso quarto pego a caixa embrulhada para presente e de volta a sala, a coloco do seu lado sobre o sofá.

— Mais uma vez, feliz aniversário, meu amor. — Chego perto, beijo de leve os seus lábios e a ajudo a abrir a caixa.

— Não precisava... — diz e os seus olhos brilham quando vê o conteúdo da caixa.

Para ela comprei as primeiras e mais raras edições dos livros da Jane Austen, a sua autora favorita. Assim como eu gosto, sabia que para ela não existiria presente de aniversário melhor do que livros. Pelo sorriso, acredito ter acertado em cheio na escolha.

— Precisava, sim. Hoje é o seu aniversário e sei que ainda não tinha essas edições — falo, achando engraçado ela folhear e cheirar cada um dos livros, fazendo tudo com uma mão só.

— Obrigada. — Ela solta o livro, se levanta e me abraça pelo pescoço. — Você tornou o meu dia maravilhoso. Os outros aniversários também foram, mas esse foi especial porque tenho você.

— Por você eu faço qualquer coisa. — digo e tento todos os dias cumprir.

Foi o que fiz quando prometi que Laura não voltaria a se aproximar e foi o que aconteceu. Depois do que provocou, prejudicando não só um evento da empresa, como também colocando a vida de uma pessoa em risco, nem mesmo Henry pôde defender a sua atitude.

Ele percebeu que a situação havia fugido do controle e com o aval de todo o conselho, afastou Laura da empresa. Ela foi transferida para uma filial, mas antes, fez questão de despejar em mim todo o seu ódio. Saiu da Mundo em Foco sabendo que Henry estava lhe dando uma última chance. E deu atendendo a um pedido meu.

Intercedi por ela, mas não foi por ter qualquer consideração pela mulher que um dia significou tanto para mim e sim por acreditar que o cargo de vice-diretora em uma das filiais é algo que ela ainda tem a perder e, certamente, não arriscaria em sair de vez da Mundo em Foco, correndo o risco de não conseguir chegar tão longe em outro lugar, como conseguiu na empresa do

melhor amigo.

O fato de a queda ter sido acidental a livrou de problemas com a justiça, mas não a livrou de ter a sua vida profissional atingida e menos ainda a relação que tinha com Henry, que era uma das pessoas que ela mais amava e já não confia nela como antes.

Estou certo de que Laura apreendeu a lição e se não tiver aprendido, ainda assim, não terá mais coragem de fazer nada contra a minha noiva e contra mim. Já perdeu muito e o que está em jogo agora é tudo o que lhe restou: um último voto de confiança e um cargo inferior em uma das filiais da revista.

— Por onde anda os seus pensamentos, meu amor?

— Em nada que mereça a minha atenção, linda. Estava pensando...

— Sacanagem?

— O dia ainda não terminou...

— Nós podemos ir para o quarto, tirar essa sua saia curta, o pedaço de pano que chama de calcinha...

— Tiro a sua calça e cueca...

— Depois leva o meu pau para sua boca e chupa até...

— Depois você vai brincar com os meus seios que estarão com ciúme do resto do corpo...

— Quando terminar de foder a sua boceta e você estiver pedindo um descanso, meterei na sua bunda e esquecerá de todo o cansaço e gozará gostoso no meu pau, porque você é assim.

— Assim?

— Safada com cara de anjo — digo e ela sorri sem jeito, mas ao meu tempo pede:

— O que está esperando? Hoje é o aniversário da sua mulher e você tem que fazer todas as vontades dela.

— Mas eu faço. Se a vontade dela for transar até a exaustão, faço com todo o prazer, literalmente — digo ao pegá-la nos braços e tomando cuidado com o seu braço, lhe carrego para o nosso quarto.

Madrugada adentro, Amanda e eu matamos a saudade dos dias em que tínhamos liberdade para fazer amor quando e quanto queríamos. Tudo teve um sabor especial, pois sabíamos que o afastamento estava perto de acabar, que voltará para a nossa casa e que poderemos namorar sem medo de sermos pegos pelos seus pais ou irmã em situações constrangedoras, como algumas vezes quase aconteceu.

Acredito que esteja melhor por saber que não precisamos mais nos esconder, que o nosso namoro já não é mais um segredo. O risco com Laura também deixou de existir e restou somente nos dois, livres para construirmos a

nossa vida e sem medo de nos perdemos pelo caminho, seja por erros nossos ou de terceiros.

Há 1 ano, a bela garota entrou na minha vida quando estava com o coração fechado e nem um pouco preparado para receber o presente que a vida estava me dando. Erros foram cometidos e jamais poderei esquecer do quanto fui sortudo quando a mulher da minha vida decidiu dar-me uma segunda chance.

Tudo que eu precisava era de uma segunda chance quando já havia entendido que era ela o amor que na adolescência idealizava, quando era sonhador demais para um garoto da minha idade. Amanda chegou para mostrar que não dá para fugir de quem somos e menos ainda do destino.

Acredito que nós dois tínhamos que acontecer. O medo do futuro não existe e tudo o que mais quero é casar-me com ela, ter nossos filhos no futuro e ser feliz.

O meu ideal de felicidade é Amanda Amorim e não existe força capaz de mudar esse fato, não quando a sua chegada na minha vida trouxe a ela o que estava faltando: amor que vai além do físico, o que não é perfeito, mas é capaz de perdoar. O amor que faz bem, nunca o mal. O amor que não tem prazo de validade.

— Eu amo você, Amanda Amorim. — Ao meu ouvido sussurro, enquanto nos meus braços tem o seu descanso, depois de termos passado horas nos beijando e nos tocando com carinho e, algumas vezes, com ganância. — Você é a melhor coisa que aconteceu na minha vida, jamais esqueça disso.



Amanda

Oito meses depois

— Como você está linda, minha amiga. Parece uma princesa dos contos de fadas — Clara que está linda com o seu vestido rosa, diz. Assim como ela, Camila veste rosa e as duas são as madrinhas mais lindas do mundo.

Ambas estão com os seus namorados e eles são os padrinhos do Saulo. Não poderia ser de outra forma quando os quatro são os nossos melhores amigos e acompanharam a nossa história desde o início.

— Obrigada por estarem aqui, minhas amigas. — Emocionada, aproximo-me das duas e as abraço.

— Nada de chorar, loira. Não pode estragar mais uma vez a sua maquiagem.

Estamos todas no meu antigo quarto que transformamos em salão de beleza. Como ele é bastante espaçoso, trouxemos os profissionais para a casa da minha mãe, tudo depois de ter o dia da noiva ao lado das duas, em um SPA que nos deixou relaxadas para a minha grande noite, o dia em que Saulo e eu finalmente diremos sim.

— Não vou, Saulo não merece me ver com o rosto inchado — afirmo, olhando-me mais uma vez na frente do espelho que pega o meu corpo por inteiro.

— As madrinhas estão prontas? — A porta do quarto é aberta e Raissa, a cerimonialista que tem me auxiliado durante todos esses meses, entra. — Está na hora de irmos para a igreja — avisa e as duas se despedem e saem atrás da mulher que é irritantemente detalhista, mas que fará com que tudo saia

perfeito na noite de hoje.

Tudo como venho planejando e sonhando há 8 meses. Os mínimos detalhes foram pensados e enfim o grande dia chegou.

Foram meses muito felizes, onde Saulo e eu, em conjunto com os planos de casamento, tivemos a oportunidade de reafirmamos que estávamos tomando a decisão certa.

Quando o segundo semestre na universidade começou, tive bastante dificuldade nos primeiros dias. Foi difícil me acostumar com a ausência do Saulo. Por dias senti a sua falta, pois, por mais que a situação nos deixasse em risco, Saulo era um excelente professor e como ele, creio que existem poucos.

Quando com o passar dos meses deixei de associar a mesa da professora que ficou no seu lugar ao sexo que nós dois fizemos sobre ela, acabei me acostumando com o fato de que não o encontraria mais pelo *Campus*. Era um sentimento estranho, pois eu sabia que dormiria e acordaria ao seu lado e ainda assim, a saudade era sufocante.

Acredito que tenha acontecido porque tudo no lugar lembra a nós dois: a mesa sobre a qual fizemos amor, a biblioteca onde, discretamente, entrávamos para nos agarrarmos e até mesmo o refeitório onde ficamos distantes um do outro, mas não deixávamos de nos procurar com os olhares e de mandar mensagens nada inocentes para o outro.

Camila continua sendo a alegria da minha vida pelos corredores da faculdade, só que agora irrita-se com a insistência do Joaquim em dar em cima de mim. Ele não deixou de jogar seu charme e nem parou com as suas piadas divertidas quando apareci com um anel de noivado e, certamente, não mudará agora que me tornei uma mulher casada.

Camila sente a necessidade de implicar com o garoto e sei que parte disso é por causa do Saulo, pessoa de quem tornou-se próxima e parece nem lembrar dos dias em que o chamava de carrasco. Agora é apenas Saulo, noivo da sua amiga.

Diferente de mim, Saulo não teve quaisquer problemas de adaptar-se no Campus para o qual foi transferido e para ele só importou o fato de não precisar mais esconder o nosso namoro. Ele disse que não deixaria nada e ninguém se interpor no nosso caminho e foi exatamente o que acabou fazendo. Cumpriu com a sua palavra, assim como todas as vezes em que me fez promessas.

Laura deixou de ser um problema depois do que aconteceu no dia do nosso noivado, e o pouco que sabemos dela é através do irmão que, vez ou outra, cita o seu nome no meio das nossas conversas. Há meses ela saiu da sede da empresa e passou a auxiliar em uma das filiais recém-abertas em outra cidade.

Através do Miguel, Camila ficou sabendo que a mulher está namorando com um dos diretores e saber disso deixou-me bastante satisfeita, pois enfim me convenci de que deixou de ser uma ameaça a mim e ao Saulo que, depois do susto que tomamos quando rolei escada abaixo, passou a ser mais cuidadoso e superprotetor a minha volta.

Em algumas ocasiões o pego me observando, principalmente quando pensa que estou dormindo, e sei que o seu maior medo é o de me perder. Sei porque vejo nos seus olhos e porque ele fala quando pensa que não posso ouvir.

Cabe a mim dizer e mostrar que está tudo bem com a gente, que estamos mesmo tocando a nossa vida juntos, que nada pode nos separar novamente, não se não permitirmos.

Hoje, depois de meses planejando o que para mim era um desejo de criança, quando com as minhas bonecas brincava de planejar casamentos, estou plenamente feliz com as minhas escolhas, pois sei que nem nas minhas mais otimistas fantasias sonhei com o que está prestes a acontecer.

Casar-me-ei com Saulo, o primeiro e único amor da minha vida, em uma cerimônia que está a nossa cara. Faço o curso que amo e sei que exercerei a profissão que passei a amar, apenas por ver de perto como age uma pessoa que ama o que faz. Tenho a melhor família e os melhores amigos do mundo. No momento tenho tudo e farei o que tiver ao meu alcance para manter, pois não preciso de mais nada para ser feliz.

— Estamos entrando, querida. — Minha mãe e Dona Dora fecham a porta e me olham encantadas.

— Você parece uma princesa, meu amor — Dona Eva diz e a avó do meu noivo, a quem considero como se fosse a minha própria avó, concorda com a cabeça.

Todos que me viram até o momento dizem que pareço com uma princesa e creio que a menção tenha relação com o modelo escolhido para o meu vestido.

Desenhado por mim mesma, a costureira deu vida ao vestido que ficou do jeito que eu imaginava. Ao estilo mais romântico e tradicional, o tomara que caia é liso e bem marcado na cintura. A saia é armada com tule, onde por cima foi jogando o tecido todo bordado a mão. Desenhos em formas de flores são vistos e pequenas pedras que fazem pontos de luzes foram estrategicamente colocados.

O meu cabelo foi preso em um coque ao estilo tradicional e por baixo dele foi colocado um véu que tem 300cm. No topo da minha cabeça ainda foi colocada uma tiara, composta por pedras que imitam aos diamantes.

A maquiagem preferi que fosse a mais simples possível, já que no dia a dia não sou adepta a ela tão carregada, pelo menos, não tão carregada. A surpresa fica por conta do batom vermelho, ele sim destoa de todo o resto do conjunto. O escolhi por saber que o meu futuro marido adora quando o uso e como hoje é o nosso casamento, não me custa fazer dessa forma.

A verdade é que o contraste do chamativo com o singelo resultou em uma combinação perfeita e deu toda a nossa personalidade como casal. Amei o resultado e não vejo a hora de estar na frente do meu amor, dizendo o "sim" mais importante das nossas vidas juntas.

— Amanda? — A voz da minha mãe chama para minha atenção para o fato de eu ter estado perdida em pensamentos em frente ao espelho e não fazer ideia sobre o que as duas estavam falando até o momento. — Está tudo bem?

— Perfeito, mamãe. Estou tão feliz — digo a frase que repeti umas 10 vezes só hoje, olhando dela para a senhora Dora.

— O meu neto também está, apesar de não ter parado de reclamar um dia sequer por estar longe de você — revela o que ele mesmo fez questão de dizer em meio às suas ligações.

Há uma semana nós fomos separados. Eu voltei para a casa da minha mãe, pois, segundo a ideia dela e das minhas amigas, a separação antes do casamento tornará tudo mais especial quando voltarmos a ficar juntos depois de casados. Acho que se referiam ao sexo e estou certa de que deu certo, pois estou morrendo de saudade dele.

— Também estou morrendo de saudade dele e da nossa casa, dona Dora, a senhora não tem ideia do quanto — confesso, pois, por mais que tenha passado a semana toda as voltas com os últimos detalhes do casamento, ao fim do dia só queria deitar ao seu lado e contar sobre o meu dia e não através de uma ligação.

— Hoje isso acaba, minha filha, terá o seu marido só para você e nós estaremos à espera do nosso primeiro netinho, não é mesmo, Dora? — A minha mãe pisca para a avó do Saulo, pois agora as duas são amigas e cúmplices na ideia de que querem ter netos.

— Tempo para fazer terço — a senhora, que tem a aparência jovem demais para a idade, brinca ao se referir a nossa lua de mel de 15 dias em uma ilha de Fernando de Noronha.

— Vocês precisam acalmar a ansiedade. Eles virão, mas antes, Saulo e eu queremos curtir a nossa vida a dois — explico.

Nós dois já conversamos algumas vezes sobre filhos e, tanto eu quanto ele, entramos em acordo quanto a vontade de tê-los. Eu com os meus pais

e ele com os seus avós, viemos de famílias felizes e bem estruturadas e acreditamos que, na hora certa, seremos bons pais.

Também decidimos ter o nosso tempo a sós como um casal e curtirmos o máximo possível, antes de termos de compartilhar o nosso amor com pequenas partes de nós dois.

— É, minha amiga, pelo visto teremos que esperar até começarmos a bordar sapatinhos e mantinhas. — Minha mãe volta a brincar e arranca um sorriso da sua cúmplice.

Não é como se elas estivessem de fato nos pressionando para dar-lhes netos, apenas não escondem a vontade. A verdade é que as nossas famílias nunca foram um problema para nós dois, pelo contrário, desde o início tivemos apoio, pois, assim como nós dois, eles acreditaram e apoiaram o nosso amor.

— Seu pai está te esperando, Amanda. As senhoras também já podem ir, o carro as espera. — Formal, a cerimonialista dá o último aviso e ansiosa, dou uma última olhada no espelho, um beijo em cada uma das mulheres que admiro e saio do quarto onde por anos sonhei com o que está para acontecer.

Em um caminho feito ao lado do meu pai, que não escondeu a emoção por estar casando a filha mais velha, tive de conter a ansiedade da minha irmã que parece a noiva e minha própria que não deu uma trégua. Senti como se na minha barriga existissem centenas de borboletas batendo suas asas e o caminho pareceu ter ficado mais longo.

Quando cheguei em frente a grande igreja, ainda tive que esperar por mais uns 20 minutos até poder entrar e, quando o fiz, tive de segurar a vontade quase incontrolável de chorar. Foi emocionante avistar amigos e familiares reunidos para a minha união com o homem da minha vida.

O corredor de piso espelhado, onde nas laterais foram colocados grandes vasos de rosas lilás — como toda a decoração — pareceu longo demais quando avistei Saulo no altar a minha espera. Ao longe pude ver o seu sorriso e, depois dele, o resto do caminho até o altar foi feito no automático, todos deixaram de existir a nossa volta e ali passou a existir apenas nós dois.

Eu e o homem a quem entreguei o meu amor e a minha confiança. Amor que tinha tudo para dar errado, mas resistiu a tudo pelo simples fato de ser grande demais para que pudesse ter outro fim — ou começo — além dos votos que estamos a ponto de fazer.



Saulo

— Nem sei se mereço isso tudo — com os dedos que agora ostentam grossas alianças, falo para a minha mulher, sem conseguir parar de olhá-la nem por um segundo, enquanto somos levados para o salão de festas onde será a recepção em comemoração ao nosso casamento que acaba de ser realizado.

— Gostou?

— Nunca estive tão linda, meu amor. E já te vi linda muitas vezes, nesse mais de um ano de relacionamento. Quando te vi entrar por aquele corredor, o ar chegou a me faltar por alguns segundos — confesso ao relembrar.

Senti que fiz algo de muito bom na minha vida quando a vi com o pai, lentamente caminhando em minha direção. Tão linda que parecia uma miragem, toquei na mão da mulher que estava prestes a se tornar a minha esposa e dela não pude mais tirar os olhos.

Perante mais de 300 convidados trocamos os nossos votos e quando ela disse sim, o mais importante de todos que disse desde o dia em que nos amamos pela primeira vez, senti que a minha de fato começou.

Se do meu jeito acreditei ter sido feliz antes de conhecê-la e descobri o verdadeiro significado de ser quando ela aceitou o meu pedido de perdão e deu a mim a chance de provar o quanto a amava e poderia fazê-la feliz, poder chamá-la de minha esposa tem um sabor diferente. Agora somos uma família, apenas nós dois, mas com a certeza de que um dia seremos muito maior, quando os frutos da nossa união vierem ao mundo.

— Amanda, amor...

— Desculpa... — Olha de mim para o motorista e, como se tivesse algo mente, aperta o botão e aciona a espécie de divisória que nos dá privacidade enquanto não chegamos ao nosso destino.

— Em que está pensando? Conheço essa carinha.

Agora que temos mais privacidade, a minha linda esposinha recolhe os vários metros de tecido do vestido e chega mais para perto de mim. Coloca a mão no meu peito e eu aproveito para enlaçar a sua cintura. — Aposto que é algo relacionado a sexo. Você nem parece mais aquela garota tímida que corava todas as vezes em que eu falava sacanagens.

— Alguém fez isto comigo e não há mais nada que possa ser feito, pois agora sou a esposa de um devasso. — Enquanto fala, a sua mão começa lentamente a descer pelo meu abdômen e para perigosamente perto do meu sexo que foi guerreiro e não deu sinais de alegria quando vi o quão sexy estava com a boca pintada com batom vermelho.

Na minha mente ficará marcada a sua imagem deliciosamente contraditória do dia em que nos casamos, pois, ao mesmo tempo que parecia a Amanda doce, com o seu vestido que a fazia lembrar uma princesa do período medieval, também vi a minha mulher que é muito sexy e gostosa além da conta. A mulher que, nos nossos momentos de intimidade, deixa de lado todos os seus pudores e se entrega por completo, sem quaisquer inibições ou restrições.

— Não me olha assim, senhora Moraes Bitencourt, dessa forma fico com vontade de te colocar de joelhos dentro dessa limusine e socar o meu pau dentro da sua boca, apenas pelo prazer de ver esses lábios, deliciosamente vermelhos, esticando e lutando para comportar a minha espessura dentro dela.

— Não foi a minha intenção fazer você sofrer quando decidi usar ele — justifica-se, agora com a boca bem próxima a minha, quase a tocando.

— E qual é a sua intenção? O que você quer de mim, esposa?

— Que faça esse caminho menos longo, que torne a espera pelo momento em que poderemos fugir para a nossa noite de núpcias menos demorada — pede e as nossas bocas se encontram.

Até chegarmos ficamos nos beijando e saciando um pouco da necessidade que sentimos pelo outro, após uma semana de separação. Graças às amigas e a mãe dela, tive que ver a minha mulher voltar para a casa da mãe e dormir sozinho na enorme cama de casal.

A ideia é tornar a nossa primeira noite como marido e mulher mais prazerosa e, se depender da saudade que estou, hoje só dormiremos quando o dia amanhecer. Estou subindo pelas paredes e a julgar pelos seus toques ousados, creio que não esteja tão diferente de mim.

No salão de festas tivemos que receber os cumprimentos de vários

amigos e pousar para diversas fotos. Ainda teve a parte em que minha mulher jogou o buquê e ele foi parar direto nas mãos da Camila. Não nas da Clara que está planejando casar-se com Henry e sim nas mãos da maluquinha que nem ao menos tem coragem de assumir um relacionamento sério.

Meses atrás, quando a flagrei aos amassos com Miguel no corredor de um hospital, nos primeiros dias eu e todos os outros não tocamos no assunto com nenhum dos dois, pois queríamos esperar que eles mesmos o fizessem. No fim das contas não foi preciso que abrissem a boca, considerando que os dois, que parecem terem alergia a quartos e a camas, acabaram sendo pegos no flagra.

Estávamos os seis em uma casa de shows, assistindo a apresentação de uma banda internacional que as garotas adoram, quando os dois simplesmente desapareceram. Na hora de irmos embora não encontrávamos eles em lugar algum e, ao chegarmos a calçada do lugar, andamos alguns passos para chamarmos os táxis e ouvimos um barulho estranho.

Em um beco mal iluminado, vimos Miguel e Camila encostados em uma parede e transando. Na ocasião eles não estavam apenas aos beijos, os movimentos dele evidenciavam o fato e, pela roupa, as meninas perceberam que se tratava da amiga. Não fomos nada discretos e deixamos que percebessem que estávamos vendo o que qualquer um poderia ver, apesar da pouca iluminação ter escondido as suas identidades.

Como dois doidos que são, eles apenas nos olharam e voltaram ao que estavam fazendo. Como não queríamos continuar assistindo a um filme pornô ao vivo, nós quatro fomos embora e, depois desse dia, Camila e Miguel nunca mais tiveram paz.

Até hoje, depois de vários meses, os dois não chegaram nem perto de assumir qualquer relacionamento, pelo contrário, as vezes fica até difícil saber se estão tendo alguma coisa ou se o envolvimento deles se restringiu a uma única transa em um beco úmido e escuro.

Eles agem de uma forma superestranha em torno do outro, ela como se fosse dona dele e Miguel como se Camila fosse propriedade sua. Parecem não estarem preparados para ficarem juntos, mas não querem que o outro tenha algo sério com mais ninguém.

Miguel nunca mais foi visto com a tal Margot, a mulher mais velha e que Henry jura ser a responsável por várias atitudes erradas que Miguel toma — apesar de eu sempre dizer que o cara é adulto e sabe exatamente o que está fazendo.

Camila é protegida pelas amigas que ficam de olho no que acontece entre os dois. Henry e eu acreditamos que elas estão certas em ficarem espertas, pois Miguel está metido com coisas muito erradas e que podem machucar

Camila. Além dos defeitos do nosso amigo, está nítido que o que ambos têm — ou não têm — é algo que passa longe de ser saudável e ainda pode acabar muito mal, tanto para um quanto para o outro.

— Isso vai ser interessante. — Harry chega ao meu lado enquanto vejo a reação da madrinha que não faz qualquer cerimônia em jogar o buquê nas mãos da outra madrinha.

— Pelo menos a sua mulher quer casar. Quanto a Camila, já não podemos dizer o mesmo. — Observando a cena, nos dois vemos o momento em que as três desviam a atenção para Miguel que ultrapassa todos os limites quando o assunto é fazer merda.

— Eu não acredito que ele teve coragem de fazer uma coisa dessas, Saulo!

Pouco tempo depois de ter entrado como par da Camila no casamento da sua melhor amiga, Miguel teve a cara de pau de chegar a festa com outra mulher. Não uma mulher qualquer, mas sim a tal Margot, a mesma que estava há meses sem aparecer nas nossas vistas.

Miguel voltou a sair com a mulher mais velha e encontrou o pior momento para aparecer em público com ela.

— Você ainda fica surpreso com isso? — Discretamente aponto para o lugar onde os dois estão. — Miguel é nosso amigo, mas é um babaca, Henry, resta aceitar.

— Olha a cara da Camila — diz e eu volto a fitá-la.

A garota não está nada satisfeita e muito menos as suas amigas.

— Só espero que ele saiba muito bem o que está fazendo, para depois não vir chorar as mágoas nos nossos ombros — digo, me referindo ao que parecia existir entre ele e Camila.

— Não sabe — Henry diz quando os convidados se dispersam, depois de assistir a noiva jogar o buquê.

— Por favor, Henry, contenha esse cara e não deixe que ele ou Camila estraguem a festa. Hoje não é o dia para Amanda ficar preocupada com ela.

— Pode deixar que Clara e eu cuidaremos dos idiotas. Vai pegar a sua esposa.

— Boa ideia! — Bato no seu ombro e parto ao resgate da minha Loirinha gostosa, muito mais agora que trocou o vestido de noiva por um branco bem colado ao corpo e que deixa todas as suas curvas em evidência. O cabelo também foi solto e no momento a minha mão anseia por passar os dedos entre os fios macios e cheirosos, afastando-os do seu pescoço e o deixando livre para a minha boca.

— Sabia que é pecado ser assim, tão gostosa? — elogio ao seu ouvido quando finalmente lhe alcanço e abraço a cintura fina.

A parte chata em que nós dois tivemos que posar fotos, receber felicitações e cumprir alguns protocolos parece ter acabado e agora poderemos curtir a nossa noite da forma como acharmos conveniente.

— Eu estou mesmo — diz ao dar de ombros e mexer o corpo ao som da batida eletrônica que passou a ser ouvida pelo ambiente.

— Muito convencida essa minha mulher... — digo, mas vejo que, por um momento, ela teve a sua atenção atraída para algo que acontece mais à frente.

Curioso, acompanho o seu olhar e vejo Camila passar apressada na direção do corredor que dá para o banheiro e Miguel largar a mulher mais velha que o acompanha para ir atrás da garota.

— Amor, ela sabe se cuidar, não se preocupa — digo quando tenho a sua atenção e nos seus olhos percebo as ideias que passam pela sua cabeça.

— Tenho medo que o Miguel possa...

— Não vai! Apesar de ser um baita idiota, ele tem sentimentos pela Camila. Não acho que faria algo para lhe prejudicar, pelo menos, não de modo deliberado.

— Tudo bem, hoje é o nosso dia e eu não quero me preocupar com mais nada. Depois converso com ela e vejo o que está acontecendo — afirma, abraçando-me pelo pescoço e na ponta dos pés, alcança a minha boca e a beija de leve.

— Assim que se fala, loira.

Na hora que o garçom passou ao nosso lado, a minha esposa e eu pegamos as nossas primeiras taças de champanhes e foram as primeiras de muitas.

Por no mínimo umas 3 horas permanecermos na festa com os nossos amigos e familiares, ainda que, secretamente, a nossa vontade fosse a de estarmos sozinhos, tendo a privacidade que a última semana nos tirou, junto com o planejamento dos últimos detalhes do casamento.

Enquanto as horas iam passando, mais animados ficávamos e parte da nossa animação podemos colocar na conta da bebida que fomos ingerindo, enquanto dançávamos e nos agarrávamos de uma forma pouco apropriada para o lugar e a ocasião.

Felizmente, a certa altura da noite a festa saiu de formal para transformar-se em uma boate com DJ, jogos de luzes e tudo mais o que se encontra nos lugares que os jovens gostam de frequentar.

A mudança estava planejada desde o início e nem os convidados

mais velhos e conservadores se incomodaram, uma vez que a noiva tem apenas 20 anos de idade e foram convidados vários colegas com idades próxima a sua e que precisam desse tipo de divertimento.

Quando decidimos ir embora, optamos por voltarmos na mesma limusine que nos trouxe para o salão e o fizemos por não estarmos em condições de dirigir até a nossa casa. A ideia seria que passássemos a nossa primeira noite em um hotel, antes de viajarmos em lua de mel no dia seguinte, mas Amanda preferiu passá-la em casa. Disse que estava com saudade da nossa cama e eu entendo, porque também estava sentindo a sua falta ao meu lado.

— Você vai me derrubar, amor — diz aos risos quando me viro em dois para abrir a porta e seguir a tradição de carregá-la nos braços.

— Acho que consigo carregar a minha esposinha — brinco com o fato de estarmos um pouco bêbados e cansados, depois de tanto termos dançado e namorado no meio da pista.

Estamos cansados, mas a excitação não diminuiu nem um pouco, já que viemos até aqui aos amassos, dessa vez, menos preocupados em poupar o pobre motorista.

— Você pode tudo, Saulo Bitencourt. Tudo mesmo — afirma, jogando os braços para cima e a cabeça para trás. Rindo e fazendo com que eu também sorria, sem ter qualquer motivo para o estar fazendo.

— Posso inclusive te comer, uma ou duas vezes — falo ao levá-la para dentro do nosso quarto que nos últimos meses sofreu algumas transformações.

— Comer?

— Desculpa, esqueci que hoje é o dia de sermos românticos. Vou fazer amor com você, lento e gostoso, até que goze no meu pau, gritando pelo meu nome — sussurro ao seu ouvido, cheio de expectativa, não só pelo que virá a seguir, como também pelos próximos dias, meses e anos.

Hoje uma nova fase se iniciou nas nossas vidas e o futuro parece brilhante.



Amanda

No momento em que sou colocada sobre a cama, vejo nos olhos do meu marido que a noite será mais do que prazerosa, ainda mais considerando o fato de estarmos separados há 1 semana, tempo demais para um casal tão ativo sexualmente.

— Parece que ficou mais gostosa nessa última semana.

Enquanto fala, observo ele em pé na frente na cama, tirando os meus sapatos brancos e de saltos altíssimos. Quando se livra dos dois, ele começa beijando um e depois o outro.

— Deve ser a bebida falando mais alto — provoco.

— Falando em bebida, não acha que nós dois, sexo e bebida são uma combinação perigosa? — indaga, subindo a mãos pelas minhas pernas, até alcançar as coxas.

— Muito perigosa, minha linda. Mas o tipo de perigo que te deixará louca de tesão, te garanto.

— É uma promessa?

Como uma telespectadora atenta, vejo o meu moreno desabotoar e tirar a camisa branca e ver o seu peitoral definido e livre de pelos, rouba o meu fôlego, faz com que a minha boca encha d'água e deixa parte específica da minha anatomia carente pela sua atenção.

— É o que você quer, bebê.

— Estava com tanta saudade de você — confesso quando Saulo abre o cinto e em seguida se livra dos sapatos, da calça e fica somente de cueca boxer.

A peça deixa a sua ereção em evidência e a visão faz com que eu sinta as minhas carnes fracas e o fato de estar um pouco tonta não tem qualquer relação com a quantidade de champanhe ingerido.

— E eu de você, minha gostosa, não imagina o quanto. Se a ideia era deixar-me subindo pelas paredes, as suas amigas tiveram sucesso nas suas intenções, porque eu estou fazendo um esforço sobre-humano para não rasgar o seu vestido e entrar dentro de você agora mesmo.

— O que está te impedindo? — Sem qualquer pudor e tendo deixado de lado parte do acanhamento que me era característica, depois de tanto tempo de relacionamento com alguém sem papas na língua como o meu marido, afasto as minhas pernas bem diante dos seus olhos.

A sua expressão transforma-se em desejo cru e, como ameaçou, Saulo deixa de lado qualquer plano romântico que pudesse ter a respeito da nossa primeira noite de casados e age da forma como costuma agir: com intensidade e voracidade.

Deitada de costas sobre a cama, com prazer e expectativas vejo o momento em que o seu corpo paira sobre o meu, quando, enfim, começa a me despir.

— Muito lindos — elogia ao abaixar o meu tomara que caia justo e curto, que troquei assim que a cerimônia religiosa terminou. A sua atenção está nos meus seios onde os mamilos estão duros de excitação.

Primeiro os toca, com os dedos fazendo movimentos circulares nos bicos, gesto que parece ter ligação direta com o meu sexo, já que o sinto apertar quando meus seios são tocados e depois, abocanhados com avidez.

Meu marido alterna a tortura entre morder, apertar e chupar. Mais abaixo, a mão começa a tocar a parte interna das minhas coxas, estando perigosamente perto de onde mais necessito do seu toque.

— Amo cada parte do seu corpo, gostosa!

A voz é praticamente um rosnado quando afasta dos meus seios, levanta o tronco e se empenha em terminar de tirar o meu vestido que já está todo embolado na minha cintura.

Ele não tem dificuldade nenhuma para encontrar o zíper lateral da vestimenta e fazer o que há meses tornou-se uma atividade corriqueira: tirar as minhas roupas e algumas vezes, ajudar-me vesti-las novamente, principalmente quando fazemos uma das nossas rapidinhas em lugares pouco apropriados ou em horários que não podemos ficar jogados na cama e curtindo o pós-sexo.

Ao ver a minha lingerie, uma calcinha branca de renda que remete a pureza, mas contrasta com a impureza do sexo que estamos fazendo, o meu marido não consegue esconder o quanto a escolha lhe agradou.

— Porra, mulher! Você está mesmo disposta a me enlouquecer, não é mesmo? — A sua fala é acompanhada de um tapa seco na parte interna da minha coxa e o formigamento no local faz com que o meu sexo se contraia e eu tente esfregar uma perna a outra, na tentativa de aliviar a dorzinha gostosa e torturante que o tesão proporcionou. — Não, bebê. Alívio você só terá quando eu estiver com o meu pau por inteiro dentro da sua bocetinha quente e que é só minha.

As suas promessas e torturas, antes de chegarmos até o fim, sempre são uma das melhores partes das nossas transas. Ele me provoca tanto durante as preliminares, que, quando finalmente penetra o meu sexo, já estou muito sensível e louca para gozar.

Sinto que os seus jogos também o atingem, mas é experiente demais na arte de fazer sexo e por isso prolonga o seu e o meu prazer até o momento em que não podemos mais adiar o nosso alívio e então, acontece da forma mais intensa possível, de uma forma que nos deixa exaustos, trêmulos sobre a nossa cama e a ponto de não conseguirmos nos mexer por alguns minutos.

— Eu preciso de você, meu amor...

Como faz dias desde a nossa última vez e estou necessitada demais para suportar mais das preliminares que ele pretende fazer, levo a mão até a sua ereção e a aperto do jeito que o deixa louco.

— Merda!

Como eu imaginei, Saulo não aguenta quando o toco da maneira que faço agora e não preciso de mais nada para tê-lo pulando da cama, tirando a sua boxer do caminho, para em seguida tirar a minha peça.

— Em ameí essa sua calcinha sexy, Loirinha, mas devo dizer que você fica bem melhor sem ela ou qualquer outra peça que esconde dos meus olhos o seu corpo que parece ter a forma certa para o meu prazer — afirma ao ajeitar-se entre as minhas coxas.

Sem que precise pedir, abro amplamente as minhas pernas e comporto o seu corpo sobre o meu, da forma como gosto de senti-lo. É inexplicável o que sinto quando o peso no seu corpo paira sobre o meu, pois, ao invés de sentir-me prensada pelo fato de ele ter quase o dobro do meu peso, sinto-me protegida. Ao invés de sentir-me sufocada, sinto-me livre.

— Estou há dias querendo te sentir dessa forma. As nossas peles se tocando com intimidade, o peso do seu corpo sobre o meu, dos nossos beijos demorados...

Não consegui completar a frase, pois ele tornou praticamente impossível quando passou a pincelar a ponta grossa e robusta do seu pênis na entrega do meu sexo.

Como resposta, levei as minhas unhas para as suas costas e passei a arranhá-las de cima a baixo e ele, ao invés de reclamar ou pedir para que eu pare, aumenta ainda mais os seus movimentos rítmicos que tem o intuito de me provocar e com isto sei que precisa que eu continue.

É violento e pode até parecer estranho, mas há um tempo descobri que meu marido adora quando deixo a minha marca nas suas costas. Já revelou que a minha selvageria o deixa mais do que excitado e também é a prova de que eu estive ali. Foi o que sentiu na segunda vez em que nos entregamos a paixão, depois da primeira noite de sexo em que o final foi desastroso.

Pelo meu pescoço, às vezes ele deixa algumas marcas avermelhadas das suas chupadas ávidas e, no dia seguinte, preciso recorrer a camadas e mais camadas de maquiagem para esconder o que todos saberiam do que se trata, mesmo que no fundo eu sinta o excitante prazer de saber que em mim carrego a marca da sua posse.

— Minha mulher... — diz com dificuldade ao, centímetro após centímetro, penetrar-me.

— Meu marido... — É a última coisa que tenho a oportunidade de falar durante um longo período.

Por horas, tudo o que consegui fazer foi sentir os sons que saíram tanto da minha e da sua boca, foram gemidos e ofegos de prazer. Do sexo selvagem ao amor calmo onde, encarando um ao outro, nos demos conta da grandiosidade do que fizemos, a nossa noite não acabou tão diferente das anteriores e de todos os meses em que estamos juntos.

Dormi nos seus braços protetores, sentido o calor da sua respiração e as batidas do seu coração, ansiando pelo dia seguinte e pela vida que teremos pela frente.

Pela manhã, Saulo e eu tivemos dificuldade para acordar e estivemos a ponto de perder o nosso voo quando decidimos tornar banho juntos e demoramos mais do que deveríamos. Embaixo da água agimos como um casal de recém-casados e não deixamos de transar ao som da água que jorrava da ducha de água morna.

No aeroporto, tanto eu quanto ele parecíamos dois bobos ao nos apresentarmos para qualquer um que se aproximasse como senhor e senhora Moraes Bitencourt. Felizes demais por estarmos casados e partindo para a nossa lua de mel, dias em que estaremos apenas nós dois. Livres para fazermos mais nada além de curtirmos um ao outro.

Saulo

Dias depois...

— Oi, moça dos cabelos dourados, você vem sempre por aqui? —
Deitado de costas em uma cadeira de praia, coberta por um guarda-sol, aprecio a visão da minha mulher desde o momento em que ela saiu do mar até agora que, ajeitando a parte de baixo do seu biquíni, aproxima-se de onde estou.

Estamos há alguns dias nesse paraíso e ela parece ficar cada dias mais linda do que estive no dia anterior. Hoje veste um conjunto de biquíni bem pequeno e vermelho, que deixa os seus seios firmes em evidência e a bunda ainda mais gostosa por baixo do pequeno tecido que mal lhe cobre.

Nesse momento eu poderia estar com alguns fios de cabelos brancos por conta do ciúme, por saber que é simplesmente impossível uma mulher como ela não chamar atenção tanto de homens quanto das mulheres, mas, para a minha sorte, estamos só não dois e alguns funcionários da casa nesse paraíso e então, a visão do pecado em forma de mulher é somente minha.

— Estou sempre por aqui, mas o senhor precisa saber que sou uma mulher casada e o meu marido é ciumento.

A minha Chapeuzinho entra no jogo ao sentar-se sobre as minhas pernas, deixando uma de cada lado do meu quadril. Os seus seios, que parecem maiores quando vestidos com peças tão pequenas, estão bem próximos do meu rosto e acredito que poderia passar o dia inteiro olhando para eles. Não só olhando, mas também mamando com avidez.

— Desculpa se fui inconveniente, senhora?

— Amanda Amorim Bitencourt. — Estende a mão, eu a pego e levo a sua palma até a minha boca.

— Como eu ia dizendo, senhora Bitencourt, peço perdão pela minha ousadia. Já tinha ouvido dizer que a senhora é uma mulher casada e que, inclusive, está em lua de mel.

— O meu marido me trouxe para o paraíso — diz e como se não tivesse fazendo nada demais além de conversar, rebola discretamente sobre o meu pau que até o momento estava adormecido.

O paraíso a que ela se refere chama-se Fernando de Noronha e de fato é o paraíso. Estamos em contato com a natureza na ilha particular e o mar de águas azuis e límpidas, que fez vista com a casa que alugamos, é apenas uma das

melhores coisas sobre a qual tive o prazer de colocar os olhos.

É tudo tão lindo e inspirador que a minha loira e eu já estamos tristes por termos de voltar para a nossa realidade daqui a 5 dias. Os dias que passamos juntos e isolados de quase tudo foram inspiradores. Usamos cada um deles para curtirmos um ao outro, sem tempo para pararmos e sem nada de importante para fazer na hora seguinte.

Conversamos até tarde, deitados sobre a areia e olhando para o céu onde as estrelas são vistas com mais facilidade do que nas grandes metrópoles. No mesmo cenário, fizemos amor lento e gostoso e também o sexo duro onde os nossos sons de prazer foram ouvidos apenas por nós mesmos e pela natureza e as ondas do mar.

— O seu marido é um homem muito esperto e também sortudo por ter uma mulher tão bela e gostosa feito você — digo ao tirar as mechas de cabelos do seu pescoço e levar a minha língua até ele que tem o gosto do mar e do sol que tem aquecido todos os nossos dias.

— Ele tem sim, mas eu também tenho, pois não é qualquer uma que tem a sorte de se casar com alguém que é bonito como um ator de novelas e fode tão bem quanto os mocinhos safados dos livros eróticos que leio.

— Fode bem, é? — questiono para ver até onde ela pode ir, notando o quanto ela mudou desde o dia que a conheci até o dia de hoje, quando fala tão abertamente sobre sexo e não tem quaisquer pudores quanto ao que gostamos de fazer para nos satisfazermos.

Amanda nunca foi tímida entre quatro paredes, mas também não chegava a ser tão desinibida. Hoje ela não só fala abertamente sobre os seus desejos, como também gosta de sempre ousar na hora do sexo, o tipo de ousadia que é capaz de deixar-me de pau duro até mesmo dentro de uma igreja, se parar para pensar no assunto.

— Muito! O melhor sexo que eu já tive — provoca.

— O único — rapidamente digo e poucas coisas me orgulham tanto quanto saber que fui o único homem da sua vida.

Sei que é algo machista de se pensar, mas não posso evitar de me sentir dessa forma, de me sentir possessivo por saber que fui eu a tirar a sua virgindade e a ensinar a ela tudo sobre o sexo que ela adora fazer.

— O único, até hoje. — Amanda, que não parou de provocar o meu pau e os meus olhos com os peitos quase se esfregando na minha cara, da ênfase no "até hoje" e eu acabo entrando no seu jogo de provocações que deixa o nosso sexo mais apimentado quando ela os inicia.

— Como assim até hoje, moça? Não estou entendendo o que está querendo dizer com isso. — Faço a minha cara mais inocente possível e então

ela sorri com malícia ao tirar os meus óculos de sol e falar ao meu ouvido.

— Estou querendo dizer que estou a fim de transar com você, aqui e agora. Será a única oportunidade que terá. É pegar ou largar — ela intima e não posso e nem quero recuar.

— Então eu pego muito, senhora Bitencourt, pego muito! — afirmo ao abraçar a sua cintura com força e beijar a sua boca que estava há muito tempo implorando pela minha.

Com o desejo queimando a fogo alto, minha mulher e eu nos demos ao trabalho de somente afastarmos a sunga e a parte de baixo do nosso caminho e sentados sobre a cadeira de praia nos amamos, como estamos há dias fazendo sem nunca nos saciarmos.

Com o sol quente da manhã esquentando o que já estava quente, curtimos a manhã entre o sexo e os toques de carinho, algo que estamos fazendo desde o primeiro dia em que aterrissamos na ilha.

Nos dias em que se seguiram, decidimos dar mais atenção para o lugar onde estávamos e ao invés de ficarmos no quarto, saímos para passear e ver outras pessoas. De passeios de barco a restaurantes que serviam comidas exóticas, Amanda e eu aproveitamos cada segundo dos 15 dias da nossa lua de mel.

Voltamos para a nossa rotina com as energias renovadas, muito felizes e prontos para encararmos o que vier pela frente. Faremos com tranquilidade por sabermos que quando estamos juntos, tudo parece mais fácil. É mais fácil porque o amor é a força que nos move.

Ele é capaz de transformar e foi o que aconteceu quando o conheci e tive a oportunidade de vivenciá-lo em toda a sua plenitude, ao lado da mulher que escolhi, a quem me aceitou e soube transformar-me na pessoa que merece o seu amor e a sua confiança.

O amor é também sobre segundas chances, sobre a oportunidade de redenção e com Amanda eu tive isso. Amou-me e deixou-se ser amada de volta. A nossa recompensa é a vida que pela frente nos espera, a oportunidade de criarmos a nossa própria família, tão bem estruturada como o exemplo que tivemos na nossa própria infância.

Ao olhar para trás, percebo que não dá para fugir de quem somos. Na infância e adolescência quis exatamente o que tenho hoje, mas a vida levou-me por outro caminho e por ele trilhei até conhecer a mulher da minha vida. Com ela voltei a minha verdadeira essência, o menino que entre as páginas dos livros podia enxergar e sonhar com o futuro.

O futuro chegou e mesmo que a vida seja movida a lutas diárias e desafios a serem vencidos, estou certo de que nada será difícil demais quando

tenho ao meu lado a mulher que tirou de mim a minha melhor versão, a responsável pela minha redenção perante ela e diante de mim mesmo.

Epilogo



Amanda

Alguns anos depois

— Acorda, mama, acorda. — A voz infantil invade o meu sono e não acredito que exista melhor maneira de ser acordada, quer dizer, até existe, mas não é tão doce quando ser puxada pelos meus bebês que puxam as cobertas e a minha camisola.

— Bebê com fome, mama... — Mais impaciente e menos sutil que o seu gêmeo, Henrique sobe em cima de mim e começa a tocar no meu rosto, vendo se assim consegue o que quer.

Henrique e Daniel estão na fase que mais precisam de atenção e estando com pouco mais de 1 ano de idade, eles não aceitam que a mãe precisa dormir um pouco mais, já que pouco dormiu durante a noite.

— Onde está o papai, meus amores? — pergunto quando finalmente me levanto. Ainda bêbada de sono, mas ainda assim, desperta para dar conta dos meus dois loirinhos, os filhos que Saulo e eu tanto desejamos e planejamos ter.

Depois que nos casamos, curtimos a nossa vida a dois por 2 anos, acabei engravidando pouco tempo depois de ter me formando na universidade. Com isso não tive tempo de exercer a minha profissão, já que escolhi me dedicar por completo a maternidade e aos meus bebês.

Hoje os dois são as maiores alegrias não só da minha vida, como do pai e dos avós que mal veem a hora de passarem mais tempo com os netinhos, agora que começarei a dar aula em uma universidade particular e apenas pelo

período da manhã.

— Bisa, vovó, e biso, vovô... — Daniel balbucia da forma como sabe, tendo entendido que perguntei pelo pai, mesmo ainda não tendo nem 2 anos de idade.

Meu marido continua o mesmo de quando ainda namorávamos e fomos morar juntos antes mesmo do casamento. Todos os dias ele vai à casa dos avós pela manhã e ao anoitecer. Os ama e ensinou os filhos a amá-los da mesma forma, tanto que os gêmeos amam os momentos em que possamos no jardim da nossa casa, jogando conversa fora e tomando o maravilhoso café da dona Dora.

Quando conheceram os avós paternos que fizeram questão de saírem das suas cidades para estarem presentes no batizado, assim como compareceram ao casamento do filho, eles deixaram os avós tão encantados quanto deixa qualquer pessoa que deles se aproxima.

Os meus pais e Lana — que já não é tão pirralha assim — são tão apegados que esperam ansiosos pelo dia em que começarei na escola e poderão todas as manhãs mimá-los e fazer as vontades dos dois.

— Fiquem aí, amores da mãe. Vou só usar o banheiro e volto para encher a barriguinha de vocês. — Levanto-me procurando o meu chinelo e catando brinquedos que não raramente estão espalhados pelo chão do nosso quarto, já que, todos os dias, eles nos acordam bem cedinho.

Depois de fazer a minha higiene pessoal que não demora mais do que 10 minutos, volto para o quarto e encontro o meu marido mais lindo do que nunca, brincando sobre a cama com os filhos.

— Quem são os loirinhos do papai? — fala falando com voz de criança e os dois pequenos começam a bater palminhas, felizes.

Henrique e Daniel são apaixonados pelo pai, mais do que por qualquer outra pessoa, inclusive a mim mesma que os carreguei por quase 9 meses, já que os apressadinhos não quiseram esperar pelo dia certo, e fiquei com a barriga maior do que duas melancias. Gravidez que Saulo e eu curtimos do início ao fim, onde o parto foi muito tranquilo e proporcionou um dos momentos mais especiais das nossas vidas: pegar os nossos pequenos anjinhos nos braços.

— Olha só quem chegou, amiguinhos. — Saulo se dá conta da minha presença e não deixa de lançar o seu olhar apreciativo, não perdendo a oportunidade de olhar-me de cima a baixo e, ao terminar no meu rosto, dar a sua piscada cheia de malícia e que me faz recordar da noite de ontem.

Tem coisas na vida que não mudam e a paixão que Saulo e eu nutrimos um pelo outro é uma delas. O lado sexual da nossa relação, assim como os outros, continua tão bom quanto era na época que começamos a namorar e que tudo era novidade.

Um bom exemplo disso foi ontem à noite, quando nós dois voltamos de uma confraternização que teve na universidade em que dá aula e tivemos tempo apenas de colocarmos os nossos filhos na cama e em seguida, estávamos arrancando a roupa do outro.

Passamos parte da madrugada em claro, como fazíamos quando tudo entre nós dois era novidade e, entre um orgasmo e outro, não tive coragem de contar a ele acerca das minhas suspeitas, desde que, 1 semana atrás, me senti mal na casa da Clara e do Henry.

Estávamos em mais uma das nossas reuniões mensais, onde nos reunimos no primeiro domingo de cada mês para confraternizarmos entre amigos, quando eu acabei sentindo uma leve tontura e chamei atenção da minha amiga para o fato de eu, provavelmente, estar grávida.

Clara que, juntamente com Camila, é madrinha dos gêmeos, ficou feliz com a possibilidade e da minha parte a suspeita também não foi nada assustadora. Não quando meu marido e eu já falávamos em termos outro filho. No momento não estávamos tentando ter, mas também não fizemos muito para evitarmos o que possivelmente poderia acontecer.

— Está tudo bem, amor? — A voz do meu amor chama a minha atenção que estava dispersa e eu aceno positivamente com a cabeça

— Tem certeza? — questiona ao levantar-se da cama onde brincava com os filhos e vir me abraçar.

Os seus morenos e fortes braços enlaçam a minha cintura, e eu penso que sentir o seu toque jamais deixará de ser uma novidade para mim. Sempre que o faz, sinto como se fosse a primeira vez que estive vivenciando todos os sentimentos que o seu mero toque desperta em mim.

Nos seus braços eu me sinto protegida e amada, sentimentos que nunca deixamos de cultivar e por isso eles só crescem e se fortalecem entre nós, dia após dia.

— Absoluta — confirmo ao ficar na ponta dos pés para que me beije.

O nosso beijo tem como trilha sonora as vozes dos nossos dois loirinhos que fazem um tipo estranho de comunicação entre si e só eles mesmos entendem.

— Quando te vejo nessa camisolinha sexy sinto vontade de tirá-la com os dentes — confessa contra a minha boca, deslizando as mãos para as bochechas da minha bunda e as apertando com força.

— Não pode rasgar as minhas roupas de dormir, amor — reclamo.
— Daqui a pouco terei de abrir uma loja de lingerie — brinco, pois apesar de ele amar os filhos e ter se adaptado a paternidade, existem algumas coisas que

ele não se acostumou e dormir de roupa é uma delas.

Se antes terminávamos de transar e no máximo nos dávamos ao trabalho de nos limparmos e nus caímos no sono, bem agarrados um no outro, depois do nascimento de Henrique e Daniel fizemos algumas mudanças e uma delas foi deixarmos de dormir pelados.

Eles sempre entram logo cedo e já conseguem subir em cima da nossa cama. Não seria nada legal que os nossos filhos nos pagassem nus e foi disso que convenci o meu moreno. Ele entende, mas não entende a minha necessidade de colocar camisola tão sexy e curta. Obviamente compro elas para lhe provocar e Saulo não percebe.

— A culpa é sua que coloca esses pedaços de panos curtos e provocantes, fazendo com que eu tenha vontade de te comer todos os dias pela manhã, quando sou um pai de família e tenho responsabilidades para com os meus filhos — discursa em tom de brincadeira, até porque, ele não tem o menor problema em me acordar antes de o dia clarear, apenas para transar antes que os filhos acordem.

Dá minha parte não existe qualquer problema com o seu apetite sexual voraz pela manhã, considerando que a sua forma de me acordar já me tem excitada antes mesmo que abra a boca para dizer bom dia.

— Tem razão, você não precisa de uma esposa despuorada que te deixe neste estado. — Levo a mão até a frente da sua calça moletom e aperto a sua ereção por cima dela, fazendo com que seja obrigado a conter o gemido de puro prazer sexual — só por causa de uma camisola curta.

— Se nós não tivéssemos planos, eu juro que levaria as crianças para os meus velhos e te foderia até que estivesse com a bocetinha ardida e aprendido que não pode me provocar quando não posso te dar o que nós dois queremos, gostosa.

Todas as ameaças são ditas em um tom de voz baixo e gutural, agindo como se as crianças pudessem compreender o que estava sendo dito entre nós. Para mim, é difícil conter o meu próprio desejo, quando me percebo ardendo por ele, como sempre acontece quando o provoco.

— Eu iria amar a sua forma de ensinar, professor carrasco.

— Sei que iria, Loirinha gostosa — assevera ao tirar a minha mão da sua ereção, curva-me levemente e esfregá-la no meu sexo que lateja de desejo. — Mais tarde você não me escapa, esposa.

— Mama...

— Papa...

A nossa atenção é desviada para as crianças que cansaram de brincar entre eles e agora querem o colo dos pais.

— Quem quer tomar leite com chocolate quente?

Saulo e eu desfazemos o nosso abraço, cada um vai para um lado da cama. Ele pega Daniel nos braços e o enche de beijos, eu pego Henrique, faço o mesmo e então nos encaminhamos para a cozinha.

Depois do movimentado café da manhã em família — que nem todos os dias temos a oportunidade de fazê-lo —, nos aprontamos e fomos para o parque.

Fora os domingos em que nos reunimos com os nossos dois casais de amigos, nos outros sempre gostamos de fazer programas diferentes com as crianças. Às vezes vamos almoçar na casa dos meus pais, outras em algum lugar que tenha piscina que eles adoram, e como hoje, gostamos de trazê-los ao parque, para que interajam com outras crianças e tenham contato com a natureza.

Enquanto eles se divertem, o pai e eu aproveitamos para namorarmos um pouco e conversamos sobre tudo e nada ao mesmo tempo. Agimos como qualquer outro casal que curte estar na presença do outro, sem que haja qualquer preocupação, além de curtir a vida e ser feliz com as conquistas e a família.

— Mil reais pelos seus pensamentos — meu amor diz ao acomodarme melhor entre as suas pernas.

Nós dois estamos sentados sobre a grama, ele com as costas apoiada no tronco de uma árvore e eu no meio das suas pernas, sendo abraçada pela cintura por seus braços fortes. Saulo acaricia a minha barriga por cima da blusa, sem nem imaginar que dentro dela pode estar sendo gerado o nosso terceiro filho ou filha.

— Pensava no quanto sou feliz — revelo, observando um pouco mais à frente os gêmeos brincando em um balanço de madeira. — Parece que vivo dentro de um sonho e que a qualquer momento posso acordar para a realidade.

— Esta é a nossa realidade, Loirinha, a que juntos construímos. — Enquanto fala, a sua mão continua a fazer carinho na minha barriga, e sinto que está perto o momento ideal para falar sobre as minhas suspeitas. Não é nada concreto, mas se levar em consideração a primeira gravidez e o fato de estar começando a sentir os mesmos sintomas, creio que já possamos comemorar a chegada de mais um membro a nossa família.

Saulo

— Hoje eles estavam especialmente agitados — digo ao entrar no quarto e encontrar a minha mulher sentada sobre nossa cama, vestindo mais uma das suas camisolas sexy e que me fazem ter pensamentos impuros nos momentos em que não deveria tê-los.

— A pilha deles não acaba nunca. Devem ter puxado a você, já que eu fui uma criança muito tranquila — afirma e coloca o livro que tinha nas mãos em cima do criado-mudo que fica ao lado da cama.

— Pelo menos puxaram a beleza da mãe — brinco ao aproximar-me e me sentar ao seu lado, tirando das suas mãos o tubo de creme hidratante que acaba de pegar.

— Seu bobo!

Derramo o creme na mão direita e começo a calmamente passar por sua perna e depois passo para a outra. Ela fica o tempo todo em silêncio, olhando-me de um jeito estranho e eu, a conhecendo como a palma da minha mão, sei que tem algo para falar, mas não está certa como começar.

— Amor, está estranha. Por que está me olhando dessa forma? — indago ao chegar mais perto do seu rosto e acariciá-lo para que saiba que pode falar o que quiser para mim.

— Preciso te falar uma coisa. Não tenho certeza, mas... — hesita e eu a incentivo para que continue.

— Diga, Chapeuzinho, eu estou aqui — preocupado, peço.

— Estou quase certa de que a nossa família irá aumentar daqui a alguns meses...

A minha mente registra apenas a parte mais importante da sua fala e tudo o que importa é a alegria que toma conta de mim. O amor enche o meu coração e quando dou por mim, já estou em cima da minha mulher, lhe abraçando apertado, beijando-a na boca e todas as partes do seu rosto. *Me pego* rindo e falando sem parar:

— Caralho! Eu te amo, mulher. Amo muito!

Sendo contagiada com a minha felicidade, ela me abraça de volta e começa a chorar em meio ao sorriso que enfeita o seu rosto.

— Nós precisamos ter certeza, meu amor, mas a minha menstruação está atrasada e venho sentindo alguns enjoos e tonturas...

— Você está grávida, Loirinha. Tenho certeza de que está — afirmo ao afastar-me e, para assegurar, pergunto:

— Você está bem com isso? — questiono, pois ela está prestes a ingressar na universidade como professora e está muito animada com a ideia.

— Estou muito feliz, marido. O meu contrato é para apenas um

semestre e ainda que não fosse, a nossa família sempre virá em primeiro lugar. Sempre — afirma com veemência e, se possível, a amo ainda mais por isso, por ter o mesmo pensamento que eu.

Ela e os nossos filhos são os meus bens mais preciosos e não há nada que eu não faça para protegê-los e fazer a cada um deles feliz.

Amanda e eu estamos há anos casados e nada mudou da época em que começamos a ficar juntos. O amor apenas se fortaleceu. Ainda que os dias maus existam, eles servem somente para nos fazer valorizar a nossa relação e a família que estamos construindo.

— Você, Amanda Bitencourt, é a razão dos meus melhores sorrisos. Te amo. Amo também os nossos pequenos e esse que virá para coroar ainda mais a nossa felicidade.

Sendo observado por seus olhos que brilham pelos resquícios das lágrimas que luta para não derramar, abaixo a minha cabeça, levanto a sua vestimenta e beijo a sua barriga plana.

Noite adentro, a amei com cuidado e com carinho, demonstrando a cada toque o meu amor e gratidão. Gratidão por ter me dado muito mais do que eu ousei sonhar, por ter me ensinado o verdadeiro significado da palavra felicidade. Quando nos meus braços ela dormiu, passei um tempo velando o seu sono e agradecendo para quem quer que esteja controlando as nossas vidas por tê-la colocado no meu caminho, pois, foi a partir desse dia que compreendi que a felicidade é apenas para quem ousa lutar por ela.

Depois de pouco mais de 8 meses, nasceu Flora Amorim Bitencourt, o bebê que herdou os traços do pai e a personalidade da mãe. Ela veio complementar a alegria da família que inspira a muitos, pois vindo de perto ou de longe, é nítido para quem quiser ver quão unidos e felizes são.

Fim

Leia também





Dono do meu
PRAZER

TRILOGIA AMORES INESPERADOS - LIVRO 1

da mesma autora do livro Best seller da Amazon O Tutor

JOANE SILVA

Sinopse

Cedo demais, Clara vê seu mundo destruído. Após a morte trágica dos seus pais, a garota descobre que a família estava completamente falida e que tinha somente alguns dias para deixar a casa em que vivia e foi vendida sem que ela soubesse.

Desesperada e sem rumo, a jovem mergulha no desconhecido mundo de acompanhantes de luxo, mesmo ainda sendo virgem. Sem imaginar que mais surpresas a esperam pelo caminho, a garota conhece Henry, o mais bem pago garoto de programa da cidade.

No auge de seus 34 anos, Henry tem o que pode ser considerada uma vida tranquila. No entanto, vê seu mundinho sair fora dos eixos ao conhecer a espetada Clara.

Ela quer aprender. Ele está disposto a ensinar.

Em meio à paixão que surge sem que ninguém planeje, ele está prestes a descobrir que a menina mulher veio para incendiar tanto o seu corpo quanto o seu coração.

Prólogo

Clara

— Dá para fechar os olhos, por favor? — irrita-se Henry. — Não sei nem o que estou fazendo aqui. Como é que uma menina da sua idade, linda desse jeito, não sabe nem mesmo beijar na boca? Você vivia onde? *Num* um convento? — pergunta, cada vez mais irritado. No entanto, minha atenção firma-se somente até a parte em que fui elogiada. Até porque não é todo dia que um cara como esse me dirige a palavra, ainda mais para chamar de linda.

— Menina, eu estou falando com você! — Assusto-me com o aumento no tom da sua voz.

— Desculpa, estava distraída – justifico-me, sem jeito. — E para de me ofender. Óbvio que já fui beijada. — Esse é o termo correto. Os poucos e desastrosos beijos foram mais para tentativas dos garotos de literalmente me engolir do que propriamente um beijo.

Então, não é uma mentira completa. Aos dezessete anos não beijei, mas fui beijada, ou pelo menos algo parecido com isso.

— E só para você saber, posso até ser virgem, mas ganhei o título de maior beijoqueira do colégio, dá para contar nos dedos as bocas que eu não tenha beijado — minto.

Deus! Título de maior beijoqueira?

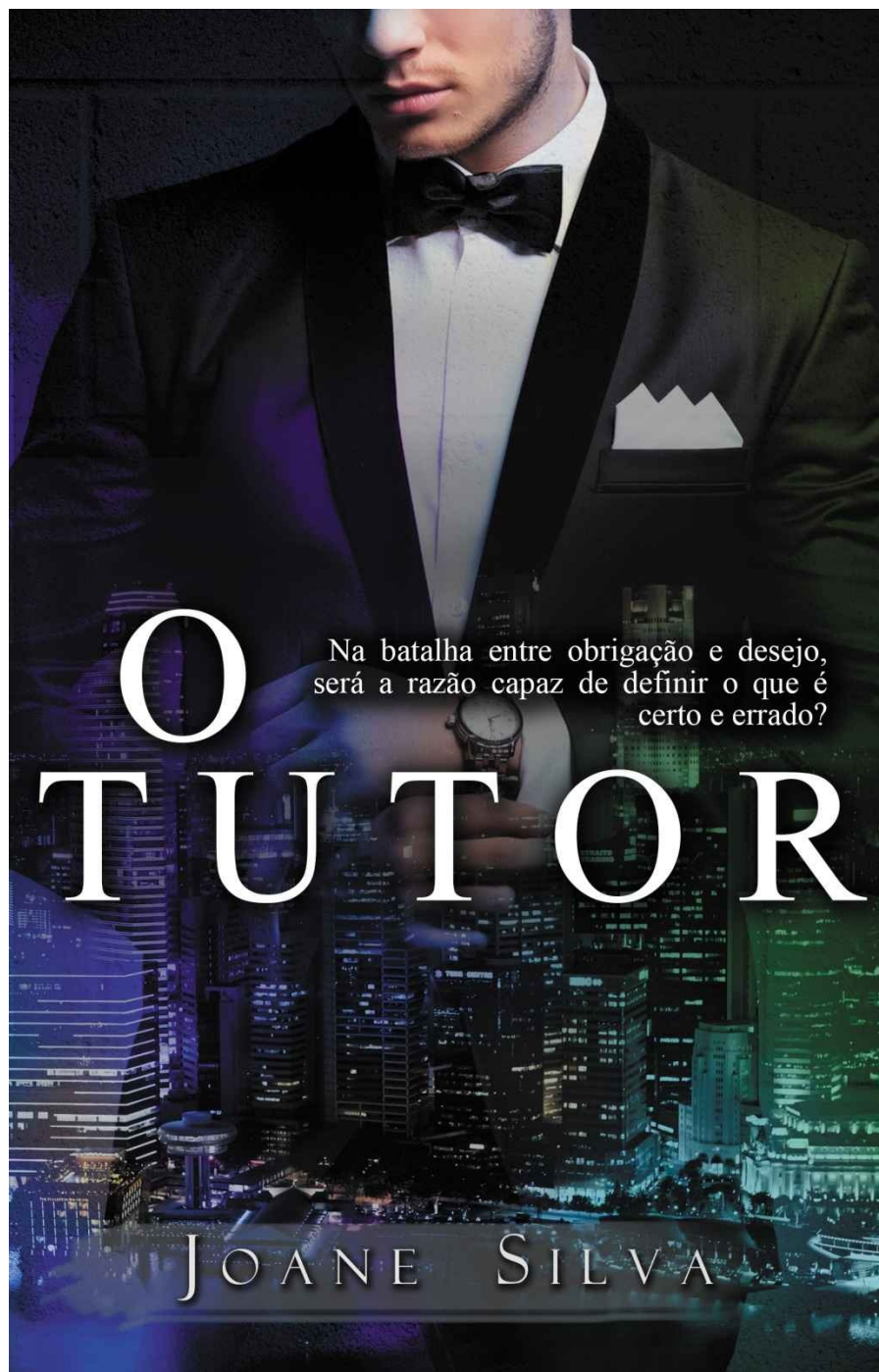
Será que eu não poderia ter inventado uma mentira menos idiota?

Mas pensando bem, melhor isso a ter de confessar que nunca experimentei um beijo de verdade. Não quero correr o risco de ele desistir de mim, quer dizer, da minha vagina.

— Está certo, então vamos a lição número 1. — Aproxima-se subitamente. — Vamos ver se sabe mesmo como usar a língua. Vem, mostre-me o que sabe fazer com essa boquinha atrevida já que tem tanta experiência com beijos. – A voz falada bem próxima ao meu ouvido, arrepiando-me até a alma.

—Tudo bem — falo com a propriedade de uma pessoa que sabe o que está fazendo, mas que na verdade está se borrando de medo. E se eu morder a língua dele? – tardiamente questiono-me ao sentir o corpo masculino colado no meu.

— Feche os olhos, minha gata — pede com a voz macia. — Isso, agora abra essa boquinha rosada que a nossa aula vai começar.



Na batalha entre obrigação e desejo,
será a razão capaz de definir o que é
certo e errado?

O TUTOR

JOANE SILVA

Sinopse

Marina sempre viveu uma vida perfeita, cercada de luxos e mimos. Até que, aos seus 17 anos, uma tragédia muda o rumo de sua vida: a perda de seu pai, único parente vivo e pessoa que ela mais ama, deixando-a desamparada e sozinha no mundo. E, para completar o pesadelo em que passa a viver, a garota se vê obrigada a viver sob a tutela de Erick Estevan, melhor amigo de seu pai, de quem guarda antigas e profundas mágoas.

Erick vê seu mundo inteiro virar do avesso com a chegada da filha de seu falecido melhor amigo aos seus cuidados. Tendo sua vida inteira planejada, a adição inesperada não seria um problema, se não fosse o doentio desejo que sente pela garota que viu crescer.

Marina é agora uma linda e proibida mulher, que assombra seus pensamentos e desperta sentimentos que o homem tanto luta para suprimir.

Na batalha entre obrigação e desejo, será a razão capaz de definir o que é certo e errado?

Prólogo

— Era isso que você queria, não era? – digo, ao prensá-la contra a porta da nossa casa. — Você vai me pagar muito caro por ter deixado aquele merdinha te tocar, porra... – falo, cada vez mais irritado e excitado ao sentir o calor de sua boceta pressionando meu pau dolorido de tesão.

— Era isso sim, tio – sussurra no meu ouvido, aproveitando para chupar o lóbulo da minha orelha. — Queria te ver provando do mesmo veneno que eu. Eu nunca suportei te ver rodeado de putas. A vontade que eu tenho é de arrancar os cabelos delas com minhas próprias mãos, para que saibam que você é meu, só meu – assevera, com convicção, enquanto eu chupo seu pescoço avidamente. Meu Deus, o que essa menina tem para me tirar tanto dos eixos? Perto dela, me sinto como um garoto de vinte anos e não como um de homem de *quase* quarenta.

— Quero deixar uma coisa bem clara aqui, menina: nunca mais, tá entendendo? Nunca mais repita coisas como essa. Se eu sonhar que deixou algum desses moleques te tocar, eu acabo com ele e com você também – digo, ao dar um tapa na banda esquerda de sua bunda, fazendo com que ela dê um gritinho de susto. — Você é minha e só eu posso beijar essa boquinha safada. Só eu posso comer essa bocetinha quente – encerro, completamente dominado pelo tesão.

— Sim, sim – grita, ao me sentir bombear o pau no seu sexo, que de tão molhado, melou meu jeans escuro.

— O que quer que eu faça primeiro, *hum?* – pergunto, ao levar minha mão para baixo do seu vestido e afastar sua pequena calcinha para o lado, dando-me acesso à sua intimidade pulsante. — Me diz o que você prefere, meu amor. Quer meu pau aqui – coloco apenas a ponta do meu dedo indicador dentro da sua bocetinha. — Ou você prefere começar por aqui? – levo minha mão à sua bunda, acariciando de maneira cadenciada seu buraquinho apertado.



NÃO RESISTO A VOCÊ

spin-off do livro Best seller da amazon O Tutor

JOANE SILVA

Sinopse

Bruno Pires tinha tudo o que poderia desejar, desde uma carreira brilhante, que alcançou o seu auge quando que teve para si o título de melhor advogado criminalista do país, até a bela e desejável Carolina Guimarães, atriz e também a sua noiva. Um dia, todo o seu mundo vem abaixo quando um terrível acidente lhe tira tudo o que mais preza, principalmente a independência e capacidade para fazer as coisas mais básicas, dele restando apenas a sombra triste e amargurada do homem que um dia foi.

Linda e refinada como só um membro da família Albuquerque consegue ser, Ângela não é nada mais que uma mentira. Se aos olhos do mundo ela é a herdeira perfeita, no seu íntimo esconde segredos e carrega profundas feridas que nem mesmo o tempo foi capaz de curar.

Bruno e Ângela, almas quebradas que encontram na força de uma grande e irresistível paixão, razões para voltar a acreditar.

Prólogo

Dois anos antes...

— Inferno! — esbravejo, depois de bater com o dedo no batente da porta do banheiro.

— Ângela, minha filha, que cabelo é esse? — Ouço a voz de anjo assim que entro no banheiro.

Se o plano era ficar longe de problemas, acho que não estou fazendo isso direito.

— É você, Marina? — indaga, quando os meus passos incertos me denunciam. — Ah, é você...

— Desculpa por ter entrado dessa forma. Não sabia que você estava aqui dentro.

— Não precisa se desculpar. — A moça diz sem jeito. — Essas coisas acontecem.

Por algum motivo, a garota está tentando fazer com que eu me sinta bem e não tenho ideia dos motivos para isso e nem sei se quero saber.

— Quem sabe não foi o destino querendo nos dar uma mãozinha. — Com os ouvidos apurados, ouço seus passos lhe trazerem para mais perto de mim e se não fosse isso, o cheiro gostoso que seu corpo exala a denuncia, sem que eu precise vê-la.

Esse cheiro... Será que é o seu perfume ou algum hidratante para a pele?

É um aroma que traz sentimentos desconhecidos. É uma sensação de conforto e paz, como se depois de uma longa viagem eu finalmente chegasse ao meu verdadeiro lar. São sentimentos que trazem medo, pois há quanto tempo eu não sinto nada que não seja vazio e frustração?

A ausência de bons sentimentos me acompanha há tanto tempo que o fato de uma simples voz ou cheiro me trazerem tantas sensações diferentes me assusta como o diabo.

— Não sei do que você está falando garota e, por favor, mantenha-se afastada de mim — aviso de maneira séria e que beira a grosseria. — Não suporto que pessoas desconhecidas me toquem da forma como me tocou mais cedo. — Esclareço, pois apesar de sempre ter sido mais reservado, essa característica tornou-se ainda mais evidente depois do que aconteceu.

A única inverdade nisso tudo é associar a questão ao fato dela ter colado o corpo ao meu e tocado com intimidade agora há pouco na piscina. Para ser sincero, eu apreciei mais do que deveria a sua ousadia e o seu corpo junto ao

meu.

— Não te entendo cara, eu sou linda, você também é muito bonito, por que não podemos ficar juntos?

A diabinha não só ignorou a parte em que eu pedi para que não me tocasse como já está fazendo exatamente o contrário ao parar na minha frente e com o seu cheiro hipnotizador, apoiar as duas mãos em cima do meu peito e mesmo por cima da blusa, sinto o calor do seu corpo através do toque e isso não é nada bom.

Não para um cara como eu.

— Não fale besteiras. Além de ser convencida, você também é fútil? — pergunto mordaz, pois, se tem uma coisa que me tira do sério, são pessoas que não veem além das aparências. Antes eu era exatamente esse tipo de pessoa, mas a vida tratou de ensinar da maneira mais cruel possível que nem sempre a aparência ou classe social diz alguma coisa sobre uma pessoa.

— Você não me conhece. — Por um momento, sinto-a fraquejar, mas isso logo muda quando a garota se apoia em mim com mais firmeza e subindo as mãos para o meu pescoço, continua a falar. — Para de ser ranzinza, só alguns beijinhos e um sexo gostoso. Prometo que depois te deixo em paz. — Fica mais perto e eu sinto seu peito espremendo-se contra o meu.

Tenho a sensação de que de repente ficou mais quente do que uma sauna e eu começo a suar como se tivesse corrido meia maratona.

— Me solta, Ângela! — falo pela primeira vez o seu nome e gosto de como o som sai da minha boca. — Para de ser oferecida.

Levo as mãos até as suas as tiro do meu pescoço.

— Eu não quero você, se já não ficou claro. — Solto as suas mãos e me aproximo do seu rosto a ponto de sentir a respiração ofegante. — Garotas fáceis não me atraem.

Na verdade, estou muito atraído por essa chatinha e isso não pode continuar. Ela não é qualquer uma que eu possa comer e virar as costas no dia seguinte. Tem muitas coisas em jogo nessa equação. Ela é a melhor amiga da Marina que por sinal é mulher do meu amigo mais próximo. Ou seja, vamos nos esbarrar muito por aí.

— Não me acha bonita o suficiente para você, é isso? — Insistente Ângela pega as minhas mãos, leva-as até o seu corpo e noto meu pau ficar duro de maneira instantânea ao sentir suas curvas com os meus dedos.

Primeiro ela me leva para os seus seios cheios e que são capazes de encher as minhas mãos para, em seguida, passá-las por sua barriga plana e finalmente parar na bunda durinha e aparentemente perfeita.

— Garota... — Propositamente, tira as suas mãos de cima das

minhas e não tenho forças para soltar a carne macia.

— Por que não tira esses óculos e me deixa ver os seus olhos? — Sem que possa impedir, a menina irritante desnuda os meus olhos e surpresa diz: — Eles são lindos.

— Para de ser idiota! Por que não diz a verdade? — *Num* segundo, tiro as mãos do seu corpo e cambaleante dou vários passos para trás, para longe da tentação.

A vida já me tirou demais para eu começar a desejar o que não posso ter.

— Cego! Eu sou cego, porra. Ou será que você não tinha percebido? — pergunto mordaz.

— Eu não... Eu...eu

— O que foi? A sua vontade de dar a boceta sumiu de repente?

— Eu não sabia. — Sua voz parece sincera, mas isso não muda nada.

— Agora já sabe — falo, decidido a acabar com essa cena ridícula.

— Mais uma vez: fica longe de mim. Não te quero e você não me atrai nem um pouco.

— Não é isso que o seu amigo pensa — diz irritada.

— Normal, ele fica assim pra qualquer puta que aparece se oferecendo. — Sou cruel, pois já não sei agir de outra forma. — Então, se não quer a sua vidinha perfeita completamente destruída, nunca mais apareça com esse tipo de abordagem.

— Eu quero que você se foda, seu desgraçado — responde furiosa e imagino que seja pelas ofensas, mas também pela rejeição.

Posso nunca ter visto seu rosto, mas imagino o quanto deve ser linda e nada acostumada a ser dispensada como foi agora.

— Desejo o mesmo para você, baby — digo por fim e viro-lhe as costas.

Sem os meus óculos, saio do banheiro com a sensação de que as coisas não serão como antes. Agora eu tenho memórias boas. Tenho um cheiro, uma voz de anjo e lembranças de um corpo perfeito. Memórias de algo que jamais terei, pois a vida tratou de levar de mim a opção de escolha.

— Ângela. — Caminhando o mais rápido que a minha condição permite e sem que ocorra um acidente, experimento pela última vez o seu nome na minha boca: — Anjo.



Vendida para Gabriel – Gabriel e Luana.

Dono da minha rendição – terceiro livro da trilogia Amores inesperados – Miguel e Camila.

Marcada por mim – Diego e Ella.



Wattpad: @JoaneSilvaS

Facebook: @anne.autora

Instagram: @joane_silva_autora

^[1] [Antropologia] Hominídeo que habitou o período paleolítico, chamado *Homo sapiens neandertalensis*, de estrutura corporal pequena, sendo uma variedade da espécie humana.

[Popular] Pessoa rude, bruta, grosseira, ignorante.

Table of Contents

[Prologo](#)
[Primeiras experiencias](#)
[Do ceu ao inferno](#)
[Distancia](#)
[Humilhacao](#)
[Apresentacoes](#)
[Carrasco](#)
[Professor bitencourt](#)
[Razao e emocao](#)
[Confusao de sentimentos](#)
[Atracao](#)
[Interesse](#)
[Rejeicao](#)
[Estacionamento](#)
[Outra vez](#)
[Entregues](#)
[Marcas](#)
[Memories](#)
[Decisao](#)
[Reuniao](#)
[Conversa branca](#)
[Amor?](#)
[Uma Chance](#)
[Beneficios](#)
[Biblioteca](#)
[Duas versoes](#)
[Tabo mau e chapeuzinho](#)
[Bonus - Laura](#)
[Como uma pintura](#)
[Doses de voce](#)
[Pertencimento](#)
[Flores e chocolate](#)
[Assunto serio](#)
[Namorada](#)
[Simbolo do amor](#)

[Perigo](#)
[Fantasia](#)
[Rotina feliz](#)
[Encontro indesejado](#)
[Ameacas](#)
[Termino](#)
[Perdido](#)
[A dor da saudade](#)
[Doente de amor](#)
[Em busca da felicidade](#)
[Amizade](#)
[Confronto](#)
[De volta ao amor](#)
[Depois da tempes ade](#)
[Agridoce](#)
[Susto](#)
[Presente especial](#)
[Como uma princesa](#)
[Sem pudor](#)
[Paraíso do amor](#)
[Epilogo](#)